

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Laura Roratto Foletto

**COMUNICAÇÃO EM REDE PARA A MUDANÇA AMBIENTAL: AS
REPRESENTAÇÕES DA SUSTENTABILIDADE DOS INSTITUTOS DE
PERMACULTURA BRASILEIROS**

Santa Maria, RS
2023

Laura Roratto Foletto

**COMUNICAÇÃO EM REDE PARA A MUDANÇA AMBIENTAL: AS
REPRESENTAÇÕES DA SUSTENTABILIDADE DOS INSTITUTOS DE
PERMACULTURA BRASILEIROS**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Comunicação, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutora em Comunicação**.

Orientadora: Prof. Dr.^a Veneza Mayora Ronsini

Santa Maria, RS
2023

Foletto, Laura Roratto
COMUNICAÇÃO EM REDE PARA A MUDANÇA AMBIENTAL: AS
REPRESENTAÇÕES DA SUSTENTABILIDADE DOS INSTITUTOS DE
PERMACULTURA BRASILEIROS / Laura Roratto Foletto.- 2023.
309 p.; 30 cm

Orientador: Veneza Mayora Ronsini
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2023

1. Comunicação 2. Sustentabilidade ambiental 3.
Institutos de Permacultura I. Ronsini, Veneza Mayora
II. Título.

Laura Roratto Foletto

**COMUNICAÇÃO EM REDE PARA A MUDANÇA AMBIENTAL: AS NARRATIVAS
DA SUSTENTABILIDADE DOS INSTITUTOS DE PERMACULTURA
BRASILEIROS**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Comunicação, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutora em Comunicação**.

Aprovado em 06 de outubro de 2023:

Veneza Mayora Ronsini, Dr.^a (UFSM)
Presidente/Orientadora (UFSM)

Thomas Tufte, Dr. (Loughborough University London)

Liliane Dutra Brignol, Dr.^a (UFSM)

Rebeca Roysen, Dr.^a (UnB)

Ângela Cristina Trevisan Felippi, Dr.^a (UNISC)

Sandra Dalcil Depexe, Dr.^a (UFSM) – Suplente

Tissiana Nogueira Pereira, Dr.^a (USP) – Suplente

Santa Maria, RS
2023

AGRADECIMENTOS

É tempo de agradecer por estes quatro anos de doutorado com muito aprendizado, (re)começos e crescimento. Antes de mais nada quero agradecer também aos meus tropeços, as “derrotas” e a tudo que me trouxe até aqui onde estou. Agradeço a um ser superior a todos nós: Mãe Rainha, por ser guia.

Além disso, muitas pessoas passaram na minha vida, pessoas imprescindíveis para a realização desta caminhada. Primeiramente, agradeço à professora Veneza Mayora Ronsini, por acreditar que eu fosse capaz de realizar esta tese e pelas nossas conversas e orientações. Obrigada pela paciência, pela dedicação e pelos ensinamentos pessoais e acadêmicos. Foi muito bom poder dividir estes quatro anos de trabalho contigo, que na verdade são muito mais: desde a graduação você tem me inspirado e ensinado.

À banca, ao professor Thomas Tufte, a professora Ângela Felippi, a professora Rebeca Roysen e a professora Liliane Dutra Brignol pelo olhar atento aos detalhes e pelas considerações ao trabalho, que contribuíram para que ele ficasse cada vez melhor.

A todos os professores da FACOS e POSCOM que foram fundamentais para a minha trajetória acadêmica.

À minha rede de apoio: aos meus pais, Rejane e Valmir, pela constante ajuda e incentivo em buscar os meus sonhos. Ao Vitor, meu filho, pela paciência e compreensão nas minhas ausências, cansaço e por vezes estresse, além de tudo por ser esse companheiro e amigo que sempre me ensina. Aos meus irmãos, Vinícius e Mariane, pelo amor, carinho e preocupação, que mesmo longe sei que estão perto. Aos meus amados avós maternos, por serem porto seguro, apoio e incentivo, além de inspiração.

Aos meus entrevistados por me ajudarem a embarcar nesta aventura do universo dos institutos de permacultura: sem vocês todos, esta pesquisa não teria sido possível. Fica o meu muito obrigada.

À CAPES, pelo auxílio concedido, que foi de fundamental importância.

Aos meus colegas de grupo de pesquisa, em especial ao Marco Marão e a Camila Ferrari, pelas trocas acadêmicas, pelos ensinamentos, pela amizade, pelo companheirismo, por estarem

comigo, por vezes, “debaixo do mau tempo”. Sou muito feliz por tê-los como amigos e colegas de trabalhos acadêmicos.

Aos meus amigos de sempre, lá da época do colégio, em destaque para a Natália Prado, Vinícius Amaral, Tamiris Balk, Marcos Lucas - a nossa conexão Paraná, Mato Grosso e Berlin -, e a Mariana Martins - pela nossa reconexão -; agradeço a vocês todos por serem incríveis, por estarem sempre perto mesmo longe. Pelos encontrinhos (não tão frequentes como gostaríamos), pelos risos e afetos, pelas conversas e incentivos, por compartilharem comigo momentos muito importantes da minha vida. À Jéssica Bortolazzo pelo nosso reencontro e o fortalecimento de nossa amizade.

À Marcela Pivetta, que agora está longe - no Pará com a Joelma -, mas que levo em meu coração todas as memórias da nossa infância e um sentimento de agradecimento por compartilhar essa amizade sincera comigo. E também aos demais colegas do POSCOM que tive o prazer de conhecer e conviver nesta trajetória.

Agradeço ainda a Cleusa Jung e aos colegas de trabalho por esta incrível oportunidade profissional.

À minha psicóloga que me mostrou alternativas em meio ao caos.

À secretária do Poscom, que foi fundamental na ajuda com todos os trâmites que um pós-graduando precisa realizar. E a todos que, de alguma forma, contribuíram para este dia. Meus sinceros agradecimentos a todos vocês.

E por fim, encerro os meus agradecimentos com o pedido de música no Fantástico. Na verdade, se eu pudesse pedir música no Fantástico por concluir 3 grandes momentos profissionais - graduação, mestrado e doutorado - em uma instituição pública e de qualidade como a Universidade Federal de Santo Maria (UFSM), eu não poderia escolher apenas uma, mas pelo menos essas duas: Aquarela do Toquinho e Tocando em Frente de Almir Sater, por definirem, ao meu ver, o que é a melodia e a dança da vida.

RESUMO

COMUNICAÇÃO EM REDE PARA A MUDANÇA AMBIENTAL: AS REPRESENTAÇÕES DA SUSTENTABILIDADE DOS INSTITUTOS DE PERMACULTURA BRASILEIROS

AUTORA: Laura Roratto Foletto

ORIENTADORA: Veneza Mayora Ronsini

Esta tese busca compreender como a comunicação em rede dos institutos de permacultura, a partir de representações sobre sustentabilidade presentes em suas narrativas em mídias digitais na internet, pode contribuir para a mudança ambiental. Para isso, desenvolvemos uma etnografia para a internet (HINE, 2017), combinando diversos procedimentos metodológicos, como observação participante, estudo de caso e entrevistas. O embasamento teórico parte de uma compreensão da sociedade de consumo (SLATER, 2002) e da sustentabilidade ambiental (SACHS, 2008; 2009). Procuramos entender a cultura do consumo e a insustentabilidade do capitalismo como processos cuja lógica os institutos de permacultura procuram subverter, buscando alinhar seus propósitos a uma sustentabilidade ambiental. Ademais, procuramos compreender os usos e as apropriações (MARTÍN-BARBERO, 2004; 2009) que esses atores sociais fazem da internet para comunicarem as representações sobre sustentabilidade em prol de uma mudança ambiental, investigando como as redes contribuem para essa mudança ambiental que os institutos de permacultura pretendem alcançar e em que medida está associada a um desenvolvimento sustentável (SACHS, 2008; 2009), ou seja, uma comunicação para a mudança socioambiental (TUFTE, 2013; 2015; 2017). Compreendemos a importância que a comunicação em rede desenvolvida pelos institutos tem para uma mudança ambiental local; para tanto, suas representações na internet sobre sustentabilidade contribuem para que consigam comunicar suas ações e práticas socioambientais. Por fim, diante da crise ambiental que assola o mundo e da forma de produção e consumo capitalista e seu discurso de desenvolvimento sustentável, são necessárias, assim como propõem os institutos, alternativas sustentáveis baseadas nas dimensões sociais, econômicas, culturais, políticas e comunicacionais em prol de mudanças significativas no meio ambiente. Ademais, pensar a comunicação para a mudança a partir das questões ambientais é algo novo para o campo da comunicação e necessário de ser pesquisado. Portanto, os institutos promovem uma mudança ambiental de baixo para cima, ou seja, uma mudança ambiental local, mesmo que almejem transformação a partir de suas práticas e posicionamentos, não conseguem atingi-la.

Palavras-chave: Instituto(s) de permacultura. Sustentabilidade ambiental. Desenvolvimento Sustentável. Comunicação para a mudança. Capitalismo.

ABSTRACT

NETWORK COMMUNICATION FOR ENVIRONMENTAL CHANGE: THE SUSTAINABILITY REPRESENTATIONS OF BRAZILIAN PERMACULTURE INSTITUTES

AUTHOR: Laura Roratto Foletto

ADVISOR: Veneza Mayora Ronsini

This thesis seeks to understand how the network communication of permaculture institutes, based on representations of sustainability present in their narratives on digital media on the internet, can contribute to environmental change. To do this, we developed an internet ethnography (HINE, 2017), combining various methodological procedures, such as participant observation, case studies, and interviews. The theoretical framework starts from an understanding of consumer society (SLATER, 2002) and environmental sustainability (SACHS, 2008; 2009). We seek to understand the culture of consumption and the unsustainability of capitalism as processes whose logic permaculture institutes seek to subvert, aligning their purposes with environmental sustainability. Furthermore, we seek to understand the uses and appropriations (MARTÍN-BARBERO, 2004; 2009) that these social actors make of the internet to communicate representations of sustainability for environmental change, investigating how networks contribute to this environmental change that permaculture institutes aim to achieve and to what extent it is associated with sustainable development (SACHS, 2008; 2009), in other words, communication for socio-environmental change (TUFTE, 2013; 2015; 2017). We understand the importance that the network communication developed by the institutes has for local environmental change; therefore, their representations on the internet about sustainability contribute to their ability to communicate their socio-environmental actions and practices. Finally, faced with the environmental crisis that plagues the world and the capitalist mode of production and consumption and its discourse of sustainable development, alternatives based on social, economic, cultural, political, and communication dimensions are necessary for significant changes in the environment, as proposed by the institutes. Furthermore, thinking about communication for change based on environmental issues is something new for the field of communication and needs to be researched. Therefore, the institutes promote bottom-up environmental change, that is, local environmental change, even though they aim for transformation based on their practices and positions, they cannot achieve it.

Keywords: Institute(s) of permaculture. Environmental sustainability. Communication for change. Sustainable development. Capitalism.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Postagem no Instagram do Instituto Pindorama sobre o curso de bioconstrução.....	104
Imagem 2 – Postagem no Instagram do Instituto Pindorama sobre o curso de culinária e cultivo urbano de alimentos.	104
Imagem 3 - Postagem no Instagram do Instituto Pindorama sobre o curso de agricultura regenerativa.	105
Imagem 4 – Postagens no <i>Instagram</i> do Instituto Pindorama sobre o retiro <i>Waldorf</i> para famílias. .	106
Imagem 5 - Postagem no <i>Instagram</i> da Associação Veracidade sobre a roda de conversa com Sônia Guajajara.	107
Imagem 6 – Postagens no <i>Instagram</i> da Associação Veracidade sobre a construção de uma Horta Semi-comunitária.....	108
Imagem 7 – Postagens no Instagram da Associação Veracidade sobre a distribuição de cestas agroecológicas.	108
Imagem 8 - Matéria sobre o curso de permacultura.....	109
Imagem 9 – <i>Stories do Instagram</i> do Instituto Pindorama sobre o edital para empreendedores rurais.	111
Imagem 10 – Site do Pindorama com as informações para concorrer ao edital para empreendedores rurais.	111
Imagem 11 – Formulário para cadastramento no edital para empreendedores rurais.....	112
Imagem 12 - Projeto Social Permacultura na Amazônia	114
Imagem 13 – Projeto MUTS	115
Imagem 14 – Entrevista de Marcos Ninguém do UniPermacultura na TV TPA de Angola - África.	116
Imagem 15 – E-mail recebido com o lembrete da reportagem que aconteceria no Globo Rural.	123
Imagem 16 – Sorteio do <i>Workshop ComunicAMOR</i>	124
Imagem 17 – cursos presenciais no Instituto Ipoema	124
Imagem 18 – Cursos presenciais.....	125
Imagem 19 – Cursos presenciais	125
Imagem 20 – Visão geral do <i>blog</i> Viver fora do Sistema.....	126
Imagem 21 - Visão geral do <i>blog</i> Viver fora do Sistema.....	127
Imagem 22 – Divulgação do curso sobre Construção de Casas Ecológicas pela plataforma Hotmart	128
Imagem 23 - Como se inscrever no Curso de Moveleira de Bambu	129
Imagem 24 – Aulas online gratuitas ofertadas pelo Instituto Pindorama.	130
Figura 25 – Plataforma no Hotmart do curso Escolhas Sustentáveis	130
Imagem 26 - Cartilhas de acesso apenas aos participantes do curso Escolhas Sustentáveis.....	131
Imagem 27 – <i>E-mail</i> acerca dos cursos ofertados.....	132
Imagem 28 – Curso Viver no Campo na Plataforma Hotmart	132
Imagem 29 – cursos <i>online</i> pela plataforma Hotmart	133
Imagem 30 – Vídeo sobre a monetização do rural.....	134
Imagem 31 - Venda de Produtos Orgânicos	135
Imagem 32 – Financiamento coletivo no site Kickante.....	136
Imagem 33 – Financiamento coletivo no site Catarse	137
Imagem 34 – Financiamento coletivo no site Vakinha.....	137
Imagem 35 - Mensagem de um ano mais justo e com menos desigualdades	142
Imagem 36 - Vídeo sobre Agricultura ou Agronegócio.....	143
Imagem 37 - Workshop sobre o marco regulatório das organizações da sociedade civil	144
Imagem 38 - Participação em Conselhos e Comissão na Atuação Público.....	145
Imagem 39 - Realização da Assembleia Geral Extraordinária.....	145
Imagem 40 - Postagens sobre a situação na Amazônia.....	147

Imagem 41 - Postagens do ano de 2019 sobre o aumento da gasolina no Brasil	149
Imagem 42 – Postagem no Facebook do Ipoema acerca do Saci Pererê, figura do folclore brasileiro.	157
Imagem 43 – Vídeo postado no <i>Facebook</i> do Ipoema sobre um dos rituais do povo indígena <i>Shawādawa</i>	158
Imagem 44 - Matéria sobre as pirâmides e mandalas construídas por Marcos Ninguém	159
Imagem 45 – Postagem sobre a sociocracia.....	160
Imagem 46 – Postagem de um vídeo da Tatiana da Escola Rama sobre espiritualidade e integralidade do Ser.....	160
Imagem 47 – Comunidade no <i>Facebook</i> “Viver no Campo”	161
Imagem 48 – À direita, postagem no Facebook do Pindorama sobre a Jornada para um Sítio Rentável; à esquerda, o site do Pindorama explicando sobre como fazer a inscrição na Jornada.	162
Imagem 49 – Postagem no <i>Instagram</i> da ecovila Fazenda Cura sobre porque tornar um sítio rentável não é solução para viver no campo.....	163
Imagem 50 – À direita, comentários no <i>Instagram</i> da ecovila Fazenda Cura fazendo; à esquerda, os stories da Fazenda Cura	164
Imagem 51 – À direita, comentários no <i>Instagram</i> da ecovila Fazenda Cura fazendo; à esquerda, os stories da Fazenda Cura	164
Imagem 52 – <i>Blog</i> Viver Fora do Sistema do Instituto Pindorama	170
Imagem 53 – <i>Instagram</i> do Pindorama e a série de lives do projeto 1008.	171
Imagem 54 – Vídeo no <i>YouTube</i> do Pindorama sobre a trajetória de Nilson Dias, fundador do Instituto	172
Imagem 55 – perfil do <i>Instagram</i> da Escola Rama	175
Imagem 56 – Post sobre o Solstício de verão da Escola Rama.....	176
Imagem 57– lives sobre agricultura orgânica.....	177
Imagem 58– Projetos desenvolvidos pela Escola Rama	177
Imagem 59– Projetos desenvolvidos pela Escola Rama, da esquerda para a direita: Permacultura na Amazônia; Projeto CEFA.....	178
Imagem 60 – Abra projetos do site da Escola Rama em construção.....	178
Imagem 61 – Roda de conversa com ambientalistas.....	179
Imagem 62– Aba dos projetos no site da Associação Veracidade	180
Imagem 63 – postagem sobre os projetos “Casas em busca de um sonho”	181
Imagem 64 – Postagem sobre a implementação de sistemas agroflorestais.....	181
Imagem 65– Projeto MUTS - Moradia Urbana com Tecnologia Social.....	181
Imagem 66– Oficina em espaços reduzidos.....	182
Imagem 67 – Participação de Marcos Ninguém na TV Camera no quadro Participação Popular	185
Imagem 68 – Visão geral do <i>YouTube</i> da UniPermacultura	185
Imagem 69 – Matéria sobre o laboratório de agroecologia da Fasa que usa técnicas de permacultura para incentivar integração entre ciência, história, arte e ambientalismo	185
Imagem 70 - Visão geral do <i>Twitter</i> do Instituto Pindorama.....	190
Imagem 71 – Visão geral do <i>Instagram</i> do Instituto Pindorama.	190
Imagem 72 – <i>YouTube</i> do Instituto Pindorama sobre a produção de alimentos de uma família.	191
Imagem 73 – Visão geral do Spotify com os podcasts do Instituto Pindorama	192
Imagem 74 – E-mail Newsletter enviado pelo Instituto Pindorama sobre o retiro de ano novo.....	192
Imagem 75 – Site do Instituto Ipoema, com os e-books gratuitos que também são enviados por e-mail, caso seja solicitado.	193
Imagem 76 – Site do Instituto Ipoema com os canais de comunicação da mídia tradicional.....	194
Imagem 77 – Visão geral do <i>YouTube</i> do Instituto Ipoema.....	195
Imagem 78 – E-mail/Newsletter do Instituto Ipoema.	196
Imagem 79 – Grupo no WhatsApp sobre escolhas sustentáveis.	196

Imagem 80 – Grupo no WhatsApp sobre escolhas sustentáveis.	196
Imagem 81 – Grupo no WhatsApp sobre escolhas sustentáveis.	197
Imagem 82 – Grupo do Telegram sobre escolhas sustentáveis.....	197
Imagem 83 – Newsletter da Escola Rama	199
Imagem 84 – Curso Viver no Campo na Plataforma Hotmart	200
Imagem 85– Matéria sobre brasileiros que fazem construções ecológicas e que acreditam na transformação do mundo a partir de simples ações	200
Imagem 86 - Visão geral dos perfis do Instagram e Facebook da Escola Rama	201
Imagem 87 - Visão geral do YouTube da Escola Rama	202
Imagem 88 - Vídeos de Marcos Ninguém na mídia tradicional	207
Imagem 89 - Visão geral do YouTube da UniPermacultura.....	208
Imagem 90 - Visão geral do Twitter da UniPermacultura.....	208

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Teorias do desenvolvimento.....	60
Tabela 2: Tipologias do Comunicação para o Desenvolvimento	69
Tabela 3 - Públicos atendidos por esses institutos	119
Tabela 4 - Atividades econômicas realizadas pelos institutos.....	138
Tabela 5: Posicionamento político dos institutos.....	154
Tabela 6: Abordagem cultural dos institutos.....	167
Tabela 7: Ações ambientais realizadas pelos institutos.....	186
Tabela 8: Canais de comunicação usados pelos institutos	209
APÊNDICE A - Tabela 9 - Relação de trabalhos sobre permacultura/institutos e/ou ecovilas e sustentabilidade no Brasil.....	240
APÊNDICE B - Tabela 10 - Panorama de comunidades e institutos no Brasil	246
APÊNDICE C -Tabela 11– Panorama de comunidades e institutos no Brasil	267

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
2 A SOCIEDADE DE CONSUMO E A SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL	26
2.1 CULTURA DO CONSUMO E CAPITALISMO.....	27
2.2 SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL E A INSUSTENTABILIDADE.....	31
2.2.1 Dimensão social.....	40
2.2.2 Dimensão ecológica ou ambiental.....	42
2.2.3 Dimensão econômica	43
2.2.4 Dimensão cultural	44
2.2.5 Dimensão política (nacional e internacional).....	45
2.2.6 Dimensão espacial ou territorial.....	46
2.2.7 Dimensão espiritual.....	47
2.3 SUSTENTABILIDADE NO MOVIMENTO DOS INSTITUTOS.....	47
3 COMUNICAÇÃO EM REDE PARA A MUDANÇA AMBIENTAL	50
3.1 USOS E APROPRIAÇÕES DA INTERNET	51
3.2 COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO E A MUDANÇA SOCIAL	59
4 PERCURSO METODOLÓGICO	75
4.1 ESTADO DA ARTE	75
4.3 ETNOGRAFIA PARA A INTERNET.....	85
4.5 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS POR WHATSAPP	92
4.6 PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	93
4.6.1 Cláudio da Rocha dos Santos Jacintho (CJ).....	94
4.6.2 Djalma Neri Ferreira Neto.....	94
4.6.3 Neimar Marcos da Silva (Marcos Ninguém)	95
4.6.4 Joana Ortega.....	96
5 ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A SUSTENTABILIDADE E A MUDANÇA AMBIENTAL NA INTERNET	97
5.1 CONTEXTO DOS INSTITUTOS DE PERMACULTURA	97
5.1.1 Ipoema.....	98
5.1.2 Rama	99
5.1.4 UniPermacultura.....	99
5.1.4 Associação Veracidade	100
5.1.5 Pindorama	101

5.2 APRESENTAÇÃO DAS CATEGORIAS TEÓRICO-ANALÍTICAS A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A SUSTENTABILIDADE E A MUDANÇA AMBIENTAL NA INTERNET DOS INSTITUTOS DE PERMACULTURA	101
5.2.1 Social	102
5.2.2 Econômica	122
5.2.3 Política.....	140
5.2.4 Cultural	156
5.2.5 Ambiental/Ecológica.....	168
5.2.6 Comunicacional/Comunicação	188
5.3 DISCUSSÃO DA ANÁLISE	210
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	224
REFERÊNCIAS	227
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	238
APÊNDICE A - Tabela 3 - Relação de trabalhos sobre permacultura/institutos e/ou ecovilas e sustentabilidade no Brasil.....	240
APÊNDICE B - Tabela 4 - Panorama de comunidades e institutos no Brasil	246
APÊNDICE C -Tabela 5– Panorama de comunidades e institutos no Brasil	267
APÊNDICE D – CONSENTIMENTO DA ENTREVISTA	305
APÊNDICE E – Entrevista Semi-estruturada.....	306

1. INTRODUÇÃO

Os institutos permaculturais desempenham o papel de elo entre o conhecimento em permacultura e a prática nas comunidades intencionais, conhecidas como ecovilas, e na sociedade em geral. Eles realizam o intercâmbio de conhecimento, atuando como porta-vozes da permacultura para o mundo. Podem ser compreendidos também como espaços não formais de ensino, pois desenvolvem ações educativas relacionadas ao ensino e à aprendizagem de temas ligados à educação ambiental. São instituições normalmente sem fins lucrativos, que promovem a permacultura, principalmente suas questões ambientais.

As comunidades intencionais, ecovilas ou assentamentos sustentáveis, como são chamadas atualmente, são assentamentos humanos sustentáveis compostos por pessoas que optaram por viver juntas ou próximas, compartilhando um estilo de vida simples. Além de um espaço comum, elas têm objetivos comuns, com relações orgânicas e de baixo impacto nos ecossistemas e contextos socioculturais nos quais estão inseridas. Essas comunidades buscam viver de forma sustentável, em harmonia com o meio ambiente e em convívio coletivo, procurando gerenciar da melhor forma possível as dimensões econômica, social, cultural e ambiental na comunidade. Suas práticas também estão fundamentadas na preservação do meio ambiente, no cultivo de relações humanas saudáveis, na espiritualidade e na partilha justa (JACINTHO, 2007; ROYSEN, 2018; FERREIRA NETO, 2018; ARRUDA, 2018).

Enquanto as comunidades intencionais, ou ecovilas, são os aplicadores e vivenciam regional e localmente os preceitos permaculturais, os institutos especializam-se em parcerias com instituições públicas e privadas, participam de editais públicos e conseguem mais recursos para expandir a permacultura. Diferentemente das comunidades intencionais brasileiras, que ainda têm uma maior preocupação com sua sustentabilidade econômica, oferecendo cursos, serviços, oficinas, voluntariado, entre outros (Accioly Dias et al., 2017, e Rebeca Roysen, 2013; 2018), os institutos permaculturais conseguem ampliar a comunicação de suas práticas ambientais. Diante disso, optou-se por estudar os institutos de permacultura em vez das ecovilas.

Considerando as dimensões mencionadas anteriormente, pelo viés das dimensões da sustentabilidade de Ignacy Sachs, a dimensão econômica da sustentabilidade engloba a eficiência da produção e do consumo para uma economia crescente de recursos naturais (NASCIMENTO, 2012; SACHS, 2009). A dimensão social é considerada a finalidade do desenvolvimento. Portanto, torna-se central nas demais dimensões, uma vez que há

probabilidade de crise social, aumento das desigualdades e pobreza extrema surgirem antes de uma catástrofe ambiental (NASCIMENTO, 2012; SACHS, 2009).

Em relação à dimensão cultural, são previstas mudanças no interior da comunidade, na qual deve haver equilíbrio e respeito à tradição e à inovação, proporcionando capacidade de autonomia para a elaboração de um projeto nacional integrado e endógeno (SACHS, 2009). A dimensão ambiental leva em conta diversos fatores para a preservação e a manutenção do capital natural. Pressupõe, sobretudo, um modelo de produção e consumo – principalmente de recursos naturais – para que haja uma produção a partir de recursos renováveis e uma maior limitação do uso de recursos não renováveis (NASCIMENTO, 2012; SACHS, 2009). Acrescentamos à discussão a dimensão política, que tem como pilares a democracia e a garantia dos direitos humanos de forma universal (SACHS, 2009).

Com tudo isso, Sachs (2008; 2009) concebe as dimensões inter-relacionadas, pois, para o autor, deve haver "harmonização de metas sociais, ambientais e econômicas, por meio do planejamento estratégico e do gerenciamento cotidiano da economia e da sociedade, buscando um equilíbrio entre diferentes sustentabilidades" (SACHS, 2008, p.11) – que aqui foram tratadas (social, cultural, ambiental, econômica e política). Isso leva ao desenvolvimento e ao exercício efetivo de todos os direitos humanos – políticos, civis, cívicos, econômicos, sociais e culturais – bem como dos direitos coletivos ao desenvolvimento, como ao ambiente (SACHS, 2008).

Diante do exposto, a dimensão ambiental é a que mais nos interessa nesta pesquisa, mas não desconsideramos a importância e a intersecção que as outras dimensões exercem sobre ela. Além das perspectivas de Sachs para entender o desenvolvimento sustentável e como pensar nos institutos de permacultura a partir das dimensões propostas pelo autor, também adotamos a perspectiva de comunicação para a mudança social de Thomas Tufte na tentativa de compreender a comunicação dos institutos para uma mudança ambiental.

A abordagem da comunicação para a mudança social proposta por Thomas Tufte (2015; 2017) leva em consideração questões como: em vez de comunicar as informações corretas e relevantes a grupos específicos, o que se faz é articular processos específicos de ação e reflexão coletiva.

Por fim, a partir da perspectiva de comunicação para o desenvolvimento e mudança social, pretendemos entender os processos de comunicação envolvidos nesses usos e apropriações midiáticas. Isto é, compreender os processos de comunicação como processos ativos de criação de sentido, o que não é o mesmo que dizer que "toda a atividade de criação de sentido tem a ver com o envolvimento do cidadão ao sugerir uma noção de governança

sustentável e de baixo para cima" (TUFTE, 2017, p. 50) com base em processos de mudança social. Diante disso, nos faz propor uma dimensão da comunicação ou comunicacional ao desenvolvimento sustentável, transversal a todas as demais categorias.

Assim, questiona-se: Em que medida as narrativas em rede¹ dos institutos estão associadas a um desenvolvimento sustentável que promova a transformação social?

A hipótese da investigação é a de que o desenvolvimento sustentável exige a transformação social, pois, do contrário, as mudanças ambientais não terão profundidade suficiente para reverter a devastação dos recursos naturais (Löwy, 2014; Escobar, 2016). Um dos aspectos que investigamos diz respeito ao alcance que as representações dos institutos possuem para outros grupos sociais, sobretudo os mais pobres, porque é preciso que haja inclusão de todos neste processo da mudança ambiental, que podemos classificar como "ampliada".

Entendemos a transformação a partir de Ignacy Sachs² (2008; 2009), que a compreende como o processo de mudança na estrutura social, nas instituições e nas relações sociais de uma sociedade. Essa transformação deve ser orientada para o desenvolvimento sustentável, levando em consideração o equilíbrio entre o crescimento econômico, a justiça social e a preservação do meio ambiente. No entanto, a mudança social compreendida pelo autor envolve a evolução das normas, valores e comportamentos da sociedade em direção a práticas mais sustentáveis e justas. Portanto, a mudança social é necessária para alcançar o desenvolvimento sustentável, uma vez que implica a adoção de novos modelos de produção, consumo e organização social que sejam mais compatíveis com a proteção do meio ambiente e a promoção da igualdade.

Com isso, assim como Sachs, compreendemos que o desenvolvimento sustentável só pode ser alcançado por meio da transformação social plena, no equilíbrio dos aspectos econômicos, sociais e ambientais do desenvolvimento, para garantir um futuro melhor para as gerações presentes e futuras.

Embora os termos "mudança" e "transformação social" estejam relacionados, eles não são exatamente sinônimos. A mudança social refere-se a alterações ou evoluções na sociedade

¹ Nesta tese o termo narrativa é compreendida pelo viés da representação, pois segundo Silva e Baseio (2019), “o termo narrativa pode ser entendido de diferentes maneiras: como enunciado, como conjunto de conteúdos representados pelo enunciado, como ato de contar, com modo, como componente de categorias meta-históricas e universais, ao lado da lírica e do drama. Existem diversas áreas do conhecimento que o abordam, principalmente no contexto pós-moderno em que se questiona a possibilidade de trabalhar com a verdade, tornando a narrativa um conceito difuso”.

² Segundo Rodrigo Tavares (2023), “Sachs não era um marxista ortodoxo, mas certamente se associaria à ideia de que o marxismo poderá ser útil na adoção de uma visão de uma sociedade sustentável para além do capitalismo”.

ao longo do tempo, que podem ser de natureza variada, como mudanças culturais, políticas, econômicas, etc. Por outro lado, a transformação social geralmente implica mudanças profundas e significativas na estrutura ou funcionamento da sociedade, muitas vezes envolvendo uma reorganização substancial de valores, instituições e normas sociais. Portanto, a transformação social é uma forma mais intensa e abrangente de mudança social. Ambos os termos são usados no estudo da sociologia e das ciências sociais para descrever diferentes processos de evolução da sociedade.

Com isso, Sachs³ (1995; 2008; 2009; 2019; 2023) defende a necessidade de uma transformação estrutural nas sociedades para enfrentar desafios como a pobreza, a desigualdade e a degradação ambiental. Portanto, suas ideias e propostas estão mais alinhadas com a busca por transformações sociais significativas em oposição a mudanças superficiais. Por outro lado, o autor é considerado um pensador da vertente reformista, especialmente quando trata de desenvolvimento sustentável e políticas econômicas. No entanto, suas abordagens enfatizam a necessidade de mudanças progressivas e de longo prazo, em vez de revoluções abruptas. Portanto, suas visões estão alinhadas com a perspectiva reformista de buscar mudanças por meio de reformas estruturais e políticas públicas.

Essa questão tem gerado algumas discordâncias acerca de se o autor estaria alinhado a uma perspectiva de transformação ou a uma abordagem de mudança social. Compreendemos que a discordância em classificá-lo como um reformista que busca transformação estaria associada ao fato de que pensadores da vertente reformista dão certa ênfase ao crescimento econômico, o que não compactua com a transformação social. Diante disso, consideramos que, apesar das críticas ao autor, ele possui uma preocupação com a estrutura socioeconômica da sociedade para além de um crescimento puramente econômico.

Partindo da problemática da tese, objetiva-se, com esta tese de doutorado, compreender como a comunicação em rede dos institutos de permacultura, a partir de representações sobre sustentabilidade presentes em suas narrativas em mídias digitais na internet, pode contribuir para a transformação. Para tanto, nossos objetivos específicos são: a) descrever as formas de comunicação online dos institutos e os seus usos sociais para a mudança ambiental; b) analisar as narrativas - representações - sobre sustentabilidade para compreender se essa comunicação pode contribuir para uma possível mudança ambiental; c) identificar quais as dimensões da

³ Em busca de novas estratégias de desenvolvimento (1995), Ignacy Sachs; Ignacy Sachs (1927-2023) e o Brasil inacabado (2023), Rodrigo Tavares - disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/08/ignacy-sachs-1927-2023-e-o-brasil-inacabado.shtml>. Acessado em 26/10/2023; Conciliar Capitalismo e Ecologia? Vamos ouvir Ignacy Sachs (2019), Patrick Criqui.

sustentabilidade (social, econômica, cultural, política, ambiental e comunicacional) que são representadas nas redes dos institutos; e, por fim, d) assinalar as ações de sustentabilidade ambiental desenvolvidas pelos institutos com comunidades tradicionais e outros atores sociais, como ecovilas, escolas e novos rurais.

Na metodologia, desenvolvemos uma etnografia para a internet (Hine, 2017) a fim de analisar as narrativas, na internet, das práticas socioambientais, além de termos realizado entrevistas com quatro administradores de institutos. Foi também realizada uma observação participante para delimitação do objeto de análise, que nos permitiu chegar aos cinco institutos pesquisados. Posteriormente, foi realizado um estudo de caso comparativo entre os institutos.

Diante da situação atual do Brasil, com a liberação cada vez maior de agrotóxicos e o uso indiscriminado de insumos químicos nas produções agrícolas - 290 produtos foram liberados em 2019, sendo 41% deles de extrema ou alta toxicidade e 32% banidos na União Europeia -, insegurança alimentar e econômica, precarização da saúde e do trabalho, exploração social e de mão de obra, entre outras situações, a expansão de cultivos transgênicos, como observa Alier (2011), é um caso em que interesses alheios predominam. A produção de soja, por exemplo, combina atores nacionais e internacionais, indicando uma complexa teia de relações entre produção, circulação e consumo de alimentos (ALIER, 2011).

Além disso, a temática afeta a autora desta tese de forma pessoal por questões familiares, pois seus bisavôs sempre foram agricultores. Os avós maternos, comerciantes no ramo de alimentos, atualmente têm restaurante na mesma localidade. Seu pai, por anos, foi produtor de arroz e soja aos moldes que conhecemos da indústria do agronegócio, ou seja, “os alimentos entram na lógica do mercado como commodities, sujeitos à especulação dos preços” (BOFF, 2016, p. 110, adaptado).

Diante disso, a autora tem observado questões voltadas à alimentação que permearam toda a sua vida, desde a infância até a adolescência. Também considera a oportunidade de poder crescer no meio rural da Quarta Colônia aos finais de semana e, nas férias de verão do colégio, poder ir “ao campo” onde seu pai plantava, uma oportunidade que nem todas as crianças têm hoje. Por outro lado, o que já era preocupante naquela época em relação à produção agrícola com a utilização de insumos químicos e agrotóxicos hoje em dia está ainda mais agravante, pois

[...] com a superexploração das terras agricultáveis, a própria produção exige mais e mais insumos químicos e agrotóxicos que acabam por aprofundar a crise ambiental. Se a revolução verde trouxe benefícios, trouxe também malefícios graves para o meio ambiente, vital para os seres humanos e demais seres vivos (BOFF, 2016, p. 110).

Na metodologia, desenvolvemos uma etnografia para a internet (Hine, 2017) a fim de analisar as narrativas, na internet, das práticas socioambientais, além de termos realizado entrevistas com quatro administradores de institutos. Foi também realizada uma observação participante para delimitação do objeto de análise, que nos permitiu chegar aos cinco institutos pesquisados. Posteriormente, foi realizado um estudo de caso comparativo entre os institutos.

Diante da situação atual do Brasil, com a liberação cada vez maior de agrotóxicos e o uso indiscriminado de insumos químicos nas produções agrícolas - 290 produtos foram liberados em 2019, sendo 41% deles de extrema ou alta toxicidade e 32% banidos na União Europeia -, insegurança alimentar e econômica, precarização da saúde e do trabalho, exploração social e de mão de obra, entre outras situações, a expansão de cultivos transgênicos, como observa Alier (2011), é um caso em que interesses alheios predominam. A produção de soja, por exemplo, combina atores nacionais e internacionais, indicando uma complexa teia de relações entre produção, circulação e consumo de alimentos (ALIER, 2011).

Além disso, a temática afeta a autora desta tese de forma pessoal por questões familiares, pois seus bisavôs sempre foram agricultores. Os avós maternos, comerciantes no ramo de alimentos, atualmente têm restaurante na mesma localidade. Seu pai, por anos, foi produtor de arroz e soja aos moldes que conhecemos da indústria do agronegócio, ou seja, “os alimentos entram na lógica do mercado como commodities, sujeitos à especulação dos preços” (BOFF, 2016, p. 110, adaptado).

Diante disso, a autora tem observado questões voltadas à alimentação que permearam toda a sua vida, desde a infância até a adolescência. Também considera a oportunidade de poder crescer no meio rural da Quarta Colônia aos finais de semana e, nas férias de verão do colégio, poder ir “ao campo” onde seu pai plantava, uma oportunidade que nem todas as crianças têm hoje. Por outro lado, o que já era preocupante naquela época em relação à produção agrícola com a utilização de insumos químicos e agrotóxicos hoje em dia está ainda mais agravante, pois

[...] com a superexploração das terras agricultáveis, a própria produção exige mais e mais insumos químicos e agrotóxicos que acabam por aprofundar a crise ambiental. Se a revolução verde trouxe benefícios, trouxe também malefícios graves para o meio ambiente, vital para os seres humanos e demais seres vivos (BOFF, 2016, p. 110).

Diante disso, estamos construindo uma sociedade antropocêntrica⁴, isto é, centrada somente no homem, esquecendo que há uma natureza com seres e organismos vivos que precisam igualmente da biosfera e demandam sustentabilidade (BOFF, 2016). Portanto, para que se tenha um desenvolvimento de fato sustentável, é preciso que haja uma relação harmônica entre o homem e a natureza.

Em relação aos usos e às apropriações das tecnologias de comunicação, mais precisamente os usos e as apropriações da internet, vêm acompanhando a nossa sociedade há algum tempo. O sentido de funcionamento das redes de conexão por meio da internet se tornou um meio em que se pode exercer várias atividades “em todos os contextos e em todos os locais que pudessem ser conectados eletronicamente” (CASTELLS, 2002, p. 89).

É importante ressaltar que o estudo da internet faz parte da trajetória de pesquisa da autora desta tese, desde a sua monografia de trabalho de conclusão de graduação em comunicação social - Relações Públicas - pela Universidade Federal de Santa Maria/RS (UFSM), sob a orientação de Veneza Mayora Ronsini, na qual estudou os comentários de fãs a respeito de relações de gênero em um blog sobre telenovela. Posteriormente, na dissertação de mestrado em Comunicação Midiática na UFSM, na qual estudou os usos sociais de grupos no Facebook de migrantes brasileiros na Suécia, sob a orientação de Liliane Dutra Brignol. Portanto, a escolha por estudar usos da internet dos institutos permaculturais é a continuidade dessa trajetória de pesquisa.

A questão da internet também é algo que faz parte da nossa cultura e está inserida nas lógicas de comunicação dessas instituições com a sociedade. A capacidade que a internet tem de promover novos atores e conteúdos nesse processo de organização social tem se expandido significativamente com o passar do tempo, com as mudanças tecnológicas e, mais concretamente, com a evolução das tecnologias da comunicação (CASTELLS, 2006).

Por fim, destacamos a importância deste estudo, pois não há, na área de comunicação – com exceção dos trabalhos de Ana Carolina B. F. Simas e da professora orientadora desta tese, Veneza Ronsini, com seu projeto de pesquisa, o qual minha tese faz parte –, que aborde as questões das comunidades intencionais/ecovilas e institutos de permacultura sob o viés comunicacional.

Em relação à estruturação dos capítulos, no próximo, procuramos abordar a sociedade de consumo, que é a base para compreendermos as questões imbricadas entre o capitalismo e

⁴ O antropocentrismo surgiu na Europa no fim da Idade Média. Ele sugere que o homem deve ser o centro das ações, da expressão cultural, histórica e filosófica.

a insustentabilidade. Também versaremos, com base em autores como Ignacy Sachs, Renato Ortiz, Don Slater, David Harvey, Richard Sennett, entre outros, sobre como a sustentabilidade ambiental pode ser pensada a fim de encontrarmos possíveis mudanças.

No capítulo seguinte, procuramos entender de que maneira as tecnologias de comunicação – mais precisamente a internet e seus usos – contribuem para as práticas de comunicação desses institutos com a sociedade para a mudança ambiental. Esse capítulo está estruturado com base em Thomas Tufte, Manuel Castells, David Morley, Maria Immacolata Vassalo de Lopes, entre outros.

No capítulo metodológico, procuramos discutir o que compreendemos por Etnografia para a Internet, com base em Christine Hine, para construirmos um percurso metodológico que consiga dar conta dos objetivos da pesquisa. Além disso, procuramos discorrer sobre as técnicas desenvolvidas que auxiliaram no trabalho. Neste capítulo metodológico, discorreremos sobre a escolha dos institutos pesquisados - Ipoema, UniPermacultura, Associação Veracidade, Pindorama e Escola Rama (Instituto de Permacultura do Pampa). No último capítulo, procuramos trazer, de forma articulada com a teoria, os resultados encontrados ao longo da pesquisa e a análise dos dados empíricos a partir das categorias teórico-analíticas - Social, Econômica, Política, Cultural, Ambiental e Comunicacional.

2 A SOCIEDADE DE CONSUMO E A SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

Neste capítulo, abordaremos a sociedade de consumo (Slater, 2002), explorando desde questões morais até questões estruturais que envolvem a forma como consumimos na sociedade capitalista. Também versaremos sobre a relação da sociedade capitalista com a insustentabilidade desse sistema na produção e no consumo, que envolve degradação ambiental.

Com isso, passamos a discutir o entendimento de sustentabilidade ambiental (Sachs, 2008; 2009) e como podemos enfrentar parcialmente a lógica insustentável que o capitalismo nos propõe como modo de vida. A discussão envolve as dimensões do desenvolvimento sustentável e como podemos pensá-lo nos institutos de permacultura brasileiros.

A relação de separação homem-natureza é historicamente construída. Primeiro, temíamos os efeitos da natureza sobre nós, a admirávamos e a respeitávamos, mas sempre com o desejo e "a aspiração pelo conhecimento da ordem da natureza, seja pelo conhecimento de como nela intervir e tornar-se seu comandante" (WILLIAMS, 2011, p. 100). Com o passar do tempo, o homem aprendeu a dominar algumas técnicas e adquiriu conhecimento sobre o funcionamento da natureza, com o que poderíamos "saber nosso lugar e valor na ordem da natureza ou aprender a ultrapassá-lo" (idem). Desde então, o homem busca cada vez mais ultrapassar os limites da natureza.

Desde o início da agricultura e da domesticação de animais, esse processo foi realizado conscientemente, independentemente das muitas consequências secundárias que emergiram quando o ser humano buscou o que lhe parecia ser suas atividades normais (WILLIAMS, 2011, p. 100).

É preciso entendermos que a separação entre o homem e a natureza "não é apenas o produto da indústria e do urbanismo modernos" (WILLIAMS, 2011, p. 110-111). Trata-se de uma característica, segundo Williams (2011), "de muitos tipos anteriores de trabalho organizado, incluindo o trabalho rural" (ibidem).

Quando a natureza é separada das atividades humanas, deixamos de compreender o processo como um todo, mas não em termos singulares e abstratos (WILLIAMS, 2011), e sim deixamos de olhar para todos os produtos e atividades e de observar as relações entre eles que são nossas próprias relações reais. Nesse processo de interagir com a natureza, com o mundo físico, criamos não apenas uma alteração da ordem natural e (muitas vezes) da própria natureza humana, mas também criamos sociedades. Diante dessa relação e da criação de sociedades, mais especificamente da sociedade capitalista, a maioria dos termos que utilizamos carregam

em seus significados a derivação das práticas humanas sobre a natureza. Tais termos podem ser vistos, por exemplo, nas seguintes expressões: "a conquista da natureza", "a dominação da natureza" e "a exploração da natureza". Williams (2011) alerta para o fato de que, até mesmo a ideia de "equilíbrio da natureza" possui suas implicações sociais. Portanto, não podemos falar apenas do Homem e da Natureza, como singulares e separados, sem pagarmos o preço pela "exclusão das relações sociais reais e em manutenção" (WILLIAMS, 2011, p. 113), pois é confiada ao capitalismo a estruturação nos termos da dominação e exploração, tanto social quanto ambiental.

Portanto, é preciso considerar que, diante da forma como estamos vivendo e explorando a natureza, chegaremos a um colapso nas formas de distribuição de alimentos e dignidade mínima de vida dos seres humanos. Como afirma Boff (2016, p. 108), “poderá a Terra, super explorada pela forma como produzimos e consumimos, garantir a seguridade alimentar para todos estes bilhões?”. Com certeza não. A maneira como estamos alterando a ordem natural das coisas tem afetado não só as bases elementares da sobrevivência humana, mas também a forma como nos relacionamos com os outros seres, modificando nossa cultura. Por fim, nesse ritmo, quase nada pode ser feito “até que possamos visualizar as causas dessa alienação da natureza, dessa separação entre a natureza e a atividade humana” (WILLIAMS, 2011, p. 110-111).

2.1 CULTURA DO CONSUMO E CAPITALISMO

Historicamente, sempre fomos consumidores em alguma medida. As relações sociais estabelecidas em torno de trocas ou compra de bens e serviços existem desde sociedades pré-capitalistas. No entanto, na sociedade capitalista, embora sejamos consumidores de bens e serviços, nem todas as pessoas têm papel no processo produtivo. Uma parcela da sociedade se encontra em situação de desemprego ou é estudante em tempo integral, criança, adolescente, aposentado ou doente. Assim, não produzem qualquer tipo de riqueza do ponto de vista econômico, não participando, portanto, desse processo que envolve o trabalho, mesmo que ativamente sejam consumidores (CASTELLS, 2013). Entretanto, o termo consumidor descreve o indivíduo pela sua capacidade de consumo (WILLIAMS, 2011).

Para Canclini (1995), o consumo é o conjunto de processos socioculturais nos quais se realizam a apropriação e os usos dos produtos. Ou seja, o fato de consumirmos é mais do que um simples exercício de gostos, caprichos e compras irrefletidas baseadas em julgamentos moralistas ou atitudes individuais. Na sociedade capitalista, o consumo acaba por ser central

nas relações sociais, fazendo parte do processo social e das múltiplas formas de acesso e fornecimento de bens e serviços. O consumo funciona como um mecanismo social utilizado por distintos grupos sociais como modo de direitos, estilo de vida e identidades. Portanto, para Canclini (1995, p. 61), o consumo não é algo “privado, atomizado e passivo, [mas] eminentemente social, correlativo e ativo”, subordinado a um certo controle político das elites. Como afirma Williams (2011, p. 256-257), “o consumo é, dentro de seus limites, uma atividade satisfatória, ele pode ser plausivelmente oferecido como uma finalidade social dominante”.

A ambiguidade que o consumo provê confirma sua submissão às operações do sistema econômico vigente, que é um sistema econômico irresponsável. Isso porque ele pode promover o mercado de “consumo” moldando o uso do trabalho e dos recursos humanos por decisões sociais gerais em detrimento de fornecer, ao “consumidor”, condições adequadas de “bens de consumo pessoais” a preços toleráveis (WILLIAMS, 2011).

Nas sociedades capitalistas, nos apresentamos muito mais como “consumidores”, pois a forma como a sociedade é construída e as formas de “pensamento que ela, quase imperceptivelmente, promove” remetem aos consumidores como, na maior parte das vezes, somos vistos e reconhecidos. Isto é, somos considerados o “mercado que o sistema de produção industrial organizou; os canais pelos quais o produto é escoado e desaparece” (WILLIAMS, 2011, p. 255). Diante disso, é preciso compreendermos que qualquer sociedade faz uso dos bens materiais para a sua permanência física e social, pois, ao mesmo tempo que esses bens materiais e serviços são consumidos até o seu “esgotamento” para nossas necessidades físicas e biológicas de sobrevivência, também nos serve para conferir status e mediar nossas relações sociais.

Como já visto, o consumo é essencial à vida humana, uma vez que cada um de nós, em alguma medida, somos cidadãos enquanto consumidores. No entanto, é preciso ressaltar que a questão não está no consumo em si, mas nos seus padrões e seus efeitos, ou seja, na forma como consumimos, na forma como estamos conciliando as pressões sobre o meio ambiente e o atendimento de nossas necessidades básicas.

Assim, o consumo é compreendido pela sua racionalidade econômica em virtude de seu ciclo de produção e reprodução social, no qual se realiza a expansão do capital e se reproduz a força de trabalho. Isto é, o que determina tais aspectos é o modo como se planifica a distribuição dos bens, o que depende das grandes estruturas de administração do capital (CANCLINI, 1995).

O consumo contribui para o desenvolvimento humano na medida em que consegue conciliar o aumento das capacidades humanas com o bem-estar coletivo e o respeito à

capacidade de suporte do planeta. Isso, ao mesmo tempo em que dá apoio para o surgimento de comunidades dinâmicas e criativas, o que é favorável tanto para as gerações futuras quanto para as presentes (FELDMANN, 2003). Mas teríamos que nos questionar: que tipo de consumo é esse? Com certeza, não é o consumo que atualmente conhecemos nas sociedades capitalistas. Para se alcançar uma equidade, é preciso, então, um consumo mais consciente, social e ambientalmente responsável.

Isto posto, podemos afirmar que um fator que contribui para a perpetuação dessa sociedade de consumo é a cultura, a qual se “manifesta na ‘universalização’ de estilos de vida, caracterizada pela fixação de certos padrões sociais e aspirações de consumo” (FELDMANN, 2003, p. 148-149).

Portanto, o consumo é sempre um processo cultural, pois a cultura do consumo designa um acordo social em que “a relação entre a cultura de vida e os recursos sociais, entre modos de vidas significativas e os recursos materiais e simbólicos dos quais dependem, são mediados pelos mercados” (SLATER, 2002, p. 17). Assim, a cultura do consumo define um sistema que é dominado pelo consumo de mercadorias, no qual a reprodução cultural é geralmente compreendida como algo a ser realizado na esfera privada e individual da vida. Essa não é a única maneira de consumir e reproduzir a vida cotidiana, mas é o modo dominante dessa cultura, o que contribui para estruturar e subordinar todas as demais (idem).

Nesse sentido, tal cultura considera os valores dominantes de uma sociedade não só os valores que organizam as práticas de consumo, como também os que derivam delas. Por fim, essa noção de “cultura do consumo” implica que as práticas sociais e os valores culturais são definidos e orientados de acordo com o consumo, havendo um ocultamento das dimensões sociais, como trabalho ou cidadania. Segundo Slater (2002, p. 35), “não consumimos com a finalidade de construir uma sociedade melhor, para sermos pessoas melhores e viver uma vida autêntica, mas para aumentar os prazeres e confortos privados”. Portanto, a cultura do consumo é uma cultura capitalista.

Em relação ao consumo e ao meio ambiente, um fator importante nas discussões ambientais é a indústria de alimentos e o uso de recursos naturais – água e terra. O debate versa sobre a contaminação por pesticidas na produção de alimentos, o que levou a uma mudança por parte dos consumidores em relação ao consumo desses produtos, optando pelos orgânicos. Isso tem revelado uma tendência significativa no comportamento dos consumidores, mesmo que a agricultura orgânica ainda represente uma pequena parcela da produção agrícola mundial. Apesar de todos esses avanços, ainda é necessário ponderarmos, pois ainda há muito para avançarmos acerca deste tópico. Ao mesmo tempo que cabe a nós decidirmos, no dia a dia, o

quão orgânico será o cardápio do almoço, os meios de transporte para o trabalho ou o lazer do final de semana, também está nas mãos dos grandes commodities agrícolas e da indústria automobilística o futuro dos nossos filhos e netos. Enquanto ainda houver, por exemplo, uma liberação em larga escala de metano – gás que gera o efeito estufa – no meio ambiente ou a compactação do solo por meio do rebanho bovino, continuaremos as discussões sobre os riscos em que a humanidade se encontra em função das alterações nos ecossistemas decorrentes da forma de produção e consumo (FELDMANN, 2003).

Com isso, percebe-se que, quando falamos dessa cultura do consumo, estamos articulando questões centrais de como devemos ou queremos viver em sociedade a partir da esfera privada, isto é, falamos das escolhas que realizamos diariamente ao consumirmos, como "... a estrutura material e simbólica dos lugares onde vivemos e o nosso modo de viver nesses lugares; o alimento que comemos e as roupas que usamos; os diversos tipos de escassez e desigualdade que sofremos; as atividades a que temos acesso em nosso 'tempo livre'; a nossa falta de liberdade na maior parte do tempo" (SLATER,

Portanto, o consumo mundial se desenvolve a partir das desigualdades, as quais são tão profundas que é necessária uma mudança nos padrões de comportamento da sociedade. Segundo Castells (1995), a racionalidade sociopolítica conferida ao consumo é o lugar em que os conflitos entre classes, originados pela desigual participação na estrutura produtiva, ganham força por meio da distribuição e apropriação dos bens. O consumo nada mais é do que participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo.

Está posto que a mudança é urgente, mas nem sempre está claro para o cidadão qual é o seu papel nessa cadeia de produção-consumo e o impacto de suas escolhas no poder político. Nesse caso, a publicidade oferece uma gama de possibilidades de consumo, facilitando para que o consumidor se encontre alienado do seu poder de ação política frente a essas questões. No entanto, quando assumirmos nosso papel enquanto cidadãos consumidores, ou seja, quando tivermos consciência do nosso poder de organização política, poderemos pensar em uma "cidadania planetária" (FELDMAN, 2003), que visa "permitir aos cidadãos deste planeta, incluindo as futuras gerações, usufruto de experiências que lhes permitam satisfazer todas as suas potencialidades com dignidade" (p. 156).

Em que medida somos consumidores cidadãos? Quando reconhecemos que, ao consumir, não estamos necessariamente passivos na estrutura social, mas que podemos exercer, em alguma medida, nosso poder político ao escolher e reelaborar o sentido social. Por isso, é preciso analisar como a apropriação de bens e signos intervém de forma mais ativa na nossa participação enquanto seres consumidores. No entanto, devemos nos questionar se, ao

consumirmos, não estamos fazendo algo que sustenta, nutre e, até certo ponto, constitui uma nova maneira de ser cidadão na sociedade capitalista (CANCLINI, 1995).

Se pensarmos acerca do consumo consciente ou consumirmos menos, como no caso das comunidades intencionais – ecovilas - e dos institutos de permacultura, ainda assim o consumo continuará servindo à lógica capitalista. O que precisamos levar em conta é a relação que se estabelece diretamente com o sistema capitalista, a qual envolve produção e reprodução social com base na forma de consumir e na nossa relação com o meio ambiente. Ela se dá a partir da reutilização e do uso coletivo dos bens e serviços disponíveis, sem a criação de novas demandas para que não seja um consumo sempre retroalimentado e não haja exploração da natureza e do homem.

Diante disso, os desafios são enormes, pois requerem mudanças profundas na sociedade. Isso implica compreender que as transformações ocorrem tanto em campos e esferas diferentes quanto em tempos diferentes (FELDMAN, 2003), tanto na forma de produzir quanto de consumir bens materiais. Tal lógica se aplica até mesmo ao consumo midiático, o qual também incide sobre nossas práticas de consumo material, seja de forma mais ou menos consciente.

2.2 SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL E A INSUSTENTABILIDADE

Precisamos entender, antes de mais nada, que a relação entre natureza e sociedade é histórica e passível de conflitos. Historicamente falando, sempre houve o homem em relação com a natureza. Contudo, também ao longo da história, houve alteração desse contexto natural por parte dos seres humanos. Assim, ao longo do tempo, a relação entre homem e natureza vai se modificando, passando de adaptação e convivência para exploração da natureza (ALIER, 2007; WILLIAMS, 2011).

No entanto, devido à superexploração dos recursos naturais e à insustentabilidade do capitalismo, precisamos estar conscientes de que conflitos ambientais serão cada vez mais frequentes em nossa sociedade e no mundo, principalmente em decorrência do aumento de tensões pelo acesso a recursos naturais e à justiça social. A produção de mercadorias em larga escala gera aumento do uso e da exploração da natureza, a qual é transformada em recursos para acumulação capitalista e reproduzida em bens de consumo, duráveis ou não. A produção crescente de bens de consumo necessita de um capital natural também em expansão, o que não é possível – embora seja desejável no modelo de economia capitalista (ALIER, 2007). Portanto, com a superexploração da natureza, nos encontramos em uma crise ecológica.

É preciso reconhecermos que os conflitos ambientais ocorrem em diversas escalas. Por isso, eles possuem atores sociais diversos e de origens diversas, os quais nem sempre se definem como ambientalistas (ALIER, 2007). Segundo Alier (2007), existem três correntes acerca da preocupação e ativismo ambiental: o culto ao silvestre ou à vida selvagem; o credo da ecoeficiência; e, por fim, o movimento pela justiça ambiental ou ecologismo popular ou ecologismo dos pobres.

A primeira corrente, o “culto ao silvestre” ou “à vida selvagem”, tem sua preocupação na preservação da natureza silvestre. Mantém suas bases na observação do crescimento populacional e é cientificamente assegurado pela biologia conservacionista. Assim, é indiferente ou se mantém em oposição às questões que envolvem a indústria, a urbanização e o crescimento econômico. Já a corrente do “credo da ecoeficiência” está preocupada com o manejo sustentável, o uso consciente dos recursos naturais e o controle da contaminação. Tem sua preocupação voltada não somente aos contextos industriais, mas também à agricultura, à pesca e à silvicultura. Sua fundamentação está na ecologia industrial e na economia ambiental, considerando que as novas tecnologias e a adoção interna das externalidades constituem instrumentos decisivos da modernização ecológica. Por fim, a tese defendida por Alier (2007) sobre o “ecologismo dos pobres” surge de conflitos ambientais de nível local, regional, nacional e global causados pelo crescimento econômico e pela desigualdade social. Sua base está na ecologia política, uma vez que compreende os conflitos em torno do uso da água, do acesso às florestas, do respeito das cargas de contaminação e do comércio ecológico desigual como constituintes do cerne da corrente – mesmo que, em muitos contextos, os atores não utilizem um discurso ambientalista para a revogação de tais conflitos.

Com base na classificação do ambientalismo proposta por Joan Martínez Alier (2007), Lozano (2009) entende, a partir de análise realizada em uma ecovila, que esta se aproxima mais das correntes do culto à vida silvestre e do credo da ecoeficiência. Para Lozano, o motivo pelo qual a ecovila estudada corresponde a essas duas correntes é a preocupação espiritual e a valorização da paisagem natural associadas ao desenvolvimento de tecnologias sofisticadas, sem praticar um elevado padrão de consumo, ou seja, sem haver um consumo além do necessário. Porém, o ecologismo dos pobres, segundo Lozano, estaria associado mais às comunidades do MST, uma vez que elas não se apoiam nos mesmos valores éticos e estéticos da ecovila estudada, mas na demanda por justiça social em relação à distribuição dos danos ambientais e ao acesso aos recursos ambientais que garantam a subsistência e a cultura das populações.

A essas correntes ambientalistas ou ecológicas, poderíamos acrescentar a permacultura, como uma iniciativa que busca o planejamento de assentamentos humanos sustentáveis – seja em ambientes urbanos ou rurais –, com vistas a apontar a necessidade de uma corresponsabilidade na produção e reprodução das necessidades básicas, possibilitando maior conforto e praticidade com um impacto mínimo no meio ambiente (JACINTHO, 2007; FERREIRA NETO, 2018). Além disso, a permacultura parece agregar diversas preocupações socioambientais apresentadas nas demais correntes, pois viabiliza pensarmos uma sustentabilidade ambiental sem desconsiderar as questões sociais e econômicas. Ela apresenta uma preocupação com a preservação da natureza, sem se pronunciar sobre a indústria ou a urbanização, e uma preocupação com o manejo sustentável dos recursos naturais e o controle da contaminação, não se restringindo aos contextos industriais. Também é possível visualizar uma preocupação com as demandas de justiça social, a distribuição dos danos ambientais e o acesso aos recursos ambientais.

Ignacy Sachs propõe uma abordagem de desenvolvimento que busca integrar o crescimento econômico com a preservação do meio ambiente e a melhoria das condições de vida das comunidades locais, ou seja, um “ecodesenvolvimento”. O ecodesenvolvimento reconhece que o desenvolvimento econômico não deve ocorrer à custa da degradação ambiental ou da exploração social. Diante disso, poderíamos compreender que o autor, em alguma medida, tenta conciliar algumas das perspectivas do ambientalismo de Alier, como o “credo da ecoeficiência” e o “ecologismo dos pobres”, uma vez que enfatiza a importância de uma abordagem equilibrada que envolva tanto o setor privado quanto às políticas públicas, adaptadas ao contexto local. Portanto, esse diálogo entre diferentes abordagens teóricas contribui para uma compreensão mais abrangente das questões ambientais e econômicas.

Ao longo dos anos, o termo “sustentabilidade” vem sofrendo várias interpretações e tendo distintos usos, principalmente em associação ao termo “desenvolvimento”. Mas afinal, o que é sustentabilidade? No final dos anos 1970, o termo foi usado por algumas comunidades científicas como mero jargão técnico para designar a possibilidade de um ecossistema não perder sua resiliência, mesmo que estivesse sujeito à agressão humana recorrente. Hoje, há um uso indiscriminado do termo, que reflete vagas pretensões de continuidade, durabilidade ou perenidade remetidas ao futuro. Ainda que várias áreas do conhecimento tenham incorporado a noção de sustentabilidade, é preciso refletir a partir de sua origem, a qual está em duas disciplinas consideradas científicas: Biologia e Economia (VEIGA, 2010).

Na Biologia, por meio da Ecologia, o termo sustentabilidade se refere à capacidade de resiliência dos ecossistemas, ou seja, capacidade de recuperação e de reprodução frente às

agressões sofridas. Tais agressões podem ser o uso excessivo dos recursos naturais, o desflorestamento, entre outras, e podem ser causadas pelo homem (antropogênicas) ou por fatores naturais, como terremoto, tsunamis, etc. Na Economia, muitas vezes associada ao desenvolvimento, a noção de sustentabilidade surge com a percepção crescente, ao longo do século XX, de que o padrão de produção e consumo em expansão no mundo não tem condições de se manter. Assim, a sustentabilidade surge da percepção da finitude dos recursos naturais e seu gradativo esgotamento (NASCIMENTO, 2012).

Segundo Boff (2016), a sustentabilidade significa o conjunto de processos e ações que se destinam a manter a vitalidade da “Mãe Terra”, a preservação dos ecossistemas, englobando todos os elementos físicos, químicos e ecológicos que possibilitam a existência e a reprodução da vida. Assim, a sustentabilidade é capaz de atender às necessidades das gerações presentes e futuras, além de continuar, expandir e realizar as potencialidades para as várias expressões do progresso da humanidade. Já em termos ecológicos, podemos entender a sustentabilidade, segundo Boff (2016), como tudo o que a Terra faz para que o ecossistema não entre em colapso, isto é, as condições para que a Terra e os biomas consigam conservar a si mesmos como são e tenham condições para prosperarem, fortalecerem e co-evoluírem.

Sustentabilidade, portanto, envolve todos os procedimentos que adotamos para manter a Terra e seus biomas “vivos, protegidos, alimentados de nutrientes a ponto de estarem sempre bem conservados” (BOFF, 2016, p. 34) e preparados para as adversidades que possam enfrentar. Como o autor sugere, é necessário criar possibilidades de sustentabilidade, “como plantar árvores na encosta da montanha, que servem de escora contra a erosão e os deslizamentos” (idem) ou evitar o assoreamento dos rios quando se preserva os biomas costeiros ou se planta árvores na encosta do rio.

Além do mais, como o termo “desenvolvimento” está implicado nessa lógica sustentável? Primeiro, é preciso ponderar que muitos autores consideram que as palavras “desenvolvimento” e “sustentabilidade” são antagônicas e, por isso, impossíveis de estarem juntas, como no caso de “desenvolvimento sustentável” (IAQUINTO, 2018). Mas antes de entrarmos no que é desenvolvimento sustentável, tentaremos explicar o que é compreendido por desenvolvimento.

Assim como endossa Boff (2016), “desenvolvimento” e “sustentabilidade” são contraditórios e se contrapõem, pois obedecem a lógicas diferentes. Para ele, como para outros autores, a exemplo de Iaquinto (2018), o desenvolvimento é um termo que vem do campo da Economia Política Industrialista/Capitalista, é linear, deve ser crescente, gera a exploração da natureza e profundas desigualdades, além de acumulação individual (BOFF, 2016). Por sua

vez, o termo sustentabilidade, como já dito antes, vem da Biologia e da Economia, tendo por lógica a circularidade e a inclusão; portanto, “representa a tendência dos ecossistemas ao equilíbrio dinâmico, à cooperação e à coevolução” (BOFF, 2016, p. 48).

Dessa forma, fica claro que, para Boff (2016), “sustentabilidade” e “desenvolvimento” configuram uma contradição nos próprios termos. Enquanto a sustentabilidade visa ao coletivo, à cooperação e a coevolução de uma inter-relação entre todos, o desenvolvimento privilegia o indivíduo, a competição e a evolução do mais apto, ou seja, suas lógicas não convergem (BOFF, 2016).

No entanto, alguns autores acreditam que é possível “desenvolvimento” e “sustentabilidade” estarem associados de forma mais harmônica. Amartya Sen (2010), por exemplo, entende o desenvolvimento como o processo de expansão das liberdades humanas. Pois, o desenvolvimento consiste na renovação de vários tipos de restrições de escolhas e oportunidades sociais, políticas e econômicas. Por exemplo, a liberdade econômica e política se reforçam, enquanto que as oportunidades sociais de educação e saúde complementam as oportunidades individuais de participação econômica e política e, nesse sentido, incentivam as iniciativas de superação de privações. Isto é, o ponto chave aqui é a identificação da liberdade como objetivo principal do desenvolvimento. Nesse sentido, o desenvolvimento pode ser considerado um processo de alargamento das liberdades reais das quais podemos usufruir. No entanto, a temática das liberdades humanas contrasta com perspectivas mais restritas de desenvolvimento, que o identificam com o crescimento do produto nacional bruto, com o aumento das receitas pessoais, com a industrialização, com o progresso tecnológico, ou com a modernização social. Porém, ao se considerar o desenvolvimento como expansão das liberdades substantivas, com base em SEN (2010), orienta-se a ação para os fins que tornam o desenvolvimento algo importante no tocante às interações das liberdades instrumentais, tais como: oportunidades econômicas; liberdades políticas; serviços sociais; garantias de transparência; segurança (SEN, 2010).

No entanto, há outras possibilidades de desenvolvimento sendo pensadas e praticadas, sendo que teoricamente teríamos: Bem Viver (proposta andina); Pós-desenvolvimento (Escobar; Leff); A proposta de decrescimento, o desenvolvimento regenerativo e economia de Francisco. Embora reconheçamos a existência destas possibilidades, não aprofundamos, nesta tese, a discussão sobre elas.

O pós-desenvolvimento de Leff (2000; 2006), por exemplo, é uma abordagem crítica em relação ao desenvolvimento convencional e tem uma visão mais holística e integrada do desenvolvimento, levando em consideração, não apenas fatores econômicos, mas também

aspectos sociais, culturais e ambientais. Leff destaca a importância de uma abordagem interdisciplinar e da pluralidade de saberes, enfatizando a necessidade de superar as limitações das abordagens unidimensionais de desenvolvimento.

Dessa forma, a sustentabilidade, no desenvolvimento, deve ser prioridade, “em que a busca de bem-estar, de democracia e de paz precisam ser combinadas, em última instância, com a necessidade de conservação de suas próprias bases materiais” (VEIGA, 2010, p. 38). Contudo, o substantivo “desenvolvimento” só passou a ser atrelado ao adjetivo sustentável com o intuito de tornar aceitáveis as principais aspirações da espécie humana, estando associado à necessidade de conservação dos ecossistemas, pois, caso contrário, não seria possível viabilizar a existência da própria espécie.

Mas será que desenvolvimento e sustentabilidade não podem comungar, em suas contradições, um mesmo interesse? Em que medida podemos pensar um desenvolvimento sustentável que não vise apenas a um crescimento econômico em detrimento da preservação dos ecossistemas? Antes de qualquer resposta, é preciso compreender o surgimento das discussões sobre o desenvolvimento sustentável.

Devido às consequências ambientais do desenvolvimento econômico, os movimentos estudantis hippies da década de 1960 passam a se preocupar com o meio ambiente. Assim, começam os primeiros questionamentos, junto com o ecologismo, sobre os impactos da economia na humanidade. Portanto, as discussões sobre desenvolvimento sustentável surgem no final da década de 1960 e meados da década de 1970 no Clube de Roma, a partir de uma necessidade de se voltar às questões ecológicas no mundo e aos limites do crescimento.

A Organização das Nações Unidas (ONU), então, passou a se ocupar do tema em virtude de estudos que apontavam a ocorrência de profundas mudanças climáticas. No Clube de Roma, foi produzido um relatório com base nos primeiros estudos científicos a respeito da preservação ambiental, tendo sido identificados quatro problemas centrais a respeito da manutenção da sustentabilidade: “o controle do crescimento populacional; o controle do crescimento industrial; a insuficiência de produção de alimentos; e o esgotamento dos recursos naturais” (MACHADO; SANTOS; SOUZA, 2006, p. 124). Diante da crise ambiental e da preocupação com a sobrevivência humana, chegou-se à conclusão de que é necessário conciliar desenvolvimento econômico com respeito ao meio ambiente (MACHADO; SANTOS; SOUZA, 2006). Assim, em 1972, foi realizada, em Estocolmo, a Primeira Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente, tendo como principal resultado a decisão de criar o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) (BOFF, 2016).

Já em 1984, foi realizada outra conferência, a qual deu origem à Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, com o seguinte lema: “Uma agenda global para a mudança”. Essa conferência teve significativa importância, pois seu resultado gerou, em 1987, o Relatório *Brundland*⁵ sob o título “Nosso futuro comum” (BOFF, 2016, p. 36). Segundo o Relatório *Brundland*, o desenvolvimento sustentável deve ter uma intensa preocupação com “os limites do impacto da atividade econômica no meio ambiente, relacionando esse desenvolvimento também com a qualidade de vida e bem-estar” (MACHADO; SANTOS; SOUZA, 2006, p. 125), tanto da sociedade presente quanto da futura. No Relatório *Brundland*, aparece a seguinte definição para “desenvolvimento sustentável”: deve ser “aquele que atende às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem às suas necessidades e aspirações” (BOFF, 2016, p. 36). Dessa forma, a ideia de desenvolvimento sustentável está compreendida na tríade atividade econômica, meio ambiente e bem-estar da sociedade (MACHADO; SANTOS; SOUZA, 2006).

Em consequência desse relatório, foi convocada no Rio de Janeiro, em 1992, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como Cúpula da Terra, dando origem à Agenda 21: Programa de Ação Global. Assim, “desenvolvimento sustentável” passa a constituir o eixo das discussões. Nessa Carta do Rio, ficou confirmado que todos, tanto Estados como indivíduos, devem,

[...] como requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável, cooperar na tarefa essencial de erradicar a pobreza, de forma a reduzir as disparidades nos padrões de vida e melhor atender às necessidades da maioria da população do mundo (BOFF, 2016, p. 37).

Além disso, foi estabelecido um critério ético-político de que os Estados precisam “cooperar, em um espírito de parceria global, para a conservação, proteção e restauração da saúde e da integridade dos ecossistemas terrestres” (BOFF, 2016, p. 37). Os Estados têm responsabilidades comuns e, ao mesmo tempo, diferenciadas, atendendo às suas municipalidades.

Diante de todas essas conferências realizadas pela ONU, é possível perceber um crescimento de consciência na humanidade a respeito da questão ambiental, ainda que haja aqueles – sejam empresas ou até mesmo cientistas – que são céticos a essas questões. Porém, os eventos extremos que têm ocorrido nos últimos tempos e em escala global, como a questão das mudanças climáticas da Terra, são impossíveis de passarem despercebidos e não serem levados a sério, até mesmo pelos céticos (BOFF, 2016).

⁵ Relatório que leva o nome da primeira-ministra norueguesa: Gro Harlem Brundland

Por fim, o “desenvolvimento sustentável” é proposto como um ideal a ser atingido ou então como característica de um processo de produção ou de um produto feito pretensamente dentro de critérios de sustentabilidade – o que, na maioria dos casos, não corresponde à verdade. Geralmente, entende-se a sustentabilidade de uma empresa verificando se ela consegue se manter (e ainda crescer) sem analisar os custos sociais e ambientais que pode causar. Com isso, a expressão “desenvolvimento sustentável” começou a ser usada em todos os documentos oficiais dos governos, na diplomacia, nos projetos de empresas, no discurso ambientalista convencional e nos meios de comunicação. Hoje, o conceito é tão usado que se transformou em um modismo, sem que seu conteúdo seja esclarecido ou criticamente definido (BOFF, 2016).

Enrique Leff, teórico do campo da ecologia política e do desenvolvimento sustentável, apresenta uma visão crítica e abrangente do conceito de Desenvolvimento Sustentável, destacando a importância da noção de Racionalidade Ambiental. Sua abordagem propõe uma transformação fundamental nos paradigmas predominantes do desenvolvimento, considerando a natureza como um sistema complexo interconectado à sociedade e à cultura. Isto é, o desenvolvimento sustentável deve ir além de uma visão estritamente econômica e instrumental da natureza, reconhecendo sua intrínseca unidade com a sociedade.

A Racionalidade Ambiental, conforme proposta por Leff, envolve uma redefinição da racionalidade convencional, que considera a natureza apenas como um objeto a ser explorado. Leff enfatiza a necessidade de uma mudança de paradigma, superando a concepção fragmentada do mundo e adotando uma perspectiva mais integrada e holística. Portanto, a Racionalidade Ambiental desempenha um papel central em sua visão, representando uma nova forma de compreender e abordar a relação entre seres humanos e meio ambiente.

Segundo Leff (2006), "A Racionalidade Ambiental supõe um salto conceitual que implica mudar de uma concepção reducionista e fragmentada para uma compreensão mais integral da natureza, da sociedade e da cultura". Essa nova abordagem requer a integração de diferentes saberes e disciplinas, valorizando tanto o conhecimento científico quanto os saberes tradicionais das comunidades locais. A Racionalidade Ambiental busca transcender as fronteiras disciplinares, fomentando diálogos interculturais e transdisciplinares para promover a compreensão e ação conjunta em relação aos desafios socioambientais.

A Racionalidade Ambiental está intrinsecamente associada à visão de desenvolvimento sustentável, pois propõe uma abordagem que reconhece a interdependência entre a natureza e a sociedade. Ele destaca que a viabilidade da vida humana depende da preservação da diversidade biológica e cultural, da integridade dos ecossistemas e da equidade social. Nesse

sentido, "a Racionalidade Ambiental propõe que a viabilidade da vida humana depende da preservação da diversidade biológica e cultural, da integridade dos ecossistemas e da equidade social" (Leff, 2000).

Portanto, a Racionalidade Ambiental é essencial para a busca de um desenvolvimento sustentável genuíno. Ela implica em repensar as relações sociedade-natureza, valorizando a diversidade ecológica e cultural, promovendo a integridade dos ecossistemas e buscando equidade social. Essa abordagem holística reconhece a complexidade dos sistemas socioecológicos e a necessidade de uma governança participativa, na qual as comunidades locais e os diferentes atores sociais se envolvam nas decisões que afetam o meio ambiente.

No entanto, fazendo um contraponto entre as perspectivas de Enrique Leff e Ignacy Sachs sobre o desenvolvimento sustentável, percebemos que compartilham algumas preocupações e objetivos, mas também apresentam diferenças significativas em relação aos paradigmas e abordagens adotados. Tanto Leff quanto Sachs reconhecem a necessidade de repensar e transformar as formas dominantes de desenvolvimento, considerando a interdependência entre os sistemas socioeconômicos e ecológicos. Ambos destacam a importância de uma abordagem holística e integrada, que leve em conta as dimensões econômicas, sociais e ambientais do Desenvolvimento Sustentável.

No entanto, as perspectivas de Leff e Sachs diferem em relação a certos aspectos conceituais e estratégias de implementação. Enrique Leff enfatiza a importância da "Racionalidade Ambiental" como um elemento fundamental do desenvolvimento sustentável. Ele critica a visão instrumental da natureza, que a considera apenas como um recurso a ser explorado, e propõe uma compreensão mais integral e complexa das relações entre sociedade, natureza e cultura. Leff destaca a necessidade de uma transformação dos paradigmas predominantes, promovendo diálogos interculturais e a integração de diferentes saberes. Sua abordagem valoriza a diversidade biológica e cultural, a integridade dos ecossistemas e a equidade social como princípios-chave para alcançar um Desenvolvimento Sustentável genuíno.

Por outro lado, Ignacy Sachs propõe a abordagem do "ecodesenvolvimento", que busca integrar as dimensões, tais como econômica, social, política e ambiental de forma equilibrada. Ele enfatiza a importância de um desenvolvimento centrado nas necessidades humanas básicas, com ênfase na redução da pobreza e na promoção da equidade social. Sachs defende uma maior participação dos atores locais e a adoção de políticas públicas voltadas para a sustentabilidade. Sua perspectiva também aborda questões de justiça social, solidariedade global e cooperação internacional para enfrentar os desafios socioambientais.

Embora haja sobreposições em alguns pontos, as perspectivas de Leff e Sachs também apresentam diferenças significativas. Leff enfatiza a transformação dos paradigmas e a importância da diversidade cultural, enquanto Sachs concentra-se mais nas questões socioeconômicas e na busca pela equidade social. Enquanto Leff propõe uma mudança profunda nos paradigmas e valores predominantes, Sachs busca uma abordagem mais pragmática, com ênfase na implementação de políticas públicas e na cooperação internacional.

No entanto, é importante destacar que as perspectivas de Leff e Sachs não são mutuamente excludentes, e é possível encontrar pontos de diálogo e complementaridade entre elas. Ambos compartilham a preocupação com a necessidade de superar as abordagens convencionais de desenvolvimento e buscar alternativas sustentáveis. Suas perspectivas podem ser vistas como contribuições valiosas para o debate em torno do Desenvolvimento Sustentável, fornecendo instrumentos e estratégias para enfrentar os desafios socioambientais contemporâneos.

Diante dessas questões apresentadas e considerando que o desenvolvimento sustentável pode ter várias facetas – dependendo de como se propõe a interpretá-lo e, sobretudo, colocá-lo em prática –, Sachs (2008; 2009) contribui com a discussão desta tese nos apresentando as dimensões do desenvolvimento sustentável, explanando como elas devem ser pensadas em sua sustentabilidade para que haja desenvolvimento na sociedade. Assim, o desenvolvimento exige um equilíbrio e uma sintonia entre as cinco⁶ principais dimensões da sustentabilidade: social, ecológica/ambiental, econômica, cultural e política.

2.2.1 Dimensão social

Para Sachs (2008; 2009), a dimensão social da sustentabilidade é a dimensão primeira, que antecede as demais, pelo fato de ser a própria finalidade do desenvolvimento – sem contar a probabilidade de ocorrer uma crise social antes da catástrofe ambiental. De modo geral, o autor considera que as dimensões cultural, ambiental e territorial/espacial/geográfica (distribuição territorial equilibrada entre assentamentos humanos e atividades) são decorrentes desta. Já a dimensão econômica, o autor considera uma necessidade, mas não condição prévia para as anteriores, uma vez que um transtorno econômico traz consigo um colapso social. Por fim, vem a dimensão política, com o processo de consonância entre o desenvolvimento e a conservação da biodiversidade.

⁶ Há autores que incluem outras dimensões: a espacial/geográfica/territorial (SACHS, 2008;2009) e a espiritual (BOFF, 2016).

A dimensão social tem por objetivo construir uma proteção da diversidade cultural, com a garantia dos exercícios plenos de direitos humanos e o combate à exclusão social. Para isso, é necessário assegurar qualidade de vida por meio da oferta de empregos e igualdade no acesso a recursos e serviços sociais, a fim de que todos os cidadãos tenham o mínimo necessário para uma vida digna e ninguém adquira bens, recursos naturais e energéticos que sejam prejudiciais a outros. Isso só é possível com a garantia de uma maior equidade na distribuição de renda e delimitação dos limites mínimos e máximos de acesso a bens materiais, de modo a melhorar as condições da população e a reduzir as disparidades sociais, a fim de erradicar a pobreza. Além disso, é necessário alcançar um patamar razoável de homogeneidade social (IAQUINTO, 2018; NASCIMENTO, 2012; SACHS, 2008, 2009). Diante disso, essa dimensão se torna fundamental, visto que há uma tendência de suspendê-la em vários setores da sociedade, ameaçando até mesmo o meio ambiente e os mais vulneráveis socialmente. Somente superando essas questões, uma sociedade sustentável atingirá a tão almejada justiça social.

É necessária, entretanto, a possibilidade de construir essa dimensão no cenário de produção e consumo capitalista, que não visa à justiça social, sendo, portanto, um desafio construir uma dimensão socialmente justa. Isso fica evidente ao observarmos os programas deficitários que os governos criam para repasse de verbas à população mais carente (IAQUINTO, 2018).

Isto posto, a dimensão social da sustentabilidade é baseada na ética da solidariedade tanto com a geração atual quanto com a das gerações futuras. É preciso trabalhar com escalas múltiplas de tempo e espaço, fazendo um movimento inverso à economia convencional, pois é lacônica a busca por soluções que eliminem o crescimento selvagem que tem gerado custos negativos nos âmbitos social e ambiental. Não observarmos a potencialidade de um desenvolvimento sustentável que leve em consideração esta dimensão é cairmos ou num crescimento ambientalmente destrutivo, mas socialmente benéfico, ou num crescimento ambientalmente benéfico, mas socialmente destrutivo (SACHS, 2008).

Portanto, uma sociedade sustentável pressupõe que os seus cidadãos tenham o mínimo necessário para uma vida digna, isto é, que todos tenham um nível razoável de homogeneidade social, sem que uns tenham mais bens, recursos naturais e energéticos que outros. Para que haja justiça social, é necessário erradicar a pobreza a partir de distribuição de renda justa, delimitar limites de acesso a bens materiais, promover emprego pleno e/ou autônomo com qualidade de vida decente e fomentar igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais (NASCIMENTO, 2012; SACHS, 2009).

2.2.2 Dimensão ecológica ou ambiental

A dimensão ecológica ou ambiental tem como característica primar por um modelo de produção e consumo compatível com a base material na qual a economia está estruturada. Isso deve se dar junto com uma atenção ao meio natural, isto é, deve-se “produzir e consumir de forma a garantir que os ecossistemas possam manter sua autorreparação ou capacidade de resiliência” (NASCIMENTO, 2012, p. 55).

Em outras palavras, para chegar a essa dimensão do desenvolvimento sustentável, é necessário preservar o potencial do capital natural na produção de recursos renováveis, adotar políticas de conservação de energia e de recursos e limitar o uso dos recursos não renováveis. Ou seja, deve-se reduzir a utilização de combustíveis fósseis e diminuir a emissão de substâncias poluentes, fazendo a substituição dos recursos não renováveis por recursos renováveis. Esse percurso tem a finalidade de aumentar a eficiência dos recursos utilizados, respeitar e dar a devida importância à capacidade dos ecossistemas naturais restaurarem naturalmente suas características ambientais.

Busca-se, portanto, ampliar a capacidade do planeta em utilizar o potencial encontrado nos ecossistemas e manter um nível mínimo de deterioração. Ademais, é preciso estabelecer regras para uma adequada proteção ambiental, assim como uma escolha adequada do conjunto de instrumentos econômicos, legais e administrativos necessários para assegurar o cumprimento de tais regras. Portanto, a principal preocupação desta dimensão se refere aos impactos da atividade humana sobre o meio ambiente (SACHS, 2009; BELLEN, 2002; IAQUINTO, 2018).

Na dimensão ecológica ou ambiental, considera-se, portanto, as interferências da sociedade na construção de um espaço que vise utilizar os recursos naturais na antecipação das formas de ocupação em determinadas áreas suscetíveis a riscos (IAQUINTO, 2018). A dimensão ecológica ou ambiental abarca sistemas de sustentação da vida, de recursos e de local para a acomodação de resíduos (SACHS, 2008).

Na tentativa de ampliar a visão de uma dimensão ambiental, pensando a partir do autor Enrique Leff (2000; 2006), ou como o autor propõe, uma Racionalidade Ambiental, levando em conta união de três aspectos: ecotecnologia, humanista e uma racionalidade social. A perspectiva técnica, a ecotecnologia, está baseada nos ritos e ciclos ecológicos, nesse sentido, poderíamos pensar em uma agroecologia. Já a perspectiva humanista, levaria em conta uma produção destinada à satisfação das necessidades básicas, a qual seria contrária à lógica do mercado. Por fim, a racionalidade social, diferente da mercantil-produtivista, tem como

propósito uma reapropriação social da natureza a partir de formas de democracia participativa direta, ou seja, contrária à tradicional democracia representativa.

Desse modo, ao se propor uma ecologia baseada na perspectiva da Racionalidade Ambiental de Leff, estaríamos propondo uma gestão direta dos recursos naturais baseada em práticas tradicionais resultantes das cosmovisões e culturas que têm um comportamento mais harmônico e sustentável com a natureza.

2.2.3 Dimensão econômica

O desenvolvimento econômico, tanto na forma como foi pensado quanto na forma de implantação, não é capaz de atender às necessidades de todos, pois seus produtos não são acessíveis a todas as pessoas. É preciso desmistificar a máxima de que a industrialização gera riqueza e de que, com ela, todos teríamos dinheiro para comprar comida e tudo aquilo que for necessário (SACHS, 2009). Na verdade, a industrialização tem gerado muitas desigualdades, em que nem todos têm acesso a determinados bens de consumo para atender às suas necessidades básicas.

Diante disso, a fome é sintoma do próprio tipo de desenvolvimento econômico do sistema capitalista e do modelo de civilização em que nos encontramos. Ou seja, os entraves vão além do problema de distribuição, decorrentes da propriedade privada dos meios de produção, como têm apontado os marxistas e socialistas (SACHS, 2009).

Por esse motivo, a dimensão econômica da sustentabilidade está atrelada à ideia de que a miséria e a pobreza são insustentáveis e se tornam problemas ambientais, justificando a necessidade de redistribuição das riquezas (IAQUINTO, 2018). Além disso, supõe aumento da eficiência da produção e do consumo com a economia crescente de recursos naturais, “com destaque para recursos permissivos como as fontes fósseis de energia e os recursos delicados e mal distribuídos, como a água e os minerais” (NASCIMENTO, 2012, p. 55). Esse modo de eficiência econômica é o que alguns autores, como Sachs (2008; 2009), denominam de ecoeficiência: ela compreende uma “contínua inovação tecnológica que nos leve a sair do ciclo fóssil de energia (carvão, petróleo e gás) e a ampliar a desmaterialização da economia” (NASCIMENTO, 2012, p. 55).

Portanto, para que um desenvolvimento econômico sustentável ocorra, ele precisa ser equilibrado entre setores, ter segurança alimentar, ser capaz de implementar uma contínua modernização dos instrumentos de produção, prezar por um razoável nível de autonomia na pesquisa científica e tecnológica e ter inserção soberana na economia internacional. Ou seja, é preciso que haja viabilidade econômica (SACHS, 2008; 2009). Por fim, a dimensão econômica

da sustentabilidade se dá a partir da capacidade de modernização contínua desses instrumentos de produção, além de certa autonomia nas pesquisas científicas e tecnológicas. É a chamada ecoeficiência para uma contínua inovação tecnológica a fim de promover um avanço do desgastado ciclo fóssil de energia (carvão, petróleo e gás). Temos uma dimensão econômica que aparece como uma necessidade, embora não seja condição primeira para as demais. No entanto, um transtorno econômico gera um transtorno social e, conseqüentemente, entraves à sustentabilidade ambiental. Por isso, também é preciso pensarmos em um desenvolvimento econômico intersetorial equilibrado para que haja segurança alimentar e uma economia sustentável (NASCIMENTO, 2012; SACHS, 2009).

2.2.4 Dimensão cultural

Já a dimensão cultural do desenvolvimento sustentável se caracteriza pela busca de autonomia das raízes endógenas dos modelos de modernização (SACHS, 2008; 2009). Também busca um projeto nacional dos sistemas rurais de produção integrados, privilegiando processos de mudança no seio da comunidade cultural, no equilíbrio e no respeito à tradição e à inovação. Isso se dá com base na ideia de codesenvolvimento e na pluralidade de soluções particulares que respeitem as especificidades de cada ecossistema, de cada cultura e de cada local, ou seja, autoconfiança combinada com abertura para o mundo.

Na dimensão cultural, o foco não é o lucro obsessivo e o crescimento material, mas a promoção, a preservação e a divulgação das tradições e dos valores regionais. Esta dimensão não deve ser entendida em separado das demais, mas deve sempre acompanhar as transformações que vêm ocorrendo na sociedade e garantir que toda a população tenha acesso à informação e ao conhecimento para que possa investir na construção, reforma ou restauração de equipamentos culturais. Diante disso, assegurará às demais dimensões um novo paradigma de convivência, que proporcionará um desenvolvimento considerado sustentável (IAQUINTO, 2018).

A partir de uma outra perspectiva, a cultura pode ser entendida hoje como um "recurso que gera e atrai investimentos, cuja distribuição e utilização, seja para o desenvolvimento econômico e turístico, seja para as indústrias culturais ou novas indústrias dependentes da propriedade intelectual, mostra-se como fonte inesgotável". Isto é, a cultura é cada vez mais acionada como uma propulsora do desenvolvimento do capital (YÚDICE, 2004).

A cultura está sendo, cada vez mais, orientada como um recurso para a melhoria sociopolítica e econômica, ou seja, "para aumentar sua participação nessa era do desenvolvimento político" (YÚDICE, 2004, p.25).

A ideia de "cultura como recurso" (YÚDICE, 2004) compreende desde a absorção da ideologia e da sociedade disciplinar pela racionalidade econômica e ecológica, na contemporaneidade. "Inserida no movimento global das indústrias culturais, que discursam pela preservação das tradições como forma de manter a biodiversidade, a cultura conteria e expressaria elementos importantes para os agenciamentos da sociedade civil, visando o desenvolvimento político e econômico" (YÚDICE, 2004).

2.2.5 Dimensão política (nacional e internacional)

A dimensão política da sustentabilidade, seja ela nacional ou internacional, tem como pilares a democracia e a garantia dos direitos humanos de forma universal. Assim, cabe a cada Estado, dentro de suas capacidades de progresso, executar o seu projeto (nacional ou internacional) em cooperação com empreendedores que visem, de forma razoável, à coesão social. Além disso, tem por objetivo mobilizar a população e as empresas nas decisões políticas que envolvam problemas ambientais e territoriais para uma atuação mais consciente na busca por soluções (IAQUINTO, 2018).

Na perspectiva internacional, é preciso zelar pela eficácia do sistema de prevenção de guerras da ONU a fim de garantir a paz e promover a cooperação internacional. Deve-se ter como base a responsabilidade compartilhada entre os países do Norte e do Sul no princípio de igualdade e co-desenvolvimento, ou seja, deve-se cooperar. É necessário haver controle institucional efetivo tanto para o sistema internacional financeiro e de negócios quanto para o princípio de precaução na gestão do meio ambiente e dos recursos naturais. Ainda, é importante que seja traçado um plano de prevenção das mudanças globais negativas, bem como proteção da diversidade biológica e cultural e gestão do patrimônio global, herança comum da humanidade. Por fim, deve haver um sistema de cooperação efetiva à tecnologia e à ciência internacional com o objetivo de banimento parcial do caráter de commodity da ciência e tecnologia, essa também herança comum da humanidade. Portanto, a dimensão política da sustentabilidade tem como principal fundamento a governança democrática para que o desenvolvimento aconteça (SACHS, 2009; 2008).

Na dimensão política, é necessário observar a falta de governabilidade política, aspecto que vai delinear a importância da sustentabilidade política para conduzir a um processo de reconciliação do desenvolvimento com a conservação da biodiversidade. Diante disso, é na democracia e na observância da apropriação universal dos direitos humanos que o Estado desenvolve a capacidade para implementar o projeto nacional em parceria com empreendedores. Além disso, há de se prever um nível razoável de coesão social e um sistema

de prevenção de guerras para que haja, sobretudo, promoção da cooperação internacional e o bem-estar social nacional (SACHS, 2009). Por fim, é por meio de uma governança democrática, com base na liberdade, que se consolidará uma sustentabilidade política (SACHS, 2008).

Além das cinco dimensões citadas, Sachs e Boff também incluem mais duas: a dimensão espacial ou territorial e a dimensão espiritual.

2.2.6 Dimensão espacial ou territorial

A dimensão espacial ou territorial da sustentabilidade tem como base uma configuração rural-urbana mais equilibrada e uma melhor distribuição territorial de assentamentos humanos e atividades econômicas. Além disso, apresenta melhorias no ambiente urbano, como saneamento básico e mobilidade urbana, podendo superar as disparidades inter-regionais e conservar a biodiversidade pelo ecodesenvolvimento, visando a um desenvolvimento sustentável em áreas ecologicamente deficitárias (SACHS, 2008; 2009; IAQUINTO, 2018).

Ademais, para se ter desenvolvimento sustentável, este deve ser adaptado às características específicas de cada região ou território, levando em consideração suas particularidades sociais, econômicas, culturais e ambientais. Portanto, a dimensão territorial ou espacial do desenvolvimento sustentável deve levar em conta o desenvolvimento local, ou seja, deve começar no nível local, considerando as realidades e potenciais de cada território. Sachs (2008; 2009) acredita na importância de políticas e práticas que promovam o desenvolvimento econômico local, o fortalecimento das comunidades e a preservação dos recursos naturais, e o planejamento econômico deve ser realizado com a participação ativa das pessoas que vivem na região.

Além disso, é preciso considerar a diversidade da economia local, ou seja, envolve a promoção da diversificação da economia local, a fim de reduzir a dependência de setores que possam ser prejudiciais ao meio ambiente. Isso pode incluir o estímulo à agricultura sustentável, ao turismo responsável e à criação de pequenas e médias empresas. Também a proteção ao meio ambiente local, como uma das preocupações da dimensão territorial, implica na implementação de políticas de preservação e restauração de ecossistemas, bem como na promoção de práticas agrícolas e industriais mais sustentáveis.

A justiça social aparece nesta dimensão do desenvolvimento sustentável, como políticas que devem ser desenhadas de forma a reduzir as desigualdades dentro de cada território, garantindo que os benefícios do desenvolvimento sejam distribuídos de maneira equitativa. Por

fim, busca-se certa cooperação internacional, embora se enfatize a importância do desenvolvimento local, Sachs (2008; 2009) também reconhece a necessidade de cooperação internacional para abordar desafios globais, como as mudanças climáticas e a proteção da biodiversidade. Ele argumenta que os acordos internacionais devem ser complementados por ações locais concretas.

Portanto, para que a dimensão territorial ou espacial do desenvolvimento sustentável seja fundamental, é necessário que seja economicamente viável, socialmente justo e ecologicamente sustentável, adaptado às características e necessidades de cada região ou território.

2.2.7 Dimensão espiritual

O teólogo e filósofo Leonardo Boff propõe a integração da dimensão espiritual no debate da sustentabilidade. Ele compreende essa dimensão como uma cosmologia que integra um “conjunto articulado de visões da realidade, de valores, de tradições, de hábitos consagrados, de ideias, de sonhos, de modos de produção e consumo, de saberes, de ciências, de expressões culturais e estéticas e de caminhos ético-espirituais” (BOFF, 2016, p. 84-85), a partir de uma visão sistêmica, englobando o universo, a Terra, a vida e o ser humano. Portanto, considera “a espiritualidade como um dado da realidade humana e não apenas expressão de uma religião” (BOFF, 2016, p. 86).

Boff acredita que a sustentabilidade permite a incorporação dos capitais humano e espiritual, os quais têm por efeito a produção de respeito e “sentido de sacralidade diante de todas as realidades” (BOFF, 2016, p. 124). O autor considera necessário haver uma dimensão que dê conta da espiritualidade, levando em conta que os seres humanos estão “cansados de consumir, de ser ocupados e preocupados, e querem respirar um sentido para além da lógica utilitária” (BOFF, 2003, p. 12).

Delimitamos para análise nesta pesquisa as dimensões social, econômica, política, cultural e ambiental, principalmente.

2.3 SUSTENTABILIDADE NO MOVIMENTO DOS INSTITUTOS

Ao pesquisarmos, neste trabalho, os institutos de permacultura em vez das ecovilas, consideramos mais adequado ponderarmos nosso olhar sobre as práticas desses atores sociais pelo viés das dimensões da sustentabilidade propostas por Sachs (2008; 2009). Isso porque entendemos que elas têm um espectro mais amplo e convergente com um entendimento global

da sociedade, não sendo restrito apenas à observância de práticas locais. Sendo assim, as dimensões apresentadas são perfeitamente aplicáveis e observáveis nas práticas dos institutos de permacultura estudados neste trabalho. No entanto, não excluimos que os indicadores das ecovilas estejam presentes na sustentabilidade interna dos institutos, mas nos propomos a olhar as práticas que envolvem a sociedade, e não apenas o grupo. Além disso, acrescentamos a dimensão comunicacional por acreditarmos que é por meio dela, conjuntamente com as demais, que podemos pensar em uma comunicação em rede que possa promover desenvolvimento e mudança socioambiental na sociedade.

Além disso, é importante deixarmos claro que a discussão do desenvolvimento sustentável é crucial neste trabalho, porque entendemos que as práticas de sustentabilidade deveriam ser parte de um plano de desenvolvimento sustentável a cargo do Estado. No entanto, o que ocorre é que os institutos planejam e executam práticas sustentáveis que não são devidamente valorizadas na sociedade brasileira, em que poucos recursos são destinados a esses sujeitos.

Por fim, respondendo às questões levantadas anteriormente - poderíamos falar então de um desenvolvimento sustentável apesar de todas as contradições existentes entre os termos. Com base em Sachs (2013 apud BRESSER-PEREIRA), o crescimento continuará necessário, enquanto se tratar de dar condições razoáveis de vida para todos: “nós não temos o direito de nos paralisar enquanto não houverem alcançado um nível decente de consumo material” (BRESSER-PEREIRA, 2013, p.365). Isso não significa que é preciso explorar os recursos naturais, tanto por aqueles que são neoliberais quanto os que são ambientalistas defensores do crescimento zero.

Os 'zeristas' (partidários da taxa de crescimento zero) ficaram presos a uma falsa alternativa. Além disso, confundiram dois problemas muito diferentes: a taxa de crescimento (a taxa zero não tendo por si só nenhuma virtude estabilizadora) e a taxa de exploração da natureza. Mais recentemente, ele critica a ideia que hoje se expande na Europa do “decrecimento” — uma retomada das ideias de crescimento zero do início dos anos 1970 — que agora ao invés de acentuar o esgotamento dos recursos naturais, reflete o pessimismo dos europeus em relação ao futuro (BRESSER-PEREIRA, 2013, p.365).

Outra questão importante a esclarecer é que entendemos que a solução não esteja nem no capitalismo nem no socialismo. Para Frazer e Jaeggi (2020), se poderia pensar em um socialismo que organize a esfera do mercado de acordo com os princípios da justiça social, que se "utilizaria os mercados de modo distributivo, a fim de administrar os bens de consumo enquanto usa mecanismos não mercadológicos", isto é, com "propósitos alocativos, como

alocação de crédito, bens de capital, 'matéria-prima' e excedente social" (FRAZER; JAEGGI, 2020, p.42-43). Ainda segundo eles, por mais que o "capitalismo também se vale dos mercados de forma distributiva, sua distinção real, entretanto, é o fato de que utiliza os mercados de maneira alocativa, para direcionar o uso que a sociedade faz de sua riqueza acumulada e de suas energias coletivas" (FRAZER; JAEGGI, 2020, p.42-43).

Ainda assim, pensamos que, por mais que haja insustentabilidade no capitalismo, não experimentamos outras formas de sistema. Os modelos sugeridos, como decrescimento (Arturo Escobar, 2016), ecodesenvolvimento (Ignacy Sachs, 2008; 2009), socialismo de mercado (Nancy Frazer, 2020), ecossocialismo (Michel Löwy, 2004), entre outros, são utopias até então não postas em práticas. Por isso, se prefere, muitas vezes, apostar em críticas ao capitalismo, para que ele possa, dentro das suas limitações, prever uma certa sustentabilidade ambiental, ou seja, dentro dos limites que esse modo de produção permite. Sabemos que o sistema, para se reproduzir, necessita incorporar certas demandas de grupos sociais divergentes; o mesmo acontece com as questões da sustentabilidade ambiental (BRESSER-PEREIRA, 2013; FRAZER; JAEGGI, 2020).

3 COMUNICAÇÃO EM REDE PARA A MUDANÇA AMBIENTAL

Neste capítulo, abordamos o estudo da comunicação em rede a partir dos usos e apropriações da internet por parte dos atores sociais dos institutos de permacultura. Propomos pensar sobre a comunicação em redes – online ou offline – que se constituem para a construção de narrativas - representações - sobre a sustentabilidade. Nesse sentido, também procuramos discorrer sobre qual comunicação está sendo pretendida para uma mudança ambiental. Para chegar a esse entendimento, discutimos os conceitos de comunicação para o desenvolvimento e mudança social.

É importante destacarmos e reconhecermos que os meios de comunicação e a internet são também meios de produção, assim como a internet é um meio de trabalho para os institutos. Por mais simples que sejam as formas de linguagem, até nas formas mais avançadas da tecnologia de comunicação, esses meios são sempre social e materialmente produzidos e reproduzidos. Isto é, para além de formatos, também são meios de produção, pois a comunicação e seus meios materiais são essenciais para todas as formas humanas de trabalho e organização social. Isso porque estão presentes no nosso cotidiano de diferentes maneiras, “constituindo-se em elementos indispensáveis tanto para as forças produtivas quanto para as relações sociais de produção” (WILLIAMS, 2011, p. 69).

A comunicação não é secundária às forças e às relações de produção, pois as relações sociais entre as pessoas são mais bem compreendidas a partir das instituições de comunicação. Além disso, é por meio dos sistemas de comunicação que a sociedade se forma e é interpretada. Portanto, observar a comunicação pelo viés materialista permite “sublinhar que a produção das relações sociais pela comunicação é uma característica fundamental da sociedade” (FUCHS, 2017, p.4-5, tradução nossa). A partir disso, precisamos olhar para as condições de produção da internet e da mídia digital como um processo materialista da cultura.

Portanto, a lógica instrumental da sociedade e da internet, que se manifesta como exploração do trabalho digital, dominação online e ideologias da e na internet, nunca é perfeita, mas sempre sujeita ao ataque das lutas sociais. Essas lutas não são uma reação automática à dominação, mas são sempre uma possibilidade. Com isso, surge a necessidade de se pensar em comunicações alternativas. Até mesmo na internet como um sistema dominante, podemos encontrar alternativas ou brechas, como uma internet baseada em bens comuns e outra de serviço público – essas são alternativas viáveis, mas ao mesmo tempo marginais. Além disso, é preciso ação política para uma sociedade alternativa e comunicações alternativas na era da mídia digital (FUCHS, 2017).

3.1 USOS E APROPRIAÇÕES DA INTERNET

Embora a forma de organização em redes tenha existido em outros tempos, a tecnologia da informação fornece a base material para sua penetração em toda a estrutura social. Castells (2018) afirma que essa lógica de redes gera uma determinação social em nível mais alto que a determinação dos interesses sociais específicos expressos por meio das redes: “o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder”, ou seja, os fluxos constroem redes de poder. A presença da rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade. Portanto, temos uma sociedade que, apropriadamente, podemos chamar de sociedade em rede, caracterizada pela prevalência da morfologia social sobre a ação social. Diante disso, há o surgimento de uma cultura da virtualidade real devido às constantes transformações tecnológicas que integram imagem, texto e som em um mesmo sistema, responsável por também moldar nossa linguagem e cultura.

Antes, a televisão trouxe uma nova forma de comunicar com o mundo e olhar para ele, que vai desde como nos relacionamos, passando pela organização da casa e nossas conversas. Hoje, as transformações tecnológicas fazem com que os meios de comunicação comecem a se adaptar a uma nova configuração. O fato é que há uma alteração no meio comunicacional e na forma de conceber a audiência, a qual não é entendida como passiva, mas como um sujeito interativo. Isto é, essa nova configuração possibilitou uma transformação midiática da comunicação de massa a uma segmentação ou, como denomina Castells (2013), autocomunicação de massa, com o advento da internet. A autocomunicação de massa, que são essas novas formas de comunicação em rede, possibilita certa autonomia dos sujeitos em relação às empresas de comunicação, na medida em que esses sujeitos se convertem em emissores e receptores de mensagens (CASTELLS, 2013, p.30-31). Isto é, aumentam as oportunidades de mudança social sem que haja uma definição exata do conteúdo e do objeto dessa mudança (CASTELLS, 2013, p.35-36). No entanto, uma das possíveis definições seria a mudança dessa narrativa da sustentabilidade para um direcionamento mais politizado.

Cardoso (2007) trata a internet como uma tecnologia que, pela primeira vez, apresenta o mesmo padrão para as comunicações interpessoais e de massa, duas dimensões presentes simultaneamente, fazendo com que assumam um papel central no sistema da mídia (CARDOSO, 2007 apud COGO; BRIGNOL, 2010, p. 86).

Assim, houve uma transição do modelo de comunicação em massa para um modelo de comunicação em rede. Entretanto, “mais importante do que a mudança tecnológica, para a alteração no sistema de mídia, tem sido a forma como os utilizadores de mídia, nos seus

processos de mediação privados, públicos ou de trabalho, moldam as suas dietas e matrizes de mídia” (CARDOSO, 2014, p. 1).

Por volta de 1970, antes da difusão da internet no mundo, já começaram a surgir as redes de maior alcance, e em 1990, desenvolveu-se a internet, tornando-se este o meio interativo universal mediado por computador na era da informação. No entanto, desde o seu surgimento, a internet ainda apresenta muitas desigualdades sociais em relação ao seu acesso; nem todos os sujeitos, dependendo dos espaços que ocupam, de seus territórios geográficos e de sua classe social, terão o mesmo acesso. Para Morley (2008), os padrões de tecnologia se intensificam com as novas tecnologias de comunicação e informação, havendo, portanto, um aumento da exclusão de quem já está marginalizado, evidenciando as desigualdades.

Com tudo isso, ainda assim, é preciso olhar para as possibilidades que a internet nos oferece, como novas formas de interação, novas redes sociais e um outro entendimento sobre comunidade. Diante disso, a internet pode modificar de tal forma os processos comunicacionais que é capaz de enfraquecer o poder simbólico tradicional presente na sociedade e reorganizar a forma como vivenciamos fluxos de tempo e espaço, em que a flexibilidade do agora é essencial para a nova cultura da virtualidade real.

Em se tratando desta pesquisa, entende-se os sujeitos na internet como sendo sempre audiências ou receptores, para além de "comunicantes" (OROZCO, 2010; 2011). Orozco (2010; 2011; FRANCO, 2013) compreende as audiências como sendo múltiplas na contemporaneidade, pois experimentam novas maneiras de estarem conectadas e ensaiam outras formas de ser audiências. Especialmente a partir da mudança no papel ou status das audiências, que se manifestam nessa transição de audiências-receptoras a audiências-usuários, "prossumidores". Sendo assim, os modos de ser audiência não se esgotam ou se extinguem com as novas tecnologias, nem com outras formas de estar conectados com os dispositivos tecnológicos; pelo contrário, coexistem. Isto significa que as audiências-comunicantes transcendem a mera interação simbólica entre as telas. O que há na verdade é um consumo amplificado, descentralizado e diferido, e também sob o controle dos mesmos consumidores, que podem controlar e personificar o quê e o tempo em que usam determinadas tecnologias.

Diante de um pensamento determinista da tecnologia, que considera que a humanidade tem progredido inevitavelmente por meio do avanço científico, pode parecer estranho quando nos deparamos com o início do século XXI, marcado pelos desastres ecológicos provocados pelo ser humano e pelas desigualdades sociais. Isso fica evidente com a necessidade de retorno a um tempo presente, de desaceleração e ocupação dos espaços de forma ambientalmente mais

sustentável, como é visto e proposto por algumas comunidades, incluindo as comunidades intencionais - ecovilas - e os institutos de permacultura.

Nessa visão tecnologicamente determinista, é dado como certo que a aplicação prática do conhecimento científico produzirá inevitavelmente uma convergência nas formas de vida social e nos valores em torno de uma solução racional para o triunfo mundial inevitável do capitalismo de livre mercado (MORLEY, 2008). No entanto, o que tem mudado nessa fé é o nome da divindade: agora, ela passou a se chamar tecnológica. Isto é, se Comte e Saint-Simon adoravam os poderes transformadores dos novos sistemas de comunicação de seu tempo, fossem eles canais ou ferrovias, ou se os capitalistas americanos do século XX e os comunistas soviéticos adoravam os benefícios da eletricidade, hoje em dia, a internet é consagrada como a principal fonte de bem e progresso social (MORLEY, 2008).

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) – sejam elas compreendidas como mídia tradicional (jornais e revistas impressas, rádio, televisão, entre outros meios) ou como nova mídia (telefone celular, computador, tablets e a própria internet) – tornaram-se tão presentes na vida social contemporânea que uma investigação proposta por Escosteguy et al. (2019) aponta duas visões sobre sua vinculação com a sociedade. Uma se refere ao determinismo tecnológico, sobre o qual viemos enfaticamente falando até o momento. Escosteguy (2019, p. 16) considera a tecnologia como elemento central e determinante de mudanças sociais e culturais, que determina, segundo Quiroz e Vélez (2014, p. 130), "os aspectos sociais e contribui para o progresso da humanidade". A outra visão se baseia na ideia de reciprocidade nas relações entre tecnologia e sociedade. Compreende que os elementos sociais e culturais dos processos de desenvolvimento tecnológico e os dispositivos culturais são enraizados na sua produção e consumo. Além disso, essa visão procura identificar "os mecanismos pelos quais a tecnologia configura uma cultura e formas de proceder e atuar socialmente" (QUIROZ; VÉLEZ, 2014, p. 130). É nessa última perspectiva que nos encontramos: no viés "construtivista" das relações entre tecnologia, cultura e sociedade. Em nosso entendimento do campo da comunicação, as tecnologias se relacionam com os atores sociais e, ao mesmo tempo em que os impactam, são impactadas por essa conjunção.

Refletindo sobre a mídia e as comunicações, nota-se que tecnologias como a televisão e o computador não são apenas objetos técnicos, mas também objetos simbólicos ou totêmicos para seus usuários. Eric Hirsch (1992, apud MORLEY, 2008) observa que nossos usos contemporâneos de tecnologias de comunicação são frequentemente permeados por práticas rituais e simbólicas. Portanto, não podemos mais entender o funcionamento da sociedade

capitalista moderna sem compreender o poder e a potência das crenças, uma vez que as sociedades modernas são governadas não apenas pela ciência, mas também pelas crenças.

Com tudo isso, é preciso atentarmos para as alterações, tanto científicas quanto políticas, que a tecnologia proporcionou nas sociedades. Ela mudou o fluxo do tempo e do espaço, tornou a sociedade conectada a partir da internet, de modo que somos uma sociedade em rede, formando uma grande rede global, com dinamismo econômico, tecnológico e social, além de inovações políticas e culturais. Somos sujeitos ativos no consumo e nos usos de TICs, compostos por práticas rituais e simbólicas, seja da televisão ou do computador.

No entanto, não podemos nos ater ao determinismo tecnológico sem contextualizar e entender que há outras possibilidades, outros ritmos e outros espaços de vivências em sociedades ou comunidades que não negam a tecnologia, mas se apropriam dela de forma não central em suas vidas. Assim, muda-se o entendimento do tempo e do espaço, mesmo em sociedades globais em rede, a partir de exemplos das comunidades alternativas e intencionais - ecovilas - ou até mesmo dos institutos permaculturais.

A partir desse entendimento, no âmbito da pesquisa empírica, privilegamos a compreensão dos usos e apropriações da internet. Buscamos investigar como os atores sociais dos institutos de permacultura utilizam certas TICs para comunicarem à sociedade suas ações socioambientais e suas práticas de sustentabilidade ambiental. Compreendemos que as práticas relacionadas a esses usos estão constituídas por estruturas sociais e estabelecem relações com formações sociais mais amplas, razão pela qual é importante pensarmos na relação entre tecnologia, cultura e sociedade.

Salientamos que a abordagem adotada nesta pesquisa – de uma comunicação para a mudança ambiental – nos permite apreender a apropriação e incorporação das tecnologias de comunicação na vida desses atores sociais a partir de distintos contextos e condições socioculturais. Com tudo isso, é importante entendermos que

o fato de uma tecnologia ser mundialmente difundida não significa que ela seja apropriada e incorporada da mesma forma pelos indivíduos e grupos sociais em contextos diferenciados. Embora os processos de comunicação contemporâneos, mediados tecnologicamente, simbolizem uma mudança cultural global no modo de vida dos indivíduos, essa mudança está associada muitas vezes a um aparato tecnológico, também, difundido em nível global. Assim, nota-se, conjuntamente com esses aparatos, usos distintos, diferentes apropriações, interações e acessibilidades. Portanto, há uma condição temporal e espacial que deve ser levada em conta no estudo social da tecnologia (ESCOSTEGUY, 2019, p.18).

Diante da condição temporal e espacial, percebe-se que a evolução tecnológica não determina o ritmo das funções culturais e sociais dos sujeitos, pois a criação de uma nova tecnologia não causa, por si só, uma mudança cultural ou social, mesmo que, em alguma

medida, contribua para isso. Porém, precisamos ter cuidado com visões deterministas da tecnologia; por isso, reforçamos que a técnica não determina completamente o uso social que será feito dela.

Os usos têm contribuído para a governança e a “produção de experiências individuais e coletivas de apropriação das mídias por parte dos receptores que vão se intensificar a partir da expansão da internet” (COGO; BRIGNOL, 2010, p.78). Poder-se-ia dizer que os receptores ou atores sociais promovem uma comunicação para a mudança social, como proposto nesta pesquisa. É importante destacarmos que os sujeitos são ativos em todo o processo de comunicação, sendo atribuídos “usos específicos às ofertas midiáticas, com base nas experiências identitárias e práticas sociais individuais e coletivas dos receptores” (COGO; BRIGNOL, 2010, p. 77).

Sendo assim, a partir das diferentes apropriações, interações e acessibilidades das TICs que afetam o uso social dos sujeitos, como dos institutos de permacultura, esta tese compreende que a subversão da insustentabilidade do capitalismo em relação às questões ambientais é algo que os institutos propõem a partir da comunicação em rede online ou offline em nível local. No entanto, essa comunicação pode transcender a esfera comunitária e os fluxos de informação, tornando-se global à medida que é comunicada na internet.

É a partir da perspectiva dos usos sociais de Jesús Martín-Barbero (2004; 2009) que situamos nosso objeto de pesquisa. De acordo com essa perspectiva, a internet não acarreta apenas a aceleração da modernidade e do tempo, mas também o encurtamento dos espaços. A internet, sobretudo, proporciona uma multiplicidade de histórias, ritmos e lógicas que se referem aos modos de apropriação e incorporação de cada sujeito. Ou seja, podemos falar de múltiplas temporalidades – no sentido do fluxo do tempo e dos espaços – uma vez que, ao pensarmos no objeto estudado, há uma apropriação e uso da internet em um outro ritmo e uma outra lógica.

Na intenção de não cairmos na ideia de um determinismo tecnológico ou no seu pessimismo, propomos a relação das virtualidades da tecnologia com seus usos sociais. Isto é, pensar de que forma os hábitos e as tendências da sociedade estão materializadas nas virtualidades, pois as novas tecnologias descortinam o descompasso da organização social e política. Com isso, percebemos o caráter transversal das novas tecnologias no cotidiano, afetando o funcionamento da sociedade civil (MARTÍN-BARBERO, 2004).

Martín-Barbero (2009) nos faz perceber a comunicação como uma questão também cultural, para além de meios, sendo uma mediação entre eles. Assim, entende-se o processo de comunicação como uma apropriação a partir dos seus usos sociais. Diante disso, os usos dos

agentes instaurados no sistema de práticas, ao mesmo tempo em que se inserem no consumo – o que os sujeitos compram, leem e veem –, partem de um ritual. Os rituais atravessam os usos, como o da internet, e os modos de ver e se manifestar na organização do tempo e do espaço cotidiano. A diversidade de usos por parte dos sujeitos não tem a ver, necessariamente, com a quantidade de tempo que eles dedicam a esse meio, mas com o tipo de tempo, ou seja, tem a ver com o seu significado social e as demandas culturais (MARTÍN-BARBERO, 2009).

Como conclui Silverstone (2004),

a crescente centralidade dos meios de comunicação, no exercício do poder e na condução do nosso dia a dia, coloca o estudo da mediação no topo da ordem do dia da pesquisa social, exigindo a compreensão de como os processos de comunicação mediada moldam tanto a sociedade quanto a cultura (Silverstone, 2004). Além disso, é crucial compreender como a mediação molda o sistema de meios de comunicação. Em outras palavras, como o sistema de meios de comunicação é organizado e configurado por meio da mediação (SILVERSTONE, 2004 apud CARDOSO, 2014, p. 1).

Portanto, "as modalidades de comunicação se tornam possíveis na medida em que a tecnologia materializa mudanças que, a partir da vida social, dão sentido a novas relações e novos usos" (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 197). Falamos, assim, de mediações em um processo de transformação cultural, em que os meios são uma parte importante desse processo. Dessa forma, os usos não são inalienáveis à situação sociocultural dos sujeitos, pois a partir de sua experiência cultural, eles se apropriam desses meios para criar outros sentidos em relação aos conteúdos que recebem (MARTÍN-BARBERO, 2004; 2009).

Nessa perspectiva, as mediações – narrativas – são entendidas como dispositivos em constante modificação, renovação e atualização, pois a comunicação hoje é uma questão de mediação, tanto de processos de produção quanto de produtos midiáticos, quanto de recepção (LOPES, 2018). Assim, as mediações

[...] devem ser entendidas como processos estruturantes que configuram e reconfiguram tanto a lógica da produção quanto a lógica dos usos. Elas exigem pensar ao mesmo tempo o espaço da produção assim como o tempo do consumo, ambos articulados pela vida cotidiana (usos/consumo/práticas) e pela especificidade dos dispositivos tecnológicos e discursivos das mídias envolvidas (LOPES, 2018, p. 54-55).

Logo, na sociedade em rede em que nos encontramos, nossos usos das mídias e nosso acesso a elas passam pela autonomia das escolhas que fazemos, a qual está ligada à nossa capacidade de interação com elas. Isso não significa que as interações face a face não tenham mais importância nesse cenário das mídias. Além disso, também é importante destacarmos "os

limites impostos pelas estruturas e relações de poder que incidem no acesso e usos das tecnologias" (COGO; BRIGNOL, 2010, p. 81).

Para Jesús Martín-Barbero (2003 apud SILVA; BASSEO, 2019), as novas mediações só emergem no mapa quando fazem parte de um sistema. Nesse sentido, os eixos do mapa são conceitos de nível superior, o que implica a existência de uma série de pressupostos e subconceitos. Assim, quando as narrativas se convertem em mediação no mapa de Martín-Barbero, é possível observarmos uma série de dinâmicas provenientes das temporalidades e tecnicidades que emergem das narrativas.

Portanto, a noção de narrativa para o autor está diretamente ligada ao ritual, que significa para a antropologia que o rito é uma ação conectada com a vida doméstica, ao cotidiano, ou seja, ao conjunto das nossas experiências cotidianas, e também "como fonte e receptáculo de magia intimamente ligada ao fenômeno de representação" ou pode-se dizer que "rito é uma ação que não se esgota em si mesma, na sua imediatez, na sua utilidade imediata" (Martín-Barbero, 2004, apud SILVA; BASSEO, 2019, p. 173), mas ao conjunto das nossas experiências cotidianas.

A partir de gêneros comunicativos, a cultura histórica e as narrativas ganharam visibilidade (SILVA; BASSEO, 2019, p. 174). Portanto, temos um conjunto de representações que emerge de um processo dinâmico de diálogo social, no qual se produzem, negociam e difundem interpretações. Por isso, a narrativa da sustentabilidade precisa ser integrada aos rituais cotidianos para que haja mudança nos hábitos de consumo das pessoas, uma das condições para uma sociedade sustentável.

Segundo Maria Cecília de Souza Minayo (1995, p. 108),

as representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam; portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas dos comportamentos sociais. Sua mediação privilegiada, porém, é a linguagem, tomada como forma de conhecimento e de interação social. Mesmo sabendo que ela traduz um pensamento fragmentado e se limita a certos aspectos da experiência existencial, frequentemente contraditória, possui graus diversos de clareza e nitidez em relação à realidade. Fruto da vivência das contradições que permeiam o dia a dia dos grupos sociais, sua expressão marca o entendimento deles com seus pares, seus contrários e com as instituições.

Portanto, se as representações sociais são consideradas como manifestações em palavras, utilizando a linguagem como referência de conhecimento e interação social, podemos então compreendê-las também como narrativas a partir da perspectiva de Jesus Martín-Barbero.

Reiteramos, mais uma vez, que nosso entendimento das TICs não é de um determinismo tecnológico, mesmo diante da importância da tecnologia na vida social dos sujeitos – principalmente da internet – como um ambiente comunicacional múltiplo e complexo no qual diferentes características fazem com que "as mudanças [surjam] a partir de negociações e apropriações das mídias, em contextos culturais específicos, responsáveis pela atribuição de sentido aos avanços tecnológicos" (COGO; BRIGNOL, 2010, p. 85-86, adaptado).

Em relação à internet, é impossível tratá-la de forma homogênea, pois, por vezes, aproxima-se da lógica midiática: "às vezes muito próxima às mídias tradicionais e outras que se relaciona a um meio de comunicação interpessoal, pelo seu caráter interacional" (COGO; BRIGNOL, 2010, p. 86). Assim, "precisamos entendê-la como um ambiente comunicacional que combina elementos, processos e lógicas diversas" (idem) para entendermos essas várias internets que se apresentam.

A internet é pensada a partir de sua possibilidade de estabelecer conexões e dinamizar as interações sociais entre os sujeitos que a apropriam, em uma lógica de redes. Parte-se do entendimento da internet com suas múltiplas dimensões como produto e como parte da cultura contemporânea (COGO; BRIGNOL, 2010).

Ou seja, partindo da sua concepção como um ambiente comunicacional que permite a produção, circulação e troca de conteúdos e informações, a aproximação entre diferentes formatos e lógicas de mídias, a interação interpessoal e o diálogo, o estabelecimento de vínculos, a construção de projeções das identidades de seus usuários, a configuração de uma memória compartilhada e o estabelecimento de lógicas colaborativas (COGO; BRIGNOL, 2010, p. 88).

É preciso destacar, ainda, que a internet sempre se constitui através de seus usos e narrativas – que certamente não são livres, "pois derivam de uma relação que decorre das próprias características da tecnologia, mesmo que muitas vezes possam ser negociadas ou subvertidas" (COGO; BRIGNOL, 2010, p. 88). Ela também se caracteriza pelas relações de poder que se estabelecem pelos discursos e pelas representações. Assim, também poderíamos pensar nas narrativas, nesse caso compreendidas como representações sobre sustentabilidade ambiental construídas pelos institutos de permacultura nesse espaço da internet, não considerando apenas seus usos e apropriações, mas também as redes que a internet forma nesse contexto de temporalidades e fluxos.

3.2 COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO E A MUDANÇA SOCIAL

Há diversas abordagens acerca da comunicação para o desenvolvimento e mudança social, a qual trata da compreensão do papel "desempenhado pela informação, comunicação e mídia na mudança social" (THOMAS, 2014, p. 23). Além disso, "inclui uma variedade de aplicações práticas baseadas na integração da comunicação como 'processo' e no aproveitamento das tecnologias de mídia na mudança social" (THOMAS, 2014, p. 23). Ainda que a concepção da expressão remeta a crescimento e progresso, durante a história, principalmente o termo "desenvolvimento", em que "diferentes vertentes e correntes foram se apresentando de forma paralela, em contextos diversos, evidenciando nuances, às vezes distintas, outras vezes apenas aparentes" (PERUZZO; VOLPATO, 2018, p. 2).

Portanto, a comunicação para o desenvolvimento e a mudança social é um campo amplo, que engloba instituições, acadêmicos e experiência de Comunicação espalhadas por todo o globo e com uma amplitude de teorias (TUFTE, 2013, p. 79). Diante disso, a discussão sobre as teorias do desenvolvimento, nas ciências sociais aplicadas, não é algo novo, e muito menos sua relação com a Comunicação, isto é, a "comunicação para o desenvolvimento", termo cunhado em vários países da América Latina e outros continentes, tem suas origens na década de 1940, em um cenário pós-guerra (PERUZZO; VOLPATO, 2018, p. 2).

Nesse contexto, o conceito, inicialmente, englobava táticas e artifícios para se alcançar um novo estado econômico, a ampliação de riquezas, de tecnologias mais avançadas e suas disseminações. "Com o passar do tempo, já por volta dos anos oitenta do Século XX, outras ideias começam a surgir", como as premissas mais holísticas acerca do desenvolvimento e da comunicação. "Neste sentido, observa-se uma ressignificação teórica dos conceitos de desenvolvimento e de comunicação e desenvolvimento, embora estes continuem existindo" (PERUZZO; VOLPATO, 2018, p. 2).

Com isso, podemos observar que a própria nomenclatura: "comunicação para a mudança social", vem desse vínculo com as primeiras propostas dos modernizadores, "uma vez que insiste na comunicação como uma ferramenta que apoia os objetivos particulares e específicos, como o desenvolvimento, a cidadania, o meio-ambiente e assim por diante" (PERUZZO; VOLPATO, 2018, p. 16). Dessa forma, evidencia-se uma concepção de comunicação como instrumento, "o que acentua seu caráter acessório, em um esquema fragmentado de conhecimento, ignorando até mesmo sua natureza híbrida e interdisciplinar". Barranquero (2012, p. 65-66) propõe com isso, questionar-nos acerca da preposição "para" e

defende o uso da conjunção "e", a fim de somar propostas, muito mais do que condicionar que para uma aconteça, a outra precisa estar a seu serviço.

Salientamos que, nesta tese, mesmo que usemos o termo "comunicação para o desenvolvimento e para a mudança social", estamos ressignificando a concepção instrumental da comunicação, pois compreendemos que o desenvolvimento, nesse caso, não está a serviço somente de questões econômicas e que a comunicação está em relação ao desenvolvimento e a mudança, num processo de agremiação de propostas em prol de melhorias, principalmente sociais e ambientais.

Diante das diversas perspectivas acerca do desenvolvimento é, portanto, necessário um breve apanhado histórico das teorias e modelos que surgem ao longo dos anos acerca da comunicação e desenvolvimento (PERUZZO, 2018; SERVAES, 2000; ESCOBAR, 2016). Além disso, os autores dizem que a comunicação para o desenvolvimento tem origem nesses paradigmas.

Na tabela abaixo apresentamos três teorias do desenvolvimento:

Tabela 1: Teorias do desenvolvimento

Teorias do desenvolvimento	Modelos	Perspectiva
Modernização	difusionista	crescimento econômico 1950-1960 Ideias Liberais de desenvolvimento baseado no crescimento econômico contexto pós Segunda Guerra
Dependência		inspiração marxista 1960-1970 neomarxista ou estruturalista e CEPAL

Desenvolvimento participativo ou Outro Desenvolvimento ou Multiplicidade. Crítica ao desenvolvimento como discurso cultural	modelo participativo	crítica ao desenvolvimento 1990 - 2000 Pós-estruturalistas Pedagogia libertadora Pós-desenvolvimento
---	----------------------	---

Fonte: elaborada pela autora

Há diversas abordagens acerca da comunicação para o desenvolvimento e mudança social, a qual trata da compreensão do papel "desempenhado pela informação, comunicação e mídia na mudança social" (THOMAS, 2014, p. 23). Além disso, "inclui uma variedade de aplicações práticas baseadas na integração da comunicação como 'processo' e no aproveitamento das tecnologias de mídia na mudança social" (THOMAS, 2014, p. 23). Ainda que a concepção da expressão remeta a crescimento e progresso, durante a história, principalmente o termo "desenvolvimento", em que "diferentes vertentes e correntes foram se apresentando de forma paralela, em contextos diversos, evidenciando nuances, às vezes distintas, outras vezes apenas aparentes" (PERUZZO; VOLPATO, 2018, p. 2).

Portanto, a comunicação para o desenvolvimento e a mudança social é um campo amplo, que engloba instituições, acadêmicos e experiência de Comunicação espalhadas por todo o globo e com uma amplitude de teorias (TUFTE, 2013, p. 79). Diante disso, a discussão sobre as teorias do desenvolvimento, nas ciências sociais aplicadas, não é algo novo, e muito menos sua relação com a Comunicação, isto é, a "comunicação para o desenvolvimento", termo cunhado em vários países da América Latina e outros continentes, tem suas origens na década de 1940, em um cenário pós-guerra (PERUZZO; VOLPATO, 2018, p. 2).

Nesse contexto, o conceito, inicialmente, englobava táticas e artifícios para se alcançar um novo estado econômico, a ampliação de riquezas, de tecnologias mais avançadas e suas disseminações. "Com o passar do tempo, já por volta dos anos oitenta do Século XX, outras ideias começam a surgir", como as premissas mais holísticas acerca do desenvolvimento e da comunicação. "Neste sentido, observa-se uma ressignificação teórica dos conceitos de desenvolvimento e de comunicação e desenvolvimento, embora estes continuem existindo" (PERUZZO; VOLPATO, 2018, p. 2).

Com isso, podemos observar que a própria nomenclatura: "comunicação para a mudança social", vem desse vínculo com as primeiras propostas dos modernizadores, "uma vez que insiste na comunicação como uma ferramenta que apoia os objetivos particulares e

específicos, como o desenvolvimento, a cidadania, o meio-ambiente e assim por diante" (PERUZZO; VOLPATO, 2018, p. 16). Dessa forma, evidencia-se uma concepção de comunicação como instrumento, "o que acentua seu caráter acessório, em um esquema fragmentado de conhecimento, ignorando até mesmo sua natureza híbrida e interdisciplinar". Barranquero (2012, p. 65-66) propõe com isso, questionar-nos acerca da preposição "para" e defende o uso da conjunção "e", a fim de somar propostas, muito mais do que condicionar que para uma aconteça, a outra precisa estar a seu serviço.

Salientamos que, nesta tese, mesmo que usemos o termo "comunicação para o desenvolvimento e para a mudança social", estamos ressignificando a concepção instrumental da comunicação, pois compreendemos que o desenvolvimento, nesse caso, não está a serviço somente de questões econômicas e que a comunicação está em relação ao desenvolvimento e a mudança, num processo de agremiação de propostas em prol de melhorias, principalmente sociais e ambientais.

Diante das diversas perspectivas acerca do desenvolvimento é, portanto, necessário um breve apanhado histórico das teorias e modelos que surgem ao longo dos anos acerca da comunicação e desenvolvimento (PERUZZO, 2018; SERVAES, 2000; ESCOBAR, 2016). Além disso, os autores dizem que a comunicação para o desenvolvimento tem origem nesses paradigmas.

Enquanto a proposta da Teoria do Desenvolvimento Participativo, Outro Desenvolvimento, Multiplicidade ou Crítica ao Desenvolvimento como Discurso Cultural - Modelo Participativo - sugere que a teoria e o modelo nascem da insatisfação com a "sociedade do consumo" e da crescente desilusão com a modernização. Neste sentido, esse desenvolvimento referido aqui possui três princípios, segundo Dag Hammarskjöld (apud SERVAES, 2000):

- É gerado para a satisfação de necessidades, começando com a erradicação da pobreza;
- É endógeno e autônomo;
- Está em harmonia com o meio ambiente.

Ao tentar propor um desenvolvimento mais equitativo, surgiram vários termos, como desenvolvimento participativo, sustentável, humano, local, comunitário, integrado, entre outros. Nesses casos, o desenvolvimento tende a se aproximar da noção de mudança social, basicamente porque o primeiro só existe em razão da segunda. Trata-se de uma metodologia e estratégia de desenvolvimento construída de forma participativa, inclusiva, coletiva, autônoma, autóctone e endógena, isto é, forjada no bojo das dinâmicas sociais. Questionam a ideia de desenvolvimento com um discurso de origem ocidental, que tem por mecanismo a produção

cultural, social e econômica do Terceiro Mundo. Há dois enfoques principais da comunicação participativa:

- A pedagogia dialógica de Paulo Freire;

- As ideias de acesso, participação e autogestão articuladas nos debates da ONU para a UNESCO.

Portanto, apesar de existir uma perspectiva globalizadora do desenvolvimento, a hegemônica, nenhuma teoria tem alcançado e mantido o domínio como única vertente. Cada uma das perspectivas teóricas apresentadas ainda encontra adeptos entre acadêmicos, organizações internacionais e público em geral. Cada uma dessas perspectivas contribui para pensar o desenvolvimento e a comunicação,

pois as versões adaptadas e atualizadas das ideias e da teoria da modernização - crescimento econômico, planejamento centralizado na ideia de que o desenvolvimento se origina em causas internas que podem ser resolvidas pela "ajuda" (tecnológica) internacional - são aos poucos compartilhadas por agências de desenvolvimento e governo. Uma revitalizada perspectiva da modernização, na qual alguns dos erros do passado são reconhecidos e se realizam esforços para alcançar novas formas dominantes na prática, porém, resulta crescentemente difícil de defender na teoria. Por outra parte, enquanto a teoria da multiplicidade vai ganhando partidários nas esferas acadêmicas, na prática é concebida como uma visão simpática, embora de um custo idealista (SERVAES, p. 25, 2000 - tradução nossa).

Diante do exposto, compreendemos que o estudo da comunicação para o desenvolvimento e mudança social passou, portanto, por várias mudanças paradigmáticas: da teoria da modernização e do crescimento à abordagem da dependência e ao modelo da multiplicidade ou modelo participativo (SERVAES, 2012) - importante destacar que esses três paradigmas convivem no mundo, inclusive nos mesmos territórios, em contradição ou acomodação entre si. O alvo de pesquisas e debates acerca das novas tradições desse discurso são as comunidades locais e a busca por uma compreensão das relações complexas entre globalização e localização.

O mundo "global" do início do século XXI, em geral, bem como em suas distintas entidades regionais, nacionais e locais, é confrontado com crises econômicas e financeiras multifacetadas, mas também sociais, culturais, ideológicas, morais, políticas, étnicas, ecológicas e crises de segurança. As perspectivas de modernização e dependência tradicionalmente sustentadas tornaram-se mais difíceis de apoiar devido à crescente interdependência de regiões, nações e comunidades em nosso mundo globalizado (SERVAES; MALIKHAO, 2016, p. 1, - tradução nossa).

Conforme as críticas aos modelos mais centrados na economia e na dependência de uns países a outros foram crescendo, começaram também a surgir outros pensamentos e propostas de modelos comunicacionais e um processo de resignificação ou ampliação de significado da

palavra "desenvolvimento", relacionando-o à comunicação. A fim de buscar essa diferenciação ou ressignificação, "novas expressões também são usadas na expectativa de se melhor refletir uma proposta sustentável e apoiada no ser humano, tais como comunicação para a mudança social, comunicação para a cidadania, comunicação participativa, comunicação para a transformação social" (PERUZZO; VOLPATO, p. 13, 2018).

Tendo em vista o último modelo - "outro desenvolvimento" ou "modelo participativo" - que incorpora noções mais horizontais e a democratização de acesso, "no sentido da liberdade". Portanto, se quisermos propor outro desenvolvimento, precisamos, também, garantir outra comunicação, no sentido de se pensar numa perspectiva de comunicação que leve em conta aspectos como o cidadão, o social, isto é, "comunicação para a cidadania, expressão mais usada no Brasil, ou comunicação para a mudança social, de uso comum em outras partes do mundo" (PERUZZO; VOLPATO, 2018).

Por fim, essas questões envolvendo conceitos e orientações sobre o desenvolvimento e a mudança social do fim do século XX e início do século XXI compreendem que, embora a renda, a produtividade e o produto interno bruto (PIB) ainda sejam aspectos essenciais do desenvolvimento humano, eles não dão conta da complexidade da existência humana. No presente contexto, há implicações importantes na maneira como pensamos sobre mudança social e desenvolvimento, além de haver oportunidades para pensarmos sobre o papel e o lugar da comunicação nos processos de desenvolvimento e mudança social (SERVAES; MALIKHAO, 2016).

Visto que o sistema capitalista neoliberal encontra-se, cada vez mais, incapaz de respeitar os direitos e necessidades de cada cidadão e grupos a serem socialmente reconhecidos, o que prevalece é a lógica de mercado que determina "quem são ouvidos, quem pode expressar suas preocupações, quem tem autoridade de agir" (TUFTE, 2017, p. 21) e consumir.

Em se tratando do modelo ocidental de crescimento econômico neoliberal, percebe-se que há um entendimento acerca do conceito de desenvolvimento econômico relacionado à centralidade da lógica de mercado, que não leva em conta as consequências sociais e a sustentabilidade a longo prazo, tendo como preocupação o crescimento da economia do país. No entanto, são questões de escala mundial, ainda complexas e sem muitas respostas, uma vez que ainda há muitas tensões entre os atores sociais e suas dinâmicas. O que leva, muitas vezes, esses atores a fazerem uma crítica à sociedade capitalista e à filosofia do crescimento econômico, além de buscarem por justiça social global por meio de instituições internacionais ou ONGs que visem políticas e enfoque comunicativo para o desenvolvimento e mudança social (TUFTE, 2015; 2017).

Com isso, esse modelo ocidental dominante de crescimento econômico baseado no capitalismo neoliberal torna, cada vez mais, evidente as desigualdades sociais. Porém, questiona-se, em que medida é possível prevenir essas desigualdades? Em alguns lugares do mundo, existem outras maneiras de conceber um desenvolvimento que leva em conta as desigualdades existentes e formas de minimizá-las. Isso ocorre, por exemplo, em Butão, que criou o "Índice Nacional Bruto de Felicidade", ou na América Latina, com a noção de "Buen Vivir", que enfatiza um modo de vida sustentável, a felicidade e a ecologia como elementos de uma vida boa (TUFTE, 2017), ou até mesmo o "decrecimento", como um projeto alternativo na forma de uma crítica ao modelo tradicional de desenvolvimento. É importante enfatizarmos que essas propostas são alternativas radicais aos modelos de desenvolvimento, pois para alcançá-los é preciso mais que uma simples reforma ou uma mudança pequena, é preciso uma transformação no sistema.

A abordagem de comunicação para a mudança social leva em conta "o empoderamento dos cidadãos através do seu envolvimento ativo na identificação de problemas [e] no desenvolvimento de estratégias de solução e sua implementação" (TUFTE, 2017, p. 38). A comunicação para a mudança social está ancorada no aprimoramento dos processos de empoderamento e ação coletiva. Isto é, na habilidade das pessoas em influenciar o sistema mais amplo e assumir o controle de suas vidas individuais, pois o desenvolvimento é moldado e feito por pessoas, mas não para pessoas. Portanto, para que possam realizar o desenvolvimento e a mudança, essas pessoas precisam entender como o sistema funciona (SERVAES; MALIKHAO, 2016). Assim, para que a perspectiva tenha reflexo na comunicação para iniciativas de mudança social, é preciso dar ênfase aos imaginários sociais, aos direitos, às capacidades e às oportunidades de todos os indivíduos e coletivos, a fim de que sejam capazes de formulá-los e articulá-los (TUFTE, 2017).

Ao observarmos criticamente essas práticas de comunicação para o desenvolvimento e mudança social, "como a conhecemos dentro da prática de comunicação das agências da ONU, governos e ONGs" (TUFTE, 2017, p. 94-95), é preciso ter clareza de que nem sempre essas propostas, por si só, levarão a uma mudança estrutural sustentável, ou seja, uma transformação. É preciso levar em conta a diversidade de demandas e interesses dos sujeitos, os quais nem sempre estarão trabalhando coletivamente em prol de um mundo melhor. Isto é, poderá haver tensão entre aqueles que permanecerão autônomos, não organizados politicamente e fora do sistema, pois suas necessidades de organização, sua capacidade profissional ou até mesmo seus recursos para perseguir um mundo melhor podem ser divergentes (TUFTE, 2017).

Essa liberdade de escolha dos atores em todas as esferas – pessoal, social, econômica e política – é o que, dentro da perspectiva das noções ocidentais de desenvolvimento, tem se chamado de "abordagem das capacidades" (SEN, 1999). Além disso, coloca esses sujeitos no centro do desenvolvimento, em que eles próprios definem o que valorizam (TUFTE, 2017). No entanto, a partir dessas questões apresentadas, torna-se evidente a crítica a um modelo centrado no indivíduo.

Na perspectiva de engajamento dos cidadãos nos processos de mudança social, observa-se o surgimento de uma nova geração de movimentos sociais e ações coletivas, assim como o crescimento e a expansão de organizações da sociedade civil em todo o mundo. Também é notável uma crítica crescente aos paradigmas ocidentais de desenvolvimento e uma comprovação e circulação de alternativas significativas e novos desenvolvimentos de mídia, especialmente em mídia digital (TUFTE, 2015; 2017).

Até o momento, trazemos uma abordagem de comunicação para o desenvolvimento e mudança social que relaciona noções de agência e governança, em que os usos e apropriações da mídia são vistos como processos ativos de criação de sentido. No entanto, "não é o mesmo que dizer que toda atividade de criação de sentido tem a ver com o envolvimento do cidadão" (TUFTE, 2017, p. 49). A proposta é de uma noção de governança de baixo para cima, central para uma perspectiva cidadã sobre comunicação e mudança social. Isso envolve processos de mudança social "de baixo para cima" voltados para os cidadãos que emergem do desenvolvimento de bases de conhecimento local, autodesenvolvimento das comunidades locais, sistemas de informação e práticas de comunicação.

Comunicar as mudanças socioambientais e práticas de desenvolvimento sustentável com sucesso, seja por um movimento social, uma ação coletiva ou um instituto de permacultura, contribui para que haja motivação dos sujeitos e eles aumentem seu engajamento nas ações. Porém, nem sempre é fácil usar as práticas de comunicação e mídia online e offline para comunicar essas ações, razão pela qual isso se torna um desafio para movimentos sociais, ONGs, agências governamentais ou da ONU. No entanto, a comunicação para o desenvolvimento e mudança social a partir de um novo pensamento social é a perspectiva que contribui para uma comunicação mais efetiva com a sociedade.

O elemento central desta reflexão é a elaboração de uma perspectiva de análise da comunicação para o desenvolvimento e mudança social em que os cidadãos possam se envolver nos processos de mudança social e fazer isso na era digital, com a comunicação pelos novos meios e pelos meios tradicionais, que fazem parte dos usos cotidianos (TUFTE, 2015). A comunicação para o desenvolvimento e mudança social aproxima o papel da comunicação aos

esforços estratégicos para superar os problemas sociais coletivos, a fim de que os sujeitos tenham condições para possíveis mudanças no mundo. Isso fornece a possibilidade de pensar a comunicação e seus outros enfoques sociopolíticos, como a comunicação do terceiro setor (TUFTE, 2015, p. 9-10).

Com tudo isso, a comunicação para o desenvolvimento e mudança social ocupa um lugar importante não só nas relações de poder e nos direitos humanos, como também na justiça social. Isso porque os meios existentes e a comunicação são considerados elementos integrantes do compromisso crítico com a sociedade e impulsionam processos de transformação para a articulação cidadã e de redes sociais. Assim, esse movimento inspira estratégias de comunicação que implementam modelos e estilos comunicacionais mais horizontais e participativos, principalmente para aqueles que procuram outros modos de viver e acabam recorrendo às estruturas econômicas e políticas dominantes na busca por mudança. Isto é, a mídia não pode ser dissociada dos contextos sociais e políticos, pois ela está profundamente enraizada nesses contextos e contribui para a configuração desses espaços (TUFTE, 2015; 2017).

A partir do debate público que se insere nos meios massivos de comunicação tradicionais ou em outras formas de comunicação – como as redes sociais online ou cara a cara – e pela ampla participação cidadã nos processos de mudança, esse debate contribui para um processo de mobilização social que enriquece o processo de mudança no âmbito das políticas e do social (TUFTE, 2015). Portanto, é preciso vermos a comunicação como um meio pelo qual ocorre a mediação entre os atores e suas ações e práticas com a sociedade, como ocorreu com os “novos processos de mobilização e mudança social que emergiram desde a Primavera Árabe, o 15-M e o movimento Occupy Wall Street” (TUFTE, 2015, p.13). As mobilizações comunicadas em rede dão visibilidade a diferentes vozes participantes e permitem uma participação mais ampla nesses protestos.

Apesar da interdisciplinaridade do papel da mídia e da tecnologia nas mobilizações e ações sociais, é preciso levar em conta a importância das realidades econômicas, políticas e sociais que vão determinar a ação social e política (TUFTE, 2017). Além disso, entender como esses atores sociais desenvolvem estratégias de usos e apropriações das mídias para a mudança social a partir de ações sociais coletivas – ou, como aqui tratado, mudanças socioambientais – é um desafio que pretendemos investigar neste trabalho. Portanto, podemos considerar a mudança social como um processo não linear, aberto a múltiplas vozes, por vezes complexo e frequentemente contestado (TUFTE, 2017, p.50). Esse quadro nos possibilita pensar o papel dos institutos de permacultura frente à proposta de uma comunicação que leve a uma mudança

socioambiental e um desenvolvimento sustentável. Mesmo que não estejam mobilizados politicamente, estão agindo em rede para uma mudança socioambiental local.

Diante dessa complexidade, é necessária uma postura crítica em relação ao etnocentrismo implícito em muitos pensamentos sobre mudança social, uma vez que os debates sobre desenvolvimento e mudança social que surgem das contestações pós-coloniais e “pós-desenvolvimento” (LEFF, 2000; 2006) são críticos a essas abordagens. As Epistemologias do Sul propostas por Souza Santos (2010) têm suas bases nos princípios de justiça social, equidade e busca por mudanças sociais positivas e podem ser pensadas, assim como propõe Tufte (2015; 2017), dentro das abordagens da comunicação para o desenvolvimento e mudança social.

É preciso que a perspectiva de comunicação para o desenvolvimento e mudança social não só tenha uma postura crítica ao etnocentrismo, como também ao antropocentrismo, assim como propõe Thomas Tufte. É importante o debate acerca dessas relações e uma abordagem mais dialógica que promova relações mais igualitárias, justiça social e práticas ambientalmente sustentáveis, para que, então, possamos falar de mudança social ou socioambiental, como tratamos neste trabalho, real e positiva conforme Sachs e Tufte (TUFTE, 2017).

Assim, com base em Servaes e Malikhao (2016), chegamos à conclusão de que é possível falarmos em “Comunicação para Mudança Social Sustentável (CSSC)”, pois tem como preocupações específicas a segurança alimentar, o desenvolvimento rural e subsistência, a gestão de recursos naturais e do meio ambiente, a redução da pobreza, a equidade de gênero e a tecnologia da informação e comunicação (TIC).

No entanto, na comunicação, as perspectivas sobre sustentabilidade, participação e cultura mudaram ao longo do tempo, juntamente com a evolução das abordagens e tendências de desenvolvimento. Com isso, há necessidade de aplicações eficazes de métodos e ferramentas de comunicação para novas questões e prioridades (SERVAES; MALIKHAO, 2016).

Portanto, a comunicação e a cultura são importantes para que se enfrente, com eficácia, os grandes problemas da atualidade. Torna-se, assim, um desafio revisitar e reposicionar o campo do desenvolvimento sustentável e incluir a comunicação e a cultura, principalmente a comunicação para a mudança social, como um campo essencial de estudos (SERVAES; MALIKHAO, 2016).

Isto é, segundo Tufte (2019), a Comunicação para o Desenvolvimento (ComDev) originou-se a partir do pensamento crítico difundido nas instituições europeias, mas também teve correlações com o pensamento em algumas instituições na América Latina, principalmente nos países como Colômbia, Paraguai e Bolívia.

A ComDev tem ligações com a perspectiva crítica dos estudos culturais europeus da década de 1980, com a sua reabilitação da cultura popular e reconhecimento da importância dos processos de criação de sentido pela audiência, ideias que cresceram nos estudos de recepção dos anos 80. Este discurso está igualmente ligado aos estudos críticos sobre a globalização, os quais questionam a noção de desenvolvimento e defendem noções pós-coloniais de desenvolvimento (TUFTE, 2019, p. 88).

Tendo em vista que o campo da comunicação para o desenvolvimento e mudança social é vasto e os modelos são diferentes quanto às suas ideologias, pois, conforme levantamento realizado por Servaes e Malikhao (2016), existem 14 abordagens diferentes da ComDev, algumas mais tradicionais, hierárquicas e lineares, enquanto outras são mais participativas e interativas; porém, a maioria contém elementos de ambas. De todas essas abordagens, duas preveem a participação popular para promover mudanças em nível social e individual. Uma das abordagens da ComDev visa produzir um entendimento comum entre todos os participantes de uma iniciativa de desenvolvimento por meio da implementação de uma política ou de um projeto de desenvolvimento, ou seja, é um modelo de cima para baixo. Já a outra abordagem enfatiza o envolvimento das bases na tomada de decisões conforme melhoram suas próprias vidas, ou seja, é um modelo ascendente (de baixo para cima).

A partir disso, a tabela a seguir, com base no levantamento de Thomas Tufte (2013), nos ajuda a entender as tipologias da ComDev e suas propostas, que surgiram a partir do ano de 2000.

Tabela 2: Tipologias do Comunicação para o Desenvolvimento

Tipologia*	Autor	Proposta
Primeira	Manyozo	6 escolas de pensamento Tipologia de lugares, pessoas e práticas comunicativas dentro de uma matriz geográfica e institucional.
Segunda	Tufte	Organização geral de campo, destacando três gerações de Comunicação para o desenvolvimento e colocando-as em uma matriz heurística estruturada em dez características conceituais.

Terceira	Rafael Obregon e Mario Mosquera	Modelo de convergência que identifica uma série de características em campo, colocando-as em comunidade e argumentando que não há uma abordagem única, mas apenas a flexibilidade e convergência entre todas as opções nesta comunidade.
-----------------	---------------------------------	--

Fonte: elaborada pela autora

O modelo de três gerações proposto por Tufte (2013) da ComDev serve como uma estrutura heurística com a qual é possível analisar a Comunicação para a prática do desenvolvimento. A primeira geração é a da Difusão de Inovações, com foco na divulgação de informações e profundamente ligada à comunicação de mudança de comportamento. A segunda tem o foco nas habilidades para a abordagem de comunicação, promovendo o desenvolvimento de habilidades para a vida ou competências centrais com base principalmente na Comunicação Educativa. A terceira é a da Comunicação para a transformação social, que emerge da pedagogia libertadora de Paulo Freire e os princípios da Comunicação Dialógica. A diferença principal entre as gerações está na natureza do problema de desenvolvimento ao qual elas procuram responder (TUFTE, 2013, p. 80; PERUZZO, 2009).

Entretanto, é preciso entender que os atores sociais não estão sozinhos nesse processo, pois há esforços de parceiros engajados na mudança e no desenvolvimento – como agências e agentes externos – que ajudam a resolver problemas que possam surgir, criando condições favoráveis para tal (SERVAES; MALIKHAO, 2016).

Em relação a outra perspectiva, a DevCom - Comunicação de Desenvolvimento - originou-se em Los Baños, nas Filipinas, no final da década de 1950, com Nora Quebral. Apresentando também ligações conceituais com os Estados Unidos. A DevCom surgiu a partir da tradição funcionalista dos estudos de mídia e comunicação, mas depois expandiu seu alcance. Para muitos investigadores e profissionais, a DevCom é considerada o discurso dominante no interior deste campo de pesquisa e prática, tanto que a USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional) e as agências que pertencem à ONU "têm seguido de forma significativa esta abordagem, especialmente em intervenções de comunicação agrícola e de saúde em larga escala, com foco na mudança de comportamento" (TUFTE, 2019, p. 88).

Já a Comunicação Alternativa surge em conjunto ao desenvolvimento da DevCom e da ComDev, em que muitas ONGs, movimentos e organizações comunitárias da América Latina usavam as suas próprias linguagens, as quais eram diferentes e tinham raízes em noções de comunicação alternativa (Grinberg, 1981) e de comunicação horizontal (Beltrán, 2006). Fizeram com que investigadores e profissionais da América Latina tivessem o cuidado de não usar o conceito de “desenvolvimento”, já que durante décadas este termo esteve relacionado aos planos de desenvolvimento, autocráticos e orientados de cima para baixo, das ditaduras militares. No entanto, apesar desta herança, a visão de “desenvolvimento” encontra-se em mudança, em que atualmente muitas universidades começaram a falar em “Comunicação para o Desenvolvimento”, assim como em “Comunicação para a Mudança Social” ao nomear graus de desenvolvimento e quadros de referência (TUFTE, 2019, p. 88-89).

Por fim, a Comunicação para a Mudança Social (CPMS) adquiriu uma relevância significativa nos últimos tempos (Tuftte, 2017). Pois, “ênfatiza uma utilização estratégica da comunicação para lidar com (e, por vezes, desafiar) as condições estruturais que ditam os processos de mudança social”, como exemplo, as dinâmicas de poder na sociedade que geram ampla injustiça social. A CPMS colocou em destaque perspectivas orientadas de baixo para cima, entre as quais a comunicação participativa, por ser uma abordagem empoderadora e focada no processo (TUFTE, 2019, p. 89).

A abordagem da comunicação para a mudança social proposta por Tuftte (2015; 2017) deu-se a partir de uma leitura do modelo participativo, baseado na pedagogia libertadora de Paulo Freire, dos anos 1960. Tal modelo foi renovado no contexto do paradigma pós-desenvolvimento (ESCOBAR, 1995), tendo como projeto alternativo o “decrecimento”, na forma de uma crítica ao modelo tradicional de desenvolvimento. Essa escola de pensamento freiriana traz questões da globalização, das redes transnacionais, das novas mídias e da governança para o pensamento da comunicação estratégica, as quais ajudam a determinar o objetivo da comunicação estratégica. Portanto, o foco central da comunicação para a mudança social é o empoderamento dos cidadãos através do seu envolvimento ativo na identificação de problemas e no desenvolvimento de estratégias de solução e sua implementação. Esta é uma abordagem dialógica de baixo para cima, tanto para a comunicação quanto para o desenvolvimento (TUFTE, 2017).

Diante disso, é preciso compreender o papel da comunicação nessa perspectiva de levar a uma mudança ou a uma transformação, seja na esfera social ou ambiental, e neste trabalho nos propomos a estudar essa comunicação. Segundo Tuftte (2017, p. 49), “a comunicação é entendida de uma maneira holística e ‘ecológica’”, que enfatiza uma abordagem prática a partir

dos seus usos e suas apropriações e leva em conta uma estrutura mais ampla que considera a economia política da mídia. Com isso, a mídia é vista como profundamente atrelada aos contextos sociais e políticos, não podendo, portanto, ser dissociada de tais contextos, de modo que contribui para a configuração desses espaços (TUFTE, 2017).

Portanto, para os debates sobre desenvolvimento e mudança social, é crucial uma análise crítica e clara das relações de poder. De acordo com Tufte (2017, p. 49-50), “a mudança social é um processo não linear, complexo e frequentemente contestado”. Essa complexa relação entre o uso da mídia e os processos de mudança social está implícita tanto na abordagem de Tufte (2017) quanto na nossa. Outro ponto importante é que não temos a pretensão de aprofundar os conceitos de desenvolvimento, pois nosso interesse é no desenvolvimento sustentável e na comunicação para o desenvolvimento e mudança ambiental.

Com tudo isso, ao abordarmos a perspectiva da Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança que leva em conta a sustentabilidade ambiental, compreendemos o papel do desenvolvimento sustentável como meio de melhorar a tomada de decisões. Ele pode fornecer uma avaliação mais abrangente dos problemas multidimensionais que a sociedade enfrenta, levando em conta o atendimento das necessidades sociais, econômicas e ambientais das gerações presentes sem comprometer as necessidades das gerações futuras (SERVAES; MALIKHAO, 2016).

Ademais, é necessária a criação de estratégias com vistas ao desenvolvimento mútuo de sistemas econômicos, sociais e ecológicos, pois os atuais problemas globais tornam insurgentes as crises econômicas e as mudanças climáticas. Assim, diante das dimensões que compõem o "desenvolvimento sustentável" (SACHS, 2008; 2009), é preciso levar em conta o contexto econômico da sociedade, atentar para as carências sociais e considerar o meio ambiente de forma dialógica.

Portanto, cada sociedade, a partir do seu contexto, deve delinear suas estratégias de desenvolvimento por meio dos recursos disponíveis – físicos, financeiros e ambientais, humanos, sociais, institucionais, etc. Deve considerar, também, as necessidades dos envolvidos, pois é preciso pensar em um desenvolvimento que preze por um processo integral, multidimensional e dialético (SERVAES; MALIKHAO, 2016). Isto é, o desenvolvimento sustentável implica uma abordagem participativa e múltipla das partes interessadas para a formulação e implementação de políticas, mobilização de recursos públicos e privados para o desenvolvimento, fazendo uso do conhecimento e das habilidades de todos os grupos sociais preocupados com o futuro dos ecossistemas (SERVAES; MALIKHAO, 2016).

Por fim, para que haja desenvolvimento sustentável com vistas a uma mudança ou um desenvolvimento social, é preciso que suas ações sociais estejam ancoradas nos sistemas social, cultural, político, econômico e ambiental da sociedade. Ou seja, suas ações devem levar em conta as principais dimensões do desenvolvimento sustentável propostas por Sachs (2008; 2009), uma vez que essas englobam as dimensões e aspectos sugeridos por Servaes e Malikhao, sem desconsiderar, é claro, as dimensões da mudança social apontadas aqui por Servaes e Malikhao (2016): espaço (micro, meso e macro), tempo (curto, médio e longo prazo), velocidade (lento, incremental, evolutivo versus rápido, fundamental e revolucionário), direção (para frente ou para trás), conteúdo (sociocultural, psicológico, sociológico, organizacional, antropológico, econômico e assim por diante) e impacto (pacífico versus violento) (SERVAES; MALIKHAO, 2016).

Portanto, quando os autores propõem uma Comunicação para o Desenvolvimento e a Mudança Social, leva-se em conta que ela busca um conhecimento em direção à criação de um consenso para uma ação coletiva que leve em consideração os interesses, as necessidades e as capacidades de todos os envolvidos. É, portanto, um processo social que, em alguma medida, tem como objetivo o desenvolvimento sustentável em distintos níveis da sociedade. Diante disso, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) são importantes para alcançar a mudança social. No entanto, seu uso não é um fim em si mesmo, pois a comunicação interpessoal também tem um papel fundamental nesse processo. Nenhuma mídia é melhor que outra; mesmo que hoje em dia as abordagens multimídia sejam mais eficazes, ainda assim a mudança raramente é resultado da exposição apenas à mídia. Para alcançar a mudança, deve-se levar em conta, no processo de desenvolvimento e mudança social desejada, o contexto cultural específico, o papel e o lugar das TICs e outras formas de comunicação. Dessa forma, as mídias sociais, sejam elas online ou offline, devem ser acionadas na construção do apoio público e na pressão a decisões políticas (SERVAES; MALIKHAO, 2016).

Diante da importância da comunicação na construção do desenvolvimento e mudança social, a mudança social sustentável "só pode ser alcançada em combinação com e incorporando aspectos do ambiente mais amplo que influencia (e restringe) a mudança estrutural e sustentável" (SERVAES; MALIKHAO, 2016, p. 5). Para isso, levam-se em conta aspectos como fatores estruturais e conjunturais (história, migração e conflitos), institucionais e organizacionais (burocracia e corrupção), culturais (religião, normas e valores), sociodemográficos (etnia e classe), sócio-políticos, socioeconômicos, política, legislação e o ambiente físico. Aspectos esses que estão inseridos nas dimensões de Sachs (2008; 2009) para

pensar o desenvolvimento sustentável. Pois, Sachs propõe questões mais amplas que abarcam e englobam as sugeridas pelos autores Servaes e Malikhao.

Portanto, para projetos e programas de mudança social, a sustentabilidade na comunicação indica que as abordagens de comunicação para o desenvolvimento e mudança social sustentável diferem conforme as questões de desenvolvimento envolvidas. No entanto, a ênfase está no processo de comunicação e na sua importância em nível local, considerando que o nível local e o nível comunitário não estão separados do nacional e do global (SERVAES; MALIKHAO, 2016).

Assim como Servaes e Malikhao (2016), compreendemos que a ação social organizada, com o envolvimento de sujeitos e comunidades comprometidas, o apoio de forças influentes e o envolvimento de setores interessados da sociedade civil, resultará em mais poder de ação para os atores sociais comprometidos com a mudança social sustentável. Ou seja, os grupos de interesse devem estabelecer alianças para alcançar um entendimento comum e mobilizar as forças sociais. Isso exige uma rede de contatos com indivíduos e grupos influentes, tais como forças políticas e organizações públicas, instituições privadas, indústria, profissionais e acadêmicos, além de grupos religiosos orientados à causa. Assim, potencializa-se uma demanda pública e as ações coletivas podem evocar uma resposta dos líderes locais, nacionais e internacionais.

Portanto, autores como Servaes, Malikhao e Tufte, no campo da comunicação, parecem admitir que a transformação significa uma "mudança estrutural", mesmo que não problematizem o uso dos termos mudança e transformação. A adoção da perspectiva crítica de Paulo Freire por Tufte é um indício de que ele questiona as limitações do sistema capitalista para um desenvolvimento com igualdade social e responsabilidade ambiental (Tufte, 2017). Sachs, no campo das teorias do desenvolvimento sustentável, e Michel Löwy, no campo das teorias do desenvolvimento – teoria marxista da dependência, admitem, assim como nós, que para uma sociedade plenamente sustentável, alterações profundas de teor político e econômico são necessárias.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, partimos do estado da arte para compreender de que forma as questões sobre institutos de permacultura, sustentabilidade e mudança socioambiental estão sendo pesquisadas e de que forma essas pesquisas ajudam a pensar a metodologia empregada nesta tese. Também neste capítulo, abordamos o percurso metodológico e o conceito de etnografia para a internet, que dá suporte teórico-metodológico, assim como serão abordados outros procedimentos metodológicos para o desenvolvimento desta pesquisa.

Este estudo está relacionado à forma como se usam os conceitos e à força que têm no contexto da pesquisa científica. Por isso, a ideia central é buscá-los como palavras-chave, que abrem as portas para as significações a respeito do que se tratam os assuntos a que se referem. Está condicionado a um levantamento realizado nos indicadores de busca das principais agências brasileiras de ciências e a um campo específico: a comunicação para o desenvolvimento. Em função da dificuldade do uso preciso da terminologia e da proliferação de sentidos encontrada, buscou-se também os seus entornos temáticos.

A primeira observação é de que a pesquisa em comunicação para o desenvolvimento no Brasil ainda é incipiente, embora possa parecer contraditório, dada a relevância da temática. Isso parece claro se observarmos as teses e dissertações defendidas nos últimos 10 anos sobre comunicação em desenvolvimento no Brasil. Um rápido cruzamento de temas relacionados aos vocábulos "comunicação e desenvolvimento" permite encontrar cadastradas 2.714 teses no banco de teses e dissertações digitalizadas na Capes e no Ministério de Ciência e Tecnologia no Brasil nos últimos dez anos.

4.1 ESTADO DA ARTE

A pesquisa do estado da arte foi realizada durante os meses de março de 2020 a maio de 2021, nas seguintes bases de dados: Intercom Nacional (2015, 2016 [indisponível], 2017, 2018, 2019), Compós (2015, 2016, 2017, 2018, 2019), Biblioteca Nacional Digital Brasil, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Periódicos Capes [indisponível], SciELO e no Google Acadêmico. Para essa busca, foram utilizadas as seguintes palavras-chave, cruzadas entre si ou não: comunidades intencionais - ecovilas - (no Brasil); permacultura/institutos permaculturais (de permacultura) (no Brasil); comunicação para a mudança social/ambiental; sustentabilidade ambiental; e usos sociais da internet.

É importante salientar que a pesquisa do estado da arte foi realizada com as palavras-chave em língua portuguesa, mas considerou os textos em língua inglesa e espanhola que, porventura, apareceram nos resultados de pesquisa. A partir das palavras-chaves utilizadas,

obteve-se, como resultado, 75 trabalhos selecionados de diversas áreas do conhecimento. Alguns têm alguma relação com a temática desta tese por discorrerem sobre questões ambientais para a mudança social relacionadas com usos da internet e comunicação. Já outros têm relação porque versam sobre comunidades intencionais/ecovilas, permacultura e institutos permaculturais. É importante salientar que as comunidades intencionais/ecovilas e os institutos permaculturais existem no mundo inteiro, mas nosso interesse é nas pesquisas relacionadas às comunidades e aos institutos do território brasileiro.

Dos trabalhos com resultados de pesquisa completos, como teses, dissertações ou monografias, selecionamos duas teses e 14 dissertações, as quais serão posteriormente analisadas para verificarmos suas devidas contribuições para a pesquisa. Ademais, consideramos duas monografias pelo fato de ambas, de alguma forma, estarem relacionadas ao tema desta pesquisa. Uma delas versa sobre aplicação, eficiência e viabilidade de implementação das ecovilas (FACCIN, 2016). Já a segunda estuda os princípios do desenvolvimento sustentável, criando ambientes de convívio harmônico entre os seres humanos e o meio ambiente, aplicados nas ecovilas (RAMOS, 2016). Também foram selecionados 17 artigos que apresentam alguma contribuição para a pesquisa.

É importante salientar que, no campo da comunicação, localizamos um artigo, o qual conversa com esta pesquisa por abordar as comunidades intencionais e os usos da mídia (RONSINI, 2019). O artigo de Ronsini (2019) traça um esboço teórico acerca dos usos da mídia por comunidades intencionais e as questões de classe envolvidas. Esse artigo é um excerto do projeto de pesquisa “Usos e não-usos das tecnologias da comunicação e o sentido da vida em comum (2019)”, inaugurando, no campo da comunicação, a temática de ecovilas/institutos de permacultura e comunicação.

Os artigos selecionados - Roysen e Mertens (2017); Roysen e Mertens (2016); Campani (2011); Peruzzo e Valpato (2018); Sousa e Lopes (2019); Belleze, Bernardes, Pimenta e Júnior (2017) - versam sobre o desenvolvimento sustentável e suas concepções e práticas sustentáveis, além da comunicação para o desenvolvimento e para a mudança social nas ecovilas. Em destaque ao trabalho de Roysen e Mertens (2017) que procura investigar se o nicho das ecovilas no Brasil é um conjunto de comunidades isoladas ou de comunidades que estabelecem relações entre si e com outros atores da sociedade para trocas de informações sobre práticas socioambientais e desenvolvimento sustentável. Os resultados apontam que, embora ecovilas criem “espaços protegidos”, elas não estão isoladas dos processos políticos e sociais, sendo, assim, importantes atores a serem incluídos nos debates sobre desenvolvimento sustentável.

Já outros - Morais e Donaire (2019); Flores (2017); Palmeira, Panassollo, Ferreira e Pinheiro (2016); Fabri (2016); Bôlla e Milioli (2018); Cunha (2010); Dias e Loureiro (2019); Dias, Loureiro, Chevitarese e Souza (2017); Santos Jr. (2006); Silva (2014); Nogueira, Pinto e Marques (2019) - pretendem investigar as questões relacionadas às dimensões ou níveis de sustentabilidade ambiental e a relevância do debate sobre sustentabilidade, bem como modelos alternativos de sustentabilidade experienciados nas ecovilas ou seu potencial de transição. Marín (2015) trata sobre o conceito da permacultura desde os seus fundadores, a fim de entender a ética ecológica envolvida nesse diferente estilo de vida proposto pela permacultura. Também há artigos que procuram mostrar uma abordagem acerca do surgimento das ecovilas (López e Prada; 2015); além disso, àqueles que procuram conceituar permacultura e a participação e ação coletiva nos movimentos globais de ecovilas e permacultura (Salazar; 2013).

Em relação às dissertações que também ajudaram a pensar a tese aqui proposta, temos: Jacintho (2007), Siqueira (2012), Ferreira Neto (2017) e Arruda (2018). O trabalho de Jacintho (2007) foi importante para a compreensão dos conceitos de agroecologia e permacultura, especialmente para entender em que se diferenciam e se aproximam dentro da perspectiva ecológica. Já o trabalho de Siqueira (2012) contribuiu para pensar sobre o método etnográfico dentro de uma perspectiva de comunidades intencionais/ecovilas, ajudando a pensar na proposta da minha própria metodologia – etnografia para a internet. Além disso, contribuiu para entender o debate em torno do desenvolvimento e meio ambiente, bem como as utopias acerca das comunidades intencionais e ecovilas e suas propostas de sustentabilidade. Ferreira Neto (2017) realizou um mapeamento dos grupos de permacultura em atividade no Brasil, o que contribuiu para a realização da minha pesquisa exploratória e para a delimitação do objeto empírico de análise. Além disso, a fundamentação teórica que o autor traz para discutir ecologia, ecologismos, permacultura nos ajudou a compreender melhor esses conceitos e até mesmo a pesquisa aqui proposta. Por fim, o trabalho de Arruda (2018) investigou a abrangência científica e geográfica do fenômeno socioespacial das ecovilas no Brasil. Ademais, apresenta como as próprias comunidades entendem os conceitos de sustentabilidade econômica, social, espiritual e ecológica, além de apresentar como elas compreendem tais sustentabilidades a partir de suas práticas. Arruda traz uma excelente contribuição a partir da realização de um Estado da Arte sobre o estudo das ecovilas no Brasil.

Dissertação de Conteçote (2008) aborda as metodologias de comunicação nas propostas de desenvolvimento comunitário a partir de uma revisão bibliográfica, fazendo um resgate histórico do entendimento de comunicação para o desenvolvimento, assim como dos

conceitos de desenvolvimento e participação. Como resultados, o autor evidenciou que os conceitos de desenvolvimento e participação são o fundamento tanto de projetos sobre desenvolvimento comunitário quanto de projetos sobre comunicação para o desenvolvimento/mudança social. Em relação aos termos “desenvolvimento social” e “mudança social” – com base em obras de outros autores como Diaz Bordanave e Franco –, Conteçote considera que “mudança social” é um termo mais amplo que “desenvolvimento”, pois o conceito de mudança social compreende toda e qualquer mudança significativa, tanto na estrutura quanto no funcionamento da sociedade. O desenvolvimento, por sua vez, é um processo mais ou menos deliberado e planejado, como ocorre, por exemplo, em áreas setoriais da educação, agricultura, entre outros. Portanto, mudança social costuma se referir a modificações culturais e políticas, uma vez que a mudança social é o processo por meio do qual se produz uma alteração na estrutura e no funcionamento de um sistema social. No entanto, Conteçote (2008) trata os termos como sinônimos por crer que, necessariamente, um leva ao outro. Todavia, não nos filiamos a essa perspectiva, pois não consideramos mudança e desenvolvimento como sinônimos.

Outras dissertações - Fabri (2015); Bôlla (2012); Bissolotti (2004); Jorge (2008); Pimentel (2010) - ao tratarem como tema central a sustentabilidade procuraram analisar as suas dimensões e o gerenciamento da sustentabilidade nas comunidades, bem como o desenvolvimento local para a formação das ecovilas e como a permacultura se expressa e modifica o espaço geográfico para alcançar a sustentabilidade. Destacamos a dissertação de Diório (2017) que procurou investigar a relação da sustentabilidade, em suas diversas dimensões, no espaço construído de comunidades e ecovilas do sul de Minas Gerais, tendo sido analisadas as relações identificadas. Os resultados aos quais a autora chega são interessantes para pensarmos que todas as dimensões da sustentabilidade têm relações com o espaço construído e que essas relações são baseadas em princípios de justiça, igualdade, solidariedade e sustentabilidade. As práticas e técnicas ali desenvolvidas e aplicadas são soluções inovadoras de construção do espaço e possíveis alternativas às práticas convencionais. No entanto, sua aplicação em grande escala é um desafio, e o modo de vida praticado nessas experiências ainda é restrito.

Há trabalhos - Britto (2018); Sales (2017) - que procuraram compreender os preceitos, a formação e organização das ecovilas, além dos princípios e das atividades permaculturais praticadas nessas comunidades ecológicas, contribuindo para uma possibilidade de mudança. Por fim, a dissertação de Roysen (2013) buscou investigar os aspectos culturais de uma ecovila, ou seja, seu cotidiano, suas práticas, as relações que os membros estabelecem entre si e com a

natureza, seus projetos e conflitos. A partir do entendimento da cultura da sociedade de consumo, com base em Richard Sennet, foi possível compreender a ecovila como criadora de uma cultura alternativa, pelo fato de se afirmar como resistência a determinadas práticas e valores da cultura dominante, além de propor outras possibilidades de vida, trabalho, lazer e relacionamento.

Das 14 dissertações explanadas aqui, percebe-se que todas, em alguma medida, abordam conceitualmente as dimensões da sustentabilidade e o entendimento sobre o que são as ecovilas – em alguns casos, trazem o entendimento do que é a permacultura.

Das teses consideradas dentro do escopo total da pesquisa, Roysen (2018) buscou compreender o papel das ecovilas no desenvolvimento e na difusão de práticas sociais sustentáveis no Brasil, assim como a influência das relações sociais nesses processos. Para isso, por meio da Análise de Redes sociais, a autora realizou um mapeamento das ecovilas no Brasil e das redes sociais utilizadas por elas.

Na última tese, a de Cabrera (2017), a autora buscou compreender "como se apresentavam e eram operadas e significadas na práxis noções como ecovila e espiritualidade nas localidades e nas redes" (p. 8). Ela propõe uma discussão teórica sobre sociedade alternativa, que vai desde o que se entende por ecovila e comunidade até a sustentabilidade e a ecologia. Como metodologia, propõe uma etnografia. O que nos interessa nessa pesquisa é a discussão teórica e a proposta metodológica.

Entretanto, as ecovilas consideram as dimensões da sustentabilidade com algumas particularidades em relação às apresentadas por Sachs (2008; 2009). Com base em Roysen e Mertens (2017), a partir de bibliografia sobre ecovilas (CAPELLO, 2013; SALAZAR, 2013; SANTOS-JÚNIOR, 2015; VETETO; LOCKYER, 2008, entre outros) e da própria Global Ecovillage Network (GEN), consideram como indicadores de sustentabilidade o ecológico, o social/comunitário, o econômico e o cultural/espiritual. Na sustentabilidade ecológica, levam em consideração: práticas de compostagem; agricultura orgânica e/ou biodinâmica; permacultura; bioconstrução com adobe, superadobe, hiperadobe, cob e pau-apique; banheiro seco, bacia de evapotranspiração; biodigestores; painéis solares para gerar energia ou aquecer água; reutilização de águas cinzas; e captação de água das chuvas.

A sustentabilidade social/comunitária considera: comunicação não violenta; tomada de decisão por consenso; sociocracia. A sustentabilidade econômica integra: reuniões de partilha de recursos; estímulo ao uso de moedas locais e/ou alternativas; geração de renda local; empreendedorismo social – ações com atores externos (comunidades tradicionais, escolas, etc.) voltadas ao desenvolvimento local; geração de renda local; e atividades econômicas informais.

Por fim, a sustentabilidade cultural/espiritual engloba: os rituais do sagrado feminino; meditações conjuntas; alimentação vegetariana e/ou vegana; e danças circulares. Diante do exposto, é perceptível que esses indicadores se limitam, predominantemente, às relações e às práticas internas das ecovilas.

Em relação aos Institutos de Permacultura, fica evidente na Tabela 9 (APÊNDICE A), elaborada a partir de teses e dissertações e considerando trabalhos cujo termo de busca foi: permacultura/institutos e/ou ecovilas e sustentabilidade no Brasil, obteve-se um total de 40 trabalhos. Desse total, temos 17 teses ou dissertações - Pereira (2016); Jorge (2008); Santoro (2010); Ferreira Neto (2017); Fossaluzza (2019); Figueiredo (2014); Perjessy (2017); Dantas (2017); Rosa (2014); Jacintho (2007); Ferraz (2004); Esteves (2010); Coutinho (2006); Pimentel (2010); Mazzetti (2018); Silva (2013); Lozano (2009), que em algum momento citam os institutos ou como referência para a prática da permacultura ou de alguma ecovila.

Isto é, o trabalho de Pereira (2016) fala sobre o Instituto de Permacultura da Bahia e o Instituto Bioregional do Cerrado como instituições que oferecem cursos de PDCs no país (curso para ser permacultor). Outro trata do Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC) como um "centro de referência em que desenvolve soluções práticas para os problemas atuais das populações brasileiras, incluindo estratégias de habitação ecológica, saneamento responsável, energia renovável, segurança alimentar, cuidado com a água e processos de educação de forma vivenciada" (Jorge, 2008). O trabalho de Santoro (2010) teve por objetivo analisar a sustentabilidade energética das técnicas e conhecimentos aplicados na permacultura dentro do Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (IPEMA). O trabalho de Ferreira Neto (2017; 2018) objetivou elaborar um mapeamento dos grupos de permacultura em atividade no Brasil, tanto institutos quanto coletivos de permacultura foram incluídos nesta lista. Importante destacar que esse trabalho contribuiu para a delimitação do objeto de análise, ou seja, por meio do levantamento realizado pelo autor e outras pesquisas realizadas chegamos aos institutos pesquisados nesta tese. Além disso, não podemos afirmar com precisão quantos são institutos, da lista de Ferreira Neto (2017), pois as autodenominações são diversas, como sítios, estação, rede, instituto e associação. Requerendo, assim, uma observação do site de cada um deles. No entanto, no site nem sempre está descrito de forma clara a que coletivo se referem, ou seja, se são uma comunidade ou um instituto.

A pesquisa de Fossaluzza (2017) menciona o Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado como importante centro de referência de permacultura no Brasil, fundado por André Soares. Além desse, "outros institutos também surgiram em poucos anos, como o Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (IPEMA, Ubatuba/SP), o Instituto de Permacultura

da Bahia (IPB, Salvador/BA), Instituto de Permacultura e Ecovilas da Pampa (IPEP, Bagé/RS), Instituto de Permacultura da Amazônia (IPA, Manaus/AM) e o Instituto de Permacultura Austro-Brasileiro (IPAB, Florianópolis/SC), entre outros" (Fossaluzza, 2017). Na obra de Figueiredo (2014), a única menção a instituto de permacultura refere-se ao primeiro Curso de Design em Permacultura - PDC realizado por Marcelo Bueno do Instituto Permacultura da Mata Atlântica – IPEMA. Perjessy (2017) pesquisa principalmente sobre ecovilas; no entanto, ao citar os institutos, refere-se a eles como iniciativas permaculturais que se apresentam como modelos de desenvolvimento sustentável, como o Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica e o Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado. Já o trabalho de Dantas (2017) aborda o instituto Ipoema, um dos institutos da nossa pesquisa, como desenvolvedor do turismo ecopedagógico realizado pela Chácara Asa Branca do referido instituto, onde oferecem aulas sobre a temática da sustentabilidade a partir de práticas permaculturais.

Rosa (2014) contribuiu com a discussão de que

em uma perspectiva global, autores citam de três a quinze mil iniciativas entre aquelas que se autodenominam Ecovilas e outras designações relacionadas, como comunidades alternativas ou intencionais, sítios ecológicos, fundações e associações com fins sustentáveis, institutos de Permacultura, ecoaldeias, entre outros (BISSOLOT, 2004; IRRGAN, 2011; LITFIN, 2009; RAINHO, 2006; SIQUEIRA, 2012). É importante destacar ainda que existem muitos projetos que, embora compartilhem os ideais e práticas promulgados pelas associações mencionadas, não estão oficialmente inscritos nas mesmas, o que não impede que sejam reconhecidos e participem ativamente das redes informais estabelecidas pelo movimento de Ecovilas (ROSA, 2014, p. 60).

No entanto, a pesquisa buscou identificar e analisar as contribuições de uma Ecovila no panorama socioambiental atual. Ao realizar uma apresentação das comunidades existentes no território brasileiro, são citados os institutos, como o Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado e o Instituto de Permacultura da Mata Atlântica. Já o Instituto de Permacultura da Bahia está dentro da apresentação da ecovila Comunidade Campina. Jacintho (2007), um dos fundadores do instituto Ipoema, pesquisou a aplicação e os resultados de um processo de capacitação em agroecologia realizado em um Assentamento Rural, no qual teve o referido instituto como parceiro do projeto de capacitação. O trabalho de Ferraz (2004) teve por objetivo implementar em uma Escola do Ceará um processo contínuo de educação ambiental, no qual o instituto Terramar atuou como colaborador do projeto. Esteves (2010) teve por propósito em seu trabalho investigar, a partir do estudo de caso, os efeitos socioambientais de um projeto de Educação Ambiental baseado na Permacultura, mencionando de modo geral o que são institutos de permacultura e a sua colaboração para o campo. Esta pesquisa contribui para entendermos a importância dos institutos e qual o seu campo de atuação.

Coutinho (2006) objetivou em seu estudo analisar os modelos de gestão e as estruturas organizacionais das ONGs, dentre elas o Instituto de Permacultura da Bahia. Já Pimentel (2010) teve por objetivo verificar como a permacultura se expressa e modifica o espaço geográfico visando alcançar a sustentabilidade. Para isso, realizou entrevistas e observações nas chamadas estações de permacultura do Distrito Federal, como o exemplo do Ipoema, além de sítios e chácaras, como a Asa Branca, que pertence ao Ipoema. Mazzetti (2018) buscou investigar como ocorre e é praticada a permacultura urbana no Município de São Paulo, identificando seis institutos de permacultura, tais como o Instituto de Permacultura da Pampa, que faz parte desta pesquisa de doutorado, Instituto de Permacultura da Amazônia, Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado, Instituto de Permacultura da Bahia, Instituto de Permacultura Austro Brasileiro e Instituto de Permacultura da Mata Atlântica, como influentes instituições na formação, capacitação e difusão da permacultura no Brasil.

O trabalho de Silva (2013) visou compreender e analisar o discurso de sustentabilidade e as práticas que constituem a permacultura, abordando sobre a origem e o desenvolvimento da permacultura. Os centros de formação e capacitação, como os institutos, contribuem para essa difusão da permacultura no Brasil. Dentre eles, o Instituto de Permacultura do Rio Grande do Sul, Instituto de Permacultura da Bahia, Instituto de Permacultura da Amazônia, Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado, Instituto de Permacultura Austro Brasileiro, Instituto de Permacultura da Mata Atlântica e Ipoema, que compõem a mostra desta tese, entre outros. Lozano (2009) em seu trabalho menciona que a introdução da permacultura no Brasil é recente, datando de 1990, quando surgiram os primeiros centros de experimentação, tais como o Instituto de Permacultura da Bahia, Instituto de Permacultura e Ecovila da Pampa - o IPEP, Escola Rama que faz parte da mostra desta pesquisa -, Instituto de Permacultura da Mata Atlântica.

Com isso, é importante mencionar que boa parte dos trabalhos encontrados é sobre ecovilas, o que implica que pode haver poucos estudos específicos sobre institutos de permacultura, ou esses podem ter sido incluídos como ecovilas em algumas análises. Portanto, no estado da arte, há mais trabalhos mencionando as ecovilas. Além disso, não há um padrão de denominação desses institutos pelos pesquisadores, sendo considerados como institutos e ecovilas em alguns trabalhos e, em outros, somente como institutos.

Alguns institutos atendem populações vulneráveis (FERREIRA NETO, 2017, p. 29) de forma a resolver questões práticas da sobrevivência e da vida material dessas populações, sem afetar o meio ambiente. Esses grupos propõem soluções para o manejo da água, energia,

habitação e alimentos. Outros também servem como referência na atuação da permacultura, tanto para outros institutos quanto para comunidades (SILVA, 2013).

A partir da observação de todos os trabalhos apresentados no estado da arte, percebe-se que a maioria deles versa sobre sustentabilidade e desenvolvimento, ou sobre institutos, ecovilas e/ou permacultura. De modo geral, as pesquisas têm abordado questões sobre mudança social como um termo mais amplo e não vinculado ao conceito de comunicação para a mudança social, muito menos no âmbito ambiental, das comunidades intencionais e dos institutos permaculturais.

Além disso, questões de sustentabilidade ambiental são propostas em um cenário capitalista de empresas ou órgãos públicos como estratégias, mas nem sempre são visualizadas como propostas para uma transformação social em prol de uma responsabilidade também ambiental. A questão ambiental aparece muito associada à educação ambiental em escolas ou empresas. O licenciamento ambiental para empresas e órgãos públicos também é assunto presente nas pesquisas.

Em relação às comunidades intencionais/ecovilas, à permacultura e aos institutos, as abordagens versam bastante sobre sustentabilidade e preocupação com o meio ambiente na sociedade. Além disso, algumas pesquisas tratam da permacultura no âmbito de uma educação ecológica, dando mais enfoque às técnicas, às bioconstruções e à educação.

No entanto, os institutos não são mencionados como objeto de pesquisa, mas como base e estrutura para a existência de algumas comunidades intencionais pesquisadas, uma vez que muitos institutos também compõem ecovilas/comunidades intencionais.

Os conceitos de sustentabilidade econômica, social, espiritual e ecológica são sempre voltados para a comunidade e, no máximo, para as relações entre ecovilas e moradores locais. O social diz respeito às relações internas entre os moradores das comunidades. A única dissertação (Conteçote, 2008) que estuda a questão da mudança social, para nós, confunde mudança com transformação social. Além disso, outro trabalho, um artigo (Belleze, Bernardes, Pimenta e Júnior, 2017), aborda comunicação para o desenvolvimento e para a mudança social, que é o nosso interesse de pesquisa, porém nas ecovilas.

A pesquisa a ser desenvolvida nesta tese de doutorado visa compreender como a comunicação em rede dos institutos de permacultura, a partir de suas representações sobre sustentabilidade na internet, pode contribuir para uma mudança ambiental. Portanto, observa-se, com base no estado da arte, que o que se pretende investigar nesta tese é algo que ainda não se tem pesquisado no campo da comunicação.

4.2 OBSERVAÇÃO EXPLORATÓRIA E DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ANÁLISE

Em um primeiro momento, a trajetória metodológica parte de uma pesquisa exploratória para que entendêssemos o universo das comunidades intencionais, visando, posteriormente, a possibilidade de optarmos pelos institutos de permacultura. A observação exploratória se deu em dois níveis. A primeira foi na internet, a partir da busca por páginas em redes sociais online, como Facebook e Instagram, e em sites e blogs dessas comunidades, a partir de um mapeamento realizado por Ferreira Netto (2018). Como referência na pesquisa por grupos permaculturais brasileiros, utilizou-se a tabela de Ferreira Netto (2018) para procurar essas comunidades intencionais no Google. A partir disso, pesquisamos, no período de 31 de agosto de 2019 a 18 de maio de 2020, se essas comunidades possuíam páginas em redes sociais, blogs, sites ou outras formas de comunicação com a sociedade pela internet. A segunda etapa da pesquisa foi a visitação a duas comunidades intencionais: a Ecovila Karaguatá, em Santa Cruz do Sul-RS, fundada por Glória Miranda Caceres (dentista) e Aquiles Gusson (médico); e a Ecovila Nação Tutumbaiê, em Itaara-RS, que existe desde 2006 e foi fundada por Laércio Teixeira Filho (educador físico) (detalhamento do segundo nível dessa fase exploratória na seção 5.1).

A partir da observação inicial na internet, foi possível delimitar o objeto que analisaremos nesta pesquisa; partimos, portanto, da tabela de Ferreira Netto (2018), que apresenta 100 comunidades intencionais e institutos de permacultura. Diante disso, foi criado um panorama, elaborado com referência na lista de Ferreira Netto (2018), que ajudou a ilustrar (APÊNDICE B, tabela 10).

Além da Tabela 10, foram encontrados outros institutos e comunidades que acabaram aparecendo em nossa busca no Google, com os termos "institutos de permacultura" e "ecovilas", ou que foram referenciadas no trabalho de Arruda (2018), dando origem a uma segunda tabela (Tabela 11, APÊNDICE C). É importante destacar que nem todas as referências da Tabela 11, criada decorrente das buscas realizadas, se enquadram em institutos de permacultura ou comunidades intencionais/ecovilas, pois algumas são eco resorts, comunidades/fazendas ecoturísticas ou comunidades tradicionais.

Diante do cenário apresentado e das pesquisas realizadas (bibliográfica e por observação exploratória e na internet), a escolha pelos institutos Ipoema, UniPermacultura, Associação Veracidade, Pindorama e Escola Rama (Instituto de Permacultura do Pampa) se deu, nesse primeiro momento, em função de possuírem mais canais de comunicação na internet e serem institutos de permacultura que objetivam a sustentabilidade ambiental, por meio de

seus canais de comunicação. Em seguida, foi realizado contato com esses institutos em virtude do seu reconhecimento na trajetória de engajamento e trabalhos com permacultura e meio ambiente, o que originou a seleção dos entrevistados (abordada na seção 4.5). Ou seja, são institutos conhecidos entre as ecovilas e demais instituições, bem como possuem uma trajetória de referência no campo em que atuam. Além disso, para todos os institutos - Ipoema, UniPermacultura, Associação Veracidade, Pindorama e Escola Rama - foi enviada mensagem pedindo para fazerem entrevista, dos quais só Djalma e Jacintho, com trabalhos na área (dissertação de mestrado), e o Marcos Ninguém e, posteriormente, a Joana, aceitaram participar das entrevistas.

4.3 ETNOGRAFIA PARA A INTERNET

O estudo da Etnografia para a Internet (HINE, 2017) no contexto da comunicação proporciona outro olhar à pesquisa de comunicação em rede para a mudança ambiental. Nosso interesse de investigação é estudar o ambiente da internet e o contexto dos usos e apropriações da comunicação dos institutos permaculturais por meio da internet. Ou seja, busca-se investigar algumas plataformas na internet em que esses institutos estejam presentes, com o intuito de encontrarmos ações de comunicação com a sociedade para a mudança social na esfera ambiental.

É importante destacarmos a contribuição da pesquisa etnográfica no campo da comunicação e sua origem na disciplina antropológica como algo muito maior que um “método” (CAMPANELLA; BARROS, 2016). Outras áreas do conhecimento se apropriaram da etnografia e a adaptaram às suas realidades de pesquisas e ao campo em que estão inseridas. Isto posto, surgem diversas formas de concebermos o olhar etnográfico para nossas pesquisas em comunicação, pois o método etnográfico nos permite observar os modos pelos quais a comunicação ocorre e se desenvolve nas mais diversas atividades sociais (MATEUS, 2015).

A etnografia para a internet pode ser compreendida como um método, pois, dependendo da interpretação de seu uso, a compreensão da forma de aplicação e a intenção de quem pesquisa variam, assim como a dimensão que ela ocupa no processo, uma vez que há autores que entendem a etnografia como não sendo apenas um método (PEIRANO, 2014). Com isso, nesta pesquisa, compreendemos a aplicação da etnografia à comunicação como um método, tendo em vista a extensão de sua processualidade e sua articulação com todas as etapas da pesquisa. É importante destacar que a compreensão e a adoção da etnografia como um método se devem ao fato de não pretendermos adentrar teoricamente nos conceitos antropológicos da

etnografia, mas nos propomos a utilizar o modo antropológico de fazer etnografia adaptado para a internet, com base em Hine.

Diante disso, a etnografia é um método de pesquisa que requer a atenção do etnógrafo, o qual deve acompanhar os processos. Para Hine (2017), a etnografia é um método adequado para nos dar respostas às perguntas. Ela nos ajuda a evitar uma simplificação superficial, uma vez que, ao imergir no campo pesquisado, o etnógrafo consegue desenvolver uma compreensão interna das atividades e dos processos que ocorrem dentro desse campo. Essa imersão no campo permite que as observações sejam apreendidas de maneira muito próxima e que o etnógrafo teste constantemente suas interpretações com as pessoas envolvidas (HINE, 2017).

Além do mais, a etnografia é adequada para nos dar uma posição crítica sobre suposições generalizadas acerca do impacto das novas tecnologias, ainda mais quando pensamos nos impactos que a internet tem acarretado na vida dos sujeitos nos últimos tempos. Permite que tenhamos uma visão multifacetada, como fazem os etnógrafos. Observar como vivemos, como as tecnologias são adotadas e adaptadas às nossas vidas e como as estruturas sociais são feitas parece uma forma interessante de capturarmos o que é distinto em nosso modo de vida contemporâneo e, sobretudo, os desafios que enfrentamos ao lidarmos com tudo isso (HINE, 2017). A partir disso, parece-nos interessante pensar: como os institutos têm se apropriado da internet para promover ações de comunicação para a mudança social? Como adaptaram esse consumo midiático ao seu modo de vida? Como tudo isso impacta na estrutura social da comunidade? São questões que nos afetam e nos fazem refletir sobre a importância deste estudo proposto.

A partir do exposto, é possível perceber que o método etnográfico não pressupõe um método rígido, no sentido cartesiano da palavra. Ele pressupõe um trilhar metodológico que visa à construção do objeto de estudo a partir do olhar atento das percepções e observações do pesquisador, que são únicas e particulares e serão cruzadas com a sua memória e com a teoria. Etnografia pressupõe estar aberto ao campo e, na pesquisa de comunicação em rede para a mudança, acredita-se ser um terreno fértil para perceber possibilidades a partir do empírico.

Nesse olhar atento do etnógrafo para o seu objeto de estudo, ele poderá perceber suas repetições e, mais atentamente, suas irregularidades. Isso dará os indicativos que nos orientam e que vão se constituindo ao longo da pesquisa. Além disso, a realização de etnografias no contexto das “novas mídias” tem nos revelado diferentes perspectivas sobre a relação entre os espaços online e offline (BARROS; CAMPANELLA, 2016), compreendendo-se que não existe uma real divisão das temporalidades na cotidianidade dos sujeitos, apesar das especialidades serem imbricadas constantemente. O que ocorre, na verdade, é uma

simultaneidade de apropriações dos usos dos espaços online e offline para a compreensão e reprodução social.

Por isso, na atual pesquisa, a abordagem da Etnografia para a Internet contribui para pensarmos que, na internet, “o fato social não é percebido como isolado, mas sim articulado com outras esferas da vida que se relacionam e ganham sentido dentro de um todo que as precede” (BARROS; CAMPANELLA, 2016, p. 8). Por isso, a proposição é não isolarmos as esferas sociais desses sujeitos em que a comunicação ocorre tanto pela internet como fora dela.

Em conformidade com Mateus (2015) acerca do ponto chave ou da contribuição que o método etnográfico traz aos estudos em comunicação, acreditamos que ele não incide tanto na apropriação da variedade comunicativa, mas, sobretudo, procura

[...] explicá-la e compreendê-la à luz das culturas onde a atividade comunicacional se insere. Visa o desenvolvimento de um modelo heurístico de investigação geral (interpretativa e descritiva) que seja empiricamente sensível aos detalhes que tecem as particularidades de uma comunidade comunicativa (MATEUS, 2015, p. 85).

Portanto, a etnografia compreende a descrição e a interpretação dos processos sociais de apropriação dos produtos simbólicos. É o método que procura levar em conta os detalhes e as particularidades que, às vezes, escapam ao metódico, pois se baseia na relação mais próxima entre investigador e investigado, sendo possível apreender essas subjetividades.

4.4 ESTUDO DE CASO COMPARATIVO E OUTROS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E COLETA DE DADOS

Para dar suporte à etnografia aqui apresentada, propomos a realização de um estudo de caso comparativo entre os institutos permaculturais pesquisados. Isso foi feito com a finalidade de entender a relação desses institutos com uma comunicação que visa à mudança social local significativa a partir de práticas ambientalmente sustentáveis. Tais práticas unem o conhecimento agrícola ancestral com as tecnologias de baixo impacto hoje disponíveis (SALES, 2017) e as comunidades atendidas (quilombolas, indígenas, vulneráveis socialmente). Assim sendo, é uma técnica apropriada, pois dá oportunidade para que sejam explorados aspectos em profundidade dentro de um período de tempo limitado. A utilidade também está na comparação, quando é essencial compreender os comportamentos e as concepções dos institutos acerca do pesquisado.

Cabe, ainda, ressaltar a proposta da combinação de diversos procedimentos metodológicos a fim de ampliar a compreensão desses contextos pesquisados. Seguimos, assim, a trajetória de uma pesquisa qualitativa, que tem por objetivo a compreensão “aprofundada e holística dos fenômenos em estudo e, para tanto, os contextualiza e reconhece

seu caráter dinâmico, notadamente na pesquisa social” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 67). Diante disso, temos o protocolo de organização desses procedimentos, que engloba a entrada no campo, a coleta dos dados e análise do material empírico.

Compreendendo a importância de se estabelecer a maneira pela qual já está ocorrendo a entrada no campo, essa acontece desde o momento da pesquisa exploratória, em que se vai a campo observar as questões acerca de como as ecovilas têm se comunicado na internet e com que intuito, depois e concomitante, a observação dos perfis nas redes sociais, bem como sites e blogs dessas comunidades e dos institutos a fim de definir o corpus de análise. A escolha, primeiramente das ecovilas na pesquisa exploratória, se deu pela localização e por indicação de algum conhecido que já havia visitado o local e que tinha o contato do WhatsApp de algum morador/administrador, o que possibilitou a minha observação *in loco* e também para refutá-los enquanto corpus de análise. Já a escolha dos institutos foi por esses contemplarem o objetivo da pesquisa que é uma comunicação na internet que se pretende a uma mudança ambiental, e isso estava mais presente nas redes dos institutos. Após a definição do corpus de análise, o segundo momento de entrada no campo ocorre desde o primeiro contato com administradores dos institutos, por e-mail, Instagram ou WhatsApp - pelos meios de contato que estavam disponíveis para acessar -, em que afirmou-se claramente que estava sendo realizado um projeto de pesquisa e que a intenção era convidá-los para participarem como entrevistados. Ou seja, essa etapa engloba desde a pesquisa exploratória até o contato com os entrevistados. A entrada no campo aconteceu desde as observações exploratórias nas ecovilas e na internet, de maio de 2019 a maio de 2020.

A coleta de dados não acontece de forma isolada da análise de dados, pois, quando estamos fazendo a coleta do material, estamos com o diário de campo fazendo as anotações do que é observado. A coleta de dados foi feita por meio de prints, que foram armazenados em pastas com o nome do instituto, conjuntamente à realização das observações e anotações no diário de campo. A coleta de dados e observação com o diário de campo aconteceu no período de 18 de janeiro de 2022 a 21 de abril de 2023.

Devido ao grande volume de material dos institutos disponível na internet, foi necessário criar uma rotina de monitoramento. Primeiramente, a observação começou de modo aleatório (entre 2019-2020), em que coletávamos e fazíamos anotações. Posteriormente, foi criado um calendário com datas para a observação, descrição e coleta de dados dos institutos, realizadas de 04 de janeiro a 20 de julho de 2021. É importante destacar que o material de análise também contempla dados não textuais, como o audiovisual, o que torna complexa a coleta desses dados e evidencia a importância de técnicas que ajudem na realização de uma

análise pertinente desse material, por isso optamos pela metodologia desenhada nesta tese. Essa etapa consiste na coleta de dados existentes no site do instituto, no blog, Facebook, Instagram, YouTube, WhatsApp, Telegram e matérias ou reportagens que foram divulgadas sobre o instituto.

Por fim, temos a etapa da análise do material empírico. Nessa etapa, existem alguns processos de análise de dados qualitativos que geralmente são comuns, e os processos analíticos organizados em sequência são nomeados e adaptados às necessidades de cada pesquisa. Há o momento da codificação desses dados a partir da combinação das notas de campo, que são as categorias extraídas do próprio material. As anotações são as reflexões que suscitaram sobre os dados ou são outras observações anotadas às margens dos dados. Vem o momento em que o pesquisador realiza a abstração e a comparação dos dados, utilizando a filtragem e a classificação em padrões ou processos conceituais. Em seguida, é feita a verificação, o refinamento e o retorno ao campo para uma próxima coleta de dados a fim de verificar e aprimorar a compreensão dos padrões, processos, elementos que são comuns e diferentes que aparecem no material pesquisado. Posteriormente, é feita a generalização, processo de elaboração de um pequeno conjunto de generalizações que cobrem ou explicam as consistências no conjunto de informações obtidas. Por fim, vem a teorização, processo no qual o pesquisador confronta as generalizações reunidas a partir dos dados com base na teoria utilizada na pesquisa. Nesta pesquisa, essas fases acontecem simultaneamente, não havendo uma divisão linear entre elas, tendo em vista que ocorrem ao mesmo tempo em que se realiza a coleta dos dados.

A Etnografia para a Internet prevê profundidade nas descrições a partir do uso do diário de campo, que permite a interpretação dos dados e das observações do campo. Em combinação com as entrevistas e outros procedimentos metodológicos, são fundamentais para o entendimento do que se pretende pesquisar e dos usos e apropriações das tecnologias. Por isso, é necessária a complementaridade com entrevistas, de modo a aprimorar a descrição da experiência das práticas e do modo de ser, de pensar e de estar no mundo. Manter o diário de campo com as anotações das observações que foram feitas durante as observações é importante para a análise.

Segundo Máximo et al. (2012, p. 308-309), “o diário de campo, mais do que um instrumento de registro, é um lugar de reflexividade”, no qual se busca diminuir as diferenças e os efeitos de estranhamento e familiaridade encontrados durante a pesquisa de campo. Assim, a comunicação em rede necessita da etnografia como um esforço de compreensão, que ocorre

por meio do diálogo e do conflito que se estabelece com os entrevistados, de forma a entendê-los e entender o contexto social e comunicacional no qual estão inseridos.

Acreditamos que o olhar etnográfico aplicado aos estudos de comunicação em rede, por ser voltado para as multiplicidades e as diferenças, pode ser eficaz para pensar alguns objetos de investigação na comunicação a partir, principalmente, das teorias desenvolvidas neste trabalho. Quando investigamos determinados territórios, subjetividades e paisagens existenciais – às vezes distantes e estranhas em relação àquelas habitadas pelo pesquisador –, precisamos encontrar ferramentas que nos deem suporte e nos aproximem do universo pesquisado. Assim, adotamos a observação participante, por acreditarmos que acompanhar as lives no Instagram ou YouTube, os cursos e as aulas gratuitas e os cursos pagos oferecidos pelos institutos ultrapassa o mero observar: é também participar do processo.

Portanto, a inclusão dessa técnica ou ferramenta na pesquisa etnográfica compreende que o etnógrafo entra no campo pesquisado de forma consciente, ou seja, ele não se coloca no grupo pesquisado de forma ingênua, pois sabe o papel que ocupa dentro do grupo. Ao mesmo tempo em o etnógrafo que observa, também é observado, e isso implica em momentos de tensão, podendo ocorrer alterações na rotina e nos rituais do grupo, mesmo que ele participe desses momentos (TRAVANCAS, 2006).

Além do mais, toda investigação etnográfica pressupõe a observação, seja ela participante ou não; no entanto, nem toda observação participante é etnográfica (PERUZZO, 2009). A observação participante objetiva observar como se processa a relação dos meios de comunicação, como eles são entendidos, decodificados e reelaborados, além de observar seus processos comunicacionais por parte dos sujeitos envolvidos.

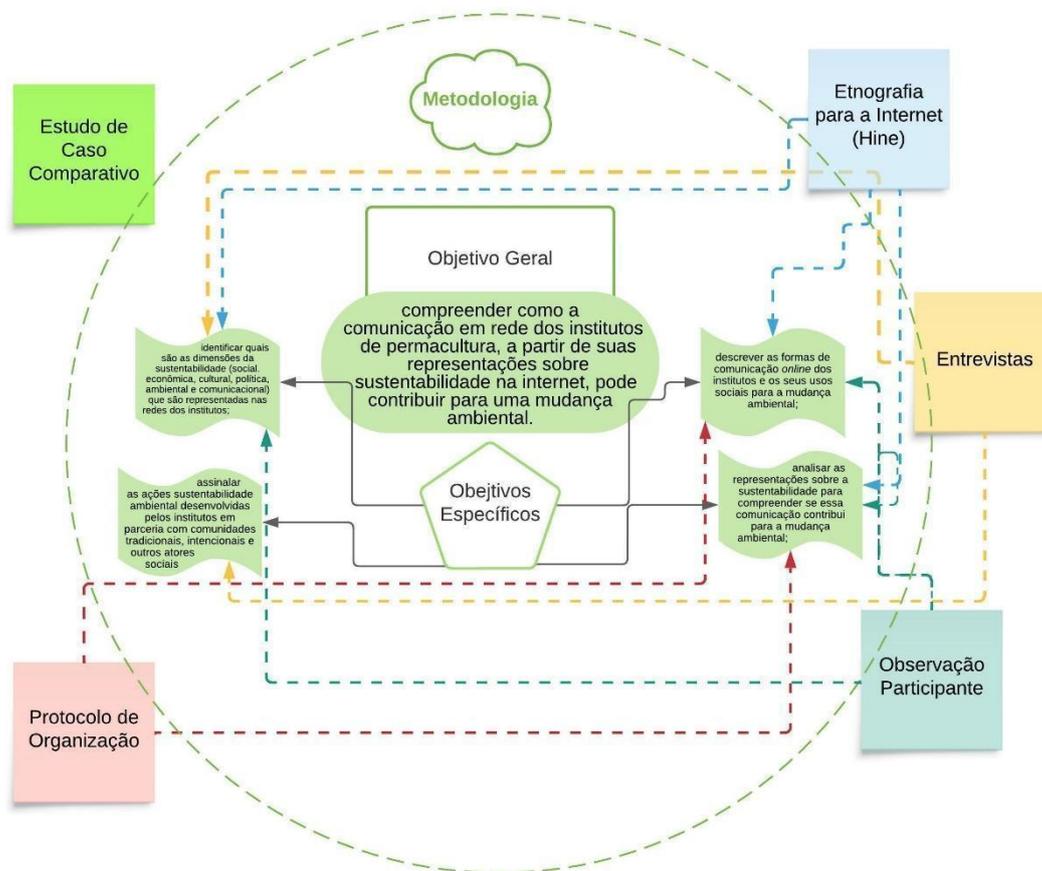
Em relação às etapas da observação participante, o pesquisador precisará decidir se revelará aos pesquisados o seu objetivo ou se vai manter a sua identidade de pesquisador oculta (GIL, 2008). Na presente pesquisa, optei por apresentar aos administradores dos institutos pesquisados os objetivos de estarmos participando das atividades propostas e dos cursos ofertados por eles. Diante disso, essa técnica parece interessante para apreender os sentidos do que está sendo realizado no universo dos cursos pagos e gratuitos acerca das questões ambientais fornecidos pelos institutos. Isso porque a pesquisadora participa do processo de fluxos comunicacionais que acontecem nos grupos do WhatsApp e Telegram que, muitas vezes, antecedem os cursos, de modo a compreender essas formas comunicacionais realizadas pelos institutos para promover a mudança social sob o aspecto ambiental.

Salientamos que é preciso estar atento aos procedimentos da pesquisa de campo, pois não devemos “confundir a etapa de observação participante com a etnografia em si”

(FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 187). Essa é uma realidade muito comum aos trabalhos que utilizam a internet, pois, devido à facilidade na coleta e manipulação dos dados, alguns autores negligenciam a reflexividade na análise qualitativa dos dados e dos relatos de forma mais densa, comprometendo teoricamente o objetivo metodológico da utilização de uma etnografia.

O que ocorre é um equívoco com a etnografia na internet quando os autores, na verdade, “se mantêm somente nas etapas observacionais e descritivas, entrando de forma incipiente nas entrevistas, na análise e reflexão dos dados coletados via sites de redes sociais, blogs etc.” (ibidem). O erro, muitas vezes, é permanecer na mera observação e monitoramento das informações coletadas, não realizando uma etnografia, como proposto inicialmente.

De forma a resumir o apresentado sobre o percurso metodológico, segue o mapa metodológico desta pesquisa:



Fonte: ferramenta Lucidchart (<https://www.lucidchart.com/>) que proporcionou a realização do mapa metodológico.

Esse mapa traz os objetivos da pesquisa e como desenvolvemos ao longo dela, bem como de que maneira a metodologia contribui para alcançá-los. Os pontilhados que saem dos post-its são da mesma cor, indicando de que forma cada um dos procedimentos metodológicos

está ligado na forma de realização de cada objetivo específico. O círculo verde compreende a forma como entendemos o processo, que é interligado e interdependente, e que todos os processos metodológicos utilizados contribuem para atingir o objetivo geral desta pesquisa.

4.5 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS POR WHATSAPP

Foram realizadas entrevistas do tipo semiestruturada por WhatsApp com quatro integrantes dos Institutos de Permacultura⁷, a fim de ampliar as discussões e identificar quais são as mudanças socioambientais que os institutos pretendem na sociedade. Também houve observações e análise de alguns dos materiais utilizados na internet para a divulgação das ações dos institutos sobre sustentabilidade ambiental.

Optamos pela entrevista semiestruturada (NETO, 2002) por entender que compreenderia uma entrevista mais ou menos dirigida, na qual é possível abordar o tema proposto livremente, com perguntas semiabertas. Elas compreenderam um eixo de três grandes perguntas que foram se desdobrando em outras conforme as respostas dos entrevistados.

As três primeiras perguntas (Apêndice E) correspondiam ao eixo central, as quais versavam sobre as ações de sustentabilidade desenvolvidas pelos institutos, como eles informaram essas ações e por fim qual era o impacto dessas ações para as comunidades atendidas. As perguntas subsequentes, que correspondem ao eixo secundário, não foram feitas de imediato, nem suas respostas foram obtidas de imediato, pois o tempo de uma entrevista por áudio gravado pelo WhatsApp é diferente de uma entrevista online por Skype, por exemplo.

Assim, as perguntas tiveram a intenção de entender como os projetos acontecem, se por meio de algum tipo de edital ou financiamento; se realizavam cursos online; como eles contatavam as comunidades para a realização das atividades e bem se essas tinham continuidade após o fim do projeto desenvolvido e se mantêm contato. Se as ações chegam a se configurarem como projetos e por fim, se acreditam que essas ações que desenvolvem levam a alguma mudança ambiental. Também se questionou o papel da mídia e das redes sociais online para a mudança social pretendida e qual o impacto das ações presenciais e das online realizadas.

A partir das entrevistas realizadas, foi possível apreender como esses institutos compreendiam seu papel social frente a uma possível mudança ambiental na sociedade e como eles visualizam o papel da comunicação na internet para o desenvolvimento e a mudança

⁷ Instituto Ipoema – Cláudio Jacintho; Associação Veracidade – Djalma Neri e Joana Ortega; Unipermacultura – Marcos Ninguém;

ambiental. Foi solicitado que os entrevistados consentissem em participar da entrevista, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A), ao que eles afirmaram pelo WhatsApp estarem cientes e aceitarem os termos (APÊNDICE D).

A fim de ampliar os questionamentos, acrescentamos as questões complementares, a fim de compreender o papel da comunicação na internet, a importância e a diferença da internet ao livro para a conscientização sobre o meio ambiente e o papel da sociedade no apoio ao trabalho realizado pelos institutos. Essas questões tiveram, também, o objetivo de aprofundar a importância da mídia na comunicação com a sociedade sobre a importância da mudança ambiental.

As entrevistas ocorreram entre os meses de maio de 2020 a agosto de 2022. A escolha desses atores sociais foi pela importância que possuem no cenário nacional e, de forma secundária, pela disponibilidade em aceitar participar das entrevistas. Além disso, a escolha por utilizar o WhatsApp foi devido à questão de tempo, já que os entrevistados poderiam dedicar uma, duas ou até três horas realizando uma entrevista por outra plataforma. Diante disso, visualizou-se a possibilidade de usar os recursos do aplicativo de celular, que flexibilizou esta interlocução entre o entrevistado e o entrevistador. O aplicativo já foi utilizado em outros trabalhos, como o de Scherer, sendo essa multiplataforma que permite o uso de diversos recursos disponibilizados para seus usuários, tais como mensagens com imagens, vídeos e áudio. “Essa ferramenta permite a troca de mensagens instantâneas e é acessada por meio de conexão com a internet” (SCHERER, 2016, p. 124).

Culminando a isso, a pandemia do Covid-19 impossibilitou o deslocamento até os institutos para que se pudesse realizar qualquer tipo de entrevista ou observação. Assim, mais uma vez, o aplicativo se visualizou pertinente para a referida pesquisa. Portanto, as entrevistas tiveram também como objetivo complementar a análise das redes dos institutos.

4.6 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Nesta seção, apresentamos o perfil de quatro entrevistados – Cláudio Jacinto, do Ipoema; Djalma Neri, do Veracidade; Marcos Ninguém, do UniPermacultura; e Joana Ortega, do Veracidade. A escolha por esses entrevistados se deu por aceitarem participar da pesquisa quando abordados por e-mail, contato disponível em seus sites, e no caso de Joana, foi indicação de Djalma.

Os institutos Pindorama e Rama não aceitaram participar da pesquisa. No Instituto Pindorama, o administrador não tinha disponibilidade de tempo para a realização de entrevistas

e no segundo instituto, em um primeiro momento, o administrador aceitou participar; posteriormente, perdeu-se o contato e não obtiveram-se mais respostas por parte dele.

A construção dos perfis foi realizada por meio de buscas na internet, como o site Escavador e o site do instituto, e de seus relatos sobre suas trajetórias de vida. Retomando a seção 4.5, sobre as entrevistas, essas se deram pelo WhatsApp.

4.6.1 Cláudio da Rocha dos Santos Jacintho (CJ)

Claudio Jacintho é mestre em Desenvolvimento Sustentável, pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (2006), e Engenheiro Florestal, pela mesma universidade (2002). Ele também é permacultor desde 1988. Atualmente, atua como gestor de projetos e consultor do Instituto Ipoema, além de outras ONGs, ecovilas e ações movidas pela preocupação com o meio ambiente.

O Ipoema, uma associação sem fins lucrativos, foi idealizado e fundado por Jacintho em 2005, sendo ele o diretor do instituto até 2009. Ele também é o idealizador, coordenador e Responsável Técnico do Centro de Permacultura Chácara Asa Branca. Em 2011, junto ao Ipoema, recebeu o prêmio de tecnologias sociais da Fundação Banco do Brasil na categoria de recursos hídricos. No mesmo ano, foi agraciado pela Câmara Legislativa do Distrito Federal com uma moção de louvor pelos serviços prestados ao Distrito Federal-DF, especialmente na preservação e melhoria da qualidade da água.

Claudio Jacintho possui ampla experiência na elaboração de projetos sustentáveis, bioconstruções, manejo sustentável de águas, recuperação de áreas degradadas e extensão rural, atuando com permacultura e agroecologia. Além disso, ele tem desempenhado papéis como professor e palestrante reconhecido. Sua área de interesse concentra-se na educação para a sustentabilidade. Foi responsável por elaborar a ementa para a criação da disciplina Introdução à Permacultura, no Departamento de Engenharia Florestal da UnB, ministrando-a entre os anos de 2008 a 2011. Atualmente, Jacintho é uma das principais referências nacionais em permacultura e sustentabilidade.

4.6.2 Djalma Neri Ferreira Neto

Djalma possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011). Sua experiência abrange a área de Educação, com ênfase em Educação Popular, com atuação principalmente em temas como permacultura, meio ambiente, compostagem, pensamento sistêmico e ecologia. Ele obteve o título de Mestre em Ciências

pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ecologia Aplicada (PPGI-EA) do CENA/USP - ESALQ (2017).

Djalma é o fundador da Associação Veracidade e exerceu a função de professor na rede pública estadual de ensino, dedicando-se especialmente ao ensino médio. Além disso, é autor do livro "Uma alternativa para a sociedade: caminhos e perspectivas da permacultura no Brasil". Desde 2018, atua como vereador pelo PSOL em São Carlos-SP.

4.6.3 Neimar Marcos da Silva (Marcos Ninguém)

Marcos possui graduação em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (2006). Originário de uma família de agricultores em Alpestre, coordenou o Departamento de Permacultura e Design de Ecovilas na ecovila itinerante Caravana Internacional Arco-íris por la Paz (México), onde desempenhou suas funções por 2 anos. Sua descoberta da prática da permacultura ocorreu durante o período universitário, quando participou dos movimentos estudantil e de agroecologia.

Marcos desempenhou papel pioneiro na oferta de cursos e na construção das primeiras casas ecológicas em diversos estados, incluindo Sergipe, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Durante sua estadia em Pernambuco, atuou como educador ambiental no Centro Ecopedagógico Bicho do Mato, em Recife. Em Chapadão do Céu, Goiás, coordenou a Estação de Permacultura Aldeia 2012. Em João Pessoa, Paraíba, foi diretor do Centro de Estudos Ambientais da Secretaria do Meio Ambiente.

Marcos desenvolve atividades que vão desde pesquisas até palestras e cursos de Permacultura, Design de Ecovilas e Sustentabilidade para ONGs, escolas, institutos e universidades públicas e privadas em vários estados do Brasil. Ele é cofundador da Rede de Permacultura da Paraíba e da Rede Potiguar de Permacultura. Além disso, é colaborador da Aldeia da Paz, espaço modelo em sustentabilidade do Fórum Social Mundial, e educador do Programa Gaia Education, da rede Global de Ecovilas em parceria com a ONU. Atualmente, integra o Centro de Referência, Integração e Sustentabilidade e Pesquisa (CRIS) e o Laboratório de Permacultura Urbana – Casa dos Hólons, em São Paulo, onde reside.

Após deixar as atividades como filósofo, ator, bailarino e líder social em Pelotas, Marcos se autodenomina "ninguém", fazendo uma alusão à obra de Friedrich Nietzsche. Depois de diversas inserções em atividades artísticas e permaculturais, decidiu aprofundar seus conhecimentos por meio da leitura de livros.

Atualmente, Marcos não atua mais no UniPermacultura, fechando as portas do instituto e dedicando-se a projetos pessoais, como o estudo de arquitetura na ULBRA. Futuramente,

planeja realizar uma pós-graduação em urbanismo e sustentabilidade, pois está trabalhando em um escritório de arquitetura e urbanismo. Ele comenta que chegou um momento em que decidiram encerrar os cursos online e presenciais, parando as obras de bioconstrução, "aposentando-se" e direcionando seu tempo para outras atividades, como a família.

4.6.4 Joana Ortega

Joana é educadora ambiental com experiência em escrita e gestão de projetos. Atua na gestão institucional do terceiro setor desde 2014, sendo responsável pela elaboração e realização de oficinas, cursos e vivências sobre meio ambiente e as questões socioeconômicas que permeiam a sociedade. Possui graduação em Ciências Biológicas pela UNESP Ilha Solteira, é especialista em Educação Ambiental pelo CHREA-USP e mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural pela UFSCar.

Em 2015, atuou como educadora em Ciências no Ensino Fundamental Ciclo II pela Secretaria Municipal de Educação de Itirapina. Atualmente, é coordenadora geral da Associação Veracidade e coordenadora adjunta da Câmara Técnica de Educação Ambiental do Comitê de Bacias Hidrográficas do Tietê-Jacaré. Desde 2018, está à frente das atividades administrativas da Associação Veracidade.

5 ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A SUSTENTABILIDADE E A MUDANÇA AMBIENTAL NA INTERNET

Este capítulo destina-se à apresentação dos resultados da pesquisa de campo, conjuntamente com as reflexões teóricas que ajudaram a conceber a mudança ambiental pretendida pelos institutos e como eles utilizam a internet para comunicar suas ações à sociedade. Neste momento do trabalho, apresentamos os institutos e suas narrativas acerca da sustentabilidade ambiental em diversas plataformas da internet ao longo de 4 anos, além de observações e análises.

5.1 CONTEXTO DOS INSTITUTOS DE PERMACULTURA

A escolha de estudar os institutos de permacultura ocorreu após a observação das formas de comunicação na internet e dos conteúdos das ecovilas Karaguatá e Nação Tutumbaiê. Diante disso, percebeu-se que os institutos permaculturais estão mais engajados com questões sociais relacionadas à sustentabilidade ambiental, como os quilombolas, MSTs, escolas, entre outros. Isso vai além da preocupação com sua própria sustentabilidade econômica para a sua permanência enquanto ecovila ou instituto. Além de promoverem ações diretamente com as ecovilas, os institutos realizam cursos como estratégias para arrecadação financeira a fim de se manterem. Diferentemente das comunidades intencionais/ecovilas que ainda estão focadas na sua comunicação com a sociedade para vender serviços e produtos e assim se manterem enquanto ecovila.

Devido à pandemia do novo coronavírus, as ecovilas e os institutos realizam suas ações de contato com a sociedade por meio de seus canais de redes sociais online, a fim de promover seus cursos online pagos e fortalecer os vínculos com aqueles que acreditam e compartilham dos preceitos permaculturais. Temos notado um grande número de transmissões ao vivo no Instagram, principalmente dos institutos Pindorama, Escola Rama e Unipermacultura, que permanecem nos feeds dos usuários. Além disso, as redes sociais se tornam um diário das rotinas do campo, do viver em comunidade e de compartilhar essa experiência da permacultura.

Observamos em suas redes sociais que a internet tem potencial para ampliar a comunicação com a sociedade, colaborar para a divulgação das ações desenvolvidas sobre a sustentabilidade ambiental promovidas pelos institutos permaculturais e contribuir cada vez mais para uma mudança local e regional a partir das comunidades tradicionais, ecovilas ou escolas atendidas. A partir das entrevistas, percebemos que a comunicação das ações na internet gera interesse de patrocinadores, bem como outras formas de engajar a sociedade civil a contribuir com o desenvolvimento sustentável e ambientalmente responsável desses atores

sociais citados. É importante salientar que não estamos analisando o impacto global das ações dos institutos, e sim locais, pois suas ações são locais, mesmo que a internet atinja um grande público.

Com base na pesquisa bibliográfica e na pesquisa no Google realizada sobre os institutos existentes no Brasil, que compõem as tabelas dos apêndices A e B, verificamos que o universo de institutos permaculturais brasileiros é composto, ao todo, por 27. A escolha dos institutos estudados nesta pesquisa – Ipoema, Rama, UniPermacultura, Veracidade e Pindorama – deu-se, em um primeiro momento, em função de possuírem mais canais digitais de comunicação, bem como suas ações serem pensadas para mudanças ambientais. Posteriormente, pela disponibilidade de alguns em aceitar participar das entrevistas.

Outras questões relevantes são quantos anos esses institutos têm e qual é sua distribuição geográfica. O Instituto Ipoema existe desde 1999 e está localizado no Distrito Federal. O Instituto Rama existe desde 2000 e está localizado no Rio Grande do Sul, assim como a UniPermacultura, que existe desde 2015. Já a Associação Veracidade, localizada em São Paulo, existe desde 2012. Por fim, o Instituto Pindorama localiza-se no Rio de Janeiro e existe desde 2004.

A seguir, apresentamos o contexto de cada um dos institutos mencionados com base nas informações que constavam na internet, principalmente em seus sites.

5.1.1 Ipoema

O Ipoema – Instituto de Permacultura – começou a ser pensado em 1999 por Cláudio Jacintho, engenheiro florestal e mestre em sustentabilidade, quando iniciou suas experimentações em sustentabilidade socioambiental e inaugurou o Centro de Permacultura Asa Branca. Em 2005, seis anos depois, juntamente com um grupo de jovens profissionais de diversas áreas, fundou uma associação sem fins lucrativos para trabalhar por um mundo sustentável e uma vida em harmonia com a natureza, ou seja, o Instituto Ipoema. Atualmente, Jacintho lidera a administração do instituto.

Ao longo desses 16 anos de atuação, o instituto já realizou mais de 20 projetos socioambientais. São projetos nas áreas de educação para a sustentabilidade, cultivo agroflorestal, instalações de tecnologias sociais, bioconstruções, recuperação de áreas degradadas, sequestro de carbono, gestão e governança de organizações, eventos sustentáveis, entre outros. Dentre os resultados obtidos até então, foram armazenados 1 milhão de litros de água da chuva, 10.000 pessoas sensibilizadas e capacitadas, 60 tecnologias sociais implantadas, 50 edificações construídas e 350.000 mudas plantadas.

5.1.2 Rama

O Instituto de Permacultura da Pampa – IPEP – foi fundado por João Rockett, em 2001, em parceria com Ali Sharif, da Permacultura América Latina – PAL –, na cidade de Bagé, extremo sul do Brasil, com o objetivo de criar um Centro de Referência em Permacultura. Atualmente, João Rockett, sua companheira Tatiana Cavaçana e o parceiro Alexandre Rodrigues França estão à frente das atividades administrativas do instituto. O IPEP foi ampliado com a criação da Escola Rama, que agregou atividades, cursos e consultorias em desenvolvimento humano.

A Rama é um setor do IPEP criado com o objetivo de motivar a responsabilidade individual diante da natureza e da aplicação da permacultura como ferramenta-chave para uma vida no campo harmônica, integrada e sustentável. O Instituto tem por objetivo apoiar o desenvolvimento da permacultura e de ferramentas para viver no campo, por meio da produção orgânica de alimentos, do manejo sustentável da água e do solo, do uso de energias renováveis, construções ecológicas, criação de mercados e estratégias de organização individual e social, além da criação de um sistema de alta eficiência e baixa manutenção.

5.1.4 UniPermacultura

A UniPermacultura tem como objetivo promover a educação para a transição paradigmática e sistêmica. Acreditam que o maior desafio global é abandonarmos o paradigma destrutivo do sistema capitalista para ingressarmos em um paradigma social da cultura da sustentabilidade e abundância.

No intento de preparar as comunidades tradicionais e intencionais e os indivíduos para suportar e resistir às crises oriundas da queda exponencial da produção de petróleo – crise energética –, da insustentabilidade do sistema financeiro – crise econômica – e das mudanças climáticas agravadas pelo nosso estilo de consumo – crise climática –, a UniPermacultura desenvolve cursos focados no conceito de resiliência. O Instituto acredita na permacultura como uma ferramenta para a emancipação dos indivíduos e das comunidades, criando ambientes e comunidades socialmente justas e ambientalmente capazes de superar as crises mencionadas anteriormente e resistir a elas. Assim, a UniPermacultura pode ser entendida como universidade da vida e não somente com foco na área acadêmica, pois o foco do instituto é a liberdade, nutrindo a Terra com a sabedoria ancestral dos que vieram antes de nós.

Possui uma plataforma de Educação a Distância (EaD), responsável pela formação dos novos profissionais e designers de permacultura que ajudarão a desenvolver e executar projetos ligados ao "desenvolvimento sustentável" e ao planejamento rural e urbano, com soluções

sustentáveis para um novo futuro. Para que haja uma mudança da cidade para o campo, a UniPermacultura tem o núcleo e laboratório de aprendizagem permacultural.

A UniPermacultura era administrada por Marcos Ninguém; porém, em dezembro de 2022, o Instituto encerrou suas atividades realizadas ao longo desses 7 anos de trabalho com a permacultura. O encerramento ocorreu em função de novos projetos do permacultor Marcos Ninguém. Assim, todas as redes referentes à UniPermacultura e à figura de Marcos Ninguém foram desativadas, e Marcos passa a assumir uma nova persona - Marcos Ubermensch no *Instagram*.

5.1.4 Associação Veracidade

A Associação Veracidade foi criada no ano de 2012, na cidade de São Carlos – SP. É uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, com o objetivo de transformar a realidade urbana a partir da permacultura, da agroecologia, da educação ambiental crítica e da economia solidária, apontando para a construção de sociedades sustentáveis por meio de ações que promovam o acesso às necessidades materiais básicos à vida humana. A Veracidade preconiza as ações voltadas ao acúmulo de excedente, ou seja, luta para que a lógica do acúmulo se desfaça enquanto padrão de conduta humana, prezando pela cooperação ao invés da competição.

Com base em sua missão, pretendem tornar-se uma ferramenta de organização popular em torno de pautas socioambientais, com o objetivo de rediscutir o território urbano a partir da minimização dos contrastes e dicotomias da relação cidade-campo. Além disso, a Associação se baseia em princípios da permacultura, tais como o cuidado com a terra, com as pessoas e a partilha justa dos excedentes.

Possuem uma participação ativa nas discussões públicas, aquelas que visam a proteção dos recursos naturais e da sustentabilidade da cidade, com o intuito de integrar no debate diversos conselhos e espaços públicos ou coletivos, tais como: CONDEMA – Conselhos Municipais de Defesa do Meio Ambiente; CRSANS – Comissão Regional de Segurança Alimentar e Nutricional; CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente – São Carlos.

Até 2018, Djalma Nery estava à frente das atividades administrativas do instituto, saindo para ocupar cargo de deputado estadual pelo município, ficando assim Joana Ortega e demais colaboradores (Aline Zaffani, Amanda Carrara e João Dias).

5.1.5 Pindorama

O Instituto Pindorama é uma organização independente e sem fins lucrativos com sede em Nova Friburgo-RJ, fundado por Nilson Dias no ano de 2004. Localiza-se em uma propriedade rural de 480.000 m² de área verde cercada pela Mata Atlântica. O Instituto conta com um grupo de terapeutas, permacultores, arquitetos, agrônomos, pedagogos e voluntários para a qualidade de vida e sustentabilidade.

A sede é um ambiente de pesquisa e aprendizagem sobre as áreas de sustentabilidade e qualidade de vida. Nesse espaço, há uma casa autossuficiente que produz sua própria energia elétrica e gás. Há diversas edículas construídas com bambu e materiais naturais, como barro e madeira. Além disso, há uma área de plantio orgânico com inhame, mandioca, batata doce, batata-baroa, milho, feijão, abóbora, hortaliças e legumes em geral, além de diversas árvores frutíferas, como maçã, mirtilo, laranjas, atemoias, caquis, bananas, cambucás, jabuticabas, açaí, juçara, noz pecã, castanha portuguesa e outras espécies. Com isso, o instituto objetiva mostrar que a autossuficiência alimentar também é possível. O instituto tem como objetivo principal compartilhar o conhecimento da permacultura para o "empreendedorismo sustentável".

Pindorama é hoje administrado por Nilson Dias e sua companheira Thaís Telles. É importante destacar que ao longo dos 4 anos de pesquisa desta tese, o administrador Nilson Dias do Instituto Pindorama sofreu modificações em sua proposta, saindo de apenas consultor de empreendimentos ambientais para também um consultor em investimentos financeiros.

5.2 APRESENTAÇÃO DAS CATEGORIAS TEÓRICO-ANALÍTICAS A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A SUSTENTABILIDADE E A MUDANÇA AMBIENTAL NA INTERNET DOS INSTITUTOS DE PERMACULTURA

Com base no diário de campo, foi possível construir as primeiras percepções das narrativas representacionais dos institutos de permacultura na tentativa de estabelecer uma comunicação em rede para a mudança ambiental. A partir das categorias teórico-analíticas - Social, Econômica, Política, Cultural, Ambiental e Comunicacional - apresentamos a análise, que foi realizada durante a observação das redes dos institutos de permacultura, tendo as entrevistas como elemento que ajudou a entender como as questões da mudança ambiental aparecem nas narrativas da internet a partir das dimensões da sustentabilidade. Também procuramos entender como se estabelecem as relações sociais com aqueles que são atendidos pelos cursos e projetos oferecidos.

É importante destacar que as categorias apresentadas a seguir se complementam e se interpõem. Ao analisarmos as práticas de mudança ambiental pretendidas pelos institutos junto

à sociedade à luz das dimensões de sustentabilidade propostas por Sachs, compreendemos que essas foram pensadas de forma mais ampla, em relação com a sociedade. No entanto, propomos refletir sobre as práticas socioambientais dos institutos a partir dessas dimensões. A categoria narrativa, ou seja, a mediação proposta por Martín-Barbero, é transversal às categorias do Sachs, pois essa categoria se articula com as categorias da sustentabilidade.

Nesse sentido, retomamos o objetivo dessa tese que visa compreender como a comunicação em rede dos institutos de permacultura, a partir de suas narrativas, aqui entendidas como representações, sobre sustentabilidade na internet, pode contribuir para uma mudança ambiental. Para tanto, nossos objetivos específicos são: a) descrever as formas de comunicação online dos institutos e os seus usos sociais para a mudança ambiental; b) analisar as narrativas - representações - sobre sustentabilidade para compreender se essa comunicação contribui para a mudança ambiental; c) identificar quais são as dimensões da sustentabilidade (social, econômica, cultural, política, ambiental e comunicacional) que são representadas nas redes dos institutos; e, por fim, d) assinalar as ações de sustentabilidade ambiental desenvolvidas pelos institutos com comunidades tradicionais e outros atores sociais, como ecovilas, escolas e novos rurais.

Poderíamos dizer, segundo Servaes (2012, p. 32), que não existe um modelo universal de desenvolvimento sustentável, pois esse é um processo integral, multidimensional e dialético que difere de sociedade para sociedade, bem como de comunidade e contexto. Portanto, cada comunidade e sociedade procuram delinear sua própria estratégia de desenvolvimento sustentável. Isso implica levar em conta os recursos e os capitais disponíveis - não somente físicos, financeiros e ambientais, mas também humanos, sociais e institucionais -, além de considerar necessidades e visões das pessoas envolvidas.

A seguir, será apresentada a análise dos institutos com base nas categorias teórico-analíticas propostas nesta tese. A estrutura desta análise se organiza a partir de uma descrição dos dados coletados nas redes e nas entrevistas e posteriormente um comparativo analítico desses institutos. Importante salientar que não estamos analisando o impacto da comunicação e nem das ações dos institutos; não temos como analisar isso com base apenas nas postagens ou nas entrevistas. Analisar esse impacto requer um trabalho mais abrangente.

5.2.1 Social

Esta categoria é considerada como a introdutória das demais. É nela que entendemos como os institutos se relacionam, a partir de suas redes, com o entorno social. De que maneira suas práticas ambientais também contemplam os sujeitos que apresentam alguma

vulnerabilidade social e em que medida suas ações contribuem para que esses tenham, a partir da mudança ambiental, um mínimo necessário de vida digna e certa autonomia com qualidade de vida decente. Ou seja, estamos, neste tópico, analisando a comunicação, as narrativas, dos institutos sobre as ações sociais e não as ações em si mesmas. Também buscamos compreender como os institutos avaliam suas ações sociais, o que eles dizem sobre o que fazem.

Quando analisamos o *Instagram* do **Pindorama**, encontramos postagens envolvendo ações desenvolvidas com comunidades quilombolas, indígenas, periféricas e escolas, uma vez que compõem um dos públicos-alvo de suas ações. Podemos ver isso quando mencionam, em seu site, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável propostos pela ONU, havendo destaque para a educação de qualidade. No Pindorama, esse objetivo é alcançado por meio de cursos, vídeos, livros, palestras e seminários com conteúdo que é marginalizado no meio acadêmico, mas é ensinado de forma gratuita para líderes comunitários, assentados, quilombolas e indígenas. Também verificamos que há trabalho voltado à igualdade de gênero e ao empoderamento da mulher, realizado por meio do Simpósio Latino-Americano de Bioarquitetura e Sustentabilidade (SILABAS), que promove palestras e mesas redondas com os temas de arquitetura na periferia, permacultura nas escolas e agricultura urbana. O Simpósio possui um dia inteiro dedicado ao empoderamento da mulher, e os cursos do Pindorama formam líderes comunitários para atuação em suas comunidades locais.

Além de palestras *online* em universidades e escolas acerca do tema energia limpa e acessível a todos; cursos com bolsas sociais para estudantes, professores universitários e líderes comunitários sobre cidades e comunidades sustentáveis; visitas ecopedagógicas com crianças, adolescentes e jovens acerca da ação contra a mudança global do clima.

Além disso, existe a preocupação de doar parte da arrecadação dos cursos pagos para o Instituto Teto⁸ e o Instituto Ramacrisna⁹. A partir dessa parceria, o Pindorama acaba impactando, de forma indireta, sujeitos em situação de vulnerabilidade social ao destinar parte de seus rendimentos a esses institutos.

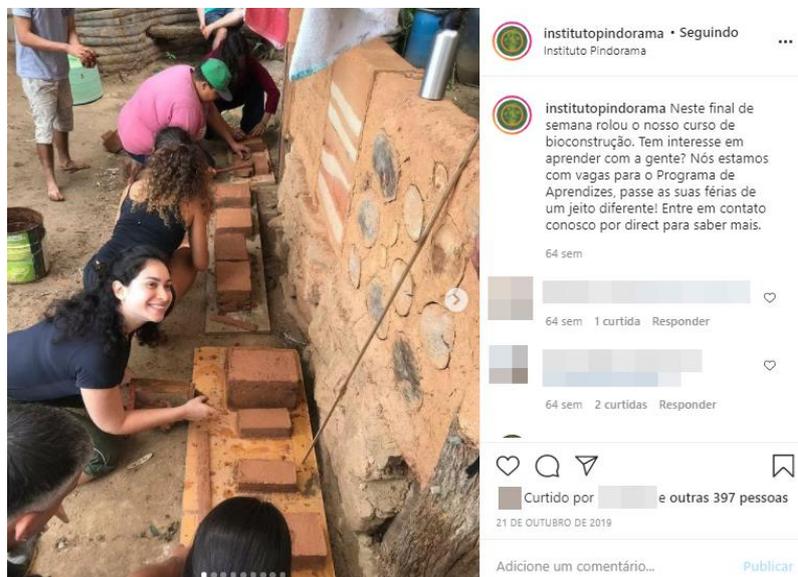
No entanto, não foi possível encontrar nada referente às comunidades atendidas, mesmo que haja postagens no *Instagram* sobre ações presenciais no instituto. Aparentemente, no

⁸ O trabalho desenvolvido pelo instituto é levar soluções concretas para a melhoria da qualidade de vida da população local, principalmente das condições de moradia. Em 2002, a iniciativa veio para o Brasil primeiro em Recife e, em 2006, em São Paulo. Porém, desde 1997 o instituto atua no Chile. Disponível em: <https://www.techo.org/brasil/>. Acessado em 21-09-2021

⁹ É uma organização sem fins lucrativos que desenvolve projetos de aprendizagem, profissionalizantes, culturais de geração de trabalho e renda, de tecnologia, de esporte e lazer, entre outros, para comunidades em situação de vulnerabilidade social. Fundada em 1959 em Belo Horizonte. Disponível em: <https://ramacrisna.org.br/>. Acessado em 21-09-2021

entanto, essas ações não parecem envolver os sujeitos citados - comunidades quilombolas, indígenas, periféricas e escolas -, uma vez que são cursos pagos e que os interessados precisam ir até o instituto para realizar o curso ou ter orientação online, por exemplo, sobre permacultura, produção de alimentos orgânicos e educação Waldorf¹⁰:

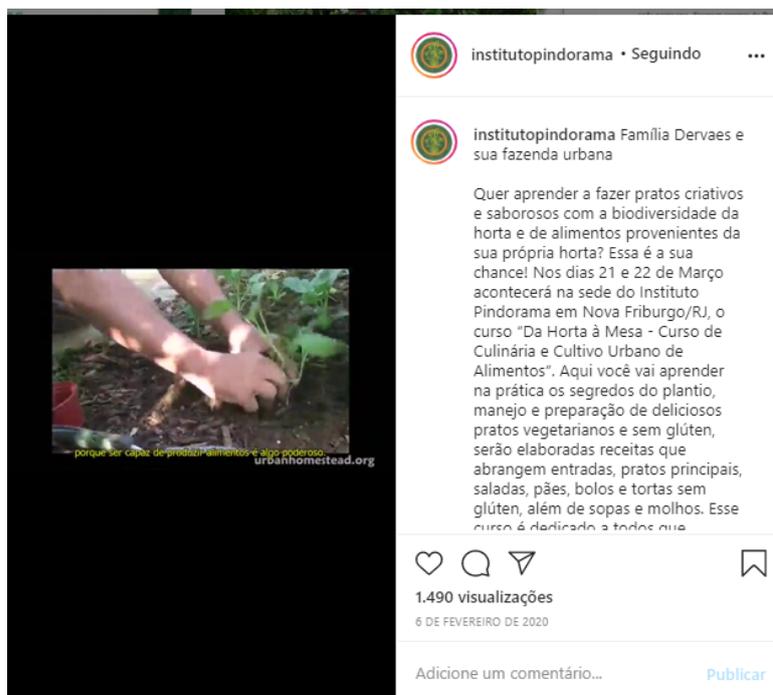
Imagem 1 – Postagem no Instagram do Instituto Pindorama sobre o curso de bioconstrução.



Fonte: *Instagram* do Instituto Pindorama

Imagem 2 – Postagem no Instagram do Instituto Pindorama sobre o curso de culinária e cultivo urbano de alimentos.

¹⁰ A Pedagogia Waldorf é uma abordagem pedagógica baseada na filosofia da educação do filósofo austríaco Rudolf Steiner. Essa pedagogia procura integrar de maneira holística, o desenvolvimento físico, espiritual, intelectual e artístico dos alunos.



Fonte: *Instagram* do Instituto Pindorama

Imagem 3 - Postagem no Instagram do Instituto Pindorama sobre o curso de agricultura regenerativa.



Fonte: *Instagram* do Instituto Pindorama

Imagem 4 – Postagens no *Instagram* do Instituto Pindorama sobre o retiro *Waldorf* para famílias.



Fonte: *Instagram* do Instituto Pindorama

É importante destacar que, se há ações envolvendo esses sujeitos, essas não estão sendo divulgadas nessa rede social, ou não fica claro que há concessão de bolsas para professores de escolas ou alunos da periferia – mesmo que, no site, eles mencionem a pretensão no atendimento com bolsas para esses sujeitos, por meio do objetivo cidades e comunidades sustentáveis com cursos disponibilizados no formato EaD. No entanto, não temos como inferir, a partir da observação das redes sociais, que esses sujeitos recebem bolsa, uma vez que esses cursos para bolsistas são online. Outro fator que impede de confirmar essas questões é a não concessão de entrevista.

Já na observação das redes de comunicação na internet e na entrevista ao **Instituto Ipoema**, questionou-se, por meio de uma entrevista com o fundador do Instituto, quem eram os sujeitos atendidos pelos projetos do instituto, ao que ele respondeu: “*instituições mais convencionais e populares, né! Então os assentamentos rurais, as escolas públicas...*” (Jacintho, Ipoema).

Em relação a como se dá o contato com as comunidades atendidas pelos projetos, Jacintho nos esclarece que acontece da seguinte forma:

Os contatos, em geral, a gente acaba tendo com membros de ONGs, e com essas pessoas a gente oferece nossos projetos. A gente teve no início dos nossos cursos (início de 2005, 2006, 2007), em que a gente ia até o MST, principalmente, e oferecia vagas de bolsa nos nossos cursos. Então, a gente fazia esse esforço de ir até eles. Depois, quando a gente ficou um pouquinho mais conhecido na nossa rede de contatos, sempre têm membros dessas comunidades, que acaba sendo quase que um contato pessoal mesmo. E aí, havendo interesse, então, a gente começa as articulações. E assim também com as escolas públicas, né! [...]. Geralmente, o contato presencial surgiu por iniciativa nossa, não dessas pessoas, e sim por iniciativa nossa, [só que] volta e meia a gente recebe demandas para novos projetos vindo de escolas e comunidades (Jacintho, Ipoema).

Portanto, o contato normalmente acontece de forma presencial, em que o instituto procura essas comunidades tradicionais ou ecovilas para oferecer seus projetos, ou as comunidades tradicionais, ecovilas ou escolas entram em contato a fim de receber cursos e orientações. É válido ressaltar que, com a Pandemia do COVID-19, os contatos presenciais foram substituídos por contatos mediados pela tecnologia, como redes sociais e WhatsApp.

A Associação Veracidade tem uma preocupação em atender as comunidades indígenas, quilombolas, assentados e escolas do município.

A gente não costuma manter um contato sistemático, a não ser no contexto no âmbito de algum projeto muito específico assim, nas escolas e nos espaços que a gente faz algumas ações mais pontuais, a gente mantém algum vínculo, mas nada constante, digamos assim. No geral, a gente é procurado pelas pessoas quando elas querem montar uma horta ou um sistema de compostagem; elas nos procuram quando têm alguma dúvida e tal. A gente mantém mais esse tipo de relação, mas, são relações pontuais e são menos contínuas, de ter uma continuidade assim dos contatos assim (Djalma, Associação Veracidade).

O interesse no atendimento a essas comunidades, já mencionadas, pode ser observado na postagem do dia 4 de julho de 2022 no Instagram, em que ocorreu a roda de conversa com a indígena Sônia Guajajara, atualmente, em 2023, Ministra dos Povos Indígenas.

Imagem 5 - Postagem no *Instagram* da Associação Veracidade sobre a roda de conversa com Sônia Guajajara.



Fonte: *Instagram* da Associação Veracidade

O objetivo era convidar ambientalistas da cidade de São Carlos para participarem de um momento de troca. Diante disso, ao questionarmos tanto o Djalma quanto a Joana sobre quais comunidades eram beneficiadas pelas ações de sustentabilidade da Associação:

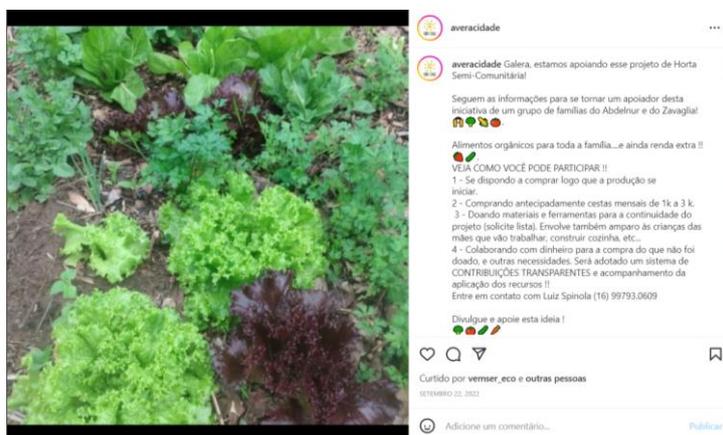
As comunidades geralmente beneficiadas, né, com essas ações, são desde públicos até escolas. A gente tem trabalhado bastante com alunos, trabalhamos com professores, queremos, vamos trabalhar agora com os gestores também da rede de ensino básico de ensino público em geral da nossa região... então, desde pequenos agricultores até a população urbana em geral. Também os municípios aqui de São

Carlos e região, a gente também atuou ultimamente bastante com o projeto MUTS e moradia Urbana... são comunidades urbanas e pessoas que habitam fronteiras municipais nos condomínios minha casa minha vida, né (Joana, Associação Veracidade).

A Associação tem um trabalho localizado regionalmente por uma questão de limitações de várias... várias ordens, principalmente pessoais e financeiras, etc. A gente faz um trabalho com educação ambiental na forma de oficinas e cursos ministrados nos mais diferentes espaços, né! Já fizemos em escolas públicas e privadas, já fizemos com assentamento da reforma agrária, em bairros de regiões urbanas de São Carlos, né! Então, varia muito... são várias formas de ação principalmente voltadas para a educação ambiental e outra prática da permacultura, da agroecologia e seus mais diversos aspectos, né (Djalma, Associação Veracidade).

De modo geral, há uma grande preocupação com o atendimento às comunidades locais, como no caso do acolhimento à iniciativa da horta semi-comunitária, apoiando a iniciativa e divulgando nas suas redes sociais para que mais pessoas também possam contribuir.

Imagem 6 – Postagens no *Instagram* da Associação Veracidade sobre a construção de uma Horta Semi-comunitária.



Fonte: *Instagram* da Associação Veracidade

Realização de parcerias com famílias de agricultores assentados para o Projeto de Distribuição Social de Cestas Agroecológicas, visando atender famílias em situação de vulnerabilidade.

Imagem 7 – Postagens no *Instagram* da Associação Veracidade sobre a distribuição de cestas agroecológicas.



Fonte: *Instagram* da Associação Veracidade

O uso do termo que conhecemos atualmente como agroecologia remonta aos anos 1970. No entanto, a ciência agroecológica e sua prática são mais antigas. Ao investigar a agricultura dos povos indígenas, torna-se evidente que muitos dos sistemas agrícolas desenvolvidos em nível local incorporam mecanismos desses povos originários, uma vez que optam por cultivos que levam em conta as variáveis do ambiente natural (HECHT, 1999, p. 15).

Apesar de algumas compreensões considerarem a agroecologia como uma caixa de ferramentas ecológicas para os(as) agricultores(as), ela abrange mais do que isso ao levar em consideração "as condições culturais e comunitárias em que estão imersos os(as) agricultores(as), sua identidade local e suas práticas sociais". Esses elementos são centrais "para a concretização e apropriação social das suas práticas e métodos" (JACINTHO, 2007, p. 42).

Nos projetos desenvolvidos pela **Escola Rama**, evidenciados em seu site, é possível verificar a intenção de promover uma troca entre comunidades tradicionais, como as comunidades indígenas. No entanto, devido à falta de uma entrevista concedida, não podemos confirmar se há atendimento a outros públicos, como escolas municipais, assentados e quilombolas. Apesar dessa incerteza, acreditamos que sim, existem ações destinadas a atender as escolas do Município de Bagé, assim como a prestação de consultorias e formações para fundações e para assentados, quilombolas e indígenas, conforme sua trajetória de responsabilidade social com projetos socioambientais constantes em seu site. Isso é evidenciado na matéria sobre os indígenas que participaram do curso de permacultura.

Imagem 8 - Matéria sobre o curso de permacultura

Funai- <http://www.funai.gov.br> - 15/08/2016

Entre os quase 50 participantes do curso, seis se destacavam pelo corte de cabelo e brincos de madeira nas orelhas. Eram indígenas do povo Xavante, vindos das Terras Indígenas São Marcos, em Barra do Garças; Parabubure, em Campinápolis; e Pimentel Barbosa, em Canarana. Todas no leste mato-grossense. O Curso de Planejamento em Permacultura - do inglês Permaculture Design Certification (PDC) - foi promovido pelo sítio Flor de Ibez, em parceria com o Instituto de Permacultura da Pampa (ipep), de 22 a 31 de julho, em Barra do Garças.

A participação dos Xavante ocorreu graças a bolsas concedidas pelo sítio Flor de Ibez, com apoio da Funai, por meio da Coordenação Regional Xavante. As bolsas integrais foram custeadas por meio de campanha de financiamento coletivo, na internet, que permitiu a participação de nove pessoas da região, entre indígenas, agricultoras assentadas e coletoras da Rede de Sementes do Xingu.

Pensar no espaço em que se habita almejando uma vivência permanente e equilibrada no ambiente, respeitando todas as formas de vida; manejar os elementos desse sistema - casas, rios, ventos, fauna, flora, os espaços de plantio e coleta -, desenhando um sistema integrado e sustentável. Essas poderiam ser referências às estratégias de gestão ambiental e territorial desenvolvidas pelos diversos povos indígenas brasileiros, mas são assuntos das aulas introdutórias dos professores João Rockett e Tatiana Cavaçana.

Rockett explica: "a Permacultura é uma ferramenta de planejamento integrado que utiliza conhecimentos ancestrais de diversas etnias do mundo, junto com o bom uso das tecnologias modernas e em harmonia com a natureza". Apesar de o termo ser pouco conhecido entre os povos indígenas no Brasil, a Permacultura vai ao encontro do que os povos vêm fazendo há gerações em todo o planeta. A apropriação desses conceitos e inovações vem somar às estratégias de resistência dos povos indígenas frente aos novos desafios, como a limitação dos territórios ou mesmo as mudanças climáticas.

A programação do curso contou com aulas práticas e teóricas de desenhos e leitura da paisagem, bem como práticas de movimentação corporal. O professor João Rockett ressaltou a relevância da participação dos Xavante na composição da turma. "Os Xavante contribuíram com observações a respeito de sua forma de abordar temas como a produção de alimentos, as construções vernaculares, o uso da terra e a implantação das aldeias" observou o permacultor.

Nas aulas práticas, os participantes puderam experimentar técnicas de construção com barro e palha, compostagem, preparação de biofertilizantes e tratamento de águas servidas através de círculos de bananeiras. Tais aprendizados trazem respostas para problemas reais enfrentados nas aldeias, como a falta de saneamento básico, mas sem trazer fórmulas prontas, caras e estranhas às comunidades. "Os próprios Xavante avaliaram ao final do curso que muitas das tecnologias apresentadas serão úteis em suas aldeias, de acordo com as exigências de suas realidades" pontuou Rockett.

O idioma foi uma das principais dificuldades para os indígenas. Para contornar o problema, durante as aulas, eles contaram com o apoio da equipe de Flor de Ibez e da indigenista da Funai Maira Ribeiro, que também participou do curso. Essa dificuldade não os impediu de participar das atividades propostas. Eles também apresentaram danças e cantos tradicionais. Além disso, foram reservados dois espaços durante a programação para que os Xavante expusessem um pouco da sua cultura e a forma como organizam a aldeia e manejam o território.

Maira Ribeiro acredita que iniciativas como essa possibilitam uma troca efetiva de conhecimentos entre indígenas e não-indígenas para além das relações de imposição e exploração às quais os povos indígenas costumam estar submetidos. "Todos os participantes se sensibilizaram para a questão indígena, compreendendo os desafios e as especificidades que existem e dos quais, muitas vezes, a maioria do povo brasileiro desconhece e ignora" avaliou a indigenista da Funai.

Fonte: site Terras Indígenas Brasil

Já em relação às comunidades atendidas pelo **UniPermacultura**, são principalmente quilombolas e aldeias indígenas:

Então hoje a gente tem como prioridade os quilombos, né, os quilombolas, as aldeias indígenas e o projeto na África a gente tem, como esse é o tripé que a gente sustenta. A gente já desenvolveu o projeto do MST, já desenvolveu e como inúmeros movimentos sociais estudantis, etc., mas agora nosso foco é mais nas culturas originárias de matriz africana e indígena e a própria do continente Wiccano Angola, que a gente tem um projeto (Marcos, UniPermacultura).

O contato com essas comunidades atendidas ocorre de forma "natural", a partir de alguma liderança com a qual tiveram contato em algum evento:

O contato com as comunidades é bem orgânico. A gente, participa dos movimentos indigenistas, né, quilombolas. Então, geralmente, a gente tinha algum contato que acontecia de maneira natural. Assim, no caso dos indígenas, tem a liderança que a gente conheceu em eventos e tudo mais. Geralmente é isso, o contato com o líder antes. Como a gente participa de vários fóruns onde se encontra os movimentos, a gente vai conhecendo pelo caminho, vai fazer uma amizade e aí, daí começa, né. Aí o projeto assim começa, mais partir dessa, mas não conhecimento prévio das pessoas, que se dá justamente de maneira bem pessoal mesmo, é conhecido mais, né. Às vezes a gente é convidado para fazer projetos também em alguns quilombos. A gente é convidado e sim, a gente vai fazer (Marcos, UniPermacultura).

As redes sociais e a internet desempenham um papel importante no contato com a sociedade, mas nem sempre são o meio em que se dá o primeiro contato com as comunidades atendidas pelo instituto. Ou seja, muitas vezes, o primeiro contato acontece por meio de fóruns, eventos e encontros presenciais.

Ao falarmos em projetos sociais, é preciso salientarmos que o **Instituto Pindorama** se preocupa com a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos na implementação de projetos sustentáveis, dentre eles o Edital Pindorama:

Imagem 9 – *Stories do Instagram* do Instituto Pindorama sobre o edital para empreendedores rurais.



Fonte: *Instagram* do Instituto Pindorama

Imagem 10 – Site do Pindorama com as informações para concorrer ao edital para empreendedores rurais.

Fonte: Site do do Instituto Pindorama

Imagem 11 – Formulário para cadastramento no edital para empreendedores rurais.



1º Edital de Empreendimentos Rurais Sustentáveis

Preencha o formulário para submeter para avaliação seu projeto de Empreendimento Rural Sustentável, uma iniciativa do Instituto Pindorama para estimular e fomentar projetos de empreendedorismo na zona rural.

Podem participar deste edital quaisquer produtores rurais familiares ou neo-rurais que ocupem uma terra com no máximo 4 módulos fiscais. Serão 4 prêmios em dinheiro sendo que metade das vagas estão destinadas para alunos do Curso de Gestão de Empreendimentos Sustentáveis do Instituto Pindorama (mais informações em <https://instituto.pindorama.org.br/jornada>)

Os prêmios são:

1º Lugar: R\$ 10.000,00
2º Lugar: R\$ 8.000,00
3º Lugar: R\$ 6.000,00
4º Lugar: R\$ 5.000,00

O uso do recurso deve ser descrito no momento da inscrição, e deve priorizar atividades voltadas à modalidade escolhida para inscrição do Projeto.

Serão avaliados o potencial do empreendimento, a aptidão do empreendedor rural e a capacidade executiva dos envolvidos no projeto. Você poderá aumentar suas chances participando do evento gratuito Jornada para um Sítio Rentável onde ensinaremos a metodologia de Permacultura e de Modelos de Negócios Sustentáveis do Instituto Pindorama. Mais informações em <https://instituto.pindorama.org.br/jornada>

As inscrições encerram em 31 de Março de 2021. Os vencedores serão divulgados em 31 de Abril de 2021.

TODAS AS PERGUNTAS SÃO DE PREENCHIMENTO OBRIGATÓRIO.

The name and photo associated with your Google account will be recorded when you upload files and submit this form. Not laura.roratto@gmail.com? [Switch account](#)

Fonte: Site do Instituto Pindorama

O *edital Pindorama para empreendedores rurais* tem por objetivo proporcionar, a agricultores familiares ou novos rurais, a transição para o campo e a possibilidade de receber dinheiro e auxílio técnico do instituto para fomento do empreendimento desejado. Diante dessa iniciativa, o instituto compartilha seus excedentes financeiros para proporcionar certa autonomia e qualidade de vida a esses sujeitos contemplados.

Também se questionou qual a dimensão das ações desenvolvidas pelo instituto Ipoema ou o impacto que as ações promovidas nas comunidades (assentamentos rurais e escolas públicas) podem gerar em relação a uma certa mudança local e/ou regional. Ainda, perguntamos se o Ipoema acredita que isso é possível e por quê. Jacintho responde que esse é o grande dilema que vivem em relação ao impacto de seus projetos nas comunidades que atendem, pois

[...] a cada projeto quando, eu gosto de dizer, eu vejo o olho das pessoas brilhando só olhar das pessoas brilha, elas se envolvem, tanto os alunos das escolas quanto os professores das escolas, de vez em quando a gente se depara com diretor de escola muito empolgado. Nos assentamentos rurais também e quando a gente está lá durante a execução do projeto, há muito envolvimento, muita alegria, muita realização, resultados né! (Jacintho, Ipoema).

Por outro lado, aponta que há uma certa desmobilização dos participantes quando o projeto em parceria com o instituto acaba, e isso acarreta na descontinuidade da manutenção das atividades que foram implementadas no local:

Mas aí, infelizmente, quando o projeto acaba, a gente sai. Eu acho que deve ter um pouco da própria estrutura do projeto, fazendo minha culpa, reconhecendo as nossas fraquezas, mas enfim.... Então, a gente tem essa ânsia de que esses projetos paraquedistas né?, brinco: a pessoa cai de paraquedas lá na comunidade faz alguma coisa e vai embora. Realmente, a gente tem noção disso e a gente sempre tenta construir atividades continuadas, mas ainda assim a continuidade ela fica, ela deixa muito a desejar. Como são essas atividades continuadas? Bom é pela própria manutenção e uso do elemento que foi deixado, então a gente faz em uma comunidade rural, deixou uma floresta lá – será que as pessoas vão ficar manejando essa água floresta – e quem sabe até fazer uma transição maior. A gente deixa modelos né! Projeto-piloto. Será que a pessoa vai fazer ou o assentado rural lá, vai fazer uma mudança, uma transição agroecológica, mudando toda sua produção de convencional para uma agroflorestal. Então isso é uma expectativa que tecnicamente a gente incentiva as pessoas para isso, mas em geral isso nem sempre acontece, então, no primeiro momento elas sim cuidam dos elementos que a gente deixou então! [...] (Jacintho, Ipoema).

Essas questões levam a uma perda do contato com as comunidades atendidas pelo instituto caso essas não voltem a procurá-los: “na real, acabamos perdendo o contato à medida que o tempo vai passando em relação ao fim do projeto...” (Jacintho). E esta perda de motivação se dá em função de que “a motivação do contato é o próprio projeto. Quando o projeto acaba, acaba-se a motivação... As exceções são aquelas que levam as ações para suas vidas pessoais” (Jacintho, Ipoema).

No entanto, o instituto pensa em estratégias para que as ações não se percam no tempo e gerem, em alguma medida, uma mudança social para os sujeitos envolvidos:

A gente tenta fazer, por outro lado, é criar ações correlacionadas então, por exemplo, às vezes a gente oferece cursos de empreendedorismo para que esse menino mais velho do ensino médio possa replicar aquilo que ele aprendeu nos nossos cursos, criando uma profissão, seja de ajudante de pedreiro, seja um jardineiro que entende de agroecologia e agroflorestal. Se a gente fomenta também essa atuação profissional, né, nas comunidades rurais, a gente tenta fomentar as redes de comercialização e tal. Então a gente faz esse esforço, mas eu reconheço que, infelizmente, os projetos, eles têm uma vida relativamente curta depois que o projeto propriamente dito acaba e a gente sai da comunidade, sabe! (Jacintho, Ipoema).

Jacintho entende que a dimensão social da sustentabilidade antecede a ambiental, por exemplo, quando os sujeitos precisam, primeiro, ter uma boa alimentação ou ter o que comer antes mesmo de poderem se preocupar com as questões ambientais mais amplas, ou seja, antes de terem uma vida digna e certa autonomia. Mesmo que entendamos e reconheçamos, com base em Alier (2007), que os pobres possuem, muitas vezes, uma atitude ambientalmente mais

adequada que as camadas mais ricas da população. Isto é, para Alier, os “povos indígenas, quilombolas, camponeses, entre outros atores sociais, mantiveram durante séculos uma ação ambiental mais adequada ao tempo da natureza, o que permitiu a sua conservação” (2007, p. 12). Não estamos aqui defendendo a máxima, já superada, de que os pobres seriam ‘demasiado pobres para serem verdes’. Mas as questões socioeconômicas impactam na maneira como esses sujeitos lidam com as preocupações ambientais.

Quando Jacintho se refere às questões sociais da população mais pobre, entendemos que é necessário assegurar o exercício pleno de direitos humanos e o combate à exclusão social, em uma sociedade marcada por uma forte desigualdade social, isso significa que a crise social antecede, muitas vezes, a uma catástrofe ambiental. Nesse sentido, podemos visualizar os acidentes ambientais e quais populações são mais atingidas. Assim, entendemos que nem sempre as preocupações ambientais da periferia serão prioridades nas suas demandas, quando é preciso pensar primeiramente em acesso à igualdade de oportunidades e recursos. Por essa razão, Sachs (2008; 2009) defende que a dimensão social ela introduz as demais dimensões.

Em se tratando das ações e projetos sociais voltadas às comunidades, às quais os institutos têm atuado diretamente, a comunicação para a sociedade é ínfima por meio da internet da **Escola Rama**. Mesmo que não haja uma expansiva divulgação, essas ações geram um impacto e promovem mudanças significativas local e regionalmente, pois as ações de Permacultura têm um potencial transformador, um novo olhar que é incorporado no cotidiano dos sujeitos a partir das formações e consultorias prestadas pelo Instituto. Levar a autonomia energética e alimentar às comunidades, além de solucionar problemas de água potável e saneamento básico e empoderar esses sujeitos para que possam se desenvolver e desenvolver sua região. Como os projetos na Amazônia envolvendo povos indígenas:

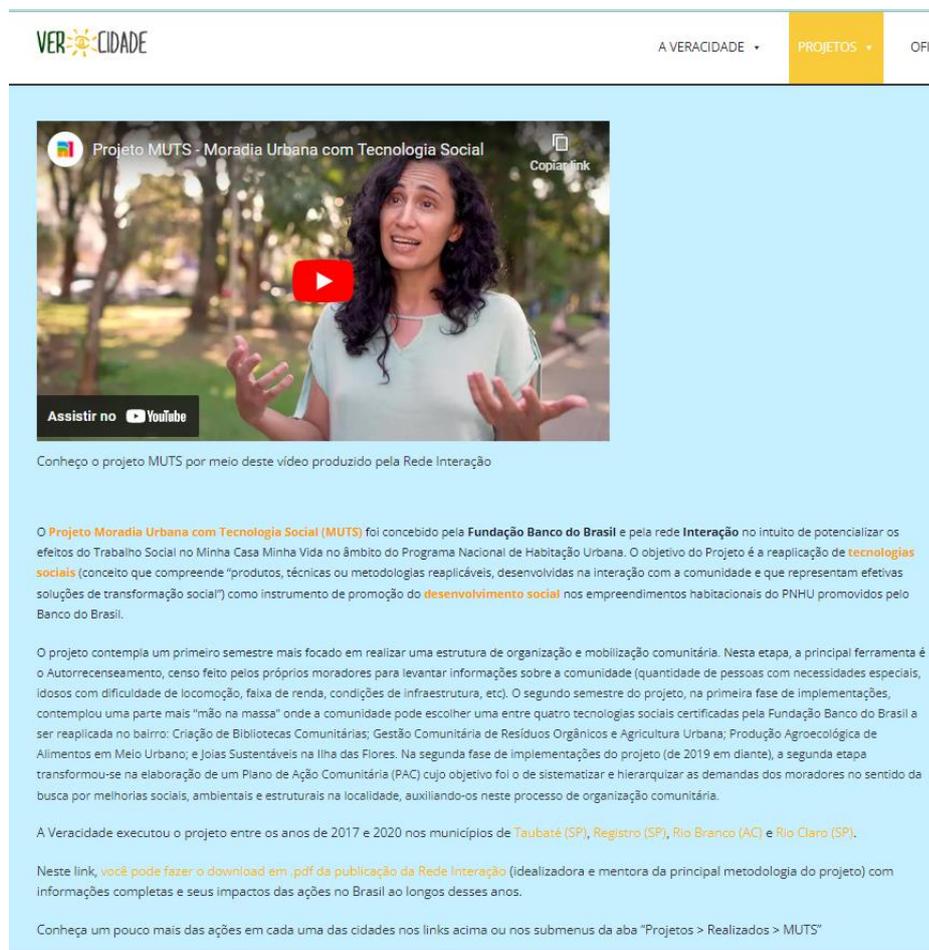
Imagem 12 - Projeto Social Permacultura na Amazônia



Fonte: site da Escola Rama - IPEP

A **Associação Veracidade** tem se preocupado em desenvolver socialmente os sujeitos. Isso é evidente em suas ações sociais e projetos divulgados em suas redes sociais e site:

Imagem 13 – Projeto MUTS



VERACIDADE A VERACIDADE PROJETO OFÍCIO

Projeto MUTS - Moradia Urbana com Tecnologia Social Copiar link

Assistir no YouTube

Conheço o projeto MUTS por meio deste vídeo produzido pela Rede Interação

O **Projeto Moradia Urbana com Tecnologia Social (MUTS)** foi concebido pela **Fundação Banco do Brasil** e pela rede **Interação** no intuito de potencializar os efeitos do Trabalho Social no Minha Casa Minha Vida no âmbito do Programa Nacional de Habitação Urbana. O objetivo do Projeto é a reaplicação de **tecnologias sociais** (conceito que compreende "produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representam efetivas soluções de transformação social") como instrumento de promoção do **desenvolvimento social** nos empreendimentos habitacionais do PNHU promovidos pelo Banco do Brasil.

O projeto contempla um primeiro semestre mais focado em realizar uma estrutura de organização e mobilização comunitária. Nesta etapa, a principal ferramenta é o Autorrecenseamento, censo feito pelos próprios moradores para levantar informações sobre a comunidade (quantidade de pessoas com necessidades especiais, idosos com dificuldade de locomoção, faixa de renda, condições de infraestrutura, etc). O segundo semestre do projeto, na primeira fase de implementações, contemplou uma parte mais "mão na massa" onde a comunidade pode escolher uma entre quatro tecnologias sociais certificadas pela Fundação Banco do Brasil a ser reaplicada no bairro: Criação de Bibliotecas Comunitárias; Gestão Comunitária de Resíduos Orgânicos e Agricultura Urbana; Produção Agroecológica de Alimentos em Meio Urbano; e Jolas Sustentáveis na Ilha das Flores. Na segunda fase de implementações do projeto (de 2019 em diante), a segunda etapa transformou-se na elaboração de um Plano de Ação Comunitária (PAC) cujo objetivo foi o de sistematizar e hierarquizar as demandas dos moradores no sentido da busca por melhorias sociais, ambientais e estruturais na localidade, auxiliando-os neste processo de organização comunitária.

A Veracidade executou o projeto entre os anos de 2017 e 2020 nos municípios de **Taubaté (SP)**, **Registro (SP)**, **Rio Branco (AC)** e **Rio Claro (SP)**.

Neste link, **você pode fazer o download em pdf da publicação da Rede Interação** (idealizadora e mentora da principal metodologia do projeto) com informações completas e seus impactos das ações no Brasil ao longos desses anos.

Conheça um pouco mais das ações em cada uma das cidades nos links acima ou nos submenus da aba "Projetos > Realizados > MUTS"

Fonte: Site da Associação Veracidade

Como é o caso do projeto Moradia Urbana com Tecnologia Social (MUTS), que tem por objetivo replicar tecnologias sociais que representem efetivas soluções de transformação social. Assim, promovendo o desenvolvimento social desses sujeitos.

A **UniPermacultura** tem atuado em projetos sociais, principalmente na África e também com o MST.

Sim, muita coisa... Tenho trabalhado com projetos sociais e comunidades, em que a pessoa tem que estar ciente de que, em algum momento, há coisas que vão dar certo e que vão funcionar, e há coisas que não dão certo, que não vão funcionar. É uma faca de dois gumes, né? E o que a gente faz esperando que dê certo, às vezes, não dá! (Marcos, UniPermacultura).

Analisando um pouco o perfil no *Instagram* de Marcos Ninguém, que era o administrador da UniPermacultura, podemos observar a matéria sobre agroecologia para a TV da Angola, sobre um dos trabalhos realizados pelo instituto.

Imagem 14 – Entrevista de Marcos Ninguém do UniPermacultura na TV TPA de Angola - África



Fonte: Stories do Instagram do Marcos Ninguém (administrador do UniPermacultura)

Essa preocupação com a África está inserida no projeto social que eles vêm desenvolvendo, que é promover soberania e autonomia alimentar por meio de ações permaculturais, como agrofloresta, horta, entre outros.

Então, a nossa pegada é muito essa também, dependendo do contexto da causa. Por exemplo, no contexto da África, a ideia é autonomia alimentar e soberania alimentar. Então, a gente ensinou a construir um viveiro. Depois, construímos uma horta agroflorestal e, em menos de dois anos de projeto, temos uma 'mega indústria', praticamente. Essas são as ações que permeiam o nosso trabalho atualmente, nesses últimos anos (Marcos, UniPermacultura).

No método de desenho e ocupação de solo permacultural estão implicados os saberes de diversas áreas do conhecimento, 'que vão desde a arquitetura e a engenharia, à bioquímica, passando pelas ciências agrárias e biológicas'. Essas questões estão fundamentadas em uma perspectiva ecológica que leva em conta o 'saber empírico das comunidades tradicionais na realidade onde se aplica, bem como traz um aspecto regionalista na intervenção' (JACINTHO, 2007, p. 38).

Além disso, a permacultura começa a expandir e chegar aos ambientes urbanos por volta de 1980, pois a transversalidade da prática permacultural e dos temas ‘permitiu uma rápida assimilação e apropriação de seu discurso, mais ainda em um contexto de destaque para a pauta ambiental’ (FERREIRA NETO, 2018, p. 83).

Como parte da atuação dos institutos, estão os cursos, nos quais o **Instituto Pindorama** apresenta, em seu site, uma parte destinada aos cursos presenciais; porém, nesse campo, não há nenhum curso registrado na plataforma. O impasse que encontramos nesse ponto é que, devido à não concessão de entrevista para a pesquisa por parte do administrador do Instituto, não temos como verificar essa informação.

Diante do observado e do exposto, podemos concluir que a preocupação da instituição em relação à comunicação com a sociedade por meio do site é para o atendimento de uma parcela da sociedade, ou seja, atendimento de pessoas que podem pagar por determinadas atividades e que têm acesso à internet para participarem dos cursos *online*, mesmo que sejam gratuitos. Ou quando esses cursos são presenciais (gratuitos ou não), se não há concessão de bolsas, esses sujeitos dependem de recursos próprios para o deslocamento entre outras questões como alimentação e pernoite, por exemplo. Isso gera uma limitação no atendimento a uma população mais periférica, com poucos recursos e socialmente carente de iniciativas voltadas à sustentabilidade ambiental.

O **Ipoema** também oferece cursos *online* e nós perguntamos: afinal, qual é o público desses cursos *online*? Jacintho esclarece que ainda não conseguiu fazer um mapeamento do perfil do público consumidor dos cursos *online*, porém consegue identificar o seguinte:

Ainda não consegui identificar exatamente um perfil de público, mas são mais pessoas avulsas mesmo, né? São apenas indivíduos, assim, então! Não são grupos de comunidades, grupos de assentados, ou grupos de estudantes, não! É bem diversificado. Aí a gente tem um perfil que eu consigo mais ou menos identificar: pessoas que ficam numa faixa etária dos 30 aos 60 anos. Nos cursos online, são pessoas que tenho uma pesquisa aqui realizada via online, mas o perfil de muitos, a grande maioria, tem ensino superior completo, muito surpreendentemente muitos com pós-graduação e vários com doutorado. Então, é uma galera letrada, é uma galera que tá estudando. Tenho um indicador aqui de que são pessoas de média alta renda, porque a pergunta que eu tenho para identificar isso é sobre moradia. A maioria tem casa ou apartamento próprio, né? E curso superior. Porque a gente sabe que quem faz curso superior no Brasil, a maioria é classe média, média alta, né! (Jacintho, Ipoema).

Diante disso, é perceptível, mais uma vez, que os cursos *online*, independentemente do instituto, acabam se destinando a um público de classe média ou classe média alta, que tem condições de pagar por eles. No entanto, isso não inviabiliza o compromisso e a preocupação

com o atendimento às comunidades periféricas e tradicionais no desenvolvimento e nas mudanças ambientais que o Ipoema, por exemplo, vem realizando.

Não encontramos no site ou nas redes sociais da **Associação Veracidade** se o oferecimento de cursos *online* ou presencial é pago ou gratuito, como nos demais. Isto é, para ter acesso a essas informações acerca das oficinas e cursos, é preciso entrar em contato com a instituição. Porém, em entrevista, foi possível esclarecer esta questão, em que alguns cursos ofertados presencialmente foram adaptados para o *online* devido a pandemia do Covid-19 de 2020 e 2021.

Com relação às atividades online, alguns dos projetos que estavam em andamento passaram para o formato online por conta da pandemia. Assim, a gente não inaugurou nenhuma ação online propriamente dita durante esse período, né? (Djalma, Associação Veracidade).

A gente teve alguns projetos que foram adaptados durante a pandemia para cursos online, que eram cursos presenciais [...]. A gente nunca elaborou e executou um curso no espaço virtual assim... A gente tem até mais dificuldade em saber quem seria o público que consumiria nesse conteúdo (Joana, Associação Veracidade).

Uma saída encontrada por muitos institutos foram os cursos *online*, em sua maioria pagos, com o intuito de dar continuidade às suas ações e projetos, bem como angariar fundos para a continuidade de suas atividades. No entanto, a **Associação Veracidade** tem optado por uma prática mais inclusiva acerca dos seus cursos, em que oferece, independentemente da modalidade, de forma gratuita. Optando, nesse caso, pela captação de recursos por meio de editais.

A **UniPermacultura** tem realizado cursos *online* de capacitação, que antigamente eram ministrados presencialmente e, em alguns casos, não eram cobrados.

A gente tem cursos online de capacitação que antigamente eram presenciais e gratuitos. Agora a gente só cobra a matrícula, né? Porque se eles não pagam as mensalidades, essas coisas, só paga uma taxa única de R\$100,00 de matrícula, fazem o curso, não tem mensalidade por mês, né. Hoje nós temos 45 cursos, né, e agora semana que vem vamos lançar mais um, né. Então, a gente tem o curso de Design em Permacultura, tem um de Bioconstrução, um de criação de galinhas em vilas, um curso de um PDC, né, tomara que o design, o curso, né, que é um curso básico de permacultura, e temos um curso de agroecologia e agrofloresta. Eu estava fazendo o curso de yoga, Yoga para todos, né, que a socialização do yoga em um curso também, só cobrando a matrícula, sem mensalidade. É online na plataforma que tem de educação online, basicamente é isso. Então, nós mesmos que financiamos as nossas atividades (Marcos, UniPermacultura).

Diversos são os cursos adaptados para o *online* para dar conta da realidade vivenciada nos últimos dois anos (2020 e 2021) devido a Pandemia do novo Coronavírus - Covid-19.

Desde curso básico de permacultura, o PDC, para se tornar um permacultor até aulas e cursos de *Yoga*.

De forma a comparar os públicos atendidos por esses institutos, percebemos, conforme a tabela abaixo:

Tabela 3 - Públicos atendidos por esses institutos

Públicos atendidos	Pindorama	Ipoema	Rama	Veracidade	Unipermacultura
empreendedores rurais	x				
agricultores familiares	x				
pequenas propriedades (sítio) rurais	x				
quilombolas e indígenas	x		x	x	x
periferia	x				
escolas públicas ou privadas	x	x	x	x	
assentamentos rurais		x	x	x	

Fonte: elaborada pela autora

O Instituto Pindorama se propõe a atender o maior número de comunidades; no entanto, conforme visto a partir de suas publicações em redes sociais, não há evidências concretas de que todos esses públicos são atendidos. O que de fato se percebe são ações voltadas para empreendedores rurais, agricultores familiares e pequenos proprietários rurais.

Nesta mesma linha encontra-se a **Escola Rama**, que pretende atender determinados públicos; porém, não há evidências concretas em suas redes ou site. Apenas se visualiza uma comunicação para venda de cursos e *lives*, dos quais não temos certeza de que públicos são atingidos por essas publicações.

Diferentemente dos institutos **Ipoema**, **Veracidade** e **UniPermacultura**, que se propõem a atender assentamentos rurais, escolas e comunidades tradicionais e de fato atendem esses públicos. Nas entrevistas, confirmam, e na observação etnográfica, há fotos e imagens desses públicos.

Diante de uma sociedade tão desigual como a brasileira, onde as taxas de acumulação, mesmo nas épocas recessivas, e distribuição permanecem sempre constantes, é perceptível uma crise permanente: a crise social, que expressa ou atenua o fato de que dois terços dos habitantes desse país vivem na miséria ou passam fome. Nesse sentido, 'só nos cabe acrescentar que essa crise social, ao lado da dilapidação dos meios naturais' (AGUIAR, 1993, p. 118), põe em evidência os impasses políticos e econômicos que há séculos vivenciamos na sociedade brasileira. Por isso, a importância de se ter essa diversidade de públicos atendidos pelos institutos de permacultura pesquisados.

Os institutos, portanto, em alguma medida, têm se preocupado em olhar com mais atenção para os sujeitos socialmente marginalizados. Propõem, seja por edital, que produtores rurais familiares e aqueles que estão fazendo a transição para o meio rural, possam ser atendidos financeiramente para realizarem seus empreendimentos - Pindorama. Também atuam por meio de projetos realizados com comunidades periféricas, quilombolas, escolas públicas, entre outros, para a mudança socioambiental, a partir de técnicas ambientais, na melhoria da qualidade de vida desses sujeitos. Ou seja, projetos e ações que possam, em alguma medida, promover um desenvolvimento social sustentável.

Os públicos atendidos por esses institutos nem sempre são os mesmos, o que possibilita uma amplitude no alcance das propostas que levem a mudanças socioambientais. Também viabiliza que esses sujeitos possam buscar autonomia, qualidade de vida, emprego que proporcione uma renda justa e acesso aos recursos e serviços sociais.

Importante destacarmos que nem todos os institutos aqui pesquisados têm como público-alvo de suas ações as ecovilas, à exceção do Pindorama que atende aos novos rurais - compreendidos nesta tese também como ecovilas - por meio de edital próprio. Sabemos que outras iniciativas como a Rizomar¹¹ - associação sem fins lucrativos - que é uma incubadora

¹¹ <https://rizomar.org.br/>

de projetos no formato de ecovilas, os chamados de comunidades de rizomas, têm se preocupado em desenvolver iniciativas para resiliência coletiva e a transição ecológica, como as ecovilas.

O contato com esses sujeitos se dá muitas vezes de forma presencial. Compreendemos que as redes sociais, sozinhas, não dão conta de manter ou fazer o contato entre os institutos e as comunidades tradicionais, ecovilas e as escolas, pois em muitos casos, esse contato ocorre de forma presencial.

Os cursos pagos, principalmente online, tornaram-se uma alternativa diante de um contexto em que não havia a possibilidade de realização de projetos e ações presenciais. Assim, captando um novo público e uma nova forma de olhar a internet e as redes sociais como um lugar potencial para a comunicação com a sociedade, a fim de divulgar e promover suas ações de sustentabilidade.

Conclui-se, sobre esta dimensão, que, para que haja justiça social, é preciso incorporarmos uma noção distributiva de justiça. Isto é, a justiça social intui um aspecto existencial: a de que todos os seres humanos necessitam de determinados recursos sociais e uma certa qualidade de vida para assegurar sua sobrevivência. Nesta perspectiva, itens de consumo e condições ambientais indispensáveis à existência de todos os seres humanos devem ser respeitados se queremos falar de uma dimensão social. Ou seja, assegurar os direitos humanos para que todos possam ter uma vida digna e com qualidade.

Ao levarmos em consideração todas as questões até aqui pontuadas e ao atender simultaneamente os critérios de relevância social, prudência ecológica e viabilidade econômica, estaremos promovendo os três principais pilares - econômico, social e ecológico - do desenvolvimento sustentável (SACHS, 2009, p. 33).

No entanto, os institutos não viabilizam a sustentabilidade econômica, pois a responsabilidade de atender populações vulneráveis é do Estado. Os institutos precisam estar articulados com uma política econômica; no entanto, conseguem atender o pilar social e o ecológico, mas não o econômico.

Portanto, as tendências da sociedade materializadas nas virtualidades são as de uma classe média que é protagonista na implementação de práticas sustentáveis, mas que não tem apoio suficiente do Estado para implementar as iniciativas e manter essas práticas vigentes, além de não conseguir ampliá-las para outras comunidades e públicos mais amplos.

5.2.2 Econômica

Nesta categoria, compreendemos as ações de sustentabilidade com viés econômico para a manutenção do instituto, bem como ações pensadas para que os sujeitos envolvidos possam aumentar a eficiência da produção e do consumo a partir de uma economia crescente de recursos naturais. Isso tem como meta atender aos institutos para que consigam um desenvolvimento econômico interno e externo, atendendo também àqueles que participam dos seus cursos, como Jornadas para um Sítio Rentável, Escolhas Sustentáveis e Viver Fora do Sistema. Apesar de os cursos serem pagos, têm um impacto econômico de mudança socioambiental para seus participantes.

O oferecimento de cursos ou workshops no formato presencial ou online, pagos, não é uma prática adotada por todos os institutos. O objetivo de cobrar é a manutenção das atividades dos institutos. Importante destacarmos que, devido a várias situações políticas, como o corte de verbas para editais, bem como a Pandemia do Covid-19, entre os anos de 2020 e 2021, fez com que muitos dos institutos tivessem que encontrar outras possibilidades para financiar seus projetos e ações com as comunidades tradicionais e periféricas.

Em relação ao empreendedorismo, o programa Globo Rural, da emissora Rede Globo, exibiu uma matéria sobre o bambu¹² no dia 1º de novembro de 2020. Nela, foi exibido que, para o Instituto **Pindorama**, tanto a produção de bambu para a movelaria quanto para a construção civil são formas de empreendimento para sustentabilidade econômica e um dos principais cursos ofertados pelo instituto. Nilson Dias trabalha há cinco anos com bambu, tendo largado a vida na cidade para se dedicar apenas à produção e ao manejo de bambu para o artesanato, a movelaria e a construção civil.

Na imagem a seguir, é possível ver o e-mail convite para assistirmos à matéria no Globo Rural:

¹²No Brasil, conforme dados da Associação Brasileira de Produtores de Bambu (Aprobambu), existem cultivos de bambu no Maranhão (22 mil hectares) destinados à produção de biomassa para geração de energia para o setor industrial, principalmente cervejarias e cerâmicas. Na Paraíba e Pernambuco, 15 mil hectares destinam-se à produção de celulose e papel para embalagens de cimento. São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Bahia e Paraná têm cultivos comerciais com foco na produção de brotos comestíveis e cosméticos naturais à base da planta (RODRIGUES, 2020).

Imagem 15 – E-mail recebido com o lembrete da reportagem que aconteceria no Globo Rural.

Pindorama no Globo Rural dia 3 de Janeiro de 2021 às 08:30 AM

Olá Laura , tudo bem?

Já vamos começar 2021 mais uma vez no programa mais popular da America Latina sobre vida no campo! Estaremos no programa Globo Rural em cadeia nacional disseminando o uso deste material fantástico que é o bambu. O bambu está no centro de nossa logomarca e foi como tudo começou aqui no Instituto Pindorama 11 anos atrás, estudando e usando este material e pesquisando seu potencial em construções civis e rurais.

Já estivemos outras vezes no Globo Rural ensinando a tratar o bambu e também em como fazer mudas e ano passado numa reportagem longa de 2 blocos sobre toda cadeia produtiva do bambu no Brasil mostrando algumas iniciativas, dentre elas duas que foram fomentadas pelo Instituto Pindorama aqui em Nova Friburgo, a [Belo Bambu](#), micro-empresamento que trabalha com forros e painéis de bambu laminado e a Bambuzeria Escola que funciona na Casa dos Saberes em São Pedro da Serra, onde através de um projeto com o Comitê de Bacias, construímos um tanque e galpão para tratamento de bambu gigante, muito abundante na região.

12 anos atrás, eu fiz uma escolha. Eu abandonei um emprego em uma multinacional para me dedicar à Permacultura, Agroecologia e BioArquitetura. Nossa vida é feita de escolhas. Esperamos que você faça boas escolhas em 2021!

Nos vemos daqui à pouco no Globo Rural às 8:30am no horário de Brasília.

Fonte: E-mail enviado pelo Instituto Pindorama

Muitas das iniciativas e projetos do Pindorama mudaram ao longo desses quatro anos de tese; essa mudança ocorreu no final de 2022. Dentre elas, a principal fonte de renda é a venda de cursos online sobre investimentos, que atualmente é o que o instituto vem propondo em suas redes sociais ao seu público: como ser um investidor mesmo morando no campo, no meio rural. Ou seja, mesmo que ainda proponham cursos sobre bioconstrução, casas ecológicas e sítio rentável, eles também estão focados na preocupação dos sujeitos não só em terem uma fonte de renda por meio do seu espaço rural, mas também em guardar o capital de forma rentável para a manutenção do seu negócio e para ter uma vida mais estável financeiramente.

Normalmente, os cursos ou os workshops oferecidos presencialmente, tanto para o **Ipoema** quanto para a **Associação Veracidade**, são gratuitos e realizados, em alguns casos, por meio de editais.

Imagem 16 – Sorteio do *Workshop ComunicAMOR*

Sorteio | Workshop ComunicAMOR

por Claudio CJ

Descubra uma nova maneira de se comunicar que permite uma conexão profunda com si mesmo ao mesmo tempo que cuida das pessoas ao seu redor. Para você que quer aprimorar suas relações pessoais e profissionais, ter mais consciência de suas emoções e desenvolver uma comunicação mais empática e amorosa.

Sorteio | Workshop ComunicAMOR

– um workshop de descoberta da Comunicação Não-Violenta –

Descubra uma nova maneira de se comunicar que permite uma conexão profunda com si mesmo ao mesmo tempo que cuida das pessoas ao seu redor. Para você que quer aprimorar suas relações pessoais e profissionais, ter mais consciência de suas emoções e desenvolver uma comunicação mais empática e amorosa.

Data: 21/10/2017
 Horário: 8hs-12hs
 Local: Escola Céu de Brasília
 Endereço: QRSW 07 – Sudoeste – Brasília /DF

Para participar do sorteio, preencha o formulário com seus dados além das outras regras que você confere na foto oficial no facebook.

laura.roratto@acad.ufsm.br [Alternar conta](#)

*Obrigatório

Fonte: Site do Ipoema

Imagem 17 – cursos presenciais no Instituto Ipoema



Fonte: *Instagram* Ipoema

Importante destacarmos que uma das peculiaridades do capitalismo é que ele trata suas relações sociais estruturantes como se fossem econômicas. Isto é, existem condições de fundo que não são propriamente econômicas, mas que contribuem para o sistema econômico. Por exemplo, quando utilizamos ações sem custo, que têm o propósito final de direcionar para um consumo, seja a compra de um curso ou produto oferecido pelo instituto.

Há uma variedade de cursos presenciais divulgados no site da **Escola Rama**, no entanto ainda não estavam ocorrendo¹³:

Imagem 18 – Cursos presenciais



Fonte: site Rama

Os cursos presenciais são gratuitos, independentemente de alimentação e alojamento.

Imagem 19 – Cursos presenciais



Fonte: site Rama

No entanto, não podemos afirmar se isso de fato acontece, pois há setores no site que estão desatualizados, e os cursos não voltaram a ocorrer na modalidade presencial desde a última visualização no site. Não há como ter precisão nessa informação, constando ainda como realização em breve. Além disso, não foi concedida entrevista para esclarecer tais questões.

A **UniPermacultura**, antes do Covid-19 e dos cortes de verbas do governo para os editais, ofertava de forma autônoma e presencial seus projetos e cursos. Posteriormente, estes foram adaptados para o *online*, com taxa e inscrição apenas.

¹³ Disponível em: <https://www.ipep.org.br/cursos>. Acessado em 17/04/2023

A gente tem cursos online de capacitação que antigamente eles eram presenciais, uma coisa paga e eles fazem em casa né! E a gente só cobra a matrícula (Marcos, UniPermacultura).

Com base na análise do site, verificamos que o **Instituto Pindorama** oferece à comunidade cursos online, em sua maioria pagos, cujos valores variam de R\$39,90 (Montagem de lâmpadas LED) a R\$3.900,00 (Farm.LAB: Permacultura 2.0). Além disso, há alguns cursos privados (Curso de Gestão de Empreendimentos Sustentáveis – Turma 3 e Programa Viver Fora do Sistema – Turma 4) e dois gratuitos (Suporte de plantas com bambu e Guia de compra de lâmpada LED).

O Instituto também presta consultoria em diversas áreas para auxiliar em todas as etapas de um projeto, desde o início até a execução, seja o projeto em energias alternativas, engenharia ambiental e ecosaneamento, agricultura orgânica, permacultura e bioarquitetura. Isso porque possui uma equipe de profissionais para a prestação desse serviço.

Os workshops "Viver Fora do Sistema" e "Jornada para um Sítio Rentável" têm como objetivo promover a independência financeira de pequenos e médios proprietários de terras, como sítios, a partir dos recursos provenientes desses espaços, de forma sustentável. No programa "Viver Fora do Sistema", pode acompanhar aulas online gratuitas; no entanto, não me inscrevi no curso pago, que custava em torno de R\$3.100,00.

O blog intitulado "Viver Fora do Sistema" traz questões acerca da autossuficiência, do empreendedorismo e da qualidade de vida. Esses são os temas principais das publicações do blog, como exemplificado a seguir:

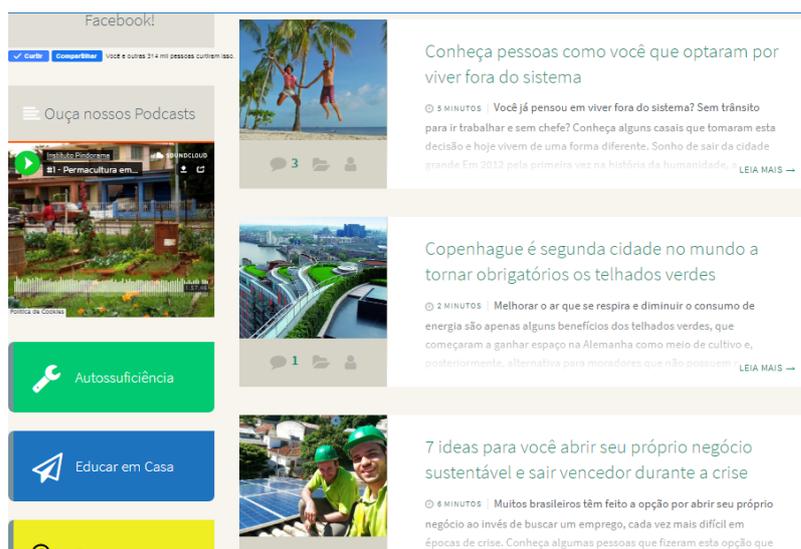
Imagem 20 – Visão geral do *blog* Viver fora do Sistema.

The image shows a screenshot of the 'Viver Fora do Sistema' blog homepage. On the left, there is a navigation menu with two items: 'Jornada para Um Sítio Rentável' and 'Conteúdo VIP'. The 'Conteúdo VIP' section includes a green envelope icon and text: 'Insira o seu endereço de email abaixo para receber gratuitamente as atualizações do blog!' and 'Fique tranquilo, seu email está completamente SEGURO conosco.' The main content area features three article cards. The first card is titled 'O que é biodiversidade e por que ela é importante?' with a 4-minute read time and a thumbnail of a pond. The second card is titled 'A Urgência Pela Soberania Alimentar e a Valorização do Pequeno Agricultor' with a thumbnail of a group of people. The third card is titled 'Dia Mundial da Luta contra os Agrotóxicos' with a 3-minute read time and a thumbnail of a person in a field. Each card includes a brief description and a 'LEIA MAIS' link.

Fonte: *Blog* do Instituto Pindorama

É possível perceber que as publicações no blog têm o intuito de esclarecer e informar a sociedade acerca da importância de pensarmos sobre nossas práticas ambientais e sobre o que está implicado nessa relação. Além disso, há publicações que contribuem para o empreendedorismo sustentável, como um dos cursos oferecidos pelo Instituto, que também é matéria do blog: "Conheça pessoas como você que também optaram por viver fora do sistema" e dicas para abrir o seu próprio negócio sustentável.

Imagem 21 - Visão geral do blog Viver fora do Sistema.



Fonte: *Blog* do Instituto Pindorama

Diante desse cenário de empreendedorismo, o empreendedor, seja ele social ou ambiental, assume o espírito do capitalismo com traços heroicos. Assim como o empreendedor social, apontado por Vander Casaqui (2015), o empreendedor ambiental, dos institutos de permacultura, destaca-se como ator social recente no capitalismo, por sua visão, por vezes utópica, que compõe a grande narrativa pautada na ideia de mudança como um processo harmônico.

Conforme exposto pelo autor, há similaridades entre o empreendedor e o empreendedor social, como o "modus operandi comum a esses dois agentes, habilitados e engajados no uso das técnicas e tecnologias advindas do mercado para atingirem seus objetivos" (CASAQUI, 2015, p. 48). No entanto, o que é importante destacar aqui são suas distinções: "enquanto o empreendedor visa o lucro, o ganho individual e os interesses da sua organização" (ibidem), o

empreendedor social – e aqui destaco o ambiental – tem como objetivo a resolução de problemas sociais e ambientais.

Casaqui (2015) faz uma certa crítica ao empreendedor social que, apesar do caráter heroico, das ações com a aura do bem comum e de uma proposta de subverter o capitalismo, nada mais é do que suporte ao discurso legitimador do capital, de modo que não abala os princípios do sistema que o criou. Diante disso, entende-se que ele incorpora o espírito do capitalismo a partir de "vantagens simbólicas em relação à figura do empreendedor, por portar, em sua dimensão narrativa, a lógica do trabalho pela justiça social e ação com vistas a ‘mudar o mundo’" (CASAQUI, 2015, p. 49).

Além disso, como já visto anteriormente, o Instituto oferta aos agricultores familiares e novos rurais¹⁴ um edital de empreendimento sustentável, concedendo verbas, por meio de recursos próprios, provenientes de outras ações, que vão de R\$10.000,00, para o primeiro lugar, até R\$5.000,00, para o quarto lugar, possibilitando que esses sujeitos ampliem suas atividades no campo.

A partir disso, poderíamos questionar até que ponto as ações para o empreendedorismo ambiental promovido pelos institutos levam a uma mudança ambiental ou apenas ressignificam o capitalismo. A esse questionamento, não há uma resposta fechada para essa questão, e acreditamos que, mesmo que haja uma ressignificação do capitalismo, os institutos de permacultura, diferentemente das empresas, ao promoverem ações de cunho empreendedor, conseguem, em sua essência, repensar suas lógicas dentro do sistema capitalista. Isto é, a perspectiva do capitalismo, como uma ordem social institucionalizada, ajuda na compreensão de que é possível criticar o capitalismo de dentro dele (FRASER, 2015).

Uma das práticas comuns dos institutos é o oferecimento de cursos online pela plataforma digital Hotmart, em que o Pindorama oferece o curso de Construção de Casas Ecológicas pelo valor de R\$1.496,00 ou 12x de R\$145,75.

Imagem 22 – Divulgação do curso sobre Construção de Casas Ecológicas pela plataforma Hotmart

¹⁴ Aqueles sujeitos que saíram da cidade e optam por viver no campo.



Finalize a sua inscrição agora e tenha acesso imediato ao Curso de Construção de Casas Ecológicas.

- Aulas em vídeo.
- Suporte Online.
- Aula tira dúvidas.
- Plantas: arquitetônica, executiva, elétrica e hidráulica, disponíveis em formato e arquivos apropriados para a execução do projeto.
- Lista de materiais e fornecedores desses materiais.
- Planilhas de projeção de custo do seu projeto.
- Rede Pindorama, banco de talentos.

+ Bônus exclusivos para essa turma



Curso de Construção de Casas Ecológicas (A)
Aula: Instituto Pindorama, Tecnologia Social e Sustentável.

R\$ 1.496,00 / ano
de R\$ 12.000,00 em 8 aulas.

Acesso ao Curso de Casas Ecológicas pelo período de 3 anos.

Nome completo:

Digite seu nome completo:

Seu e-mail:

Digite seu e-mail para receber o curso:

Fonte: Site do Instituto Pindorama

Outro curso *online* é o "Movelaria de Bambu" com um custo de R\$118,00, com a proposta de ensinar, em 21 aulas online, desde a colheita até os acabamentos finais do bambu.

Imagem 23 - Como se inscrever no Curso de Movelaria de Bambu

Como faço para me inscrever?

Inscriva-se clicando/tocando no botão abaixo. Você será direcionado para um formulário no qual inserirá os dados de pagamento. Assim que realizar o pagamento, **você receberá em seu e-mail o link da página para acessar na mesma hora o curso de Movelaria em Bambu** do Instituto Pindorama.

Quero me inscrever agora no Curso

IMPORTANTE: O valor deste curso agora é de apenas R\$ 118,00. Este é um valor promocional. Num futuro muito próximo, o preço vai aumentar para refletir verdadeiramente o valor real deste curso. Por esse motivo, recomendamos fortemente que você se inscreva agora e evite pagar um valor muito maior numa próxima oportunidade.



Fonte: Site Instituto Pindorama

Além disso, em muitos casos, há o oferecimento de aulas gratuitas que antecedem os cursos pagos:

Imagem 24 – Aulas online gratuitas ofertadas pelo Instituto Pindorama.

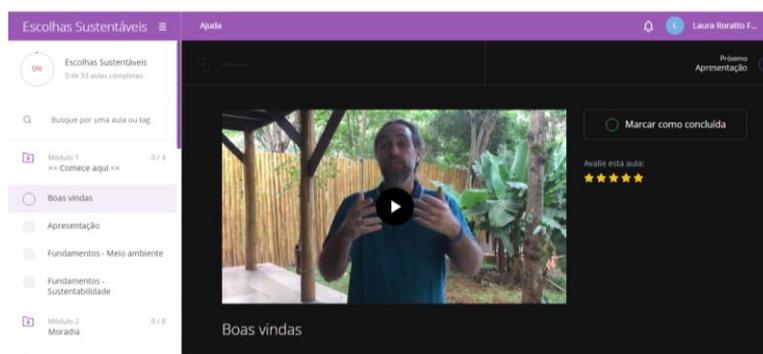


Fonte: *Instagram* do Instituto Pindorama

Essas estratégias contribuem não só para prospectar alunos para os cursos, mas também, de alguma forma, para divulgar acerca da sustentabilidade ambiental e como devemos repensar nossas práticas na sociedade.

Além de todo o trabalho social que realiza o Ipoema, também oferece cursos online pagos. Participei do primeiro Curso "Escolhas Sustentáveis", pelo valor de R\$523,80. O curso teve alguns vídeos disponibilizados de forma gratuita, como introdução ao curso pago, sobre como podemos fazer escolhas mais sustentáveis em nosso dia a dia, independentemente de onde moramos. O curso conta com 11 módulos e fica disponível para acesso por até 15 anos, conforme a imagem 25.

Figura 25 – Plataforma no Hotmart do curso Escolhas Sustentáveis



Fonte: Site Hotmart

Cada módulo aborda um aspecto e uma temática para repensarmos nossas escolhas na sociedade, que são: Fundamentos do meio ambiente e sustentabilidade; Moradia; Cidades; Ferramentas e tecnologias sociais; Consumo a partir da perspectiva ecológica, hídrica e do trabalho escravo; Saúde e visão crítica; Trabalho e sustentabilidade; Natureza e espiritualidade; Introdução à permacultura; Aplicação do design da permacultura; O que são escolhas sustentáveis para a nossa existência. Além disso, é entregue uma cartilha com conteúdo mais completo aos participantes do curso, conforme a imagem 26.

Imagem 26 - Cartilhas de acesso apenas aos participantes do curso Escolhas Sustentáveis



Fonte: Site Ipoema

São temáticas pertinentes que nos ajudam a pensar na importância e na responsabilidade de cursos como esse para uma mudança socioambiental na sociedade.

Já em relação aos cursos online da **Escola Rama**, a comunicação é feita pelo e-mail, havendo uma taxa de inscrição:

Imagem 27 – E-mail acerca dos cursos ofertados

Edição Especial Black Friday de ~~R\$ 797~~ por **R\$ 297!**

🌟 Vem aí a segunda edição dos **Guias Práticos da Rama**! E desta vez, apresentamos **3 guias para você: Compostagem, Hortas Verticais e Simplesmente Permacultura.**

📍 Serão **6 encontros online e AO VIVO** onde ensinamos técnicas e práticas da permacultura e vida no campo, com tira dúvidas ao final de cada aula.

📅 Este evento acontecerá entre os dias **8 e 15 de dezembro.**

👉 As aulas ficam gravadas disponíveis para você assistir depois, quando e onde quiser;

👉 Tira dúvidas ao final de cada aula;

👉 Tem certificado;

👉 Bônus;

E atenção: você poderá se inscrever até o dia 2 de dezembro. Após essa data, as inscrições se encerram.

Então, não deixe para depois.

Garantir Vaga

Fonte: E-mail enviado pela Escola Rama

Assim como os demais, o **Rama** também utilizou a plataforma Hotmart para oferta do curso *online* pago “Viver no Campo”, no valor de R\$1.697,00 ou 12x de R\$165,34.

Imagem 28 – Curso Viver no Campo na Plataforma Hotmart

hotmart

VIVER NO CAMPO

Ecologia e Meio Ambiente Cursos Online e Serviços de Assinatura ★★★★★ (47)

escola **rama** permacultura | ipep

Nesse curso, João Rockett e Tatiana Cavaçana vão te auxiliar na transição da cidade para o campo, vamos te ajudar a entender as principais dificuldades que as pessoas enfrentam e como você pode superá-las.

R\$ 1.697,00
ou em 12 x de R\$ 165,34 * no cartão

Compre agora

★★★★★ (47)

✓ **Garantia de 7 dias**

- Cursos Online e Serviços de Assinatura
- Português

Este é um produto digital, você receberá as informações para acessá-lo através do email.

Fonte: site Hotmart

Quando os institutos propõem, em alguma medida, voltar a morar no campo, precisamos entender que o Brasil é um dos países com maior concentração de terras do mundo e onde estão os maiores latifúndios. Diante disso, a concentração e improdutividade dessas terras possuem raízes históricas, o que estabeleceu a base da desigualdade social do país e que perdura até os dias atuais. Portanto, do ponto de vista histórico, é evidente que o latifúndio e o modo de organização agrária no nosso país são historicamente desiguais, o que se aprofunda com a consolidação do agronegócio no Brasil (Carollo, 2020).

De acordo com o Censo Agropecuário do país, realizado em 2017, cerca de apenas 1% dos proprietários de terras controlam quase 50% da área rural do país. Por outro lado, os estabelecimentos com áreas menores a 10 hectares (cada hectare equivale a

um campo de futebol) representam metade das propriedades rurais, mas controlam apenas 2% da área total (Carollo, 2020).¹⁵.

No entanto, os institutos estão propondo uma outra forma de viver no campo, não só sustentável ambientalmente, mas contrário a esse modo de produção predatório socioeconômico e também ambiental.

A **Associação Veracidade** passou a ofertar parte dos seus cursos presenciais de forma online, devido ao cenário de pandemia dos anos de 2020 e 2021. Como afirma Joana em entrevista: “A gente teve alguns projetos que foram adaptados durante a pandemia para cursos online”. Tanto os cursos online quanto os presenciais são gratuitos, para que mais pessoas possam ter acesso e não seja excludente. Prática que há muitos anos é utilizada pelo instituto. Nesse sentido, preferem captar recursos por meio de editais.

Uma forma de driblar essa situação, de falta de financiamentos ou editais públicos, bem como a situação do Covid-19, foi promover cursos online pagos, para que projetos sociais pudessem ser realizados com as comunidades. Como o caso da **UniPermacultura**, em que utilizou a plataforma de hospedagem de cursos online - Hotmart - para ofertar cursos já existentes e reconhecidos do instituto, como o curso de Designer de Permacultura e em Bioconstrução.

Imagem 29 – cursos *online* pela plataforma Hotmart

The image shows two side-by-side screenshots of the Hotmart Marketplace interface. The left screenshot displays the product page for 'Curso Diplomado de Design em Permacultura', priced at R\$ 397,00. The right screenshot displays the product page for 'Diplomado Design em Bioconstrução', also priced at R\$ 397,00. Both pages include course descriptions, a 'Comprar agora' button, and the seller's name, UniPermacultura - Universidade de Permacultura.

Fonte: Plataforma Hotmart de cursos online pagos

Segundo as políticas da plataforma, o Hotmart cobra uma taxa a cada venda realizada. Isso significa 9,90% mais R\$1,00 por venda¹⁶, resultando em uma média de R\$40,00 de custo

¹⁵Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2020/07/08/artigo-condicoes-de-vida-digna-no-campo-para-todo-povo>. Acessado em 18/04/2023

¹⁶Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/blog/perguntas-produtor-digital-iniciante#:~:text=O%20Hotmart%20club%20C3%A9%20GR%C3%81TIS,%24%202%2C49%20por%20alu>. Acessado em 19/04/2023

da plataforma por curso vendido. Isso representa uma alternativa para os institutos na captação de recursos financeiros por meio de seus cursos na plataforma a um baixo custo.

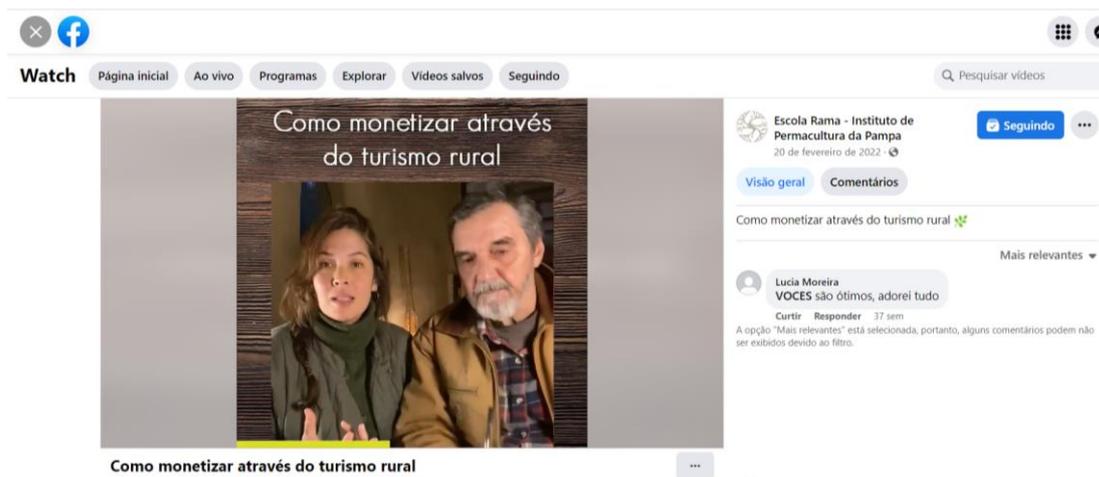
Na loja virtual do site do **Pindorama**, é possível encontrar diversos produtos fabricados à base de bambu, o livro de Nilson Dias "Permacultura para Organizações e Casas Ecológicas", cursos online pagos, vivências, terapias holísticas, entre outros.

O bambu pode ser uma fonte de renda alternativa para os agricultores familiares, pois, com as técnicas de colheita adequadas, ele pode ser produzido por mais de 30 anos sem a necessidade de replantio. Com isso, o agricultor pode gerar uma renda de R\$15.000,00 por hectare ao ano com a atividade (RODRIGUES, 2020).

No site TripAdvisor, podemos encontrar o Eco Hostel do **Instituto Pindorama** para hospedagem. Não foi possível verificar o valor da hospedagem, pois é necessário entrar em contato com o Instituto para saber a disponibilidade, que ocorre apenas durante os eventos listados no site do Instituto. Na descrição sobre o que o Instituto oferece, há aprendizagem e retiros e uma série de vivências em diversas áreas, como Permacultura, Yoga, Alimentação Vegana, Tecelagem de Mandalas e em Tear, Bioconstrução, Construção e Movelaria com Bambu. As comodidades do Eco Hostel vão desde internet, piscina até academia de ginástica.

Uma das preocupações de boa parte dos institutos, assim como da **Escola Rama**, é a monetização do rural, tornar o seu espaço rural mais sustentável e rentável financeiramente para que a transição para o campo seja possível e as pessoas possam viver com um trabalho justo e em harmonia com o meio ambiente:

Imagem 30 – Vídeo sobre a monetização do rural

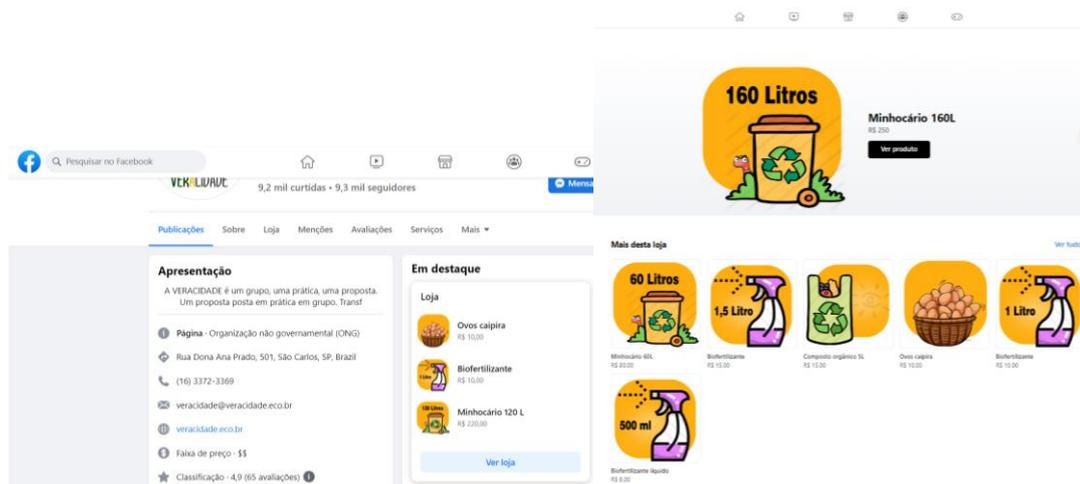


Fonte: Facebook da Escola Rama

O turismo rural pode ser visto como um mecanismo de desenvolvimento sustentável e fortalecimento da economia regional, bem como uma atividade geradora de renda extra para a agricultura do campo. Quando bem estruturado e planejado, o turismo rural torna-se um agente fomentador de boas práticas de preservação e conservação do meio ambiente, além de contribuir na divulgação das culturas e tradições locais e regionais (FARESIN; HAAG, 2017).

Uma das fontes de renda da **Associação Veracidade** são os produtos vendidos no *Facebook*, que têm destaque e direcionam para a loja virtual deles com produtos orgânicos:

Imagem 31 - Venda de Produtos Orgânicos



Fonte: Facebook Associação Veracidade

A **UniPermacultura** não possui nenhum canal de venda de produtos, como os demais institutos.

Em sua maioria, a captação de recursos do **Pindorama** acontece a partir de cursos pagos ou por meio de financiamentos coletivos, como mostra a imagem 32.

Imagem 32 – Financiamento coletivo no site Kickante.

Pindorama | Curso Online: Projeto Casa Ecológica
Meio ambiente - Nova Friburgo, RJ

Curso Online: Projeto Casa Ecológica

Assistir m... Compartilhar

CURSO ONLINE CASAS ECOLÓGICAS DE BAIXO CUSTO

8 kicks

R\$6.708,00

6%

Arrecadados da meta de R\$100.000,00

59 dias restantes

Tudo ou nada

Quero contribuir!

Quanto pretende contribuir?

R\$ Valor mínimo: R\$ 10,00. Valor médio: R\$ 450,00!

Escolha a sua recompensa!

Quero contribuir, mas não precisa me enviar recompensa!

R\$998,00

Curso online
Curso Online com vídeos e apostila com todos os passos de forma detalhada. Certificado do Instituto Pindorama, seu nome listado no banco de talentos da Rede Pindorama como Bloconstrutor(a) ou Bioarquiteto(a) com destaque, todas as plantas executivas, planilhas e lista de materiais e fornecedores
#2 pessoas kickaram.
Entrega estimada em 01/10/2020

R\$1.698,00

Curso Online + fim de semana na casa ecológica
Curso Online com tudo incluso na recompensa acima + um final de semana hospedado na casa ecológica (máximo 4 pessoas, alimentação não inclusa, conforme disponibilidade de agenda)
#1 pessoa kickou.
Restam 29 kicks.
Entrega estimada em 01/10/2020

NÃO PODE CONTRIBUIR HOJE!
Você pode colaborar com essa campanha divulgando nas suas mídias sociais.

Não custa nada e você vai colaborar para tirar esse projeto do papel!

[Não quero colaborar!](#)

Fonte: Site Kickante

O Instituto **Ipoema** possui um projeto no site Catarse¹⁷, de financiamento coletivo, para a realização do projeto "Plante o Futuro", que visa ao reflorescimento do Centro Águas do Cerrado, uma área de 8 hectares. Nesse espaço, serão plantadas cerca de 60 mil árvores ao longo do tempo. Em uma primeira etapa, serão plantadas 5 mil árvores nativas do cerrado com alunos de escolas públicas.

17

Disponível

em:

https://www.catarse.me/plante_futuro?ref=user_contributed&project_id=47809&project_user_id=690790. Acesso em 26/07/2021.

Imagem 33 – Financiamento coletivo no site Catarse



Fonte: Site Catarse

A prática de financiamento coletivo, também conhecido como crowdfunding, consiste na obtenção de capital para iniciativas de interesse coletivo através da soma de múltiplas fontes de financiamento, geralmente pessoas físicas interessadas na iniciativa¹⁸. A utilização desse tipo de prática viabiliza a realização de projetos que poderiam não ter apoio de atores sociais, tais como as organizações financeiras tradicionais como bancos, investidores e fundos de investimento.

Quanto aos demais institutos, **Escola Rama** e **Associação Veracidade**, não encontramos informações referentes a financiamentos coletivos.

A **UniPermacultura** possui um financiamento coletivo no site Vakinha¹⁹:

Imagem 34 – Financiamento coletivo no site Vakinha

¹⁸ Disponível em: [https://guiadefomentodacultura.es.gov.br/financiamento-coletivo#:~:text=O%20Financiamento%20coletivo%20\(crowdfunding\)%20consiste,pessoas%20f%C3%ADsicas%20interessadas%20na%20iniciativa](https://guiadefomentodacultura.es.gov.br/financiamento-coletivo#:~:text=O%20Financiamento%20coletivo%20(crowdfunding)%20consiste,pessoas%20f%C3%ADsicas%20interessadas%20na%20iniciativa). Acesso em 20/04/2023.

¹⁹ Disponível em: <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/unidade-movel-de-permacultura-highlander>. Acessado em 14/04/2023



Fonte: Site Vakinha

O objetivo é reformar um antigo "motorhome" e transformá-lo em uma unidade móvel de permacultura. O intuito com a unidade móvel é poder levar as atividades socioambientais às comunidades que vivem em áreas de difícil acesso.

Ao observarmos a tabela comparativa, a seguir:

Tabela 4 - Atividades econômicas realizadas pelos institutos

Atividades econômicas	Pindorama	Ipoema	Rama	Veracidade	Unipermacultura
cursos online	X	X	X	X	X
cursos presenciais	X	X	X	X	X
produtos	X			X	
financiamento coletivo	X	X			X
recursos próprios	X				X

editais públicos e privados		x	x	x	x
-----------------------------	--	---	---	---	---

Fonte: elaborada pela autora

Observamos que todos os institutos, à exceção da **Associação Veracidade**, oferecem cursos online pagos. Em relação a participarem de editais públicos ou privados para a realização de projetos com as comunidades das quais atendem, percebemos que apenas o instituto **Pindorama** não participa, pois eles próprios fornecem edital a empreendedores rurais, com recursos próprios.

Todos os institutos, antes da pandemia do Covid-19, ofereciam cursos presenciais pagos ou, em alguns casos, com concessão de bolsas, como no caso dos institutos **Ipoema** e **Veracidade**. Os únicos institutos que não participam de financiamento coletivo são a **Escola Rama** e a **Associação Veracidade**. Já o **Pindorama** e a **Veracidade** são os únicos que comercializam produtos, como produtos à base de bambu - **Pindorama** - e composteira e ovos - **Veracidade**.

É importante ressaltar que há duas situações presentes na maioria dos institutos. Uma delas são as ações divulgadas e que acontecem na internet com o objetivo de arrecadar recursos financeiros para manter as atividades dos institutos. Por outro lado, também há ações presenciais ou online sem uma pretensão mercadológica, uma vez que são gratuitas. Essas ações têm por objetivo gerar um impacto de mudança local e regional nas comunidades envolvidas no processo.

A primeira tem suas ações comunicadas mais com a intenção de uma sustentabilidade econômica do instituto. A partir disso, são criadas estratégias comunicacionais – *lives*, aulas gratuitas, entre outras – para que as pessoas participem dos cursos (Imagem 24). O objetivo dessas ações realizadas online é que as pessoas se inscrevam nesses cursos. Como hipótese, acredita-se que o público é composto por sujeitos de classe média, devido aos valores a serem pagos. Diferentemente, o outro tipo de ação acontece com comunidades quilombolas, MSTs, escolas, entre outros, com o propósito de uma mudança no que tange às questões ambientais naquela realidade.

Conforme é possível observar, dentre as diversas formas de os institutos se sustentarem economicamente, têm-se os cursos pagos ou venda de produtos. Além disso, eles também têm a preocupação de desenvolver economicamente os seus públicos atendidos, como a partir de ferramentas para empreenderem no campo ou monetizar o espaço rural. É importante salientar

que é impossível manter um instituto, ou qualquer outra organização, sem recursos financeiros. Por mais autonomia que se busque em relação ao sistema, é preciso, em muitos casos, utilizar-se de algumas das próprias lógicas capitalistas para promover sustentabilidade ambiental e levar mais qualidade de vida a esses sujeitos.

Considerando que o grande desafio que o mundo enfrenta é alinhar o desenvolvimento econômico, a igualdade e a sustentabilidade ecológica, é preciso promover o desenvolvimento econômico de forma a diminuir, ao invés de aumentar, a desigualdade, assegurando-se de que esse desenvolvimento seja sustentável do ponto de vista ambiental. Do ponto de vista de Ignacy Sachs (2009), para atingir esse ideal, é preciso reinventar o Estado desenvolvimentista, que pode e deve assumir muitas formas, que não aquela proclamada pelo mantra neoliberal, do declínio dos Estados em detrimento do mercado. Isto é, a responsabilidade assumida pelos Estados desenvolvimentistas deve aumentar na segurança da economia, da igualdade e da ecologia. Embora saibamos que o atual sistema capitalista não dá conta de um Estado desenvolvimentista como pretende Sachs.

Para Sachs, as cinco áreas em que o Estado desenvolvimentista deverá atuar são: (1) articulação com o nível regional e local e, também, com o transnacional; (2) harmonização do social e do ambiental com o desenvolvimento econômico; (3) promoção de associações entre empresas, trabalhadores, o Estado e a sociedade civil; (4) constituição de formas novas e flexíveis de planejamento; e (5) patrocínio de pesquisas públicas sobre tecnologia e meio ambiente (BRESSER-PEREIRA, 2013).

No entanto, para haver uma transformação do sistema, é preciso mexer com as bases econômicas e estruturais da sociedade. Muito mais do que encontrar brechas – que é o que os institutos fazem –, é preciso pensar a dimensão econômica e política da sustentabilidade em nível global, conforme proposto por Sachs, para que haja partilha justa e distribuição dos excedentes, em que ninguém possua mais recursos que o outro. Isto é, a sociedade, a organização política e a natureza devem ser pensadas concomitantemente com a economia e se desenvolverem em simbiose com ela. É por isso que, atualmente, não podemos pensar essas questões de forma desconectada do capitalismo.

5.2.3 Política

Acerca da categoria política, o Estado tem o compromisso de atuar junto à cooperação de empreendedores, à população e às empresas, pela coesão social, bem como de se envolver na busca por soluções aos problemas ambientais e de seus territórios. Nesta categoria,

consideramos as ações dos institutos em parcerias com o Estado e a iniciativa privada a fim de melhorar as condições socioambientais de determinada localidade ou comunidade.

Podemos constatar, a partir da observância do curso "Viver Fora do Sistema", do **Instituto Pindorama**, que, para viver fora do sistema, é preciso haver uma transformação de questões que envolvem o projeto político-social de um sistema. Viver fora do sistema capitalista é não apenas consumir menos e propor uma mudança nas práticas ambientais, pois requer uma transformação na estrutura, diminuição das desigualdades sociais e promoção de paridade de gênero e raça, ou seja, das minorias. Viver fora do sistema capitalista, portanto, é sobretudo transformar as bases da exploração e da divisão dos excedentes. Portanto, é algo ambíguo porque dá indícios de que o sistema capitalista continua e que certos grupos poderão viver de forma sustentável. No entanto, não é dito sobre como reduzir as desigualdades de forma política pelo **Pindorama**.

No entanto, conforme Ferreira Neto (2018), as comunidades intencionais, bem como os institutos, propõem uma "alternativa para a sociedade". Deve-se questionar, no entanto, em que medida essa proposta será uma alternativa, uma vez que nos parece ir ao encontro do mencionado anteriormente, desse "viver fora do sistema". Isso porque as comunidades intencionais e os institutos se valem do sistema para se manterem: apesar de não viverem de forma análoga, tendo em vista que encontram brechas e resistência naquilo que é possível, é o capital que sustenta o nosso sistema.

Portanto, até mesmo os institutos precisam do capital para se manterem e continuarem promovendo uma mudança social no que tange às questões ambientalmente sustentáveis, ou seja, eles lutam dentro desse sistema desigual. Assim, as ações sociais dos institutos acabam sendo restritas a aspectos pontuais e não conseguem se consolidar a ponto de gerarem uma transformação mais profunda na estrutura da sociedade, muito menos se configurar como um movimento de luta para tal, como os movimentos sociais. Por outro lado, essas ações sociais, mesmo que pontuais, podem gerar uma mudança na sociedade quando pensadas a longo prazo.

Que alternativa é essa para a sociedade? É conjugar com o capitalismo ou ir de encontro a ele? Segundo Ferreira Neto (2020, s.p), em entrevista para esta tese, "os institutos e as comunidades são uma alternativa ao capitalismo, são embriões de uma sociedade pós-capitalista". Isso se aplica ainda mais quando o autor fala que essas comunidades se estruturam de baixo para cima para a promoção de mudanças na sociedade, mesmo que, na prática, ainda seja necessário se utilizar de mecanismos da sociedade vigente para que se possa encontrar brechas para a mudança. Além do mais, Djalma não propõe uma sociedade alternativa nos moldes da década de 80, quando surgiu essa ideia, mas sim uma alternativa para a sociedade a

partir da permacultura. Isto é, uma alternativa para a sociedade não é o mesmo que outra sociedade. Ao contrário, é trabalhar nas brechas que o capitalismo permite, mesmo que o capitalismo seja insustentável. Portanto, mesmo que os institutos almejem transformação, na prática é uma alternativa dentro do que se tem como sociedade, ou seja, na prática os institutos gravitam em torno de mudanças socioambientais.

Em relação às redes sociais online do **Instituto Ipoema**, como *Facebook* e *Instagram*, percebemos um viés político-social nas postagens, alertando e, por vezes, denunciando os riscos que corremos se não olharmos atentamente para a degradação ambiental que o sistema capitalista tem proporcionado ao longo dos anos. Um exemplo disso é a postagem que expressa o desejo de um ano em que possamos construir uma sociedade sustentável e lutar contra as desigualdades.

Imagem 35 - Mensagem de um ano mais justo e com menos desigualdades



Fonte: Instagram do Instituto Ipoema

Portanto, podemos dizer que há uma preocupação com a sociedade que temos e a qual almejamos, ou seja, uma sociedade mais justa e igualitária tanto ambiental quanto social. Diante disso, o Ipoema também se refere a um projeto que envolve uma transformação social, mas não especifica como isso é possível.

No vídeo do Instagram da **Escola Rama**, João Rockett fala que há um interesse, uma intenção de alterar o termo de agricultura para agronegócio, ao tirarmos a palavra "cultura" e sua diversidade para introduzirmos a palavra "negócio" e criarmos uma monocultura. O objetivo é que não só se plante o mesmo produto, mas que todos plantem da mesma forma, com o mesmo insumo, formado por um pequeno grupo de grandes empresas que sustentam esse grande negócio.

Imagem 36 - Vídeo sobre Agricultura ou Agronegócio



Fonte: Instagram da Escola Rama

As escolhas são intencionais, e ao deixarmos de falar em agricultura e nos concentrarmos no processo de um negócio agrícola, estamos negando a natureza do lugar. Isso implica em degradação, redução da biodiversidade e limitação das possibilidades do contexto inserido. Em outras palavras, é apostar em um sistema que é insustentável ambientalmente, é apostar em uma agricultura não agroecológica.

A **Associação Veracidade** tem uma atuação política mais expressiva, possivelmente devido ao fato de seu membro fundador, Djalma Nery, ocupar atualmente o cargo de Vereador em São Carlos. Além disso, sua dissertação de mestrado e posterior livro sobre o movimento permacultura já demonstram preocupações envolvendo o Estado e a Sociedade Civil. Isso é evidenciado no Instagram do instituto, onde essas questões políticas estão presentes:

Imagem 37 - Workshop sobre o marco regulatório das organizações da sociedade civil



Fonte: Instagram da Associação Veracidade

Este workshop, realizado em parceria com o Conselho de Agricultura e Urbanismo de São Carlos e a Maitá - Assessoria Técnica em Habitação, tem como objetivo difundir os conteúdos de Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social e capacitar para a operacionalização da Lei Federal nº 13.019/2014²⁰.

A atuação pública²¹ da Associação está associada ao acompanhamento das políticas de preservação e recuperação ambiental no território dos municípios, à preocupação com a nutrição e a segurança alimentar de forma sustentável, além dos direitos que envolvem as crianças e adolescentes do município de São Carlos.

²⁰ Esta Lei institui normas gerais para as parcerias entre a administração pública e organizações da sociedade civil, em regime de mútua cooperação, para a consecução de finalidades de interesse público e recíproco, mediante a execução de atividades ou de projetos previamente estabelecidos em planos de trabalho inseridos em termos de colaboração, em termos de fomento ou em acordos de cooperação. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/113019.htm. Acessado em 16/01/2023

²¹ CONDEMA – Conselhos Municipais de Defesa do Meio Ambiente; CRSANS – Comissão Regional de Segurança Alimentar e Nutricional; CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente – São Carlos

Imagem 38 - Participação em Conselhos e Comissão na Atuação Público



Fonte: Site da Associação Veracidade

Participam ativamente das discussões públicas no que diz respeito à preservação dos recursos naturais em relação a diversos direitos dos sujeitos, bem como dos espaços públicos ou privados.

Além disso, a transparência nos processos democráticos dentro da Associação faz com que divulguem em suas redes sociais, por meio de convites, a realização da assembleia geral extraordinária, convidando para a participação.

Imagem 39 - Realização da Assembleia Geral Extraordinária



Fonte: Instagram da Associação Veracidade

Poderíamos dizer que a **Associação Veracidade**, com a intenção de tornar pública a Assembleia, tem procurado, de forma transparente, prestar contas de suas ações perante a sociedade.

É importante destacarmos que a **Veracidade** entende que seus projetos visam uma mudança ambiental, mas, antes disso, uma mudança social, ou seja, uma mudança socioambiental.

*As ações cujos projetos com colaborações da associação veracidade do nosso grupo elas visam uma mudança ambiental que é antes de mais nada uma mudança social ou socioambiental, até porque o principal problema né das mudanças climáticas das transformações da natureza é influência antrópica na empresa do ser humano que precisa ser redesenhada. Se, nessa relação do ser humano com a natureza quiser mudar então não existe uma mudança ambiental que não seja também social. A concepção de mundo, de prática, de hábitos e de organização da produção de bens, de mercadorias. [os projetos] ensinam, então, o objetivo de cada uma das situações, que de alguma forma ou através de ações pedagógicas que muda a concepção individual ou através de um processo de formação que visa **sensibilizar para a importância de uma mudança estrutural. De qualquer forma, são mudanças, são propostas de mudanças sociais ou organizacionais ou políticas que em última instância visam levar a uma mudança ambiental** (grifo nosso) (Djalma, Associação Veracidade).*

Portanto, para Djalma, da **Veracidade**, os projetos são propostas de mudanças sociais ou até mesmo organizacionais, quiçá políticas, que têm por objetivo uma mudança ambiental. Diante dessa fala, percebemos que, assim como para Sachs, a dimensão social acaba por anteceder, muitas vezes, as demais, uma vez que é preciso mudar algumas propostas sociais atuais para pensarmos em uma mudança ambiental futuramente.

Acerca das ações sustentáveis e seu potencial de mudança socioambiental para o **UniPermacultura**, está relacionado a uma questão sistêmica, pois uma vez que há uma mudança ambiental, também há, em alguma medida, uma mudança social:

Então a gente traça o Social e o Ambiental. Eles não estão descolados, não tem como tu fazer uma mudança ambiental sem fazer uma mudança social junto, é sistêmico, não tem como fazer uma mudança social, sem ter impacto na questão ambiental. Nós somos extremamente ideológicos, então somos uma instituição ideológica. A gente tem um lado na história, se coloca dentro de um bloco histórico ambientalista de defesa do meio ambiente, a gente, nós somos os mesmos ambientalistas da década de 70, da década de né! que lutaram com a questão... nós somos da mesma galera, eu fiz um movimento, nós fazemos parte desse mesmo movimento então! Sempre, nossas ações não são só ambientais, mas com o fundo político, como pano de fundo política ambiental contra hegemônico (grifo nosso) (Marcos, UniPermacultura).

Importante destacar a preocupação político-social, mesmo que seja ainda muito incipiente, e o pano de fundo das ações desenvolvidas pelo Instituto. Porém, é a primeira vez que se destaca na fala dos entrevistados essa referência acerca dos movimentos tradicionais de luta política e social por igualdade socioambiental.

Outra questão é o posicionamento enquanto um instituto ideológico, que procura, em suas ações socioambientais, levantar questões político-ambientais contra hegemônicas.

A partir dessa questão de fundo, a política, questionamos o impacto dessas ações e a dimensão delas no tecido social e se elas tinham a possibilidade de gerar mudanças locais ou regionais para Marcos Ninguém, da **UniPermacultura**:

Não a gente acredita que sempre tem respostas invisíveis é o tecido social, a correlação de forças né! A vida ensina algo muito complexo né! Chama-se a Vida e das relações sociais políticas em tecido social político e econômico é muito complexo. É difícil, a gente vê uma sociedade que busca os resultados né, sendo visíveis e palpáveis, a gente acredita no resultado que ele é um resultado invisível, que o resultado orgânico. Então, com certeza na medida que a gente compartilha conhecimento, educação, tecnologia social, as pessoas podem representar no momento que existe um empoderamento né! das pessoas através de uma educação libertadora. Existe também o que a gente chama né... E se a gente puder levar para as pessoas tecnologia e conhecimento, e isso naturalmente acontece né! Por consequência é um processo de emancipação de liberdade do indivíduo em frente a sociedade, frente ao tema capitalista demais. A gente precisa de sujeitos empoderados e emancipados que transformem a sua realidade, transformando a realidade de um conjunto social, de uma comunidade que acredita nos resultados a longo prazo. Já que nós não fizemos um trabalho de assistencialismo, fazer um trabalho de educação né! E aí é sempre mais difícil medir né! o resultado desse trabalho, mas a gente acredita muito nisso... de que as mudanças que são as mudanças visíveis a gente faz, que é uma horta Comunitária, fotos dos produtos que foram produzidos, as pessoas que plantaram, ficou lindo, a gente tem como ver né o resultado das nossas metas e objetivos né! Então, isso a gente tem tudo documentado, que é a maneira que a gente trabalha, também o resultado do material, do que a gente faz, o que a gente fez com as obras, temos um mochilão de construção na Band. Ficou o resultado visível, mas o resultado invisível, que não acham que é o mais importante, que o que fica dentro do município, como uma semente né! É o que vai quebrando a dormência e é o processo de emancipação né! de questionamento da sociedade (Marcos, UniPermacultura).

Marcos Ninguém acredita nos resultados invisíveis, ou podemos dizer, intangíveis, para a mudança socioambiental. São aqueles em que as pessoas conseguem se empoderar e se emancipar por meio das ações promovidas pelo instituto, mudando a sua realidade a longo prazo. É como uma semente que quebra a dormência de uma sociedade capitalista, passando pelo questionamento da sociedade em que vivemos para um processo de emancipação.

No *Instagram* da **UniPermacultura**, é possível vermos um posicionamento político sobre os acontecimentos no governo brasileiro:

Imagem 40 - Postagens sobre a situação na Amazônia

Instagram

unipermacultura

MPF questiona prisão de membros de ONG na Amazônia

BRASIL | 4 hours ago



ONGs negam que estivessem por trás de Incêndios florestais em Alter do Chão, no Pará

Órgão federal pede explicações sobre

Fonte: *Instagram* do Instituto UniPermacultura

← Comentários

unipermacultura Sobre a prisão dos Brigadistas: vem alguma merda grande por aí! As prisões são cortina de fumaça para algo grande que as ONGs seriam um entrave no debate político, então a melhor forma é um escândalo para enfraquecer a credibilidade das ONG's. Deus proteja a Amazônia porque algo muito ruim em breve vai acontecer.

6 h

bia.more1ra Também penso dessa maneira, existe uma tentativa de criminalizar e enfraquecer as ongs, mais como são seres humanos, homo sapiens que estão por trás das ongs não consigo duvidar de nada. Em todos os lugares existem maçãs podres.

4 h 2 curtidas Responder

unipermacultura @bia.more1ra as investigações apontavam os ruralistas e grileiros. Aí do nada vira pras ONGs. Até o MPF tá achando estranho demais. É uma cortina de fumaça para algo grande que vem pra acabar com essa região .

3 h 2 curtidas Responder

pedrohsantoro Absurdo!! Surreal demais isso, estou assustado!

5 h 2 curtidas Responder

fertossan Que tristeza, professor! 😞 Está tudo ruindo.

2 h 1 curtida Responder

Imagem 41 - Postagens do ano de 2019 sobre o aumento da gasolina no Brasil



Fonte: *Instagram* do Instituto UniPermacultura

A **UniPermacultura** deixa mais uma vez claro o seu posicionamento ideológico, não só por meio da fala do fundador, Marcos Ninguém, como também na forma que expressa sua posição sobre o Governo, na época de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022). Na postagem, podemos verificar de forma irônica que, assim como na época do governo de Dilma Rousseff (2011-2016), as reivindicações de parte da população eram devido aos aumentos do Dólar e da gasolina, e que agora, no governo Bolsonaro, a população também deveria pedir a saída deste presidente, como ocorreu com a Dilma. Já na postagem da imagem 40, o instituto se posiciona acerca da questão das queimadas na Amazônia e argumenta que a prisão de membros de ONG era uma "cortina de fumaça" por conta dos possíveis entraves nos debates políticos realizados pelas ONGs, e essa culpabilização delas ajudaria a enfraquecer o movimento. Portanto, as questões envolvendo os governos não só impactam as questões de desigualdade social e econômica, como também a atuação dos institutos na realização de seus projetos.

Como já relatado pelo **Instituto Ipoema**, há uma perda da continuidade dos projetos sociais devido a vários fatores, dentre eles a falta de recursos.

Se tivesse recurso para dar continuidade e essas pessoas envolvidas tivessem recebendo algum salário, ainda que fosse uma ajuda de custo, provavelmente as coisas continuariam acontecendo né! (Jacintho, Ipoema).

Muitos dos projetos realizados pelo **Ipoema** acontecem mediante editais públicos ou privados, ou por meio de patrocinadores. Boa parte das produções audiovisuais produzidas pelo Instituto serve como contrapartida prevista nos editais públicos ou privados, como forma de divulgação da marca dos patrocinadores ou dos fomentadores dos editais, conforme explica Jacintho:

Sobre patrocinadores são esses e tal né o nosso grande projeto nosso maior projeto de todos foi patrocinado pela Petrobras no edital público aberto chamado Petrobras Ambiental tá a gente tem outros patrocínios e uns projetos menores que a gente teve a gente já teve o Patrocínio de Furnas²², não é Patrocínio que são os editais públicos. Então no edital a gente já teve financiamento vinculado ao Ministério do Turismo, a Caesb, que é a companhia de água aqui no Distrito Federal...água e esgoto né! Tem mais [...] aqui o SAC Banco do Brasil né. A Fundação Banco do Brasil já patrocinou o nosso projeto, é basicamente esses 4 então né então! A Petrobrás que foi em caráter de Patrocínio e edital, a diferença é que quem não patrocina a gestão do recurso ela é um pouquinho mais burocratizada, a intenção do patrocinador é a promoção da sua própria marca né! No edital público é como se a associação da corrida que ganhou o edital fizesse a função daquele órgão de Estado, né! Então no caso foi Ministério do Turismo Caesb que a companhia de água e esgoto em Brasília, Fundação Banco do Brasil e aquele outro que não lembro. Então é basicamente isso somente. Daí que a gente vê anúncios e fica sabendo que o edital está no ar, submete o projeto e às vezes a gente consegue às vezes não (Jacintho, Ipoema).

Um exemplo disso é o projeto Águas do Cerrado, que recebeu patrocínio da Petrobras.

[...] Então nesse projeto [...] a gente tinha alguns critérios de ordenamento geográfico né, então, tinha uma questão regional aqui de localização das escolas. A gente fez uma pré-avaliação relacionada a faixa de renda e tal né de cada escola e de cada comunidade fizemos uma pré-seleção e fomos apresentar o projeto nessas escolas antes do projeto começar uma vez que o projeto começou, a gente abriu um processo de inscrição, e dentre as escolas que se interessaram - por que não dava para atender todas as escolas que cumpriram esse processo de seleção e trazer uma forma da escola demonstrar o interesse né -. A gente passou por esse processo de seleção e selecionamos [pelo processo seletivo] as escolas [e foram] 33 escolas (Jacintho, Ipoema).

Os projetos contam com financiamentos obtidos por meio de editais, prêmios, concursos, patrocínios ou se somam às ações de responsabilidade socioambientais de empresas. Em geral, esses projetos atendem escolas públicas, assentamentos rurais ou áreas públicas abertas, de maneira que a sociedade em geral possa ter acesso.

²² Furnas Centrais Elétricas S/A, ou simplesmente Eletrobras Furnas, é uma empresa brasileira de economia mista subsidiária da Eletrobras, vinculada ao Ministério de Minas e Energia, atuando no segmento de geração e transmissão de energia.

Não muito diferente, a **Associação Veracidade** também participa de editais públicos e privados na realização de seus projetos ambientais, fomentando seus conceitos e práticas para o debate público.

Em relação aos projetos, alguns sim e outros não, a gente escolheu ter um CNPJ justamente para poder né! captar recursos para poder fazer projetos mais consistentes e veracidade se você entrar no nosso site vai ver que tem uma série de projetos em andamento e outros já realizados e são diversas fontes de financiamento. A gente fez muita coisa e faz muita coisa né, totalmente voluntária sem nenhum recurso a não ser os recursos humanos nossos né, mas hoje em dia tem muitos projetos com financiamento né, a gente recebe tantos financiamentos públicos quanto privados, alguns exemplos, temos parcerias grande com Rede SESC pessoal de São Paulo, a gente faz muita coisa aí, um ano a gente ficou meio parado, mas até aqui desde a fundação fizemos muitas atividades nas unidades do SESC. Temos uma atuação frequente no Comitê de Bacias Hidrográficas daí captando recursos do fehidro que é o fundo do Comitê em várias bacias inclusive, a gente também tem uma parceria de longa data com o Banco do Brasil e outros pequenos editais ai já fizemos atividades com recursos do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), já fizemos projetos com recursos da CNBB, que é Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, enfim né fizemos várias coisas com fontes de financiamentos diferentes e... depois se quiser dar uma olhada no site²³, lá tem mais informações nesse sentido (Djalma, Associação Veracidade).

A gente faz a maior parte de digitar públicos de fundos de financiamento Então a gente tem alguns projetos aprovados pela Fundação Banco do Brasil alguns projetos pelo fundo de recursos hídricos do Estado São os mais recentes do conselho de arquitetura e urbanismo de empresas particulares na de setor privado a gente ainda não recebeu nenhum tipo de financiamento emenda parlamentar tem a gente já recebeu uma ou duas mesma o mesmo tipo de emenda na renovação dela então nosso carro-chefe hoje em dia sensação é o financiamento público mesmo (Djalma, Associação Veracidade).

Portanto, as ações ou projetos promovidos pelos institutos têm um potencial gerador de mudanças, enfatiza Joana, da **Associação Veracidade**.

*sim a gente acredita que seja possível é uma grande motivação dentro do nosso trabalho como educadores ambientais, engenheiros ambientais, biólogos instalar na galera da equipe vindo da formação nas ciências, meio ambiente, dentro da Educação Ambiental crítica, a gente acredita assim que as ações de capacitação de **problematização do debate político** dentro da fios socioambientais e econômicos que a gente encontra os trazem um potencial de mudança das Comunidades. No entanto, tudo isso tem que estar muito conectado, muito contextualizado e muitas vezes é difícil dentro do tempo ou investimento do dinheiro disponível para uma pessoa. As doações para projetos que a gente quer dizer que quanto mais constante quanto maior for o investimento dentro de um programa né! dentro de um grande leque de ações, maior assistência dessas ações, têm resultados porque é articulação e capacitação na educação ensina a formação de processos coletivos. Elas demandam muito tempo e dentro do terceiro setor não é muito a forma como os projetos, hoje em dia, estão estruturados para acontecer, então, para pequenas instituições do terceiro setor, pelo menos como é a Veracidade, hoje em dia o resumo de atuação de quais dessas ações. Então, a gente acredita que se você contextualiza, você consegue trabalhar a longo prazo e você consegue conectar aspectos ambientais com as sociais e com aspectos econômicos fazendo essa discussão para o âmbito da nossa construção enquanto cidadãos né! dentro de uma esfera sócio-política onde*

²³ <https://veracidade.eco.br/>

a gente tem capacidade e conhecimento. Quais são os meios de articulação de comunicação e de ação mais estruturadas? Mesmo com pouco equipamento público e a gente consegue sim, trazer mudança local e regional dentro dessas comunidades indígenas. O trabalho, então, a gente luta para que a gente consiga permanecer trabalhando né com essas comunidades e que esse trabalho seja realmente significativo nesse sentido (Joana, Associação Veracidade).

A **Veracidade** acredita que o trabalho realizado, quando contextualizado dentro da realidade de cada comunidade, consegue gerar mudanças a longo prazo nos aspectos ambientais, sociais e econômicos. Assim, leva essa discussão para dentro da esfera sócio-política na geração de conhecimento e capacitação para a construção desses cidadãos.

Na fala de Jacintho, do **Instituto Ipoema**, fica evidente que, quando não há uma relação direta do Estado com políticas públicas de atendimento às demandas das comunidades e da sociedade, elas acabam vindo até o instituto por parte das escolas e das comunidades, porém nem sempre eles conseguem abraçar esses projetos, pois, em muitos casos, dependem de editais para a sua realização.

[...] a gente recebe demandas para novos projetos vindo de escolas e comunidades, mas as pessoas nos dão a mão como se a gente tivesse condições próprias, dinheiro próprio para fazer um projeto, [e] na verdade, quando a gente recebe uma demanda dessa, o que a gente tem que fazer? A gente tem que transformar essa demanda no projeto; e aí juntos em parceria com essa comunidade ficar de olho no edital. [Porque] a gente não tem recursos próprios para atender as demandas né! Na verdade, nós somos uma ponte entre a demanda da comunidade e o acesso a esses recursos né! E todos via editais públicos e patrocínios que são concursos né a gente não tem assim um canal de indicações políticas, articulação, não tem nada disso então, assim são concorrências que a gente participa e às vezes a gente ganha, às vezes, eu não ganho e o fato é que de 2017 para cá tá tudo meio parafuso [...]. E aí uma das coisas grandes dessa mudança de 2017 para cá [...] foram dois aspectos aí nessa mudança um aspecto do contexto Nacional né de toda essa crise política e civilizacional que a gente tá vivendo no Brasil depois do nosso último projeto que se encerrou no meio de 2016 (Águas do cerrado: o futuro em nossas mãos) a gente não conseguiu renovar os projetos [em] 2017. A gente já chegou a fazer algumas ações meio que na raça né, porque nós somos uma pequena [gota no oceano], a gente não tem capital próprio, a cada projeto é um novo edital que a gente participa o novo patrocínio que a gente consegue. E desde lá a gente teve dificuldades de renovar nossos projetos e com isso as pessoas que estavam trabalhando também precisando pagar suas contas acabaram cansando um pouco disso que eu chamo do dízimo honesto né! Então eu não sei se você conhece, tem noção de como é que é esse trabalho de ser um guerreiro né, trabalhar numa ONG de modo honesto, morre pequeno né, não tem financiamento permanente de capital gringo, nem nada disso. Então a gente teve uma questão interna das pessoas terem dificuldade de se manter atuando, onde cada um precisou 'vou arrumar um emprego, tocar uma empresinha' para ganhar dinheiro e hoje estamos restritos a praticamente três pessoas mantendo a ONG e o que a gente tá fazendo é entregando o conteúdo na Internet né! [...]. A gente tá fazendo esse esforço de não deixar o Ipoema morrer e principalmente de fundir mais nessa ideia essa mensagem da formação e na vida sustentável então a gente tá usando essas estratégias de comunicação aí, via as redes sociais, em vídeos e muito material online né esse é o atual estado da arte nosso (Jacintho, Ipoema).

Essa falta de incentivo acaba levando muitos dos atuantes desses projetos, os voluntários, a buscar uma fonte de renda, afetando diretamente a continuidade dos próprios institutos, como no caso do **Ipoema**, que se readaptou utilizando a internet como estratégia para entregar seu conteúdo e conseguir verbas por meio dos cursos online pagos para a manutenção de seus projetos com escolas públicas e demais comunidades.

Um ponto importante é que os institutos têm uma preocupação com os sujeitos que possam ter autonomia e uma vida digna sem depender de questões políticas e governamentais, mesmo que, enquanto institutos, precisem estar atentos a cenários políticos para concorrerem, muitas vezes, a editais públicos para o desenvolvimento de seus projetos, como é o caso da **Escola Rama**.

Diante disso, Djalma, da **Veracidade**, acredita que a mudança também acontece dentro da cultura. No entanto, para gerar transformações, é preciso pensar em políticas públicas.

Gerar mudanças na direção ao centro da cultura [...]o segundo passo aí que eu acho que é uma coisa que eu vi um debatendo mais profundamente... É como gerar mais alcance para transformações pensando em políticas públicas né o Estado, ele vai ou não na organização da sociedade, das transnacionais e já diastática²⁴ para estar conectado a união racional, se adotadas como forma de políticas públicas e eu não vejo isso acontecendo Então eu acho que tem que lembrar o macro e o micro é um desafio que a gente faz a princípio mais como micro, dar exemplos, mostrar as possibilidades né, fazer sensibilização e etc. Mas tem todo esse outro lado do macro que a gente ainda não consegue alcançar por não ter uma organização social relevante o suficiente para promover essas mudanças e acho que é por aí (Djalma, Associação Veracidade).

Portanto, para que suas ações possam gerar mais do que mudanças micro, é preciso adentrar as estruturas sociais por meio de políticas públicas. Nesse caso, a ação do Estado em parceria com os institutos geraria mudanças sociais mais amplas.

Diante disso, devemos pensar a política de maneira mais complexa, uma vez que há variáveis dentro do sistema que nunca mudam. "Talvez o paradoxo resida no fato de que enquanto a política mundial mudou qualitativamente, a partir da crescente estruturação de uma ordem global ou transnacional". No entanto, "os atores políticos continuam agindo e legislando na perspectiva de uma ordem internacional sustentada no princípio da soberania nacional" (LEIS, 2004, p. 10).

Os projetos na **UniPermacultura** acontecem de forma autônoma, sem contribuição de editais públicos ou privados, principalmente após o corte de verbas do governo para projetos sociais e ambientais.

²⁴ Que se distribui ou se diferencia segundo estratos ou escalas da estrutura social

Então, não existe financiamento, a gente mesmo que financia os projetos né! infelizmente depois do golpe na Dilma né, naquele impeachment, acabou todos os financiamentos. hoje não existe mais financiamento de projetos, já foi, acabou, passou né!! Quem pegou essa fase na época do Governo do Lula e da Dilma. pegou. mas não tem mais... não tem mais dinheiro para projetos sociais. Então. a gente fez com os recursos né. contando com trabalho voluntário. As pessoas que foram participar do projeto voluntário, ganham o transporte, essas coisas a gente mesmo que bancou né! Foi pago pela instituição, com recursos de gerenciamento dos cursos online. A gente tem cursos online de capacitação, antigamente eles eram, privado, uma coisa paga ele em casa né, eles eram pagos, a gente... gente só cobra a matrícula né, porque se eles não pagam as mensalidades, essas coisas... só paga uma taxa única de R\$ 100 de matrícula, fazem o curso, não tem mensalidade por mês né, mas é isso a gente tem... nosso hoje, nós temos 45 cursos né, e agora, semana que vem, vamos lançar um curso né! Então, a gente tem o curso de Design em permacultura, tem um design Bioconstrução, um de galinha com vilas, um curso de um PDC né, esse curso né, é um curso básico de cultura e temos um curso de agroecologia e agrofloresta. Antes eu estava fazendo o curso de yoga, Yoga para todos né, que a socialização do yoga em um curso. em que também só é cobrado a matrícula, sem mensalidade e é online, na plataforma online. Basicamente é isso, então! Nós mesmos financiamos as nossas atividades (Marcos, UniPermacultura).

Uma forma de driblar essa situação de falta de financiamentos ou editais públicos é promover cursos *online* pagos, para que projetos sociais possam ser realizados com as comunidades periféricas.

A seguir, a tabela comparativa nos ajuda a compreender as semelhanças e diferenças entre os institutos acerca desta categoria:

Tabela 5: Posicionamento político dos institutos

Posicionamento política	Pindorama	Ipoema	Rama	Veracidade	Unipermacultura
postagens	X		X	X	X
Entrevista		X		X	X
falta de políticas de Estado		X		X	X
editais públicos e privados		X	X	X	X

Fonte: elaborada pelo autor

Percebemos que as manifestações acerca da situação política do país, entre os anos de 2019 a 2022, aparecem nas falas dos entrevistados ou por meio das postagens nas redes sociais dos institutos. Nesse caso, é importante destacarmos que a **UniPermacultura** é um dos institutos que se posicionou de forma direta em suas redes sociais acerca da situação do Brasil no governo de Jair Bolsonaro, conforme já apresentado anteriormente. O instituto **Pindorama** é o único que possui uma postura mais branda em relação às questões políticas, corroborando com o já mencionado na categoria anterior. Não participa de editais públicos ou privados, diferentemente dos demais - **Ipoema, Rama, Veracidade e UniPermacultura** - que participam dos editais. Boa parte dos projetos dos institutos - Ipoema, Veracidade e **UniPermacultura** - só acontecem por existir esse meio de incentivo a essas iniciativas, e ficam abaladas quando faltam políticas de Estado que visem a promoção de ações socioambientais.

É importante destacarmos que o cenário de pandemia, em 2020 e 2021, decorrente do novo coronavírus, que assolou diversos países, dentre eles o Brasil, impossibilitou a realização de projetos e cursos no âmbito presencial. Outro fator é que, devido à situação política do Brasil, os editais e financiamentos públicos que ocorriam estão cada vez mais escassos, ou até mesmo com corte de verbas nesse setor. Assim, os cursos online pagos e a comunicação pela internet se tornaram uma alternativa para essa situação enfrentada pelos institutos, a fim de garantirem sua própria manutenção econômica e levarem conhecimento sobre a importância das práticas sustentáveis diárias para a sobrevivência dos ecossistemas.

É perceptível a importância da parceria Estado-Institutos para a realização de projetos ambientalmente sustentáveis, bem como de outras instituições para a solução dos problemas ambientais. Quando há ausência do Estado ou da iniciativa privada na concessão de editais ou financiamento, acaba não sendo possível a renovação e a continuação dos projetos dos institutos.

Outra questão a ser salientada é que muitas ações, como o curso "Viver Fora do Sistema", são proposições ousadas no que diz respeito à pretensão de se desvincular do sistema, uma vez que estamos inseridos e, em alguma medida, dependemos dele para vivermos. Apesar disso, o curso propõe muito mais um viver dentro do sistema de forma alternativa do que uma pretensão de transformação da sociedade capitalista e sua base econômica e política.

A falta de atuação do Estado com políticas públicas ou até mesmo com concessão de editais impacta, muitas vezes, não só na assistência às demandas da sociedade acerca de questões socioambientais, como também na permanência de projetos e até mesmo dos próprios institutos.

As falas e postagens que denunciam um sistema capitalista insustentável nos mostram que é preciso uma união entre Estado e diferentes atores sociais para pensarmos em uma transformação. No entanto, devido à complexidade dessa questão, fica evidente que as questões ambientais "envolvem trocas e negociações entre dimensões e atores sociais diferentes - pertencentes às esferas do Estado, o mercado e a sociedade civil - que implicam tomar decisões que supõem verdadeiros dilemas e opções em aberto para a sociedade" (LEIS, 2004, p. 15).

Segundo Leis (2004, p. 15), na medida em que existe uma dinâmica histórica fluida entre a percepção dos problemas, os meios para resolvê-los, os atores comprometidos e os custos sociais e políticos das medidas, as propostas que no passado eram recomendadas pelos ambientalistas para atender à crise ambiental podem hoje ser consideradas em sentido inverso, como fatores de reforço da crise ambiental.

Um exemplo interessante disso (que será retomado posteriormente) pode ser encontrado na difundida defesa ambientalista, nos anos 60 e 70, da hipótese de crescimento econômico zero e seu posterior quase esquecimento nos anos 80, com a introdução do conceito de desenvolvimento sustentável, o qual considera, pelo contrário, que o estancamento econômico é fator de pobreza e degradação ambiental (Leis, p. 15).

Portanto, precisamos compreender que, para haver uma transformação nas bases e estruturas sociais mais amplas, é necessário que sejam atendidas todas as dimensões do desenvolvimento sustentável. Só assim podemos pensar em um modelo de sistema de governo alternativo ao que vivemos atualmente.

5.2.4 Cultural

Nesta categoria, o objetivo é promover, preservar e divulgar a história, as tradições e os valores regionais. Não se pode pensar no cultural dissociado das demais categorias, pois o cultural deve acompanhar as transformações que ocorrem na sociedade e garantir, à população, o acesso à informação. Para dar conta de entender esta categoria, observamos as práticas culturais (internas ou externas) dos institutos que atendiam às questões históricas, tradições e valores regionais das comunidades, juntamente com práticas permaculturais para a mudança ambiental.

O **Ipoema** possui vários projetos de recuperação ambiental de áreas degradadas na tentativa de resgatar espaços de convívio social na preservação da cultura local, com foco na questão ambiental. Como exemplo, temos os projetos Parque Asa Sul (2007-2010) e Festival Puro Ritmo (2007-2009). O primeiro teve por objetivo criar um modelo de gestão participativa, com base na permacultura, para a gestão de parques urbanos no Distrito Federal. O espaço no

Plano Piloto de Brasília tem potencial de turismo, lazer educativo, saúde e bem-estar aliado à conservação ambiental, em que o projeto realizou uma edificação em terra crua, sistemas de aproveitamento e tratamento de águas e jardim produtivo. Já o projeto Festival Puro Ritmo ou Festival da Cultura Consciente teve por objetivo a realização de eventos e festivais com foco na sustentabilidade, no incentivo ao fortalecimento e à ampliação de ações e empreendimentos sustentáveis e redes de consumo consciente, além de atividades de educação ambiental.

A **Escola Rama** também possui um projeto de reflorestamento, educação ambiental e capacitação na Amazônia com o objetivo de preservação ambiental e da cultura local. A importância desse projeto reside na utilização das técnicas permaculturais a fim de entender e preservar a cultura local para a mudança ambiental.

Além disso, há publicações no *Facebook* do **Instituto Ipoema** reforçando a importância da valorização da cultura brasileira, como na imagem a seguir, a partir da figura folclórica do Saci Pererê.

Imagem 42 – Postagem no Facebook do Ipoema acerca do Saci Pererê, figura do folclore brasileiro.



Fonte: *Facebook* do Instituto Ipoema

Também é possível vermos o compartilhamento de um vídeo sobre os rituais dos povos originários, os indígenas *Shawãdawa*, na valorização de sua cultura.

Imagem 43 – Vídeo postado no *Facebook* do Ipoema sobre um dos rituais do povo indígena *Shawãdawa*.



Fonte: *Facebook* do Instituto Ipoema

Com o intuito de preservar as sementes crioulas, Marcos Ninguém, da **UniPermacultura**, construiu pirâmides no estilo da cultura asteca, combinando elementos xamânicos e pré-hispânicos. Essas estruturas foram criadas para proporcionar um ambiente dedicado ao resgate do conhecimento original.

para que as pessoas possam se inspirar nas tecnologias sociais e nas culturas tradicionais. É bonito, mas só isso não basta. Tem que permanecer. A pandemia nos mostrou que se quisermos continuar vivendo nesse planeta, é preciso reintegrar o homem com a natureza. A vida depende de arte, sustentabilidade, espiritualidade e ciência (Marcos Ninguém em entrevista para a ZH).

As construções de Marcos Ninguém apresentam uma fusão de elementos da permacultura com aspectos da cultura ancestral. Essa abordagem visa inspirar as pessoas por meio das tecnologias sociais e das tradições culturais.

Imagem 44 - Matéria sobre as pirâmides e mandalas construídas por Marcos Ninguém

GZH COMPORTAMENTO

NATUREZA URBANA

Pirâmide, guerreiros e mandalas mudam a paisagem e o ensino em Santo Ângelo

Construído durante a pandemia, laboratório de agroecologia da Fasa usa técnicas de permacultura para incentivar integração entre ciência, história, arte e ambientalismo

2022-03-10 10h30
Atualizado em 20/03/2022 10h30

MAIS EDUCAÇÃO E SAÚDE



MAIS LIDAS

1 **NOTÍCIAS**
Bancários buscam alugar terrenos que estejam desapropriados após pouco tempo de vida

2 **COMÉDIA**
"Pai não desistiu", afirma mulher que luta da parte jurídica de Maria, mãe de João Bolsonaro

3 **SAÚDE**
Pacientes sofriam após dois anos de quimio e radição de 2019-22

4 **NOTÍCIAS**
VIDEOS: Imagens mostram o momento em que grande jurado vota na Turquia

5 **SAÚDE**
Especialista diz que 90% dos casos de COVID-19 são curáveis

RECIBER GRATUITAMENTE O MELHOR DE GZH HOJE SEU E-MAIL. E MANTEENHA-SE SEMPRE ATUALIZADO.

ESCOLHA SEU E-MAIL

LEIA MAIS

A última vez que Marcos Ninguém saiu para trabalhar em um projeto de permacultura

Conheça a história que inspirou o projeto

O jardim de uma civilização perdida: veja projeto de per...

Devido à falta de água em 1970, a permacultura é uma técnica de criação de ambientes naturais em sintonia com a natureza. A ideia foi concebida pelo cientista australiano Bill

Alguns nomes e a história pelo caminho para glória dos projetos. Além disso a administração, história milênica no movimento estudantil, também composta de teatro, frequentando salas de cinema, criando uma ONG para trabalhar com crianças carentes, produção espetáculos e coreografias. Sem disposição para seguir a carreira acadêmica, decidiu ganhar a vida. Foi Sérgio permaculturas por anos para desenvolver seu projeto "Quilombo", formar a cultura permacultura e outros voluntários da paisagem de respostas ao sofrimento humano.



A paisagem construída no Rio de Janeiro, com o projeto de Marcos Ninguém, em parceria com a Fasa, a Universidade de São Paulo, a Universidade de São Paulo e a Universidade de São Paulo.

"Era como uma missão de vida"

O primeiro passo foi se inscrever à ONG através da Associação Ancestra. Fundada pelo irmão do movimento hippie Alberto Ruz Bazzoffi, o criativo brasileiro viajou pelas Américas com uma trupe de artistas e ativistas sociais em busca de novas ideias de arte e cultura, sustentabilidade, agroecologia e permacultura. A convite do então ministro da Cultura, Gilberto Gil, Bazzoffi passou três anos ganhando uma escola itinerante pelo Nordeste e pela Amazônia, visitando comunidades ribeirinhas, quilombolas, populações isoladas do sertão e do interior. O projeto nunca chegou a ser lançado oficialmente, mas a ideia de educação formal não escapou do país.

LEIA MAIS

Como surgiu o projeto de Marcos Ninguém e a história de sua vida

— Era como uma missão de vida. Desde a gente chegou, tinha de adaptar a realidade local para práticas mais sustentáveis — lembra.



Um projeto de Marcos Ninguém em uma fazenda em São Paulo, com o projeto de Marcos Ninguém, em parceria com a Fasa, a Universidade de São Paulo, a Universidade de São Paulo e a Universidade de São Paulo.

Alguns dos projetos propostos não foram realizados para Marcos. Em 2000, ele se interessou por um projeto em parceria com o Casa do Estudante de UFMG que divulgava aulas de permacultura. Não foi o curso, mas procurou livros e orientações na internet, aprendendo algumas experiências no país de casa de um amigo. Com a permacultura, aprendeu teoria e prática, organizando e desenvolvendo os arranjos da comunidade, ora conduzindo oficinas. Em 2000, usando Bazzoffi retornou ao México com a caravana, Marcos já detinha praticamente todas as habilidades de bioconstrução.

Dois anos depois, o destino dele se cruzou com o de Rafael Rossetto. Depois de apresentar a Semana de Meio Ambiente para construir uma parada de ônibus sustentável para os alunos da Fasa, Rossetto lembra de um pessoal que faz o trabalho de uma escola em Alagoas, cidade a 750 quilômetros dali. Éram Nizar e Cláudio. Em 15 dias, os irmãos entregaram não uma parada de ônibus, mas um lounge de espera.

O nome pomposo foi sentido. Com os recursos R\$ 25 mil que os proprietários da região pagavam por um terminal com um de quatro metros quadrados e estrutura fechada a um banco com cobertura, eles montaram um espaço 2,5 vezes maior, mais bonito e acessível, com iluminação e torres de alimentação por energia solar. Fez uma torção de pilão, a parada foi erguida em fôrmas de madeira preenchidas com terra, arde a 80% de cimento. Os irmãos não de madeira de reflorestamento. As telhas, trançadas com restos de entalhe de creche dental, caixas de leite e resíduos de botões de plástico, dão o toque com formato para botões hiperbólicos, servilhado a uma só. A parada foi feita apenas com materiais locais, muitos de origem local para consumo local do município.

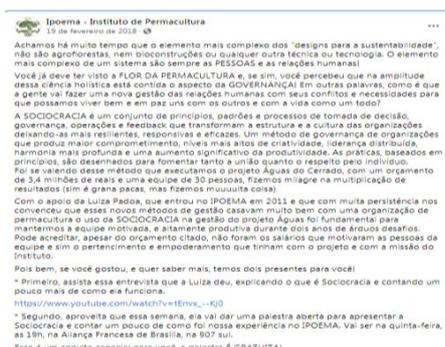
Fonte: site do jornal Zero Hora

A cultura pode ser resumida como o complexo de valores, costumes, crenças, práticas e tradições que constituem o modo de vida de um grupo específico ou de uma sociedade. Isso inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano como membro da sociedade (EAGLETON, 2011, p. 54-55). Stuart Hall chama isso de "práticas vividas" e, acrescentaria, as práticas transmitidas ao longo da história, transformando, por exemplo, o Brasil com toda a sua miscigenação e herança histórica.

Nesse sentido, temos a cultura afro, indígena e pré-hispânica sendo apropriadas e ressignificadas pelos institutos.

Também há postagens no *Facebook* do **Instituto Ipoema** sobre a sociocracia como uma prática sociocultural dos institutos na tomada de decisões pautadas por uma governança exercida de forma coletiva, conforme a divulgação de uma palestra sobre o tema da sociocracia, conforme a imagem 45.

Imagem 45 – Postagem sobre a sociocracia



Fonte: *Facebook* do Instituto Ipoema

De modo geral, os institutos prezam para que suas decisões sejam tomadas em conjunto, levando em consideração a opinião dos indivíduos que fazem parte da comunidade, ou seja, a auto-organização como forma de cooperação e inteligência coletiva.

Já a **Escola Rama** tem como uma de suas preocupações trabalhar o desenvolvimento humano a partir da integralidade do ser humano: corpo, mente e espírito.

Imagem 46 – Postagem de um vídeo da Tatiana da Escola Rama sobre espiritualidade e integralidade do Ser

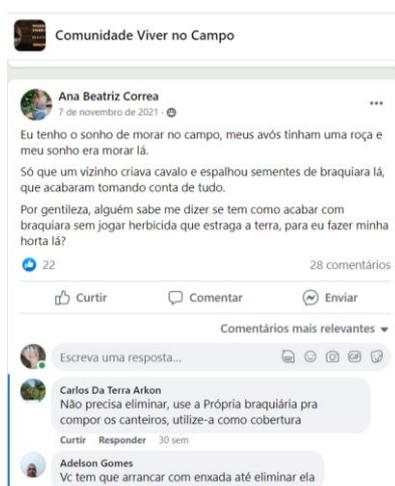


Fonte: *Instagram* Escola Rama

Segundo Boff (2016, p. 124), “a sustentabilidade comporta valorizar o capital humano e espiritual, cujo efeito é produzir em nós respeito, sentido de sacralidade diante de todas as realidades, valores que alimentam a ecologia profunda e que nos ajudam a respeitar e a viver em sintonia com a Mãe Terra”. É isso, de certa forma, que o instituto acredita quando comunica em suas redes sobre essas questões espirituais, uma vez que a própria permacultura se propõe a entender a integralidade do ser humano a partir de sua espiritualidade. Ou seja, valores espirituais e culturais do lugar em que estão inseridos.

Em relação ao curso *online* “Viver no Campo” da **Escola Rama**, ensina como podemos fazer a transição cidade-campo de forma integral com a natureza, optando por uma vida mais saudável e sustentável. Além disso, fornece o aprendizado de como otimizar o espaço que já possui e torná-lo rentável. Sobre “Viver no Campo”, há uma comunidade no *Facebook* com 29.982 membros com bastante interação.

Imagem 47 – Comunidade no *Facebook* “Viver no Campo”



Fonte: Comunidade do *Facebook*

Os membros trazem suas experiências de viver no campo ou o desejo de mudar seu estilo de vida e viver no meio rural. A comunidade “Viver no Campo” do instituto é um espaço de troca, onde o dia a dia da agricultura, da terra, do rural e do viver no campo é compartilhado com o objetivo de cooperação entre os membros.

Nesse sentido, o **Instituto Pindorama** propôs a “Jornada para um Sítio Rentável”, que estava prestes a ser lançada na semana do dia 08 de julho de 2021. No entanto, a ecovila Fazenda Cura fez uma postagem em seu *Instagram*, no dia 08 de julho, afirmando que não é

tornando um sítio rentável que se resolverá sua transição para o campo. A crítica se faz às escolhas sem planejamento, alegando que empreender sem conhecimento pode acarretar numa transição de carreira, como qualquer outra, fracassada.

Nas imagens a seguir, podemos ver uma postagem em 2020 do **Pindorama**, com a chamada para a Jornada e, na sequência, uma explicação, no site, sobre como se inscrever.

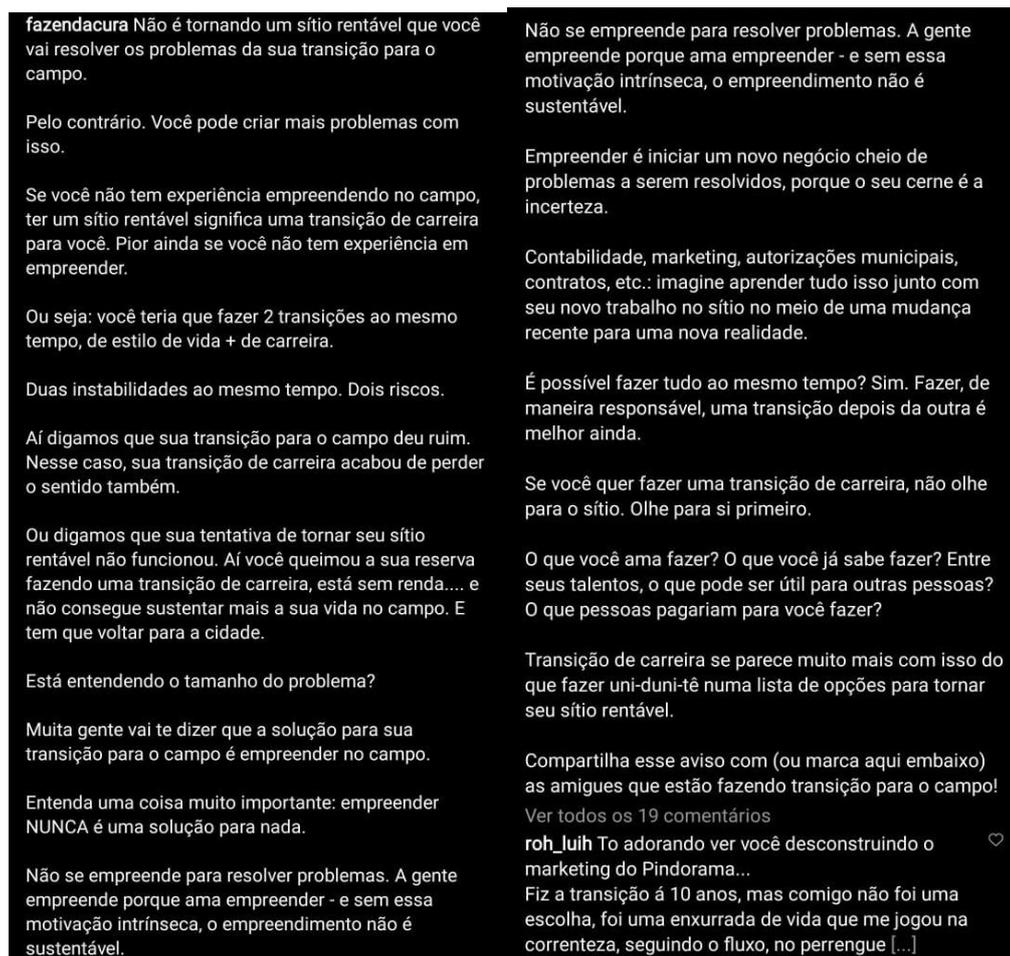
Imagem 48 – À direita, postagem no Facebook do Pindorama sobre a Jornada para um Sítio Rentável; à esquerda, o site do Pindorama explicando sobre como fazer a inscrição na Jornada.



Fontes: Facebook e site do Instituto Pindorama

Nas imagens a seguir, é possível visualizar a postagem no *Instagram* da Fazenda Cura sobre por que empreender com um sítio rentável não é a solução para o projeto de transição para o campo.

Imagem 49 – Postagem no *Instagram* da ecovila Fazenda Cura sobre porque tornar um sítio rentável não é solução para viver no campo.



Fonte: *Instagram* da Fazenda Cura

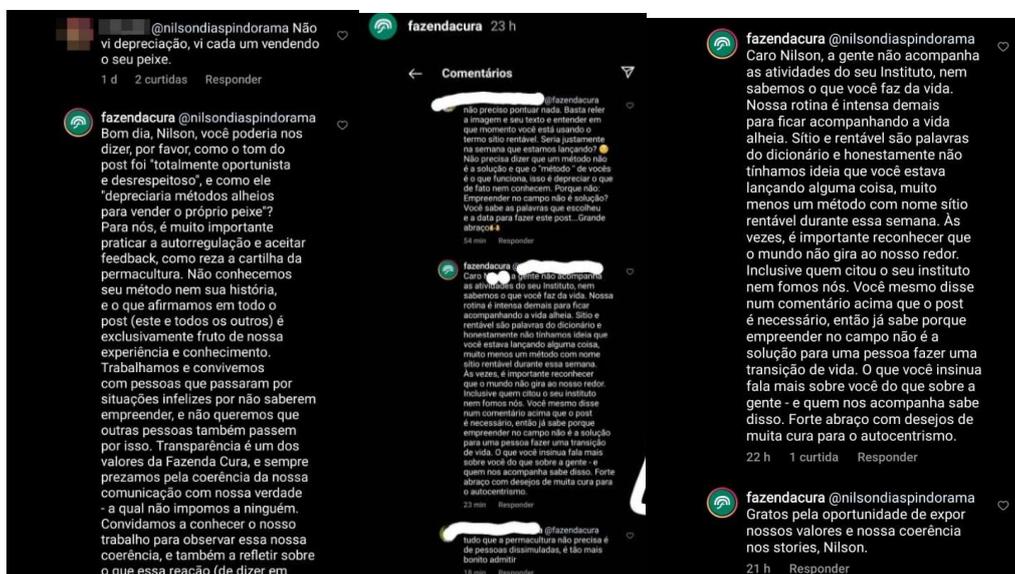
A seguir, as imagens nos mostram o conflito que ocorreu entre Nilson Dias, do **Pindorama**, e a ecovila Fazenda Cura. Nilson contesta a postura da ecovila e questiona o posicionamento deles acerca da afirmação de que não é por meio de um sítio rentável que se pode viver no campo.

Imagem 50 – À direita, comentários no *Instagram* da ecovila Fazenda Cura fazendo; à esquerda, os stories da Fazenda Cura



Fonte: *Instagram* da Fazenda Cura

Imagem 51 – À direita, comentários no *Instagram* da ecovila Fazenda Cura fazendo; à esquerda, os stories da Fazenda Cura



Fonte: *Instagram* da Fazenda Cura

Segue o texto corrigido:

É importante salientarmos que a discussão é fomentada a partir de um comentário na postagem de um membro que segue a ecovila no Instagram, marcando o Instituto Pindorama e criticando a abordagem, afirmando estar “adorando vocês desconstruírem o marketing do Pindorama”. Nesse sentido, a discussão gira em torno de uma mudança cultural, de um estilo de vida que, para uns, os valores e o entendimento de sair de uma situação e migrar para outra podem ser mais complexos, o que envolveria, além de um estilo de vida, uma transição de carreira, referindo-se a transformar o sítio em morada e fonte de renda. Por outro lado, acreditam que a jornada de transição para o campo, como uma opção de trabalho, pode ser viável na medida em que há planejamento, conforme o Pindorama ensina em seu curso “Jornada para um sítio rentável”.

Segundo Williams (2011, p. 58), “há uma distinção teórica entre o alternativo e opositor, isto é, entre alguém que meramente encontra um jeito diferente de viver e quer ser deixado só e alguém que encontra uma maneira diferente de viver e quer mudar a sociedade”. A diferença reside em que no primeiro são soluções individuais e de pequenos grupos para a crise social, já no segundo são soluções que pertencem à prática política e, sobretudo, revolucionária. No entanto, há uma linha tênue entre o alternativo e opositor. Isto é,

um significado ou uma prática pode ser tolerado como um desvio e, ainda assim, ser visto apenas como mais um modo particular de viver. Mas à medida que a área necessária de dominação efetiva se estende, esse mesmo significado ou prática pode ser visto pela cultura dominante não apenas como desrespeitando-a ou desprezando-a, mas como um modo de contestá-la (WILLIAMS, 2011, p. 58).

Nesse sentido, os institutos são muito mais uma proposta de um estilo de vida alternativo do que propriamente um estilo de vidapositor, pois, por mais que as práticas e o modo de vida sejam, em alguma medida, contrários ao sistema dominante, ainda assim não se configura como uma prática política que visa contestar as estruturas da sociedade de modo mais amplo.

De forma a comparar duas propostas similares de transição para o campo do **Instituto Pindorama** e da **Escola Rama**, temos o “Viver Fora do Sistema” e o “Viver no Campo”, ambos propondo um olhar para o campo a partir da sua potencialidade econômica e de um novo estilo de vida, mais sustentável e em harmonia com o meio ambiente.

Apesar do nome da jornada proposta pelo **Pindorama** - Viver Fora do Sistema - ser contraditória com o que se propõe de fato, que é uma mudança no estilo de vida, e isso não significa viver em um mundo apartado e isolado das tecnologias e da economia do mundo

globalizado e capitalista, mas sim viver com mais qualidade, ou seja, passar mais tempo com a família, ter condições econômicas mais dignas e com um trabalho justo. Isso tudo não significa propor que as pessoas morem no meio do mato, isoladas de tudo, mas ter condições de viver bem e transformar a sua realidade de forma que ela seja mais sustentável e com qualidade. A questão de congregar com o capitalismo, a partir de tornar esse campo/sítio rentável, e não viver fora dele, fica evidente a partir do novo posicionamento do coordenador do instituto em suas redes sociais, Nilson Dias, em que a sua comunicação está voltada para ensinar como os sujeitos podem aprender a investir seu capital financeiro e, cada vez mais, não se preocupar futuramente com a questão econômica.

Em se tratando da proposta da **Rama** - "Viver no Campo" - ela conversa com a ideia de um estilo de vida voltado para a transformação das pessoas e da sociedade, com a intenção de mudar a qualidade de vida em harmonia com a natureza e seu ritmo, bem como proporcionar uma vida integral e plena com a família em um espaço que proporcione a monetização dos ganhos favoráveis da agricultura familiar e orgânica, gerando segurança alimentar, além da criação de animais priorizando o seu bem-estar na geração de renda a partir do excedente.

Com uma proposta diferente para pensarmos as questões culturais e as mudanças, a **Associação Veracidade** compreende que a mudança socioambiental também se dá no âmbito cultural:

Eu acho que sim, elas podem ajudar a gerar mudanças na direção ao centro de cultura. Em relação ao tipo de mudança, de curto, médio e longo prazo né, porque são várias possibilidades de atuação. Mas aqui comigo, tá trabalhando com mudanças culturais, na cultura, significa trabalhar a cultura da permanência e é um outro jeito de viver a vida, de se organizar ela, sabe!? Que não é do dia para noite que as pessoas abrem mão [da vida que tinham antes]. Enfim mudou nas suas práticas, seus hábitos, mas não trabalham o processo né!? Então eu acho que levar alternativas para os espaços não-escolares, as comunidades, os assentamentos, onde for né, para as pessoas individualmente, empresas... enfim eu acho que apertei uma daquelas teclas de vislumbro de que existem outras possibilidades, elas têm mais condições de fazer uma escolha né, pelo menos elas podem optar por alguma coisa diferente daquilo que ela tem praticado. Então, eu acho assim né, que situações de impacto profundo, mas limitado né! Porque se desculpar não é mostrar que as coisas existentes, mas podemos viver de um outro jeito né, apresentar as técnicas de permacultura, por exemplo, você não precisa jogar os resíduos orgânicos no aterro, você tem uma compostagem, você pode gerar energia... enfim né, exemplos de que existem alternativas concretas né, de organização e reprodução da vida material é buscar o primeiro passo [...] (Djalma, Associação Veracidade).

Nesse sentido, a cultura, ou essa mudança cultural mencionada por Djalma, da **Veracidade**, deve ser pensada como uma construção de sentido entre os sujeitos inseridos num contexto social, geográfico, político, temporal e econômico. Não dissociada de outras esferas da sociedade, porque a mudança não acontece sem estar em relação com outras questões, como

as dimensões do desenvolvimento sustentável. Quando conseguimos movimentar essas questões, podemos pensar em uma transformação da sociedade.

De forma a comparar a abordagem cultural dos institutos, percebemos, conforme a tabela abaixo:

Tabela 6: Abordagem cultural dos institutos

Abordagem cultural	Pindorama	Ipoema	Rama	Veracidade	Unipermacultura
estilo de vida	x		x		
cultura popular		x			
preservação cultural			x		x
sociocracia		x			
espiritualidade /corpo e mente			x		
como dimensão de transformação/ mudança				x	

Fonte: elaborada pelo autor

Em relação ao observado sobre esta categoria, há mais divergências do que similaridades entre os institutos. O **Instituto Pindorama** e a **Escola Rama** possuem certa similaridade na forma de compreensão de boa parte das categorias, inclusive da categoria cultural, em que a questão da cultura como estilo de vida aparece para ambos. Os demais - **Ipoema**, **Veracidade** e **UniPermacultura** - divergem em alguns pontos, porém, de modo geral, convergem na questão da preservação cultural. Destacando a abordagem de uma cultura

popular e a sociocracia como preocupações culturais do **Ipoema**; a questão da espiritualidade como abordagem da integração do corpo e da mente para a **Rama**; e por fim, a **Veracidade** compreende a dimensão cultural como um importante fator de transformação e mudança.

Com o objetivo de expandir a permacultura como uma prática que integra desde a educação ambiental até valores culturais e espirituais, como um pensamento coletivo sobre as práticas individuais e sobre a governança sociocrática, os institutos procuram, dentro das suas possibilidades, levar os preceitos permaculturais – história, tradições, região a que pertencem – na busca por autonomia de modelos de produção rurais modernizados e integrados, que priorizem mudanças no interior das comunidades atendidas, respeitando sua integridade cultural.

Podemos inferir a contraditoriedade acerca das propostas dos institutos de pensar o meio rural e o campo como lugares rentáveis em relação à filosofia de vida que propõem a maioria dos institutos, um estilo de vida com menos consumo e exploração capitalista do trabalho e do meio ambiente. Por outro lado, há institutos que propõem pensar o urbano como lugar possível de se morar ao trazer a recuperação das áreas degradadas ou a valorização das culturas que contam a nossa história enquanto Brasil.

São essas as questões que os institutos se propõem quando questionam ou defendem posições sobre a importância de mudança no estilo de vida por meio do viver no meio rural, tornando-o rentável, como uma opção de vida financeira e de moradia, bem como quando tentam tornar o município onde estão inseridos em lugares potenciais para o convívio social e para a expansão turística e cultural da região. Além disso, procuram valorizar as culturas ancestrais e dos povos originários, bem como o folclore brasileiro na preservação das nossas raízes históricas.

5.2.5 Ambiental/Ecológica

Nesta categoria, entende-se que o modelo de produção e consumo deve ser compatível com a base material em que a economia está estruturada, ao mesmo tempo que atenta para a construção de um espaço que vise à utilização dos recursos naturais de forma a minimizar os riscos ao meio ambiente e à vida dos ecossistemas. Levamos em conta, nesta categoria, as narrativas sobre as práticas ambientais desenvolvidas pelos institutos para a obtenção de desenvolvimento e mudança ambiental na sociedade.

É preciso especificar que todas as questões desenvolvidas pelos institutos têm por viés o ambiental ou, em alguns casos, socioambiental. A preocupação com o meio ambiente e a

exploração dos recursos naturais faz parte dos projetos que são desenvolvidos por todos os institutos, mesmo que tenham questões econômicas envolvidas no processo.

Quando o **Instituto Pindorama** fala sobre sustentabilidade em sua descrição no site, é conhecedor de soluções sustentáveis para arquitetos, engenheiros e gestores de terras. Além disso, são especialistas em bambu para construção e mobiliário. Oferecem o bambu do tipo *dendrocalamus aspen*, de alta qualidade, para construção, além de cursos e workshops sobre bambu. Além do mais, o Instituto é referência nacional em Permacultura e *Vastu Shastra*²⁵, com diversos cursos e eventos anuais na área.

Resgatando os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável propostos pela ONU, que constam no site do **Pindorama**, eles propõem ainda o tema energia limpa e acessível a todos a partir de palestras online em universidades e escolas, além de ensino de técnicas de baixo custo para que os próprios participantes possam aplicar essas técnicas. Já o tópico cidades e comunidades sustentáveis é trabalhado por meio dos cursos, como Design de Ecovilas e Design de Permacultura, disponibilizados na forma EaD – este último ocorre três vezes ao ano, com bolsas sociais para estudantes e professores universitários e líderes comunitários. O trabalho para atender ao objetivo de ação contra a mudança global do clima se dá por meio de visitas ecopedagógicas com crianças, adolescentes e jovens a partir da temática do consumo consciente, reeducação alimentar, agricultura orgânica, energias limpas, gestão hídrica e construção com materiais locais. Com isso, ensinam, às futuras gerações, que nossas escolhas determinam o impacto antrópico em nosso ecossistema.

Em relação à vida terrestre – biodiversidade, florestas e desertificação –, a sede do **Instituto Pindorama**, localizada na Mata Atlântica preservada, serve de matriz de sementes para mudas. Ainda, por meio dos cursos e com a formação da Rede Pindorama, são disseminadas práticas agroecológicas, manejo adequado de florestas, recuperação de solo e combate à desertificação. Por fim, há trabalho voltado à gestão sustentável da água, em que o Instituto realiza pesquisa e propaga informações de como ter acesso ao saneamento e à higiene adequados e equitativos, melhorando a qualidade da água, reduzindo a poluição, minimizando ao máximo o despejo de produtos químicos e materiais perigosos, de forma a aumentar a eficiência do uso da água em todos os setores e assegurar o aproveitamento sustentável da água, bem como o abastecimento de água doce para enfrentar a escassez, reduzindo o número de pessoas que sofrem com essa situação.

²⁵ Técnica para harmonização de ambientes, também chamada de *Feng Shui* ou arquitetura védica.

O **Pindorama** participa do Festival da Sustentabilidade²⁶, que é a junção do SILABAS²⁷ – Simpósio Latino-Americano de Bioarquitetura e Sustentabilidade – com uma edição especial sustentável do Mercado Central, tendo a Exposustentabilidade e o Espaço Sebrae para negócios sustentáveis, além do Cine Sustentabilidade InterTV. O evento teve sua terceira edição em 2018 e a quarta em 2019, tendo promovido dezenas de palestras, shows, painéis, workshops, sessões de cinema, exposição de projetos e atividades ao ar livre.

O blog "Viver Fora do Sistema", do **Instituto Pindorama**, aborda a importância de pensarmos em qualidade de vida ambientalmente sustentável. Por isso, algumas matérias versam sobre essa questão.

Imagem 52 – Blog Viver Fora do Sistema do Instituto Pindorama



Fonte: *Blog* do Instituto Pindorama

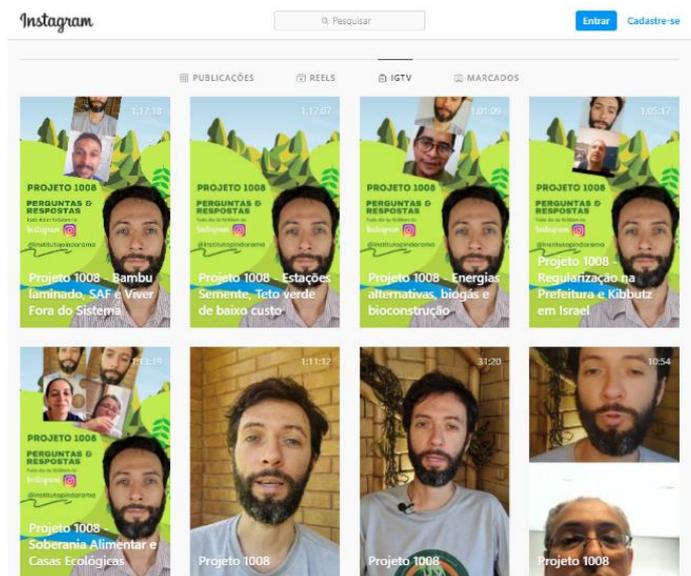
Como foi possível ver na Imagem 52, o blog tem uma matéria que traz a cartilha para a realização de uma horta na grande cidade, o que é uma escolha sustentável que agrega qualidade de vida.

No ano de 2020, no *Instagram*, ocorreram uma série de lives promovidas pelos institutos, sendo que o **Pindorama** também ocupou esse espaço. Por meio dessa ferramenta, levou à comunidade conhecimento acerca do seu projeto 1008, no qual aborda diversas temáticas sustentáveis, como: estação de sementes e teto verde de baixo custo; bambu laminado, SAF e viver fora do sistema; energias alternativas, biogás e bioconstrução; regularização na prefeitura e Kibbatuz em Israel; e soberania alimentar e casas ecológicas, entre outros.

²⁶ O festival procura abordar diversos temas e abrir espaço para debates sobre arquitetura e construção civil de baixo impacto, energias alternativas, gestão hídrica, gestão de resíduos sólidos, agroecologia, agricultura familiar e negócios sociais. Disponível em: <https://festivaldasustentabilidade.com.br/>. Acessado em 21-09-2021

²⁷ O Simpósio tem como objetivo reunir, durante os dias do Festival, profissionais da área de bioconstrução, consumo sustentável entre outros temas relevantes para o meio ambiente.

Imagem 53 – Instagram do Pindorama e a série de lives do projeto 1008.



Fonte: *Instagram* do Instituto Pindorama

A bioconstrução, por meio de cursos online, *lives* e diversos conteúdos sobre o tema, é uma das ações promovidas e divulgadas pelo **Instituto Pindorama** em todos os meios de comunicação que possui. É uma ação social para a mudança ambiental, sendo a bioconstrução o principal projeto de sustentabilidade ambiental para a sociedade pretendido pelo instituto. Em seguida, vem o empreendedorismo ambiental, por meio do Workshop Viver Fora do Sistema e Jornada para um Sítio Rentável.

Em um vídeo no *YouTube*, Nilson Dias²⁸, do **Pindorama**, conta sua experiência de transição de uma vida na cidade para um estilo de vida em contato com a natureza, no campo.

²⁸ Graduado em Análise de Sistemas, pós-graduado em Gerenciamento de Projetos pela FGV. Nilson, com 25 anos, deixou a gerência de projetos em uma multinacional e tornou-se fundador do Instituto Pindorama.

Imagem 54 – Vídeo no *YouTube* do Pindorama sobre a trajetória de Nilson Dias, fundador do Instituto



Fonte: *YouTube* do Instituto Pindorama

Nesse vídeo da Imagem 54, Nilson Dias conta que, a partir da terra da família e do contato com Vandana Shiva²⁹, em uma viagem para a Índia, teve despertado o interesse por uma vida mais simples e com qualidade, ao que, aos poucos, começou a transição de vida. Assim, começou com os cursos e o ensinamento da permacultura e de tudo que está envolvido com a sustentabilidade ambiental e econômica para quem quer empreender em pequenos sítios. O vídeo, segundo a descrição, é o compartilhamento da experiência de Nilson Dias na busca por um modo de vida mais harmônico com o ecossistema. Isso tem inspirado diversas pessoas a terem atitudes positivas, cooperativas e de baixo impacto, contribuindo com um movimento mundial para a sustentabilidade planetária.

Em geral, as matérias sobre o **Instituto Pindorama** abordam a proposta do Instituto, que é levar o ensinamento aos que buscam qualidade de vida e sustentabilidade. Suas ações ocorrem por meio de consultoria em permacultura, saneamento ecológico, projetos em energia solar e eólica e arquitetura de baixo impacto. Tratam sobre a composição do Instituto, que é formado por um grupo de terapeutas, permacultores, arquitetos, agrônomos, pedagogos e voluntários dispostos a aprender e compartilhar seus saberes por meio de cursos online e presenciais sobre variados temas, visando ao respeito ao meio ambiente e às práticas

²⁹ Ph.D. em filosofia e ativista indiana pelo meio ambiente. É fundadora da Navdanya, ONG que promove a biodiversidade de sementes, plantações orgânicas e direitos de agricultores. Além de ecofeminista, ela é uma das líderes e diretoras do Fórum Internacional Sobre Globalização. Reconhecida internacionalmente como figura de destaque no movimento antiglobalização, tem se envolvido com atividades pela preservação das florestas da Índia e programas sobre biodiversidade.

sustentáveis. As matérias também abordam o que o Instituto tem em sua estrutura de forma a ser ambientalmente sustentável e o que oferece à comunidade, como lavouras agroecológicas e pomares de frutíferas nativas e exóticas. Oferecem à comunidade cursos de construção e movelaria com bambu, hortas, culinária natural, terapêuticos, permaculturais, programas imersivos ou de final de semana, visitas ecopedagógicas, eventos inspirados na pedagogia *Waldorf* e retiro para famílias com atividades artísticas.

Há uma reportagem no site SustentArqui³⁰, do dia 25 de abril de 2016, acerca do livro sobre permacultura escrito por Nilson Dias, fundador do Instituto. O foco do livro é uma permacultura voltada para casas e organizações ecológicas, funcionando como um guia prático para a economia de recursos e realização de projetos sustentáveis.

O **Instituto Ipoema** está envolvido em vários projetos socioambientais com parceiros externos – por meio de editais públicos ou privados. Exemplos de projetos desenvolvidos pelo instituto são: Águas do Cerrado, São Bartolomeu Vivo, Água Sustentável, Projeto Bacias, Festival Puro Ritmo, Sustentabilidade no JBB e Parque Asa Sul. Acerca dos projetos mencionados anteriormente, o Águas do Cerrado contribui no reflorestamento de áreas degradadas próximas a rios e cursos d'água, além de promover o uso racional dos recursos hídricos em escolas públicas. Muito mais do que implementar e aplicar tecnologias sociais da permacultura, o Instituto consolidou a consciência ambiental pelo estímulo do protagonismo de jovens, além de gerar trabalho e renda com serviços socioambientais. Nesse sentido, ampliou-se o debate acerca das políticas públicas ligadas às questões socioambientais.

Grande parte dos projetos do **Ipoema** está ligada às questões hídricas da localidade e da região, como os projetos. Como exemplo, temos o projeto São Bartolomeu Vivo, que objetivou recuperar 500 hectares de áreas degradadas ao longo do Rio São Bartolomeu, com o plantio de mudas nativas do Cerrado. Além de técnicas de bioconstrução para a realização de três obras no CRAS e bolsas aos beneficiários em seus cursos. Outro exemplo foi o projeto Água Sustentável que, por meio de aplicação e desenvolvimento de técnicas para o uso sustentável da água, apresentou uma solução de baixo custo, fácil replicação e eficiência para o abastecimento domiciliar de água potável, além de tratamento ecológico do esgoto, com aproveitamento da água tratada. Também podemos mencionar o Projeto Bacias, por meio do qual o **Ipoema** atuou na Bacia do Córrego Crispim, situada no Gama, tendo sido realizadas

³⁰ Matéria disponível em: <https://sustentarqui.com.br/pindorama-livro-sobre-permacultura/>. acessada em 06/09/2021.

atividades de recuperação, conservação, gestão e conscientização sobre os recursos hídricos, além do plantio de 5.700 mudas nativas na recuperação da área degradada.

Observamos que as questões sociais, em alguma medida, são contempladas sempre que os institutos realizam projetos ambientais, em que o social não está dissociado do ambiental, mas pelo contrário. Quando pensado de forma estrutural, não há isolamento de dimensões, mas estão inter-relacionadas em prol de determinados aspectos, projetos ou ações dos atores envolvidos.

Em relação aos serviços prestados, eles vão desde a área da Educação – ou seja, Educação para a Sustentabilidade, oferecendo mais de 15 tipos de cursos e oficinas, que objetivam fornecer as ferramentas para tornar a vida mais sustentável – até o programa de turismo ecopedagógico, que tem por objetivo levar as pessoas a verem as soluções permaculturais aplicadas na prática em uma aula ao ar livre. Também tem serviços voltados à recuperação ambiental, por meio de sistemas agroflorestais e/ou plantio de mudas. Presta, ainda, consultoria, elaborando e executando projetos permaculturais para ajudar as pessoas na construção de sua casa ecológica, no plantio de uma agrofloresta, na instalação de sistemas de ecos-saneamento, na captação e armazenamento de água da chuva, contribuindo para a facilitação da criação de projetos colaborativos, ou seja, para a realização do design permacultural da área em que se deseja consultoria. Por fim, presta serviços em projetos ecossociais, em que desenvolvem suas atividades para pessoas que não podem arcar com os custos. Para tal, os projetos contam com financiamentos obtidos por meio de editais, prêmios, concursos, patrocínios ou se somam às ações de responsabilidade socioambientais de empresas. Em geral, esses projetos atendem escolas públicas, assentamentos rurais ou áreas públicas abertas, de modo que a sociedade em geral possa ter acesso.

Além disso, em uma entrevista, Jacintho relata que eles têm dois aspectos de atuação: um voltado para a educação ambiental e outro para a implantação dos elementos de sustentabilidade.

A gente faz sempre os dois andando juntos né! Então, quando a gente vai fazer o curso de manejo de água na escola, a gente tem toda a parte teórica explicando a importância da água, toda a visão de sustentabilidade acerca do uso racional da água e a parte prática, técnica, a gente explica fazendo. Então a gente constrói um sistema de captação e aproveitamento de água, a gente constrói com os alunos, com os participantes do sistema de tratamento de esgoto. [Fomos num] assentamento rural levamos o conhecimento e deixamos implantado lá um elemento de sustentabilidade. Então basicamente é essa atuação que a gente faz nesses projetos (Jacintho, Ipoema).

Por outro lado, mesmo com o trabalho de educação ambiental, nota-se uma falta de consciência ambiental que independe da classe social:

Agora isso é como a gente justifica nessas comunidades né! Mas essa minha reflexão de que as pessoas em geral ainda não priorizam questão ambiental, ela vale para todas as classes né, então! Mesmo as pessoas bem formadas e que se dizem ambientalmente conscientes são conscientes até o ponto que ela não tem que fazer muito esforço né! À medida que exige esforço para mudar de hábitos, enfim do modo indireto de apoiar projetos, elas já pararam para pensar duas vezes e a grande minoria que de fato faz alguma coisa dessas mudanças de interesses difusos né (Jacintho, Ipoema).

Em relação à questão da conscientização ambiental, que perpassa pela educação ambiental, segundo Boff (2016, p. 171), a sustentabilidade não acontece mecanicamente, pois é fruto do processo educativo pelo qual o ser humano direciona todas as relações que mantém com a natureza, com a sociedade e consigo mesmo, dentro das questões de equilíbrio ecológico, de respeito e de solidariedade com as gerações futuras na construção de uma democracia socioecológica.

Ao observarmos a comunicação do **Instituto de Permacultura da Pampa - Escola Rama**, percebemos uma preocupação com a segurança alimentar. Boa parte do que é publicado em suas redes está voltada para uma alimentação orgânica, com manejo adequado do solo e da água, ressaltando a importância do cuidado com a fauna e insetos na produção de alimentos saudáveis em harmonia com o meio ambiente.

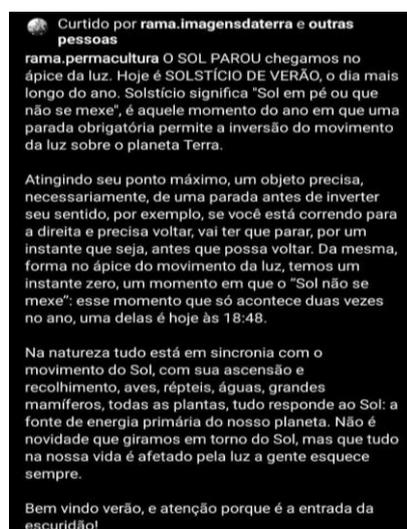
Imagem 55 – perfil do Instagram da Escola Rama



Fonte: *Instagram* da Escola Rama

Além disso, pensando no desenvolvimento sustentável e entendendo-o como algo mais amplo, que compreende elementos da natureza e da sociedade, percebemos uma preocupação com uma comunicação que leve ao entendimento sobre questões relacionadas aos fenômenos naturais, como o solstício de verão. Isso também contribui para uma agricultura sustentável.

Imagem 56 – Post sobre o Solstício de verão da Escola Rama



Fonte: *Instagram* da Escola Rama

Tendo em vista que as preocupações iniciais eram uma educação ambiental, a sensibilização, a leitura da paisagem e o desenvolvimento humano que trouxessem resultados práticos na apreensão do conteúdo dos cursos e no desenvolvimento das consultorias, pois isso incluiria o desenvolvimento humano e o comprometimento das pessoas como elemento central para o sucesso dos projetos ofertados pelo instituto.

A fim de agregar tudo isso, há uma preocupação por um trabalho que visa apoiar o desenvolvimento genuíno da Permacultura, através da produção orgânica de alimentos, do manejo sustentável da água e do solo, do uso de energias renováveis, de construções ecológicas, da criação de mercados e estratégias de organização e da criação de um sistema de alta eficiência e baixa manutenção. No entanto, fica evidente nas suas redes sociais, *Instagram* e *Facebook*, uma comunicação para uma mudança ambiental focada na produção orgânica de alimentos, no manejo sustentável da água e do solo, principalmente.

Outras percepções nas redes são uma quantidade significativa de *lives* no *Instagram* sobre agricultura orgânica, como os “mate com a Taty e o João”, nos quais são abordados temas que vão desde segurança alimentar até o manejo do solo, além do impacto dos alimentos na saúde do corpo.

Imagem 57– lives sobre agricultura orgânica



Fonte: *Instagram* da Escola Rama

A **Escola Rama** possui muitos projetos que abrangem desde a educação ambiental até cursos e consultorias.

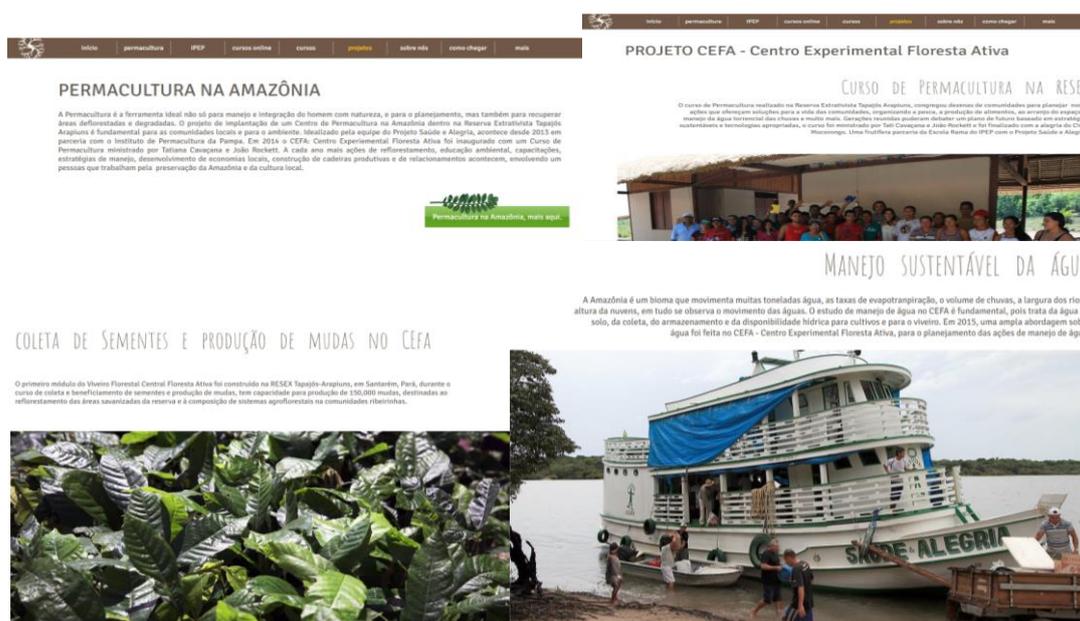
Imagem 58– Projetos desenvolvidos pela Escola Rama



Fonte: Site da Escola Rama

Um dos projetos desenvolvidos pelo instituto abrange a Amazônia, com o objetivo de realizar ações de reflorestamento, educação ambiental, capacitação, estratégias de manejo, desenvolvimento de economias locais, construção de cadeias produtivas e de relacionamentos. Essas iniciativas envolvem pessoas que trabalham pela preservação da Amazônia e da cultura local, destacando a importância de compreender e preservar a cultura local para a implementação de qualquer técnica permacultural.

Imagem 59– Projetos desenvolvidos pela Escola Rama, da esquerda para a direita: Permacultura na Amazônia; Projeto CEFA



Fonte: Site da Escola Rama

No entanto, boa parte das abas na seção de projetos não estão atualizadas no site do instituto, como é possível ver na Imagem 60.

Imagem 60 – Abra projetos do site da Escola Rama em construção



Fonte: Site da Escola Rama

A não utilização do site como espaço de comunicação do instituto com a sociedade dificulta o entendimento de suas ações e sua continuidade. Mesmo que as redes sociais online se mantenham ativas, sozinhas, elas não dão conta de comunicar a permanência e a continuidade de ações sólidas, como os projetos. Além disso, a falta dessa divulgação pode invalidar as parcerias com instituições públicas e privadas que procuram referências sobre os projetos sociais sustentáveis nas vitrines das redes.

Por outro lado, a falta de divulgação para a sociedade não compromete a ação social e seu comprometimento com as comunidades. Há uma preocupação social ao disponibilizar bolsas dos cursos presenciais às comunidades de assentados, quilombolas e estudantes de baixa renda.

A **Associação Veracidade**, visando entender e promover momentos de troca acerca das questões ambientais e de sustentabilidade, realizou no dia 30 de junho de 2022 uma roda de conversa com a indígena Sônia Guajajara, atualmente Ministra dos Povos Indígenas em 2023, e demais ambientalistas.

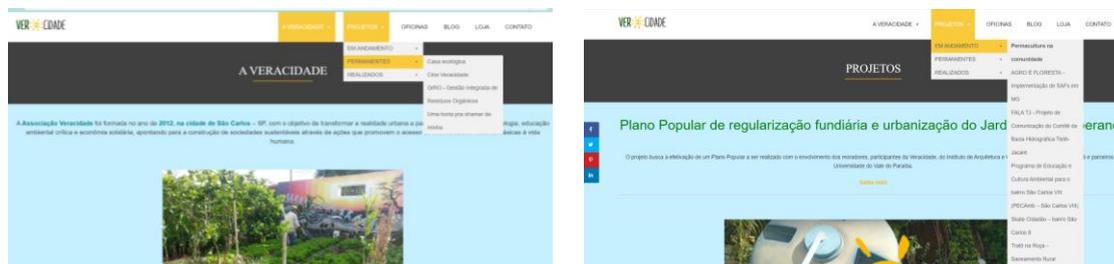
Imagem 61 – Roda de conversa com ambientalistas



Fonte: Instagram da Associação Veracidade

Em relação aos projetos desenvolvidos pela **Associação**, conforme podemos visualizar no site, todos possuem um viés ambiental:

Imagem 62– Aba dos projetos no site da Associação Veracidade



Fonte: Site da Associação Veracidade

Boa parte desses projetos são financiados por meio de editais públicos e privados

Em relação aos projetos, alguns sim e outros não, a gente escolheu ter um CNPJ justamente para poder, né! captar recursos para poder fazer projetos mais consistentes e veracidade se você entrar no nosso site vai ver que tem uma série de projetos em andamento e outros já realizados e são diversas fontes de financiamento. A gente fez muita coisa e faz muita coisa né, totalmente voluntária sem nenhum recurso a não ser os recursos humanos nossos né, mas hoje em dia tem muitos projetos com financiamento né, a gente recebe tantos financiamentos públicos quanto privados, alguns exemplos, temos parcerias grande com Rede SESC pessoal de São Paulo, a gente faz muita coisa aí, um ano a gente ficou meio parado, mas até aqui desde a fundação fizemos muitas atividades nas unidades do SESC. Temos uma atuação frequente no Comitê de Bacias Hidrográficas daí captando recursos do fehidro que é o fundo do Comitê em várias bacias inclusive, a gente também tem uma parceria de longa data com o Banco do Brasil e outros pequenos editais aí já fizemos atividades com recursos do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), já fizemos projetos com recursos da CNBB, que é Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, enfim né fizemos várias coisas com fontes de financiamentos diferentes e... depois se quiser dar uma olhada no site³¹ lá e ter mais informações nesse sentido (Djalma, Associação Veracidade).

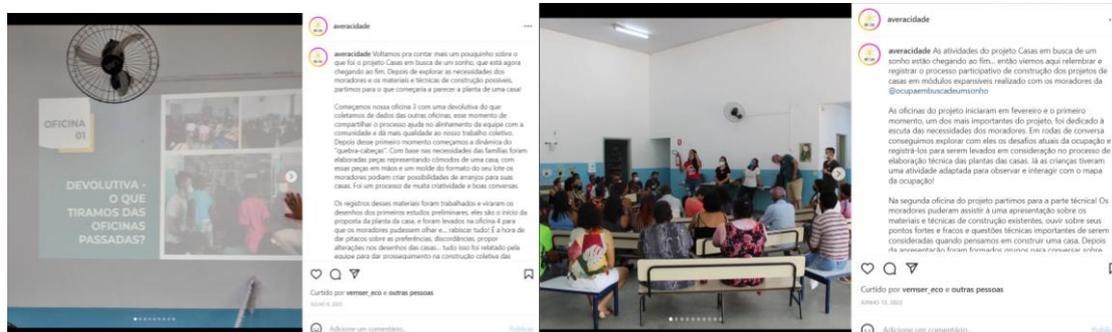
A gente faz a maior parte de digitar públicos de fundos de financiamento Então a gente tem alguns projetos aprovados pela Fundação Banco do Brasil alguns projetos pelo fundo de recursos hídricos do Estado São os mais recentes do conselho de arquitetura e urbanismo de empresas particulares na de setor privado a gente ainda não recebeu nenhum tipo de financiamento emenda parlamentar tem a gente já recebeu uma ou duas mesma o mesmo tipo de emenda na renovação dela então nosso carro-chefe hoje em dia sensação é o financiamento público mesmo (Djalma, Associação Veracidade).

Percebemos que boa parte dos projetos são voltados para uma educação ambiental, a exemplo do Projeto Casas Ecológicas, em que o objetivo é trabalhar com tecnologias sustentáveis para as boas práticas socioambientais. Ou seja, um ambiente de moradia que proporcione viver de forma sustentável, produzindo seu alimento de forma orgânica, com

³¹ <https://veracidade.eco.br/>

energia solar, com captação de água da chuva, entre outras vivências possíveis de uma casa ecológica.

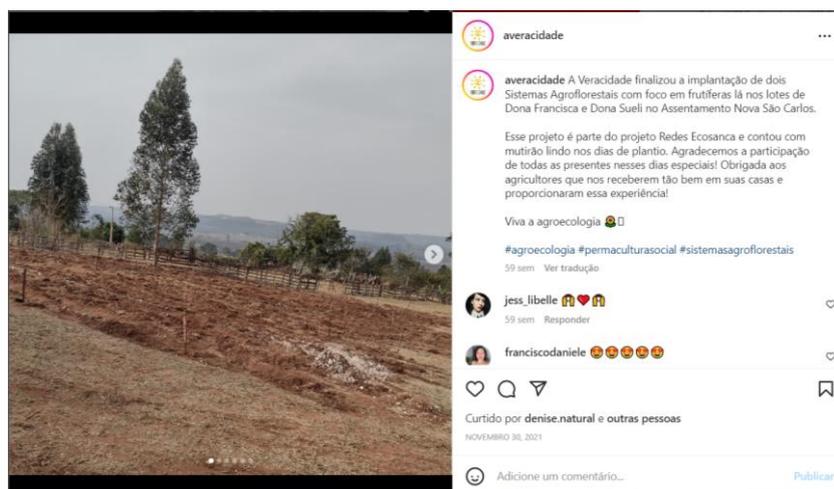
Imagem 63 – postagem sobre os projetos “Casas em busca de um sonho”



Fonte: *Instagram* da Associação Veracidade

Percebemos que boa parte dos esforços desse instituto é conscientizar as pessoas por meio da Educação Ambiental, realizar parcerias para atender comunidades carentes, tornar a casa mais funcional pelo viés sustentável, além de sistemas agroflorestais na recuperação de regiões degradadas, como na imagem 64.

Imagem 64 – Postagem sobre a implementação de sistemas agroflorestais



Fonte: *Instagram* da Associação Veracidade

A preocupação e o envolvimento com questões socioambientais têm sido o foco de muitas de suas ações, como podemos ver em seu site:

Imagem 65– Projeto MUTS - Moradia Urbana com Tecnologia Social

VER:CIDADE

A VERACIDADE PROJETO OFÍCI

Projeto MUTS - Moradia Urbana com Tecnologia Social

Copiar link

Assistir no YouTube

Conheço o projeto MUTS por meio deste vídeo produzido pela Rede Interação

O Projeto Moradia Urbana com Tecnologia Social (MUTS) foi concebido pela Fundação Banco do Brasil e pela rede Interação no intuito de potencializar os efeitos do Trabalho Social no Minha Casa Minha Vida no âmbito do Programa Nacional de Habitação Urbana. O objetivo do Projeto é a reaplicação de **tecnologias sociais** (conceito que compreende "produtos, técnicas ou metodologias replicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representam efetivas soluções de transformação social") como instrumento de promoção do **desenvolvimento social** nos empreendimentos habitacionais do PNHU promovidos pelo Banco do Brasil.

O projeto contempla um primeiro semestre mais focado em realizar uma estrutura de organização e mobilização comunitária. Nesta etapa, a principal ferramenta é o Autorrecenseamento, censo feito pelos próprios moradores para levantar informações sobre a comunidade (quantidade de pessoas com necessidades especiais, idosos com dificuldade de locomoção, faixa de renda, condições de infraestrutura, etc). O segundo semestre do projeto, na primeira fase de implementações, contemplou uma parte mais "mão na massa" onde a comunidade pode escolher uma entre quatro tecnologias sociais certificadas pela Fundação Banco do Brasil a ser reaplicada no bairro: Criação de Bibliotecas Comunitárias; Gestão Comunitária de Resíduos Orgânicos e Agricultura Urbana; Produção Agroecológica de Alimentos em Meio Urbano; e Joias Sustentáveis na linha das Flores. Na segunda fase de implementações do projeto (de 2019 em diante), a segunda etapa transformou-se na elaboração de um Plano de Ação Comunitária (PAC) cujo objetivo foi o de sistematizar e hierarquizar as demandas dos moradores no sentido da busca por melhorias sociais, ambientais e estruturais na localidade, auxiliando-os neste processo de organização comunitária.

A Veracidade executou o projeto entre os anos de 2017 e 2020 nos municípios de Taubaté (SP), Registro (SP), Rio Branco (AC) e Rio Claro (SP).

Neste link, [você pode fazer o download em .pdf da publicação da Rede Interação](#) (idealizadora e mentora da principal metodologia do projeto) com informações completas e seus impactos das ações no Brasil ao longos desses anos.

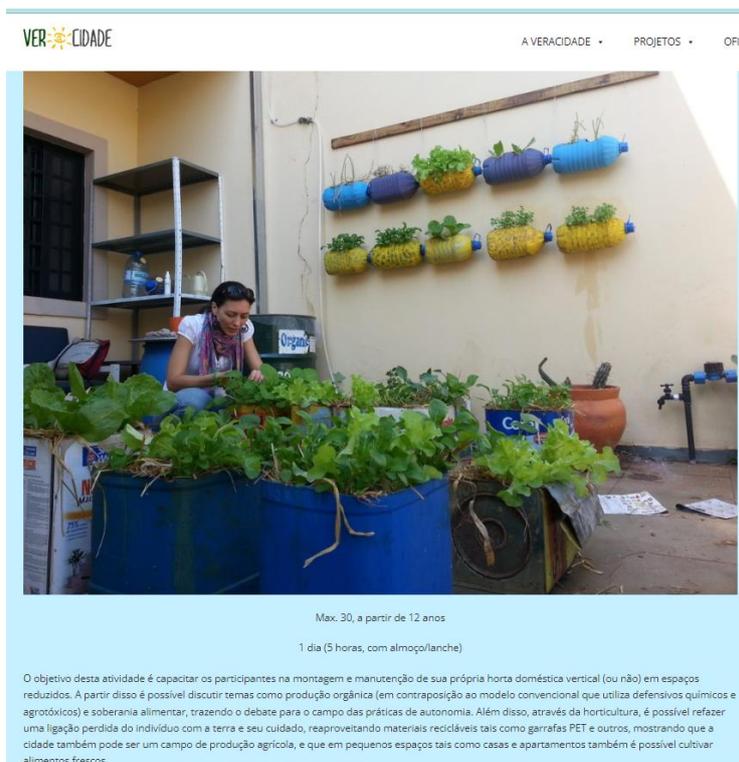
Conheça um pouco mais das ações em cada uma das cidades nos links acima ou nos submenus da aba "Projetos > Realizados > MUTS"

Fonte: Site da Associação Veracidade

Portanto, as questões que permeiam o trabalho do instituto, como no caso do projeto MUTS - promovido pela Fundação Banco do Brasil e pela Rede Interação - visam potencializar os efeitos do trabalho social já realizado com o Minha Casa Minha Vida no âmbito do programa Nacional de Habitação Urbana, levando as tecnologias sociais, isto é, produtos, técnicas ou metodologias replicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representam efetivas soluções de transformação social, como instrumento para o desenvolvimento social nos empreendimentos habitacionais. Portanto, a partir de ações ou projetos ambientais, promovem o desenvolvimento social.

A ocupação do espaço urbano como um lugar possível de se levar práticas ambientalmente sustentáveis é uma das questões pensadas nos trabalhos desenvolvidos pela **Associação Veracidade**, como nas oficinas sobre hortas em espaços reduzidos.

Imagem 66– Oficina em espaços reduzidos



Fonte: Site da Associação Veracidade

O objetivo da oficina é incentivar a criação e manutenção de hortas domésticas em espaços reduzidos. Além disso, o intuito é levantar questões acerca de temas como produção orgânica - na desconstrução de um modelo de produção convencional, que utiliza defensivos químicos e agrotóxicos - e soberania alimentar. Nesse sentido, reforçando o espaço da cidade como um lugar para a produção agrícola em pequena escala, como o cultivo de hortas.

É importante destacarmos que as ações desenvolvidas pelo Instituto nem sempre se configuram como projetos, como Djalma explica:

Bom em relação às ações, nem todas chegam a se constituir enquanto projetos só que elas têm um corpo né, uma densidade maior se institucionaliza, se conta como projeto ou algo permanente. O ponto alto de alguns projetos né, você consegue ler em nosso site, mas temos lá na sala de projetos nossos permanentes, os realizados e os em andamento, então! aquelas são as ações que tem mais constituição né, que tem mais corpo estão constituídas de forma mais objetiva, algumas outras ações pontuais, alguns mutirões, algumas campanhas de sensibilização para eles passarem alguns conselhos, enfim... elas nem chegam a se configurar enquanto projetos, são contribuições, são ações, cartilha que a gente produziu e não entra nessa categoria de projeto né! Então, a Associação configura projeto quando existe o objetivo né, de poder ser permanente ou pontual para um grupo de pessoas específicas engajada naquele projeto né! Quando não, quando alguma coisa menor, mais pontual é uma ação mesmo (Djalma, Associação Veracidade).

Joana, também da Associação Veracidade, compreende que eles trabalham bastante por meio da lógica de projetos, mesmo que compreenda que algumas ações possam ser menores e não sejam classificadas como projetos.

Sim, acho que a gente opera bastante dentro dessa lógica de projetos, de círculos também, como a gente chama né a veracidade em ações de projeto né! uma instituição que existe e que realiza as ações. Então, a gente costuma desenvolver dentro delas [das ações] pequenos dentro da instituição outros vários projetos que permitem a existência desse grande projeto que é a veracidade. Então assim a gente costuma chamar... são ações contínuas que a gente chama de projeto né! E tem, por exemplo, o GIRO que é o nosso projeto. Então, se chama de projetos, para a gestão integrada de recursos, de resíduos orgânicos e... e ele é um projeto que nem sempre tá em funcionamento. Depende se a gente tá conseguindo parcerias ou grana para fazer ele rodar, então elas se configuram assim mais ou menos como esses (Joana, Associação Veracidade).

Acselrad (1999) compreende que a associação da noção de sustentabilidade ao debate sobre o desenvolvimento das cidades tem sua origem nas rearticulações políticas, pelas quais um certo número de atores envolvidos na produção do espaço urbano procura dar legitimidade às suas perspectivas, evidenciando a compatibilidade delas com os propósitos de dar durabilidade ao desenvolvimento, de acordo com os princípios da Agenda 21, resultante da Conferência da ONU sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente. Ao mesmo tempo em que se observa certa “ambientalização” do debate sobre políticas urbanas, também há um movimento em sentido oposto, com a entrada crescente do discurso ambiental no tratamento das questões urbanas, seja por iniciativa de atores sociais da cidade que incorporam a temática do meio ambiente sob o argumento da substancial concentração populacional nas metrópoles, seja pela própria trajetória de urbanização crescente da carteira ambiental dos projetos do Banco Mundial (ACSELRAD, 1999, p. 81).

Apesar de ser uma questão polêmica, precisamos pensar e questionar até que ponto há uma mudança ambiental em estruturas sociais urbanas viciadas por políticas públicas de protecionismo de empresas que fazem apenas lobby ambiental, sem realmente trabalhar as questões de fundo da degradação e poluição do meio ambiente. E até que ponto as ações dos institutos conseguem espaço de mudança nessas práticas ou se apenas trabalham paralelamente no controle do desgaste ambiental.

Participação de Marcos Ninguém, do **UniPermacultura**, na TV Câmara para falar em dois momentos, um sobre políticas de moradias sustentáveis, no quadro Participação Popular, e outro sobre Permacultura.

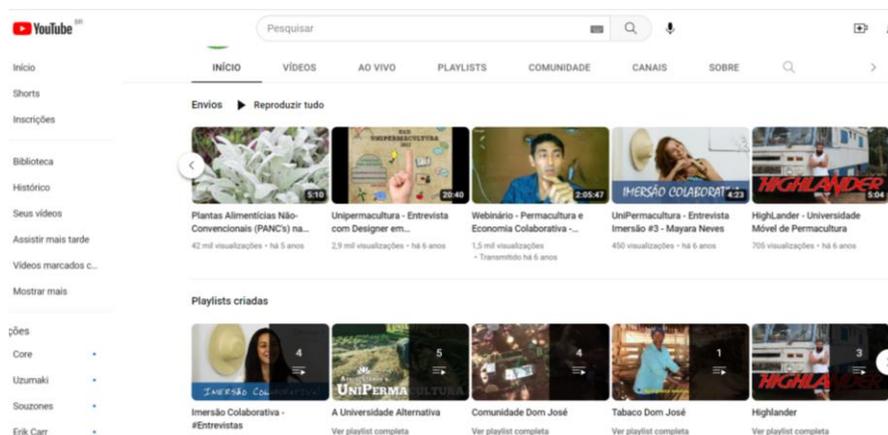
Imagem 67 – Participação de Marcos Ninguém na TV Camera no quadro Participação Popular



Fonte: Facebook da TV Câmara

O *YouTube* apresenta vídeos voltados para a extensão rural, a educação ambiental e os projetos ambientais, todos realizados pelo Instituto, que acabam sendo registrados nesses audiovisuais. Outros vídeos trazem conteúdos como entrevistas, imersões, webinários e informações sobre o que é a **UniPermacultura**.

Imagem 68 – Visão geral do YouTube da UniPermacultura



Fonte: YouTube da UniPermacultura

Com o objetivo de preservar as sementes crioulas, Marcos Ninguém construiu pirâmides no estilo da cultura asteca, em uma mistura de elementos xamânicos e pré-hispânicos, para criar um espaço destinado ao resgate do saber original.

Imagem 69 – Matéria sobre o laboratório de agroecologia da Fasa que usa técnicas de permacultura para incentivar integração entre ciência, história, arte e ambientalismo

Trabalhando como voluntário, Neimar viu a flora crescendo quando percebeu que precisaria também de um banco de **sementes** crioulas, um viveiro de mudas e uma composteira. Versado em rituais xamânicos e na cultura pré-hispânica, decidiu batizar a horta de Jardim de Tenochtitlán, em homenagem à capital asteca que hoje é a Cidade do México, e seguir a arquitetura mesoamericana. Assim, o banco de **sementes** foi construído em formato de pirâmide e com a técnica de superadobe, em que sacos de polipropileno são preenchidos com solo argiloso e moldados um a um. Com 25 metros quadrados e paredes grossas, enfeitadas com a cabeças do deus Quetzalcóatl, a **sementeira** é bioclimática: o calor absorvido durante o dia é liberado à noite e o frescor da noite é liberado de dia.

— Tudo aqui tem uma explicação — conta Neimar. — Existe um processo científico, não é mágica. Às vezes, as pessoas olham e falam: "Ah, mas eu não acredito". Então eu digo para a pessoa ir estudar. Aqui não é magia, é ciência. Existem processos químicos e físicos que justificam cada transformação da natureza.

“A permacultura é uma ferramenta importantíssima de transição para uma relação mais saudável, harmônica e mais artística com as plantas, com os animais e com os outros seres humanos.”

NEIMAR MARCOS DA SILVA
Filósofo e idealizador do projeto

— Dizem que o homem é o câncer da Terra. Penso o contrário: somos a solução para uma vida integrada à natureza. A permacultura é uma ferramenta importantíssima de transição para uma relação mais saudável, harmônica e mais artística com as plantas, com os animais e com os outros seres humanos. Ela traz beleza e produtividade para nós e para as futuras gerações — afirma.

Fonte: site do jornal Zero Hora

A questão central da **UniPermacultura**, que se apresenta como uma universidade de permacultura, é justamente a de educar e conscientizar para as práticas ambientalmente sustentáveis. Seja capacitando os sujeitos por meio dos PDCs (Cursos de Design em Permacultura) de permacultura e bioconstrução, seja por meio de palestras e inserções na mídia, a fim de promover essa mudança ambiental.

A tabela a seguir mostra um comparativo dos institutos em relação às ações ambientais desenvolvidas:

Tabela 7: Ações ambientais realizadas pelos institutos

Ações ambientais	Pindorama	Ipoema	Rama	Veracidade	Unipermacultura
projetos/ações	x	x	x	x	x
consultorias	x	x	x	x	x
bioconstrução	x	x	x		x
desenvolvimento sustentável	x	x	x		
agricultura orgânica	x		x	x	
gestão hídrica e energias limpas	x	x		x	x
segurança alimentar			x	x	
educação ambiental		x	x	x	x

Sustentável	x	x	x	x	x
-------------	---	---	---	---	---

Fonte: elaborada pelo autor

Observamos que todos os institutos desenvolvem projetos ou ações ambientais, além de prestarem consultorias na área ambiental. Os institutos **Pindorama** e **Rama** são os únicos que não desenvolvem ações de educação ambiental. O **Pindorama**, **Ipoema**, **Rama** e **UniPermacultura** têm atuado na área da bioconstrução, ambientes sustentáveis a partir do emprego de materiais e técnicas da construção civil de baixo impacto ambiental. Além de ações, também há postagens nas redes sociais, bem como vídeos no *YouTube* sobre agricultura orgânica (**Pindorama**, **Rama** e **Veracidade**), segurança alimentar (**Rama** e **Veracidade**), gestão hídrica e energias limpas (**Pindorama**, **Ipoema**, **Veracidade** e **UniPermacultura**). Apenas o **Pindorama**, **Ipoema** e **Rama** utilizam o termo desenvolvimento sustentável, o que não significa que desenvolvam em suas práticas ações para um desenvolvimento sustentável pleno, principalmente o **Instituto Pindorama** e a **Escola Rama**, uma vez que suas ações estão voltadas para a emancipação individual de práticas sustentáveis. Todos os institutos desenvolvem ações sustentáveis.

De maneira a compreender as diferentes atuações dos Institutos, percebemos que uns estão mais voltados a uma atuação de recuperação de áreas degradadas, com projetos que atendam à reutilização, à recuperação e ao reaproveitamento dos recursos hídricos. Com isso, levam, aos sujeitos, mais consciência acerca de suas práticas, além de recursos para autonomia por meio da utilização das tecnologias sociais oferecidas, como no caso do **Ipoema**, que tem atuado em questões de sustentabilidade. Outros Institutos estão voltados para ações que promovem a emancipação dos novos rurais e agricultores familiares na busca por um estilo de vida mais sustentável no meio rural. Ao mesmo tempo, possibilitam autonomia por meio do trabalho no campo, que é o caso do que o **Pindorama** vem objetivando a partir do trabalho com empreendimentos sustentáveis.

Já outros institutos vão tratar das questões ambientais por meio da agricultura orgânica, manejo adequado do solo e da água, a importância do cuidado com a fauna e insetos na produção de um alimento saudável em harmonia com o meio ambiente, questões que levam como pano de fundo a segurança alimentar, como o caso da **Escola Rama**. A preocupação com os espaços urbanos e suas questões ambientais são trabalhos que vêm sendo desenvolvidos também pelos institutos, não só o meio rural pode ser potencializado na recuperação dos seus

espaços e degradação ambiental, como também o meio urbano, que é o que a **Associação Veracidade** tem proposto como uma de suas frentes de atuação.

A educação ambiental perpassa muitos dos institutos como forma de conscientização dos sujeitos da importância de preservarmos o ecossistema se quisermos continuar a usufruir do meio ambiente, assim precisamos viver de forma ambientalmente sustentável. Uma das questões que vêm sendo desenvolvidas pela **UniPermacultura** é a capacitação para o manejo dos sistemas permaculturais em espaços urbanos e rurais, a partir dos PDCs e cursos ofertados pelo instituto.

Por fim, por mais que os institutos se proponham, a partir de suas ações e projetos, reduzir a utilização de combustíveis fósseis e diminuir a emissão de substâncias poluentes, fazendo a substituição dos recursos não renováveis por recursos renováveis, além de outras práticas sustentáveis ambientalmente, ou seja, preservar o capital natural. Ainda assim, sua atuação é local e não conseguem promover grandes mudanças, que possam gerar transformações.

Dentro da sua perspectiva do desenvolvimento sustentável, cada instituto tem atuado de forma a mudar as estruturas degradadas e insustentáveis que se apresentam localmente. Agregando passado, presente e prospectando um futuro ambientalmente sustentável é o que esses atores sociais têm procurado promover e comunicar em suas redes sociais.

5.2.6 Comunicacional/Comunicação

A categoria comunicacional³² foi pensada de maneira transversal, a partir de uma comunicação para o desenvolvimento e mudança ambiental que leve em conta as informações produzidas pelos meios de comunicação sobre o meio ambiente e os recursos naturais. O conteúdo produzido nem sempre contribui para que os sujeitos possam, de forma consciente, mudar a forma de se relacionar com a natureza e exigir das autoridades públicas ações que promovam a sustentabilidade ambiental na sociedade. Assim, dificulta-se a tomada de decisões importantes por parte dos sujeitos na sociedade em relação à mudança ambiental, pois as

³² Por outro lado, temos uma comunicação que está relacionada com a forma de consumo e produção de eletrônicos descartados diariamente, produzindo um grande lixo na sociedade. Esse consumo constante, em específico dos aparelhos eletrônicos, é estimulado pelas propagandas que nos fazem acreditar que precisamos, constantemente, renovar o nosso celular, a nossa TV, etc., pois modelos novos sempre são criados. Essas atitudes de consumo e produção em larga escala tem impactado o meio ambiente, pois sabemos que o processo de fabricação não é limpo. Usa-se, por exemplo, como matéria-prima, o silício para a fabricação de *chips* e demais componentes da indústria eletrônica. Além disso, a água utilizada nos processos nem sempre é de reuso, ou seja, a indústria utiliza a água limpa e potável.

informações se tornam descontextualizadas, muitas vezes, perdendo o objetivo de uma comunicação efetiva com a sociedade sobre os reais impactos da ação humana sobre o meio ambiente.

Um exemplo dessas questões é quando há racionamento de água, o que acaba afetando os sujeitos de forma direta, que veem o aumento significativo do valor da conta de luz. A mídia, em vez de abordar as questões que estão por trás da falta de água – pois há cada vez mais escassez dos recursos hídricos e aumento das secas –, trata a questão pelo viés de como os sujeitos podem economizar água em seu dia a dia. Com isso, tornam o tema uma questão de nível individual em vez de tratá-lo como um problema público, global e de grandes empresas que impactam diretamente na destruição do meio ambiente.

No entanto, há iniciativas que vão de encontro a essas formas insustentáveis de nos relacionarmos com a comunicação e o meio ambiente. Vemos isso nas comunicações alternativas, seja por meio do rádio, da TV ou da internet, com conteúdo que mostre a integralidade dos ecossistemas e a importância da sustentabilidade ambiental e do uso coletivo de dispositivos eletrônicos para o baixo impacto no meio ambiente.

Diante disso, nesta categoria, procuramos analisar como os Institutos de Permacultura comunicam suas ações ambientais na internet para que haja uma mudança ambiental na sociedade. Analisamos, então, como os institutos têm usado e se apropriado das redes na internet para construir narrativas sobre a representação da importância de pensarmos em um desenvolvimento social que leve a uma mudança ambiental.

A fim de atender aos objetivos e ao problema de pesquisa, foram analisados o site, o *blog*, o *Facebook*, o *Instagram*, o *YouTube*, o *WhatsApp*, o *Telegram*, o *e-mail/newsletter*, o *Podcast* e matérias ou reportagens que saíram sobre os institutos pesquisados. Assim, o objetivo desta categoria é olharmos para as ações de sustentabilidade para a mudança ambiental e compreender como elas são comunicadas em rede para a sociedade.

Sabemos que o consumo e a produção de lixo são partes da questão, uma vez que entendemos que os meios de comunicação são também agentes de estímulo. No entanto, nosso objetivo com essa categoria é pensar a comunicação para a mudança como um agente da circulação de informações sobre o meio ambiente.

O **Instituto Pindorama** possui um site organizado, no qual se observa uma constante atualização das informações, bem como nas redes sociais online. Em relação às redes sociais *online - Facebook, Instagram e Twitter* -, há diversas publicações sobre matérias relacionadas à permacultura e à bioconstrução, além de informações acerca de atividades, cursos e serviços oferecidos pelo Instituto. No *Twitter*, acontece mais um redirecionamento de postagens das

outras plataformas, como *Facebook* e *Instagram*, do que novos conteúdos. Já no *Instagram*, no ano de 2020, ocorreu uma série de lives promovidas pelos institutos, em que o **Pindorama** também ocupou esse espaço, levando à comunidade o conhecimento do seu projeto 1008, no qual aborda diversas temáticas sobre sustentabilidade.

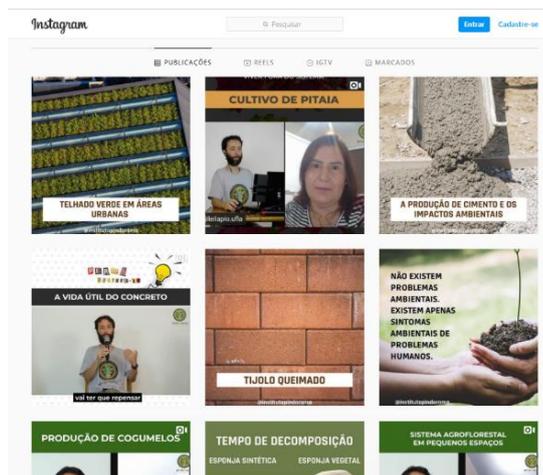
Imagem 70 - Visão geral do *Twitter* do Instituto Pindorama



Fonte: Twitter do Instituto Pindorama

O **Instituto Pindorama** tem utilizado os recursos das redes sociais citadas para divulgar conhecimento sobre a permacultura, mais especificamente sobre a bioconstrução, que é o principal foco dos conteúdos das postagens do Instituto. Em seguida, a instituição concentra-se nas fontes energéticas renováveis, como painéis solares, consumo e produção de alimentos, e no descarte e reaproveitamento do lixo, conforme evidenciado na imagem 71.

Imagem 71 – Visão geral do *Instagram* do Instituto Pindorama.



Fonte: *Instagram* do Instituto Pindorama

No *YouTube*, encontramos uma variedade de conteúdo, que vai desde aulas gratuitas, lives, até informações com esclarecimentos sobre a sociedade e a sustentabilidade ambiental. Há, por exemplo, o vídeo explicativo intitulado "Como fugir do imposto sobre o Sol da ANEEL?". Também é possível encontrar material audiovisual de outros lugares que é compartilhado no canal do **Instituto Pindorama**, reforçando a importância de sermos, ambientalmente, mais sustentáveis como sociedade, conforme exemplificado na Imagem 72, que retrata a produção de horta na obtenção de alta produtividade em pequenos espaços.

Imagem 72 – *YouTube* do Instituto Pindorama sobre a produção de alimentos de uma família.



Fonte: *YouTube* do Instituto Pindorama

Nesse espaço do *YouTube*, há entrevistas sobre o compartilhamento de experiências e ensinamentos com uma produção audiovisual de qualidade, que muitas vezes antecedem os cursos pagos promovidos pelo Instituto.

No *WhatsApp* e *Telegram*, não há interações entre os participantes; apenas os administradores enviam mensagens ao grupo. Nestes espaços, são compartilhadas informações sobre os próximos cursos, inscrições, aulas *online* e *lives*.

Os *Podcasts* têm como base as *lives* que acontecem no *Instagram* do **Pindorama**. No entanto, eles trazem entrevistas, seja com participantes dos cursos ou com algum profissional que tenha conhecimento acerca do conteúdo abordado. Por exemplo, há o *Podcast* sobre "Arquitetura Sustentável", que recebe como entrevistada a arquiteta Sabrina Bitterato. Esse podcast versa sobre o tema das "Casas Ecológicas", que também foi uma live no Instagram.

Imagem 73 – Visão geral do Spotify com os podcasts do Instituto Pindorama.



Fonte: *Spotify* do Instituto Pindorama

Há uma reportagem no site *SustentArqui*, datada de 25 de abril de 2016, sobre o livro de permacultura escrito por Nilson Dias, fundador do **Instituto Pindorama**. O foco do livro é uma permacultura voltada para casas e organizações ecológicas, funcionando como um guia prático para a economia de recursos e realização de projetos sustentáveis. Além disso, existem matérias no *Globo Rural* sobre o uso de bambu na movelaria e construção civil.

Outra forma de comunicação é por meio de e-mails, nos quais há convites para participar dos cursos ou divulgação das participações na mídia tradicional.

Imagem 74 – E-mail Newsletter enviado pelo Instituto Pindorama sobre o retiro de ano novo



Retiro de ReveilOM - 29 Dezembro a 1 de Janeiro de 2023

Olá, tudo bem?

Após processarmos todos os novos Alunos do Curso de Construção de Casas Ecológicas, percebemos que 25 pessoas não pagaram o boleto que geraram, e, portanto, não se matricularam no Curso!

Devido à este ocorrido, nós resolvemos abrir uma nova possibilidade para que 25 pessoas possam se tornar alunos ou alunas do Curso de Construção de Casas Ecológicas!

Esta oportunidade irá ficar disponível apenas HOJE!!!

Após este período, com as vagas preenchidas ou não, as inscrições estarão fechadas por tempo indeterminado!

Ao se matricular no Curso, você terá acesso a:

- Aulas ensinando o passo a passo, desde o zero, de 12 técnicas de Bioconstrução
- Todas as Plantas, criadas por arquitetos, Planilhas de Custos, contato de Fornecedores de Matéria-Prima, para você usar à vontade.
- Acesso ao nosso Grupo Exclusivo de Alunos, no qual você pode conhecer pessoas que moram próximo à você, seja para organizar mutirões, montar parcerias, etc.
- Ao se tornar nosso Aluno ou Aluna, você poderá concorrer aos nossos editais de alunos e ter a chance de ganhar até R\$10.000,00 do Instituto Pindorama para fomentar o seu projeto!

O Ecossistema que nosso instituto criou trabalha de todas as formas para encurtar o caminho de nossos alunos rumo aos seus objetivos.

✦ E além disso, você ainda conta com uma Garantia Incondicional de 7 dias, podendo pedir 100% do seu investimento de volta dentro desse período, caso você acredite que o Curso não é o que você esperava.

Se você tem o desejo de se aprofundar no estudo das Construções Ecológicas, para um projeto pessoal, como sua moradia, ou para os mais diversos projetos profissionais, eu não conheço outro curso em língua portuguesa (e nem em inglês) que se aprofunde tanto no assunto.

✦ **E você pode ter acesso à todo este conhecimento e fazer parte desta Comunidade investindo apenas o valor de 1m² construído!**

Ótimo! Pode parecer cedo para já pensar em dezembro mas como esse evento sempre fica lotado e com fila de espera, este ano decidimos abrir as inscrições antecipadas para permitir que você possa fazer o parcelamento através de PIX sem burocracias.

Sua hospedagem conosco inclui alimentação orgânica com gastronomia internacional de alto padrão.

São apenas 18 vagas, sendo 12 no EcoHostel e 6 vagas nas Tiny Houses, geralmente estas vagas são destinadas à casais ou famílias.

Será sua oportunidade de conhecer o maior Instituto de Permacultura da América Latina ao mesmo tempo que aproveita a oportunidade de estar cercado pela Mata Atlântica aprendendo receitas maravilhosas para o seu dia-a-dia em 2023. Você vai sair daqui com um repertório de receitas práticas para melhorar sua alimentação.

Aperte no botão abaixo para acessar a página do evento e obter mais detalhes sobre valores e condições de parcelamento. Começando seu parcelamento agora você poderá fazer em até 5 depósitos!

[Quero participar do Retiro!](#)

Fonte: E-mail/Newsletter enviado pelo Instituto Pindorama

Portanto, é perceptível a preocupação que o **Instituto Pindorama** tem a respeito da sustentabilidade ambiental do nosso ecossistema. Isso fica evidente pela maneira como comunica nas suas plataformas na internet a importância de estarmos mais conectados com o meio ambiente a partir de nossas práticas cotidianas. No entanto, as comunidades atendidas por esses conteúdos são, em sua maioria, de uma classe média, não sendo contempladas comunidades alternativas, tradicionais, intencionais, nem comunidades periféricas. É preciso, muitas vezes, investir para se obter esse conhecimento, mesmo diante dos cursos e das aulas gratuitas disponíveis no *YouTube* ou nas *lives* do *Instagram*. Ter acesso à internet em um Brasil em que nem todos têm, a desigualdade fica evidente. Contudo, é importante salientar que essas afirmações são feitas com base no que é observado nas plataformas da internet que o Instituto possui, pois não foi possível entrevistar o membro fundador do **Pindorama** para sanar algumas inquietações, como saber se eles promovem cursos presenciais com comunidades quilombolas e indígenas.

No que diz respeito ao **Instituto Ipoema**, o site possui vários artigos publicados, e-books e cursos sobre questões de sustentabilidade ambiental. Na imagem 75, podemos ver os artigos no site, que vão desde dicas e técnicas de arquitetura e bioconstrução até um artigo explicando o que é a permacultura.

Imagem 75 – Site do Instituto Ipoema, com os e-books gratuitos que também são enviados por e-mail, caso seja solicitado.



Fonte: Site do Instituto Ipoema

É importante destacar que o **Ipoema** tem uma relação de troca com a mídia tradicional. É possível ver sua inserção em reportagens ou matérias em várias empresas midiáticas, como mostrado na Imagem 68.

Imagem 76 – Site do Instituto Ipoema com os canais de comunicação da mídia tradicional.



Fonte: Site do Instituto Ipoema

O conteúdo versa sobre a questão ambiental, com foco na educação ambiental promovida em escolas públicas ou privadas, bioconstrução, irrigação, entre outras técnicas para a economia de água, todas com o mesmo cunho de preservação do meio ambiente.

Quando questionado ao Jacintho sobre como ocorre a divulgação das ações e dos projetos para a sociedade, ou seja, como o Instituto faz para que a sociedade saiba o que estão fazendo acerca de ações ambientais, ele respondeu que ela ocorre de duas formas: quando um projeto é patrocinado, havendo uma previsão de orçamento para divulgação e a possibilidade de criação de vídeos, documentários e cartilhas didáticas que podem ser aproveitadas nas aulas e cursos. O outro modo de divulgação é pelas redes sociais *online* e pelo site.

A gente tem todo o nosso sistema de redes sociais e o mundo online né então a gente mantém o nosso site. Dependendo do projeto, [esse] acaba ganhando um site específico ou uma página no nosso site e a gente usa nossas redes para divulgar. A tem também uma vertente [que] acaba sendo meio que ao acaso. [pois] a gente não

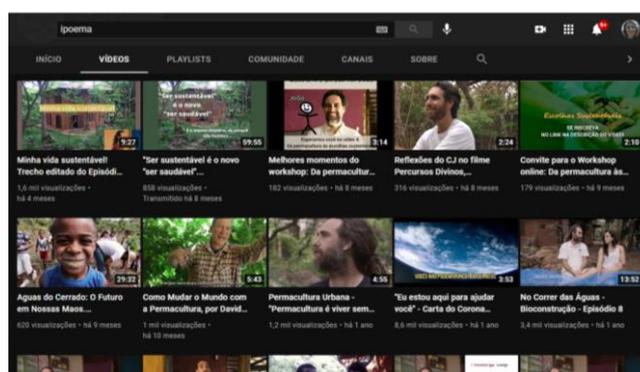
tem um trabalho de imprensa, mas geralmente a gente acaba sendo encontrado por veículos convencionais né! Então TVs locais e rádios locais acabam procurando a gente para explicarmos sobre os projetos, normalmente, mas como eu falei só acaba sendo meio ao acaso porque a gente tem um trabalho de assessoria de imprensa né bom (Jacintho, Ipoema).

É importante destacarmos que, de 2017 para cá, há uma preocupação maior em disseminar conteúdos pela internet em função de duas questões principais. Um dos aspectos é devido ao contexto nacional, em que há uma diminuição dos editais e das verbas públicas para esses projetos. O último deles foi em 2016, com Águas do Cerrado. O segundo aspecto é a própria pandemia do novo coronavírus, que dificultou a realização de ações presenciais e demais atividades que aconteciam no Instituto.

Em relação às redes sociais *online*, no Instagram há mais *lives*, e nem sempre os conteúdos postados no *Facebook* são os mesmos do *Instagram*. Porém, ambas as plataformas seguem a mesma lógica da narrativa sobre sustentabilidade em suas postagens.

Observando as demais mídias na internet do instituto, como *YouTube* e *Twitter*, percebemos que, no *YouTube*, há uma diversidade de conteúdo a partir de trabalhos realizados com escolas públicas e privadas, cursos online e projetos que eles desenvolvem dentro da comunidade, sobre os quais, em alguma medida, acabam sendo produzidos vídeos ou documentários. Além disso, há também as reportagens em que participam nas mídias tradicionais, vídeos explicativos com conteúdo em formato de vídeoaulas, explicando conceitos e como é possível ter uma vida mais sustentável independentemente de onde você mora. Tem até material sobre empreendedorismo socioambiental e seu impacto na sociedade.

Imagem 77 – Visão geral do YouTube do Instituto Ipoema.



Fonte: YouTube do Instituto Ipoema

No *Twitter*, há um direcionamento das postagens do *Facebook* alimentando a plataforma. Não há um recebimento exaustivo de e-mails/*Newsletters* por parte do instituto.

Imagem 78 – E-mail/Newsletter do Instituto Ipoema.



Fonte: E-mail enviado pelo Instituto Ipoema

O *WhatsApp* do **Ipoema** é um meio de comunicar e informar sobre os cursos que estão ocorrendo, pois os grupos são direcionados por cursos. Por exemplo, " #3 escolhas sustentáveis", que já está em sua 3ª edição. É interessante observarmos, no grupo destinado aos participantes do curso Escolhas Sustentáveis, criado em 06 de março de 2020, que houve dois momentos em que foi permitida a interação de todos os participantes do grupo e não somente mensagens do administrador, como é possível observar na imagem do dia 08 de março de 2020.

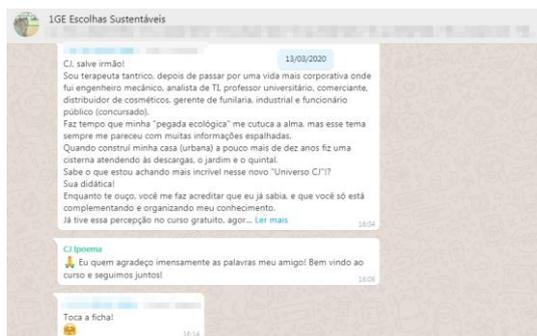
Imagem 79 – Grupo no WhatsApp sobre escolhas sustentáveis.



Fonte: Grupo do *WhatsApp* do Instituto Ipoema

No dia 09 de março de 2020, isso foi alterado para que somente o administrador pudesse enviar mensagens. Porém, no dia 13 de março de 2020, voltou a mesma lógica de abrir para que os membros do grupo compartilhassem suas percepções.

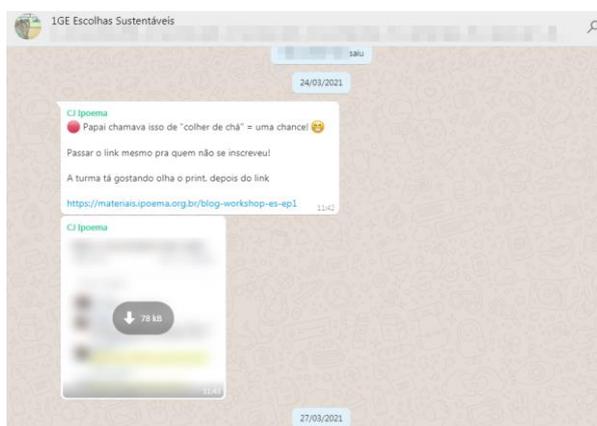
Imagem 80 – Grupo no WhatsApp sobre escolhas sustentáveis.



Fonte: Grupo do *WhatsApp* do Instituto Ipoema

Já no dia 14 de março, encerrou-se a participação dos membros. Desde 24 de março de 2021, não houve mais mensagens no grupo, nem mesmo do administrador.

Imagem 81 – Grupo no *WhatsApp* sobre escolhas sustentáveis.



Fonte: Grupo do *WhatsApp* do Instituto Ipoema

Porém, nos grupos destinados às edições dos cursos, não houve essa disponibilização de interação entre os membros participantes. Eles também possuem um canal no *Telegram* chamado Comunidade Escolhas Sustentáveis, em que os membros trocam mensagens e informações em uma dinâmica participativa interessante.

Imagem 82 – Grupo do *Telegram* sobre escolhas sustentáveis.



Fonte: *Telegram* do Instituto Ipoema.

Se comparado a outros institutos que têm esses mesmos meios de se comunicar com os participantes de seus cursos, vemos uma relação mais coletiva e compartilhada, numa perspectiva de troca de saberes e percepções.

Sobre a importância da mídia, mais especificamente da internet, nesse processo de comunicação das ações desenvolvidas pelo instituto para a mudança ambiental na sociedade, Jacintho responde:

Olha ela eu tô completamente nessa né se eu não me engano você chegou na gente por aí né no curso não foi. Eu acho que foi, então, eu acredito que eles conseguem dar uma escala muito grande para essa informação. Então, o principal é a difusão do conhecimento né! Só que a gente tem um estágio do conhecimento que antes de você saber como é a coisa, você sabe que [ela] existe. Se o fato da gente mencionar que a permacultura existe na internet. Eu acho que já tem impacto positivo na difusão da ideia né! Então se a gente usa muito, principalmente agora, - a gente começou a usar antes, eu comecei essa migração no Ipoema em final de 2017 - de trazer de fato a internet como uma ferramenta de difusão e de da escala para essa informação. Então, enquanto no presencial eu conseguia ter uma turma com 20, 30 pessoas, hoje no workshoping gratuito que eu faço, eu posso ter 3000, 4000, 5000 e assim vai. Então, achamos que sim, contribui demais para essa mudança ambiental, a partir da mudança da aquisição do conhecimento né e da consciência que as pessoas têm a nos ouvir, os nossos eventos sobre nossos conteúdos... (Jacintho, Ipoema).

A fim de compreender o impacto e a relação da internet e das ações presenciais nessa mudança ambiental, Jacintho nos explica:

Olha eu acho que talvez no nível individual a gente promove uma transformação mais rápida e mais direta na pessoa quando ela tá pegando na terra, quando ela tá sentindo o cheiro da Terra, quando ela pisou um barro para fazer uma reconstrução, quando ela plantou uma bananeira na agrofloresta. Então, talvez no nível da transformação individual, o presencial possa ser mais rápido, mais direto, mas do ponto de vista de sociedade, eu acho que o online acaba sendo maior por [conta] dessa coisa da escala né! Então tem esses dois aspectos né! Acho que ficou claro né! Mas para resumir olhando de um por um, eu acho que o presencial acaba impactando mais, mas... olhando a sociedade, o online acaba impactando mais gente (Jacintho, Ipoema).

Por fim, ele explica como se dá a contribuição da mídia nessa mudança:

Eu acho que eu já falei né essa coisa de você conseguir levar uma informação aonde ela não chegaria né! Então as pessoas que procuram curso de permacultura presencial, ela já sabe, tem uma postura, já estão atentas a questão ambiental e tem esse desejo quando a gente faz um bom trabalho de mídia social a gente consegue apresentar o problema e levar a reflexão de um problema que a pessoa não estava pensando sobre ele, que a pessoa tá passando ali no Instagram, passando no Facebook e viu um post alertando para algo que ela não estava pensando de uma forma a trazer pessoas novas para isso. Aqui [na internet] a gente consegue falar com pessoas que não estávamos buscando. Enquanto no presencial a pessoa já tem que estar no nível de consciência de que a questão ambiental é séria e que existe uma solução e, [assim] vem até mim, até a gente. No online consegue falar: “e você já parou para pensar que a questão ambiental é séria”. Então, você vai ver uma pessoa que está com um nível de consciência lá atrás. Então acho que essa é uma diferença (Jacintho, Ipoema).

Conclui-se, portanto, que independentemente da mídia - TV, rádio, site, *YouTube* ou redes sociais - utilizada para comunicar as ações de sustentabilidade ambiental dos institutos – pois nenhuma é melhor que a outra –, o que acontece é que elas possuem objetivos diferentes e os comunicam para determinados públicos. Mesmo que consideremos que a internet tenha um grande potencial de comunicar as questões ambientais de muitos para muitos, raramente o resultado de uma mudança acontece apenas pela exposição à mídia, mas considerando outras formas de comunicação no processo de desenvolvimento e mudança ambiental pretendida pelos institutos de permacultura. Isto é, para que haja efetividade nas formas de comunicar, é preciso incluir a integração da comunicação como processo e no aproveitamento das tecnologias de mídia para a mudança pretendida.

A **Escola Rama** tem uma comunicação voltada para a *Newsletter* por e-mails, direcionada ao público de interesse.

Imagem 83 – Newsletter da Escola Rama

Para você ter acesso a oportunidade limitada e exclusiva, leia até o fim!

Se você ainda não me conhece, eu sou o João Rockett, permacultor há mais de 30 anos e idealizador do Viver no Campo.

O Viver no Campo já ensinou milhares de pessoas a dar os primeiros passos fundamentais para planejar a transição da cidade para o campo e assim construir uma vida integral, plena, saudável, em contato com a natureza. Esse curso ainda faz com que você melhore e otimize o espaço que você já possui.

Eu idealizei esse curso porque acredito que ele traga transformação real para as pessoas e para nossa sociedade.

Para que possamos viver em um lugar que traz benefícios reais para nossas vidas, como melhor saúde, mais harmonia com a natureza e seus ritmos, melhor vivência para nossas famílias e para as pessoas que amamos.

Que essa aproximação com nosso desejo de viver uma vida mais saudável, mais plena, uma vida integral possa se tornar real.

Quando comecei as aulas do Viver no Campo, eu realmente não imaginava o impacto positivo na vida dos meus alunos, e hoje, 2 anos depois, colecionamos histórias de superação, de projetos iniciados e mudança real para uma vida melhor.

No último dia 5 de novembro eu fiz 61 anos, e pensando nisso tudo e em toda minha trajetória de vida até aqui, eu decidi apresentar os nossos milhares de seguidores que compartilham desse estilo de

No último dia 5 de novembro eu fiz 61 anos, e pensando nisso tudo e em toda minha trajetória de vida até aqui, eu decidi apresentar os nossos milhares de seguidores que compartilham desse estilo de vida junto ao campo.

Pensando nisso tudo, eu trago para vocês a oportunidade única e exclusiva de fazer parte desse movimento que mudou e muda vidas!

Você terá a oportunidade de adquirir o curso Viver no Campo, composto por 10 módulos + 10 E-Books **de R\$ 1.797,00 por R\$ 797,00 à vista ou parcelado em até 12x no cartão*.**

Quero Viver no Campo

E diante de tantos pedidos, decidimos liberar também o curso A Casa Natural, para você que quer ter uma casa agradável e saudável, aprendendo técnicas de bioconstrução para reforma ou construção **de R\$ 997,00 por R\$ 397,00 à vista ou parcelado em até 12x no cartão*.**

Quero Casa Natural

E se você se matricular nos DOIS CURSOS o desconto é ainda maior! Mais de 50% de desconto!
Os cursos Viver no Campo e A Casa Natural, saem de R\$ 2.794,00 por R\$ 997,00 à vista ou parcelado em até 12x no cartão*.

Quero a Super Oferta

Fonte: e-mails enviados pela Escola Rama

Neste espaço dos e-mails, a comunicação é direcionada para a venda de cursos, como o curso "Viver no Campo", que é o exemplo da imagem 83.

O site teve um processo de atualizações ao longo desses quatro anos de tese; no entanto, ainda há setores que não foram devidamente explorados, como no caso abaixo em que direciona para a página do *Instagram*.

Imagem 84 – Curso Viver no Campo na Plataforma Hotmart



Fonte: Site da Escola Rama

Matéria³³ sobre o instituto e o seu ideal de mudar o mundo a partir da permacultura, conforme a imagem abaixo:

Imagem 85– Matéria sobre brasileiros que fazem construções ecológicas e que acreditam na transformação do mundo a partir de simples ações

³³ Disponível em: <https://incrivel.club/criatividade-casa/brasileiros-fazem-construcoes-ecologicas-extraordinarias-e-acreditam-que-com-medidas-simples-e-possivel-transformar-o-mundo-980810/>. Acessado em 14/01/2023

Em Bagé, no sul do Rio Grande do Sul, esse lugar vive em harmonia total com a natureza à sua volta. O espaço foi fundado por João Rockett, e contou com a parceria de Alii Sharif da Permacultura América Latina — a PAL, no ano de 2001. O projeto surgiu da intenção de Rockett de estabelecer um Centro de Referência em Permacultura no Pampa gaúcho. A permacultura utiliza sistemas que priorizam a convivência benéfica do ser humano com a natureza — onde um auxilia o outro. Basicamente, consiste na construção de edificações ecológicas, uso de energias renováveis, saneamento biológico de águas, produção de orgânicos, entre outros.

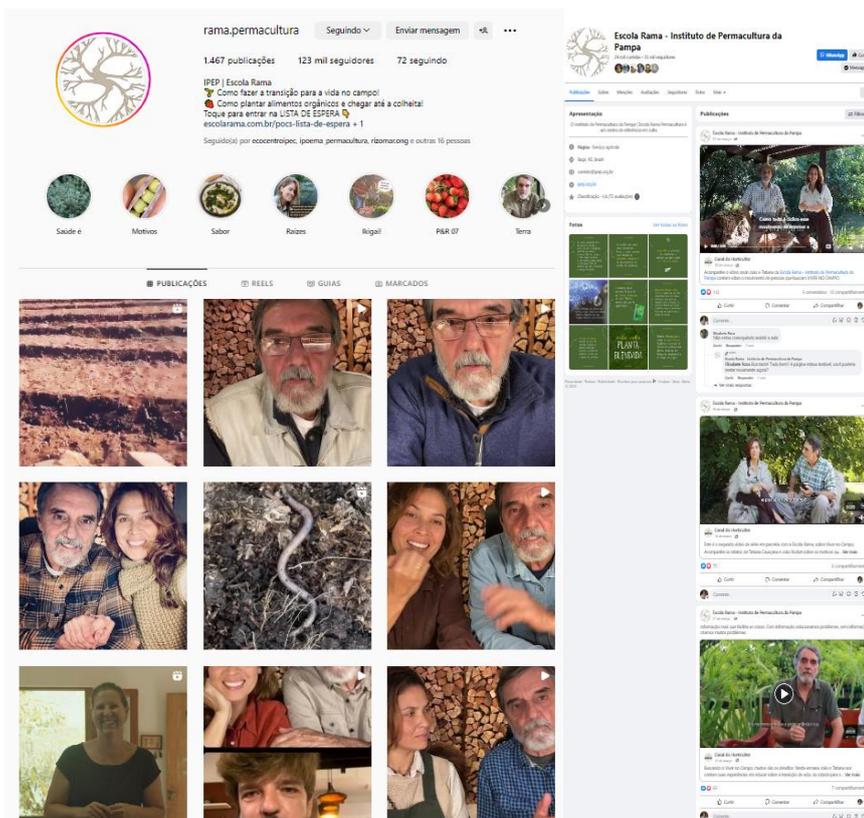


Fonte: Site Clube Incrível

Dentre as iniciativas brasileiras de construções ecológicas, encontra-se a **Escola Rama** com a proposta de utilizar apenas recursos naturais, em que esse tipo de construção mantém o equilíbrio da temperatura nos ambientes internos.

Outras formas de se comunicar estão fortemente baseadas nas redes sociais online, nas quais, por meio de *lives* e vídeos, comunicam sobre alimentação orgânica e segurança alimentar. Além da rotina do viver no campo, que é um dos cursos vendidos como estilo de vida e obtenção de independência financeira.

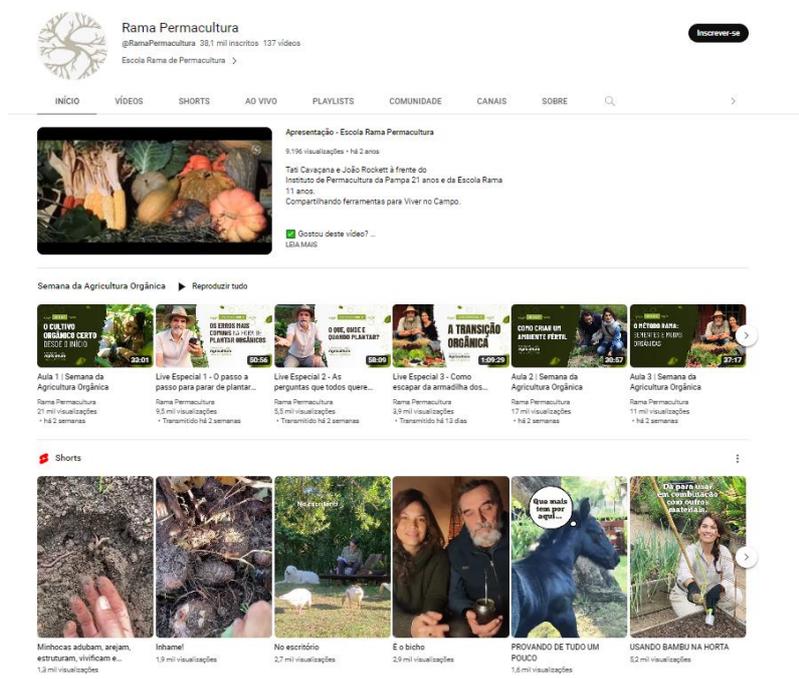
Imagem 86 - Visão geral dos perfis do Instagram e Facebook da Escola Rama



Fonte: Instagram e Facebook da Escola Rama

Possuem uma comunicação interativa com o público que segue as páginas, bem como um canal no *YouTube* com bastante conteúdo acerca da alimentação orgânica, que envolve desde as questões de plantio até a colheita desse alimento.

Imagem 87 - Visão geral do YouTube da Escola Rama



Fonte: *YouTube* da Escola Rama

Apesar de a comunicação no site ser incipiente, percebemos que os outros meios de comunicação são bastante explorados e conseguem dar conta de se comunicar com seu público. Mesmo que a internet contribua para essa articulação e abrangência de contato com diversos públicos, ainda assim, o presencial tem um potencial maior de mudança das práticas ambientais.

A comunicação da **Associação Veracidade** acontece em diferentes canais, tanto pelas redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, quanto pelo *YouTube*, *WhatsApp* e e-mail, tentando abarcar diferentes formas de se comunicar com as pessoas que têm interesse em contribuir financeiramente, participar dos projetos ou até mesmo consumir o conteúdo acerca das ações que eles desenvolvem.

Apesar disso, comunicar nas redes sociais ainda é um grande desafio para muitos institutos, como relatam Joana e Djalma:

de fato a publicização né, a comunicação institucional ela ainda é um grande desafio para gente né! Temos aí envolvido cada vez mais, mas assim a gente tá um pouco estagnado né! Faltando um pouco aí a profissionalização de serviço na nossa instituição. Então, a gente tem o nosso site institucional e lá a gente divulga avaliações dos projetos que são feitos e nas redes sociais também, o Instagram e Facebook. Temos as duas páginas, não com a frequência desejada, [mas] a gente movimenta um pouco [esses] espaços. A gente tá tentando passar por um processo de reposição de marca. Parece que fala mais ou menos assim, mas recolocação multimarca, coisa assim... Quando a gente tá tentando mesmo trazer um pouco mais de caracterização para essa comunicação com alguns públicos, foco né! Então, o público em geral, pessoas de qualquer idade que não acessam os conteúdos, para poderem saber mais sobre os projetos. Tem empresas, têm estes públicos né.... Então, a gente tá tentando melhorar um pouco mais a comunicação, mais mas geralmente é assim um trabalho realmente muito conservador de comunicação ainda (Joana, Associação Veracidade)

O caminho para melhorar essa comunicação, segundo Joana, é por meio do profissional especializado, no caso do profissional da comunicação e *marketing*.

Tá faltando a gente conseguir investir mais na contratação de mão de obra especializada né, pessoas que trabalham com comunicação, com marketing, que tenham esse olhar e consigam construir essa comunicação visualmente, enfim... Né! A gente passou recentemente a investir em vídeos institucionais, os nossos projetos, que a gente já tem um arquivo não estacionar, deixar um pouco mais bonito esteticamente, interessante de ser consumido. Agora a gente precisa conseguir investir em design de medidas e conseguir um espaço para divulgar isso, mais para a sociedade né, de uma forma mais esquematizada, mais estruturada, né! A gente começou uma consultoria recentemente e com uma pessoa voluntária que tava, tá fazendo essa proposta né, de recolocação de marca. Então, tá sendo interessante ver as propostas como são apresentadas na comunicação, muito mais interessante mesmo do que a gente tem hoje. Mas a gente não tem verba hoje em dia para investir, infelizmente, assim nessa frente né! Ela, com certeza, é prioritária, mas a gente tem algumas formas comuns de captação de recursos e como a gestão também ainda tão

ali em estruturação.... Então, é um ciclo sem fim né, como captar recursos para comunicar e como comunicar para captar recursos (Joana, Associação Veracidade).

E de que forma a comunicação nas redes sociais online pode contribuir para uma mudança ambiental e se de fato é possível isso acontecer nesses meios de comunicação, ou se apenas a comunicação que acontece de forma presencial tem potencial de mudança.

Eu acho que a mídia, as redes sociais contribuem [ao mesmo tempo em que] não podem contribuir para mudança ambiental e social na sociedade, pois elas são um retorno de comunicação de massa hoje em dia e, claro, que existe um Lobby também no outro sentido utilizando as mesmas lógicas deles para tentar propagar a desinformação né, negacionismo científico, para, como por exemplo, tentar afirmar a inexistência das mudanças climáticas, tentam afirmar que não houve aumento no índice de queimadas no Brasil, neste ano, que o desmatamento não está crescendo num ritmo vertiginoso, toda a série de informações também são propagadas nas redes e mídias. Mas, de qualquer forma, se tiver ao mesmo tempo muitas iniciativas, grupos de pessoas e instituições que estão ocupando de maneira positiva as redes e mostrando que é possível utilizá-los para sensibilizar positivamente as pessoas, né! E sobre as ações presenciais, se elas são mais significativas? Eu acho que não, eu acho que hoje em dia né, nós temos né, equivalência né! Acho que tanto as ações presenciais, como virtuais, elas têm um valor intrínseco, em que cada uma contribui de uma forma. São complementares! Acho que nenhuma é mais importante que a outra. É claro que a prática do dia a dia né que é obrigatoriamente presencial ela vai ter Impacto muito grande na mudança, na consolidação do novo padrão de relação entre ser humano e natureza né, e por último a mídia tem uma contribuição se tentar apresentar informações científicas reais objetivas né, como elas são e convidar as pessoas, os gestores, o poder público a repensar o modelo de organização social e política em prol de uma consolidação de uma prática [que] seja mais positiva né, para os seres humanos e para a natureza (Djalma, Associação Veracidade).

Para Djalma, nenhuma forma de comunicação é mais importante que a outra, mesmo que a mídia e as redes sociais sejam importantes no cenário atual, o presencial também tem um impacto maior na mudança. Diante disso, ao associarmos todas as formas de comunicação, como os meios de comunicação online - as redes sociais, *WhatsApp* -, bem como os meios de comunicação tradicionais - TV -, a comunicação face a face, teremos mudanças mais significativas na sociedade.

*o papel da comunicação pela internet ele é bem bem importante assim... ele é algo ao qual a gente não consegue se dedicar muito, a comunicação, a publicidade enfim da nossa instituição, ainda a gente faz o trabalho voluntário, não tem ninguém nessa formação, então, é ainda algo realmente, bastante pra trás, do que deveria, do que poderia ser né. A gente tá tentando investir um pouco mais nisso, melhorar o nosso site, né, mas com certeza, mas principalmente, acho que o *WhatsApp*, revolucionou a nossa inserção, nosso contato, com as comunidades atendidas, essa sim é uma ferramenta que chega mudando muito bem, que às vezes a gente recebe troca, novidade, informações em grupos de *whatsapp* de projetos, geralmente ali a gente tem uma comunicação a longo prazo com as pessoas depois que o projeto termina (Joana, Associação Veracidade).*

Ao questionarmos qual era a importância e também a diferença da internet, do livro, do jornal impresso, do *Greenpeace*, dos documentários, da TV Globo, da TV Futura, das mídias

alternativas, entre outras, para a conscientização das pessoas sobre o meio ambiente, Joana nos responde que:

*Digo até enquanto criança dos anos 90 que... eu assistindo documentário sobre natureza, sobre ciências, meio ambiente... então, eu acho que esses conteúdos são muito importantes de circular em... na TV aberta, na internet, no livro e jornal impresso, [apesar de] serem bastante diferentes, eu acho que comunicações pontuais, como Jornal, por exemplo, ele traz um pouco, uma conscientização. Então, ele tem o seu público, uma problematização sócio-política geralmente. O jornal tem esse viés da comunicação e é voltado para um público mais velho. Hoje em dia, não sei nem se as pessoas mais velhas leem jornal impresso. São algumas as comunicações que... estão ali né, livro é como tu falou do impresso.... No livro é muito importante, eu acho que é isso, mas acho que, hoje em dia as crianças têm contato com esses conteúdos nos processos pedagógicos nos livros, são comunicações diferentes. Documentários, os documentários da TV Cultura, da TV Futura despertam, trazem essa aproximação, sensibilização para esse grupo de pessoas que está afastado, que não tem contato com uma esfera maior do ambiente que ele ocupa, em um local mesmo... Então elas são comunicações bastante importantes e cada uma tem o seu papel eu acho, para a conscientização das pessoas sobre o meio ambiente. **Eu temo um pouco o romantismo né, muitas vezes essas reportagens, esses programas eles sensacionalizam né, eles não tratam da questão sócio-política em si que é muitas vezes o grande gatilho de uma questão ambiental que a gente enfrenta. problematizam o indivíduo, problematiza questões que não resolve os problemas sistêmicos né, “ah.. fecha a torneira, não coma carne... essas coisas...”**, mas não, dificilmente, essas comunicações, a não ser livros e a depender que são edições que muitas vezes são de forma mais independente conseguem trazer a politização para essa discussão, o jornal impresso também, mas acho que dá um pouco de uma romantizada de uma forma geral na TV aberta e nesses documentários né! TV paga também, enfim...então eu acho que falta para essa comunicação ser realmente eficiente né (risos), nessa conscientização, falta tocar nessas questões (Joana, Associação Veracidade - grifo nosso).*

Apesar de Joana acreditar que a mídia em seus diferentes formatos contribui para uma mudança de consciência do sujeito para as questões ambientais, ainda assim, há uma romantização ou uma não problematização dos problemas ambientais pela TV, principalmente. Diante disso, há questões importantes para pensarmos sobre o papel da comunicação e a sua responsabilidade na construção de uma consciência coletiva acerca da sustentabilidade ambiental. Uma vez que o trabalho desenvolvido pelos institutos é invisibilizado pela mídia tradicional.

Qualquer notícia na mídia é a questão das pessoas lembrarem do meio ambiente, no dia do meio ambiente, no dia da água... Então, são datas comemorativas específicas que a mídia escolhe para noticiar um pouco. Fala muito pontual né, as questões ambientais que a gente enfrenta, então eu acho que falta a mídia (risos) ahhh... difícil falar isso... falta a mídia ser conscientizada da importância desse assunto para o..., muitas outras questões, a conexão de tudo, essa nossa alfabetização ecológica aí enquanto sociedade né, eu acho que trata as questões do meio ambiente como questões pontuais, como o dia da água, da árvore como né, não, ainda não vê o problema como algo sistêmico e muito completo e que tem que ser abordado de diversas formas né, e falando também em diversas frentes. A gente eventualmente tem procura, principalmente, de... das mídias das universidades, TV UNESP ou das mídias mais locais né, pra falar um pouco da inovação que a gente traz, muitas vezes A Veracidade é procurada pra falar como ela é inovadora nas tecnologias para as casas sustentáveis, como ela é, né... a mídia sempre busca esse apelo da novidade,

daquilo que vai fazer o espectador brilhar os olhos né, quando na verdade a novidade deveria ser olhar a questão de um outro ponto de vista né, eu acho que esse..., é pra isso que a gente trabalha na educação, tentando trazer essa mudança de ponto de vista de perspectiva, de como olhar para essas questões (Joana, Associação Veracidade).

Com isso, a importância de existirem alternativas para que se possa quebrar esses ciclos e construir novas perspectivas. É isso que boa parte dos institutos vem tentando realizar ao longo dos anos, sendo uma alternativa para a sociedade.

Eu acho que é um pouco difícil uma instituição né, uma organização que se institucionaliza existir totalmente sem conjugar com capitalismo né! Porque existe dentro desse sistema e ela vai buscar ações. Se ela é contra o sistema ela vai buscar ações que problematizam isso no contexto né, mas a instituição vai ter que funcionar dentro do sistema capitalista e isso é um processo muito interessante né porque a gente tem procedimentos que você tem que seguir enquanto instituição para poder acessar, por exemplo, recursos. Então, tudo isso gira dentro de uma casa financeira né! Se você sobrevive de doações, enfim... Você é uma instituição filantrópica social, na Instituição assistencialista tem diversas características que permitem às instituições funcionarem. Então ... que vai mesmo dizer... Eu acho assim... uma alternativa para a sociedade, acredito muito nisso né, que Djalma fala bastante sobre isso no livro dele. Mas elas precisam funcionar também dentro de uma lógica problematizadora. Indique a alternativa que serve as alternativa porque as pessoas existem hoje dentro do, no sistema capitalista e a permacultura ela falou em tudo uma filosofia que vai diferente né do sistema linear capitalista e a nossa instituição acredita que é multiplicar isso só que a nossa instituição ainda existe, depende de sistemas lineares, projeto, instituição e da cidade. Opera dentro da sua realidade. Tem alguma forma, apesar da nossa estrutura ser uma estrutura de decisão compartilhada autogestionada que se embasa na sociocracia, por exemplo, né a gente precisa oficializar tudo isso no estatuto, a gente precisa registrar mapa e a gente precisa formalizar tudo isso no cartório, e a gente precisa seguir uma série de diretrizes para conseguir financiar essas ações né! Então como você consegue ser uma alternativa para o sistema na prática tanto quanto você consegue também questioná-lo e tentar transformar o que existe né!? Porque senão a gente não se liberta de fato (Joana, Associação Veracidade).

Portanto, é nas brechas ou nas limitações do capitalismo que se consegue buscar alternativas para trabalhar as questões socioambientais, já que o sistema vigente não se propõe a ser sustentável ambientalmente, ou seja, dar conta de todas as dimensões mencionadas nesta tese para haver um desenvolvimento sustentável.

Nesse sentido, a mídia e as redes sociais online poderiam ser aliadas nesse processo de mudança ambiental. Para Marcos Ninguém, da **UniPermacultura**, nenhuma mídia está a serviço de nenhuma mudança, pois são “ferramentas da indústria da subjetividade coletiva”, com o objetivo de manipular as pessoas e manter o sistema como está.

Não acredito não acredito que o Facebook as mídias não esteja a serviço da mudança nenhuma né Eu acho que elas são ferramentas da indústria da subjetividade coletiva né ou seja essa indústria da subjetividade coletiva ela ela existe para manipular as pessoas dormindo para manter o sistema tal como está é uma ilusão achar que vai ser feito alguma revolução alguma mudança em grande escala pelas redes

sociais no Facebook isso fosse possível não está disponível a só tá disponível porque ela é inofensiva para o sistema e tudo que tá disponível que qualquer pessoa pode ter pequeno sensível se fosse uma ferramenta extremamente revolucionária aí eu acredito que nem nem estaria à disposição das pessoas é mais fácil pela deep web se construir processos de mudanças paradigmáticas porque diz que o web é não rastreável ela tá legal que legal ah tá por trás não tá fora o sistema não é nada que tá dentro do sistema mudar nem As Nossas ações a gente sabe que tipo hoje todo o trabalho que a gente faz é de alguma maneira um controle né que o sistema tem é um é uma maneira que atende de auto-controle né Vamos sistema tá lindo demais tá destruindo demais com tá fazendo m**** demais aí nós somos esse auto-controle regulado né a gente também fosse muito perigoso para o sistema a gente também não pode vir fazer o que a gente tá fazendo tem um agente policial controle nenhuma é uma trava de segurança sistema tem que nós os ambientalistas né hoje dentro do sistema capitalista Então a gente vai lá e diz olha não tá demais aí o sistema entende é autorregulação para perguntar demais eu vou dar uma segurada um pouquinho vai de novo então não vai o que que é bom que ela nos dá o câncer dentro de uma bolha né dentro de um eixo a gente consegue levar essas ideias mas para frente para ideias chega mais pessoas né E isso muda no microcosmos vai mudar a vida de alguém que vai se tornar mais Ecológico vai ter uma vida mais sustentável mais saudável mas não temos geralcino geral não não as redes sociais elas são feitas para vender né são nada mais do que um grande Shopping virtual Então dentro desse Shopping Vitória está ali tentando né faz vender as nossas ideias nossos sonhos as nossas utopias Mas sabendo que aquilo é mais mais nada mais é do que fazer parte desse jogo tudo que tá acontecendo Então faz parte desse jogo desse grande teatro é que é hoje o sistema com as suas redes sociais que utilizam com essas coisas ou faz parte disso e sobrevive e dentro disso avança algumas questões ou não faz parte desse totalmente fora do jogo e não vai a lugar nenhum nenhum (Marcos – UniPermacultura).

Ao observarmos a fala de Marcos Ninguém, é interessante pensarmos a partir da mídia e sua contribuição para a mudança socioambiental, bem como para manter o controle sobre o sistema. Diante disso, a mídia tem potencial para promover mudanças, mas sozinha ela não dá conta, uma vez que há um controle regulador da internet, o algoritmo, que está a serviço das grandes corporações e, logo, do sistema capitalista. Portanto, a comunicação presencial para a ação coletiva de mudança tem um importante papel nesse processo.

Participação de Marcos Ninguém da **UniPermacultura** na TV Câmara para falar em dois momentos, um sobre políticas de moradias sustentáveis, no quadro Participação Popular, e outro sobre Permacultura.

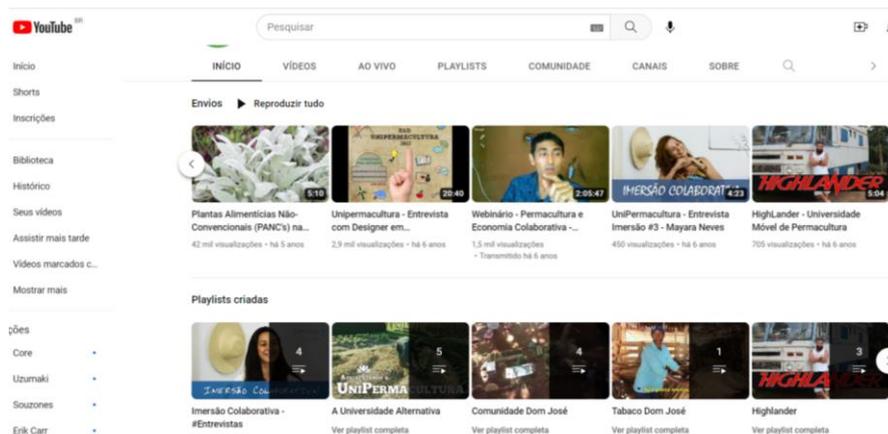
Imagem 88 - Vídeos de Marcos Ninguém na mídia tradicional



Fonte: Facebook da TV Câmara

O *YouTube* com vídeos voltados para a extensão rural, a educação ambiental e para os projetos ambientais, trabalhos realizados pelo Instituto que acabam sendo registrados nesses audiovisuais. Outros trazem conteúdos como entrevistas, imersões, webinário e o que é a **UniPermacultura**.

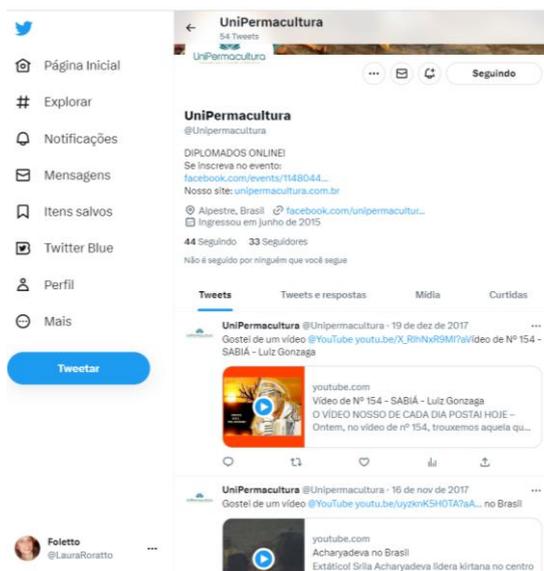
Imagem 89 - Visão geral do YouTube da UniPermacultura



Fonte: *YouTube* da UniPermacultura

A comunicação pelo *Twitter* de todos os institutos que a usam está relacionada a um redirecionamento das outras redes sociais, como *Facebook*, *Instagram* e *YouTube*, como no exemplo do *Twitter* da **UniPermacultura**.

Imagem 90 - Visão geral do Twitter da UniPermacultura



Fonte: *Twitter* da UniPermacultura

Com o intuito de estabelecer uma comparação entre os institutos no que se refere à categoria comunicacional, levando em consideração os canais de comunicação por eles utilizados, apresentamos a tabela a seguir:

Tabela 8: Canais de comunicação usados pelos institutos

Canais de Comunicação	Pindorama	Ipoema	Rama	Veracidade	Unipermacultura
Site	x	x	x	x	x
Blog	x	x		x	
Mídia Tradicional	x	x		x	x
Instagram/Facebook/	x	x	x	x	x
Twitter	x	x		x	x
YouTube	x	x	x	x	x
Podcast	x				
E-mail	x	x	x	x	x
WhatsApp	x	x	x	x	x
Telegram	x	x	x	x	

Fonte: elaborada pelo autor

Todos os institutos possuem site, e alguns têm *blog* (**Pindorama**, **Ipoema** e **Veracidade**). Com exceção da **Escola Rama**, os demais têm alguma inserção na mídia tradicional, seja em programas que abordam bioconstrução com bambu (**Pindorama**) ou permacultura (**Ipoema**, **Veracidade** e **UniPermacultura**). Todos contam com presença em

redes sociais - *Instagram*, *Facebook* -, *YouTube*, e-mail e *WhatsApp*. Nem todos têm presença no *Twitter* (**Rama**) e *Telegram* (**UniPermacultura**). O único instituto que possui *Podcast* é o **Pindorama**. Isso revela uma grande similaridade nos canais de comunicação dos institutos. No entanto, o que os diferencia, na verdade, é o conteúdo, com alguns demonstrando uma preocupação social maior que outros, principalmente o **Ipoema** e a **Veracidade**.

Portanto, os institutos buscam modos alternativos para comunicar seus projetos e ações sobre as questões ambientais, numa perspectiva de uma comunicação mais horizontal através da internet, ao contrário do que se vê em relação aos meios mais tradicionais ou convencionais de comunicação. Ou seja, vemos a capacidade desses institutos de apropriarem-se da linguagem, por vezes publicitária, e dos meios de comunicação para comunicar suas necessidades e objetivos para o desenvolvimento e mudança ambiental.

Poderíamos dizer que a comunicação realizada de maneira específica por grupos ou organizações poderia orquestrar um processo de mudança particular, como por exemplo, uma mudança social, ambiental, política ou até mesmo de comportamento. No entanto, esse processo de mudança, no desenvolvimento das sociedades, começa a ser articulado de baixo para cima, crescendo a partir de grupos de pessoas que se mobilizaram, se organizaram e defenderam suas causas, comunicando-as para alcançar seus direitos. É isso que os institutos pretendem, uma comunicação que nem sempre é institucionalizada, mas é articulada, que dá conta de comunicar a mudança, principalmente a ambiental, para a sociedade. Uma mudança que vem de baixo para cima, assim como a comunicação que é feita, em sua maioria, pelos próprios membros dos institutos, sem profissionalização dessa comunicação. Portanto, comunicar o bem feito, ou seja, informar as comunidades e a sociedade de modo geral sobre a natureza e o valor do trabalho realizado para buscar o desenvolvimento sustentável, são as representações sobre a sustentabilidade que são comunicadas nas redes dos institutos de permacultura brasileiros.

5.3 DISCUSSÃO DA ANÁLISE

Entendemos que nem todas as dimensões estarão presentes nas ações desenvolvidas pelos institutos. Por exemplo, a dimensão política é a menos desenvolvida por eles. Isso não significa que não seja importante, mas envolve questões mais amplas com o país, as quais eles não conseguem dar conta. No entanto, não abordamos essas duas dimensões - territorial e espiritual - na tese, por considerar que, por mais que os institutos estejam situados tanto local como globalmente, envolvendo questões territoriais e espaciais, ou seja, extrapolando o local, eles atendem parcialmente essa dimensão. Visto que não conseguem dar conta de uma

distribuição rural-urbana mais equilibrada, atendendo inter-regionalmente as questões ambientais.

Consideramos que dentro da dimensão política, estaremos tratando de questões territoriais. Uma vez que, ao falarmos de justiça social, estamos falando também de uma política nacional, em que a ação dos institutos é local/regional e envolve a nação e as políticas do país. Mesmo que, em tese, reconheçam a importância da ecologia como um fenômeno global.

A questão espiritual também é algo parcialmente desenvolvido pelos institutos. Uma vez que, por mais que haja uma preocupação com a espiritualidade e a integralidade do ser, ainda não transcende as questões ambientais. Portanto, as dimensões citadas não conseguem ainda dar conta da sustentabilidade ambiental proposta neste trabalho, mesmo que atendidas parcialmente. Além disso, não é possível discorrer sobre todas as dimensões com a mesma profundidade. É preciso fazer escolhas baseadas no que o campo mostra ser mais profícuo.

Diante das dimensões apresentadas com base em autores como Sachs e Boff, propomos pensar, neste trabalho, na necessidade de uma dimensão transversal às demais: a dimensão da comunicação. Levando em conta diversos fatores que a tornam insustentável quando não alinhada à sustentabilidade. A dimensão comunicacional se torna insustentável quando temos uma grande produção de lixo eletrônico e conteúdo midiático produzido, e quando não há responsabilidade sobre aquilo que se propaga em forma de informação a respeito do meio ambiente.

Como podemos pensar na sustentabilidade a partir da comunicação? Propomos considerar alternativas de comunicação, estratégias que promovam mudanças sociais e/ou ambientais, e o uso coletivo de dispositivos eletrônicos para reduzir o impacto no meio ambiente. Essas são algumas das questões que podem ser exploradas a partir de uma perspectiva de sustentabilidade na comunicação. No entanto, é importante ressaltar que este trabalho se concentra na comunicação para a mudança, visando disseminar informações sobre o meio ambiente, e não aborda o problema dos meios de comunicação como agentes de estímulo ao consumo ou de produção de lixo.

Além disso, destacamos algumas dimensões que consideramos de suma importância para entender como as práticas dos institutos de permacultura incorporam as dimensões de sustentabilidade. Primeiramente, observamos que ao desvincular a dimensão política do desenvolvimento sustentável, há uma despolitização dos atores envolvidos e uma tentativa de apagar as contradições e conflitos de interesses existentes. No entanto, reconhecemos que a dimensão política é necessária para impulsionar as mudanças. Outra dimensão crucial é a

cultural, pois a alteração nos valores e comportamentos dos indivíduos é fundamental para mudanças nos padrões de consumo e estilos de vida. Portanto, podemos afirmar que para alcançar o desenvolvimento sustentável, é necessário um processo de reforma intelectual e moral.

Contudo, as dimensões social e econômica também precisam figurar como elementos de importância, pois sem condições mínimas de qualidade de vida e acesso a serviços sociais básicos, como saúde, segurança e saneamento básico, não é possível falar em justiça social, especialmente quando há miséria e pobreza extrema, agravando os problemas ambientais e exigindo a redistribuição das riquezas.

Com base nessas dimensões selecionadas para esta pesquisa - política, cultural, social, econômica e comunicacional -, podemos pensar em possíveis respostas para a dimensão ambiental/ecológica da sustentabilidade. Como já discutido, a dimensão ambiental está associada a um modelo de produção e consumo compatível com a base material, buscando garantir a reparação e a capacidade de resiliência dos ecossistemas.

Ao observarmos as dimensões da sustentabilidade e como cada uma delas tem sido expressa pelos Institutos de Permacultura estudados nesta tese, notamos, em relação à dimensão social, que a maioria (4) demonstra preocupação em atender comunidades quilombolas, indígenas e escolas. Os assentados rurais também são alvo de preocupação para boa parte dos institutos (3). A dimensão econômica se manifesta por meio de cursos online (4), editais públicos ou privados (4), financiamento coletivo (2) e venda de produtos (2), contribuindo para a sustentabilidade de projetos e do próprio instituto.

Em relação à dimensão política, percebemos que as falas dos entrevistados ou as postagens nas redes sociais (4) dos institutos têm um viés político. Os editais públicos e privados (4) também aparecem como uma questão política; isto é, quando o Estado não consegue dar conta e não fornece recursos para o desenvolvimento de projetos socioambientais, é necessário que os institutos criem maneiras de atender a essas questões por meio de recursos próprios, parcerias ou editais privados.

A dimensão cultural aparece como uma expressão da cultura popular (4), estilo de vida (2) ou preservação cultural da região (3) em que esses institutos estão inseridos. Para um dos institutos (UniPermacultura), a cultura é uma dimensão que fomenta a mudança.

Ao falarmos da dimensão ambiental, estamos nos referindo a todo e qualquer projeto ou ação dos institutos que tenha o propósito de impactar positivamente as comunidades acerca do meio ambiente e ecologia. Isto é, educação ambiental (4), consultorias (5), bioconstrução

(5) e a própria permacultura como um arcabouço dessas iniciativas. Em alguns casos, até como um projeto maior para o desenvolvimento sustentável.

Quando a Escola Rama objetiva motivar a responsabilidade individual diante da natureza, precisamos problematizar a questão, pois colocar a questão da sustentabilidade como uma responsabilidade individual, mesmo que haja uma crítica a uma vida no campo onde predomina o agronegócio, não pode ser sustentável.

Já a UniPermacultura enfatiza como pressuposto do instituto a necessidade de abandonar o paradigma destrutivo do capitalismo e ingressar em um paradigma social da cultura da sustentabilidade. Quando afirma que devemos abandonar o paradigma destrutivo do capitalismo, dá a entender que o ideal seria a transformação. Entretanto, a narrativa permanece presa a questões de interesse comunitário e individual. Portanto, mesmo que mencionem os movimentos tradicionais de luta política e social, o Instituto UniPermacultura promove ações de caráter restrito, pois não participa das esferas de decisão políticas, as quais poderiam propor e agir para transformar o capitalismo.

Portanto, quando são explícitos sobre o assunto da transformação social, eles enfatizam a emancipação individual e comunitária. O que demonstra uma ação local e não algo planejado para toda a sociedade.

Em contraposição aos já citados, a Veracidade nos aponta uma outra visão de como promover a sustentabilidade, por meio da "transformação" da realidade urbana. Não sabemos como implementar a agroecologia e a economia solidária em um sistema capitalista e como isso incidiria na mudança das cidades. No entanto, é um indicativo de que, apesar de o sistema não permitir a transformação plena, eles buscam, na medida que conseguem, mudar o entorno. Além disso, quando Djalma comenta sobre a organização social e política, refere-se à necessidade de repensarmos o modelo atual de sociedade, em busca de uma prática mais sustentável, tanto para a natureza quanto para os seres humanos.

Por fim, todas as dimensões anteriores estão sendo comunicadas, ou seja, estão presentes na dimensão comunicacional, e com ela percebemos a presença desses institutos em diversos meios de comunicação na Internet, como as redes sociais online (Facebook (5), Instagram (5), Twitter (4), WhatsApp (5) e Telegram (4)), além do site (5), YouTube (5) e blog (3). Ao comunicarem nessas redes as questões mencionadas em cada dimensão, percebemos a intenção de promover, nem que seja incipientemente, uma mudança acerca da sustentabilidade ambiental e que acaba, em alguma medida, impactando o social.

Sendo assim, a partir das diferentes apropriações, interações e acessibilidades das TICs que afetam o uso social dos sujeitos, como dos institutos de permacultura, esta tese compreende

que a subversão da insustentabilidade do capitalismo em relação às questões ambientais é algo que os institutos propõem a partir da comunicação em rede online ou offline em nível local. No entanto, essa comunicação pode transcender a esfera comunitária e os fluxos de informação, tornando-se global à medida que é comunicada na internet. Nesse sentido, essas comunidades se utilizam dos espaços capitalistas (virtuais) para comunicarem suas práticas de mudança ambiental em contraponto ao próprio sistema. Com tudo isso, os usos e as incorporações dessa comunicação em rede levam em conta outras temporalidades, em consonância com um estilo de vida que propõe um ritmo desacelerado do tempo. Assim, esses atores sociais dos institutos de permacultura desenvolvem uma comunicação que leva em conta a participação local e a apropriação de outros espaços, como a internet, para a mudança socioambiental que pretendem.

Os usos da internet estão relacionados às formas de se manterem no sistema capitalista. Ou seja, utilizam-se das próprias lógicas capitalistas a fim de encontrarem interessados em aprender sobre os ensinamentos permaculturais, a experiência do viver no campo, a agricultura orgânica e agroecológica, entre outros. A mercantilização do conhecimento na internet está voltada para uma classe média que tem interesse e condições econômicas para obter esse conhecimento.

Conforme observado nas falas dos entrevistados, as redes sociais contribuem para a mudança ambiental e social na sociedade (Associação Veracidade e Ipoema), ao mesmo tempo em que não estão a serviço da mudança, pois são ferramentas da indústria da comunicação de massa (Associação Veracidade e UniPermacultura). Por outro lado, compreendem a importância desses meios para comunicarem a um grande público suas ações e o quanto deveriam investir em marketing para que pudessem atingir mais pessoas (Associação Veracidade e Ipoema). Por fim, comunicar na mídia, estar presente na internet, não é o suficiente para promover a transformação social. É preciso, dentre outras coisas, a comunicação presencial e o envolvimento do Estado com políticas públicas.

O que há de comum com a comunicação para a mudança social e ambiental - ambas padecem de pouca visibilidade na mídia de massa. Enquanto os institutos, em suas redes, democratizam a informação acerca das questões ambientais, direcionam determinadas práticas para atender a grupos marginalizados, como os indígenas. Assim, trazendo não só questões ambientais, mas também sociais para o debate. Portanto, a representação dessa sustentabilidade comunicada na internet, mesmo que não se resume apenas aos usos das mídias alternativas ou às redes sociais, visa desconstruir o discurso tradicional de que é preciso continuar explorando o meio ambiente ou que a atuação para a mudança ambiental é individual, quando na verdade é preciso incluir as minorias no debate socioambiental e trazer soluções significativas para a

sociedade e o meio ambiente. No entanto, a comunicação dos institutos precisa se utilizar das lógicas dos meios de comunicação para chegar a mais pessoas, para comunicar a sociedade e assim pensar em uma mudança ambiental mais ampla, mesmo que ainda não estejamos falando em transformação.

Em relação à questão do meio ambiente, os usos das redes vão depender de um novo significado para a natureza, e para que a natureza signifique para as pessoas mais do que algo para se explorar, uma nova cultura precisa ser construída. Os meios de comunicação necessitam ser usados para a formação de uma cultura comum, como diz Williams em "Resources of Hope" (1989).

A internet é um meio de produção de comunicação de práticas ambientais e de trabalho para os institutos de permacultura e, em alguma medida, leva a uma mudança nas esferas social e ambiental. A partir de suas ações com comunidades tradicionais, subalternas e periféricas, a internet acaba sendo um meio de divulgar essas iniciativas, assim como tem um potencial (mesmo que não sozinha) de promover uma comunicação para a mudança ambiental. Isto é, as redes, na internet, favorecem a ação social com vistas à mudança socioambiental. A comunicação não acontece apenas pela internet, mas ela pode colaborar para as práticas de comunicação direta entre os agentes. Isto é, as redes na internet, sozinhas, não conseguem desenvolver a mudança ambiental na sociedade: elas precisam estar associadas a uma rede mais ampla. Com práticas locais, políticas públicas e parcerias com outros atores sociais, é possível pensarmos em uma mudança ambiental.

Assim, poderíamos chamar de uma "sociedade de compartilhamento" (WILLIAMS, 1983). Para Fuchs (2017), iniciativas como a Uber, e Airbnb, o crowdsourcing e o crowdfunding são formas ideológicas de compartilhamento que não almejam compartilhar os meios de comunicação como meios de produção, mas pretendem compartilhar os benefícios que esses meios produzem entre todos os cidadãos envolvidos. Portanto, uma sociedade alternativa de compartilhamento deve ser de caráter não capitalista, pois este é insustentável de diversas maneiras.

Diante disso, os desafios são enormes, pois requerem mudanças profundas na sociedade. Isso implica compreender que as transformações ocorrem tanto em campos e esferas diferentes quanto em tempos diferentes (FELDMAN, 2003), tanto na forma de produzir quanto de consumir bens materiais. Tal lógica se aplica até mesmo ao consumo midiático, o qual também incide sobre nossas práticas de consumo material, seja de forma mais ou menos consciente.

Portanto, a mudança ambiental ampla precisa abranger todas as dimensões para transformar a sociedade de forma sustentável e pôr fim ao sistema atual, pois o capitalismo nos moldes atuais é insustentável. As dimensões precisam caminhar juntas e serem respeitadas para que a comunicação para a mudança tenha ênfase e possa imprimir valores na sociedade. É necessário ter sensibilidade em relação às questões sociais. Por isso, ao contrário das ecovilas, que compreendem a questão social relacionada às relações sociais entre os moradores e pouca interação com pessoas externas, que moram nas imediações, ou seja, a “incapacidade do movimento das ecovilas, tanto no plano teórico quanto prático, de construir uma nova ordem mundial” (FOTOPOULOS apud SILVA, 2013, p. 134), os institutos propõem mudanças no seu entorno ao tratar o aspecto social junto com as questões ambientais.

Em relação ao movimento permacultural, esse não pode ser considerado estritamente alinhado à perspectiva do Desenvolvimento Sustentável. Embora compartilhe alguns princípios e objetivos comuns, ambos abordam a sustentabilidade de maneiras distintas. Pois, o Desenvolvimento Sustentável é uma abordagem ampla que busca conciliar o desenvolvimento econômico, social e ambiental, visando atender às necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem suas próprias necessidades. No entanto, muitas vezes, o Desenvolvimento Sustentável é criticado por sua ênfase contínua no crescimento econômico e no uso de tecnologias "verdes", como soluções para os problemas ambientais.

Por outro lado, a permacultura é um sistema de design e estilo de vida que se baseia em princípios éticos e ecológicos. Ela busca criar sistemas sustentáveis e resilientes, modelados a partir de padrões observados na natureza. A permacultura, portanto, enfatiza a interconexão entre os seres humanos, a terra e todas as formas de vida, e procura promover a autossuficiência, a resiliência local, a conservação dos recursos naturais e a regeneração do ecossistema.

Embora ambos busquem a sustentabilidade, a permacultura vai além das abordagens Desenvolvimento Sustentável, sendo uma forma de resistência às estruturas sociais, econômicas e políticas dominantes. Ela incentiva mudanças profundas no estilo de vida dos sujeitos, relacionamentos e sistemas de governança, enfatizando a necessidade de uma transformação sistêmica para alcançar um futuro mais sustentável.

Portanto, embora haja sobreposição e complementaridade entre o movimento permacultural e a perspectiva do Desenvolvimento Sustentável, a permacultura representa uma abordagem holística para a criação de um mundo sustentável. Assim, o movimento permacultural pode ter algumas semelhanças e estar alinhado com certos aspectos da visão do autor Ignacy Sachs, mas não pode ser considerado totalmente alinhado a ela.

Sachs propôs uma abordagem chamada "ecodesenvolvimento", que enfatiza a necessidade de integrar as dimensões econômicas, sociais e ambientais, principalmente do desenvolvimento. O autor defende uma abordagem holística que considera a equidade social, a preservação do meio ambiente e a viabilidade econômica como aspectos interdependentes do desenvolvimento sustentável.

A permacultura também busca uma abordagem holística para a sustentabilidade, enfatizando a integração dos aspectos sociais, econômicos e ambientais. Ambos reconhecem a importância de uma perspectiva sistêmica e a necessidade de uma transformação em nossos sistemas econômicos e sociais. No entanto, a visão de Sachs se baseia em uma perspectiva mais ampla do desenvolvimento sustentável, enquanto a permacultura é um sistema de design e estilo de vida específico que se concentra na criação de sistemas sustentáveis e regenerativos. A permacultura se baseia em princípios éticos e ecológicos específicos, como observar e imitar os padrões da natureza, promover a autossuficiência e a resiliência local, e criar sistemas regenerativos e produtivos.

Embora haja algumas sobreposições conceituais e valores compartilhados entre a visão de Sachs e o movimento permacultural, eles são abordagens distintas com ênfases diferentes. A permacultura é um conjunto específico de práticas e princípios que vão além das ideias propostas por Sachs, e pode ser vista como uma abordagem prática para a implementação de certos princípios de desenvolvimento sustentável. No entanto, o movimento permacultural pode estar alinhado ao pós-desenvolvimento (LEFF), que é uma corrente crítica que questiona os pressupostos e paradigmas dominantes do desenvolvimento, propondo alternativas para além do crescimento econômico e da modernização ocidental.

Portanto, a permacultura compartilha muito dos princípios e valores fundamentais do pós-desenvolvimento, pois ambos criticam a ideia de progresso linear e ilimitado baseado no crescimento econômico, e reconhecem os limites do planeta Terra e a necessidade de uma abordagem mais holística e sustentável. Além disso, buscam transformações sociais, econômicas e culturais profundas para superar as desigualdades, as injustiças e os impactos ambientais negativos do desenvolvimento convencional.

Portanto, a permacultura compartilha muito dos princípios e valores fundamentais do pós-desenvolvimento, pois ambos criticam a ideia de progresso linear e ilimitado baseado no crescimento econômico e reconhecem os limites do planeta Terra, além da necessidade de uma abordagem mais holística e sustentável. Além disso, buscam transformações sociais, econômicas e culturais profundas para superar as desigualdades, as injustiças e os impactos ambientais negativos do desenvolvimento convencional.

Outro ponto é que a permacultura também adota uma perspectiva baseada na comunidade, valorizando a autonomia e a autossuficiência local, a diversidade ecológica e cultural, e o uso de conhecimentos tradicionais e práticas sustentáveis, com ênfase na regeneração do ecossistema, no uso responsável dos recursos naturais e na criação de sistemas resilientes e integrados.

Sendo assim, a permacultura é vista, no contexto do pós-desenvolvimento, como uma abordagem prática e concreta para a implementação de alternativas sustentáveis e locais, representando uma maneira de repensar e redesenhar nossas formas de viver, produzir e se relacionar com a natureza e com os outros seres humanos.

É importante destacar que tanto o pós-desenvolvimento quanto a permacultura são perspectivas complexas e diversificadas, com diferentes abordagens e interpretações. No entanto, em termos gerais, a permacultura compartilha uma visão crítica que se assemelha à do pós-desenvolvimento, por buscarem caminhos alternativos para um futuro mais sustentável e equitativo.

Dito isso, compreendemos que, embora o movimento permacultural se proponha a ser um pós-desenvolvimento, na prática os Institutos de Permacultura não conseguem ser totalmente pós-desenvolvimento. Isso ocorre muito em função do próprio sistema capitalista, que limita a possibilidade de superar o sistema e implementar integralmente o que o pós-desenvolvimento propõe. Portanto, no caso dos institutos, eles se encontram num entremeio entre a abordagem de Sachs e o pós-desenvolvimento de Leff. Diante desse contexto, acreditamos que os institutos estejam, na prática, mais alinhados à perspectiva de Sachs do que propriamente ao pós-desenvolvimento.

Isto é, os institutos pesquisados estão propondo, na prática, uma mudança a partir das dimensões de Sachs, algumas sendo mais desenvolvidas que outras, mas que, no fim, assim como Sachs, alguns deles - Veracidade e Ipoema - almejam uma transformação que só é possível mediante mudanças a partir das dimensões do desenvolvimento sustentável. Com isso, se tomarmos por base a definição de Marcos Ninguém do que a Permacultura compreende como, por exemplo, sistema político, estrutura social e movimentos políticos, entendemos melhor que teoricamente o movimento e, logo, os próprios institutos, querem transformação, no entanto, esbarram na própria estrutura do capitalismo que impede grandes avanços.

O sistema político é antagônico ao capitalismo por princípios da ética da permacultura, como o princípio da partilha justa (repartição de excedentes). Já na estrutura social, como ideal, não existem distinções de classe; todos são proprietários dos meios de produção, pois os meios de produção, bem como a propriedade, são da comunidade, ou seja, de todos. Porém, na prática,

as iniciativas são privadas, "é desafiador, mas um dia chegaremos nesse ideal". Como movimento político, é democrático e libertário.

Por fim, há uma crítica ao sistema capitalista. Entretanto, não conseguem realizar uma reforma no sistema capitalista, devido às questões já mencionadas anteriormente, mas querem, dentro das possibilidades que têm, mudar o sistema.

As ecovilas e os institutos de permacultura são exemplos de iniciativas que buscam promover transformações sociais em direção a um modo de vida mais sustentável e harmonioso com o meio ambiente. Embora tenham obtido sucesso em nível local, promovendo práticas sustentáveis, construindo comunidades coesas e reduzindo o impacto ambiental, esses resultados obtidos localmente são importantes para aspirar mudanças. No entanto, enfrentam desafios consideráveis para se tornarem um parâmetro para a sociedade global como um todo. Os principais obstáculos enfrentados são a escalabilidade - tornar essas iniciativas em escala global é complexo devido às diferenças culturais, econômicas e políticas em todo o mundo -; questões culturais - a sociedade global muitas vezes resiste a mudanças significativas em seu modo de vida, muitas possuem hábitos arraigados, interesses econômicos e políticos que podem impedir a adoção de práticas sustentáveis -; recursos limitados - muitas ecovilas e institutos de permacultura operam com recursos limitados, o que dificulta a expansão de suas atividades e a disseminação de suas ideias - e, por fim, a educação ambiental - a educação e a conscientização são importantes para a transformação, levando tempo e esforço para mudar objeções e promover a compreensão das questões ambientais e sociais.

Embora pareça difícil torná-los parâmetro para a sociedade global, eles podem servir como modelos inspiradores e educacionais, pois apresentam alternativas viáveis e sustentáveis que podem ser adotadas em menor ou maior escala. Além disso, desempenham um papel importante na mudança cultural, criando soluções sustentáveis a partir de demandas socioambientais. Portanto, os institutos de permacultura brasileiros almejam uma transformação, mas enfrentam obstáculos significativos para se tornarem parâmetro para a sociedade global. No entanto, eles continuam, a partir das mudanças que promovem, a desempenhar um papel importante como um modelo para um futuro mais sustentável e equitativo.

Em relação à Comunicação para o Desenvolvimento, essa pode ser uma abordagem utilizada para descrever comunidades sustentáveis - ecovilas, institutos, comunidades tradicionais - que estejam contribuindo para o desenvolvimento sustentável, sem necessariamente pretender intervir na realidade empírica pesquisada. Embora a Comunicação para o Desenvolvimento seja frequentemente associada a intervenções práticas e estratégias de

comunicação direcionadas a promover mudanças sociais, também é utilizada como uma abordagem de pesquisa e descrição de práticas e comunidades existentes.

Nesse contexto, a Comunicação para o Desenvolvimento pode envolver estudos que buscam entender e documentar as práticas de comunicação de comunidades ou grupos que estão contribuindo para o desenvolvimento sustentável. Esses estudos podem investigar como a comunicação é usada dentro dessas comunidades, como ocorrem os processos de troca de conhecimentos, como são estabelecidas relações de confiança e como essas práticas de comunicação impactam o desenvolvimento local.

Essa abordagem descritiva e analítica permite obter insights valiosos sobre os fatores que contribuem para o sucesso dessas comunidades e práticas de desenvolvimento sustentável. Essas informações podem então ser utilizadas para informar e inspirar ações futuras no campo da Comunicação para o Desenvolvimento, mas sem a necessidade imediata de intervenção ou mudança nessas comunidades específicas.

A respeito da nossa hipótese de trabalho, se há mudança no capitalismo, é importante considerar que os institutos promovem mudanças locais e não propõem transformações; logo, não estamos falando de desenvolvimento sustentável no sentido de propor perspectivas como a do "buen vivir". Pelo contrário, esses institutos concebem outro desenvolvimento dentro do capitalismo, porém contrário ao desenvolvimento sustentável capitalista, voltado ao crescimento econômico e uma falsa ideia de sustentabilidade, pois ainda há exploração do meio ambiente.

Portanto, com base em Thomas Tufte (2013; 2015; 2017; 2019), percebemos que os institutos de permacultura têm como perspectiva um modelo de baixo para cima em suas práticas de comunicação para o desenvolvimento e mudança socioambiental, mesmo que essa comunicação seja muito incipiente a nível das comunidades tradicionais ou intencionais, bem como a nível individual, local ou global. Pois, ainda carecem de apoio estatal para o planejamento, execução e circulação de seus projetos.

Diante disso, compreendemos que os institutos de permacultura estão comprometidos com um desenvolvimento e mudança ambiental sustentável que busca, em alguma medida, mudanças sociais. Além disso, a hipótese teórica é que para que a sustentabilidade ambiental seja efetivada, as dimensões da sustentabilidade precisam ser minimamente atendidas. Outro ponto é que as alianças estabelecidas com agentes internos e externos contribuem para alcançar, a longo prazo, mudanças estruturais a nível regional. Além do mais, a hipótese empírica é que as formas de comunicação dos institutos na internet possibilitam um diálogo mais amplo, com a sociedade, sobre suas práticas socioambientais.

Conclui-se que as ações em prol da sustentabilidade precisam ser implementadas mesmo que de forma limitada, não sendo possível esperar por uma transformação do sistema, tendo em vista a urgência ambiental em que nos encontramos; ou seja, não é possível esperarmos o estabelecimento de uma sociedade alternativa ou ecossocialista. Acreditamos que são necessárias mudanças de “baixo para cima”, a partir da construção de alianças com comunidades alternativas e tradicionais e parcerias com lideranças públicas para a criação de políticas públicas. Tudo isso associado a uma comunicação efetiva com a sociedade. Ou seja, essas mudanças são um primeiro passo para se tornarem mudanças estruturais. Uma vez que, a mudança estrutural envolve mudar o sistema econômico e mexer radicalmente na desigualdade.

A insustentabilidade do capitalismo tem levado os sujeitos a encontrarem alternativas para frear o impacto da ação humana, como a emissão de gases poluentes, a utilização de combustíveis fósseis, o descarte de lixo tóxico em rios e de dejetos em nossos mares e diversas outras degradações ambientais que o ecossistema vem sofrendo nos últimos tempos. As alternativas estão nas brechas do sistema, como a criação de comunidades intencionais/ecovilas e dos institutos de permacultura, os quais criam uma rede global entre si e mantêm contato com as comunidades tradicionais no fortalecimento de ações ambientalmente sustentáveis. Os institutos desenvolvem projetos ambientais que contribuem para a recuperação de ambientes degradados por meio do agroflorestamento, assim como realizam ações locais de sustentação ecológica, como compostagem de resíduos orgânicos, agricultura orgânica, permacultura, reutilização e melhor aproveitamento da água e bioconstrução.

Diante disso, compreendemos que é preciso pensarmos em alternativas possíveis para a nossa sociedade. Como diz Ferreira Neto (2018), uma alternativa para a sociedade e não uma sociedade alternativa, ou seja, uma sociedade alternativa seria outra sociedade; assim, o autor considera uma melhoria para o próprio capitalismo, não chegando a questionar se melhorar o capitalismo é realmente possível ou qual a extensão dessas mudanças. Precisamos incorporar, na sociedade vigente, as práticas e os pensamentos ecológicos das comunidades intencionais - ecovilas - e dos institutos permaculturais para que tenhamos a oportunidade de ter uma sociedade mais consciente e sustentável em suas práticas de consumo de alimentos, de água, de energia, etc. Isso viabiliza gozarmos de qualidade de vida, além de deixarmos um legado de bem viver para as futuras gerações. Para isso, precisamos saber de que formas os institutos estão comunicando, para a sociedade, suas práticas de mudança social no âmbito ambiental.

No entanto, para que haja uma real sustentabilidade ambiental, é necessário que as dimensões sejam minimamente atendidas. Além disso, compreendemos que as questões sociais

abarcam diversas esferas, dentre elas o meio ambiente, mas sabemos que não se restringe às relações de harmonia entre meio ambiente e grupos sociais. Portanto, o recorte se dá em razão de que o principal objetivo dos institutos estudados é, por meio de projetos e ações ou de cursos online ou presenciais, levar às comunidades intencionais, comunidades tradicionais, escolas e novos rurais mudanças em suas práticas ambientais.

Sabemos que experiências próximas às das comunidades intencionais e ecovilas já foram vivenciadas em épocas de contracultura. Nos anos 1960, em especial, houve a experiência do movimento hippie que, em seu formato mais característico, objetivava construir uma outra sociedade à margem e apartada da sociedade “principal e estabelecida”, abandonando a anterior e construindo uma “sociedade alternativa” (Ferreira Neto, 2018). No entanto, as comunidades intencionais não se filiam às comunidades da década de 1960, mesmo que possam atualizar elementos da contracultura. Porém, assim como Ferreira Neto (2018), nós compreendemos que as comunidades intencionais e os institutos permaculturais têm nos mostrado um outro caminho possível para a sociedade que conhecemos, ou seja, uma “alternativa para a sociedade” em alguma medida. Dessa forma, observamos que, principalmente, a partir dos institutos permaculturais, é possível estabelecer ações coletivas de comunicação para a mudança social no que tange às questões ambientais, para que, assim, possamos falar em alternativas para a sociedade.

Muitas vezes, nos perguntamos se há alternativas dentro do sistema capitalista e se esse sistema pode ser, em alguma medida, ambientalmente sustentável, superando a ideia de desenvolvimento sustentável tradicional que diverge de uma perspectiva ecológica e de preocupação com os recursos ambientais não renováveis em nosso planeta. Chegamos à conclusão, com base em Siqueira (2012) e Ferreira Neto (2018), que é preciso, a partir das brechas e das possibilidades apresentadas dentro desse sistema capitalista, promover mudanças ambientais. Do contrário, teríamos que pensar em como transformar a sociedade vigente, e esse não é o propósito com o qual os institutos vêm trabalhando, mas sim com o de criar alternativas dentro da sociedade capitalista. Ou seja, os institutos não propõem uma transformação, mas uma mudança socioambiental. Assim como afirma Fraser (2015), existem zonas no capitalismo que permitem lógicas não voltadas exclusivamente para o lucro, viabilizando essas alternativas: são as denominadas zonas “não-comodificadas”. No entanto, elas são limitadas, uma vez que o capitalismo é uma ordem social institucionalizada que engloba, em sua lógica, uma série de fatores estruturais, como a dinâmica de exploração do trabalho e da natureza.

Sabemos que o capitalismo é insustentável nos seus modos de produção e consumo; portanto, para alguns autores, é preciso uma transformação do sistema. Ou seja, não basta uma

mudança dentro das possibilidades de ser sustentável no capitalismo, é preciso construir um novo sistema. Como exemplo, temos Michel Löwy (2014), que sugere o ecossocialismo, e Fraser (2015) e Castells (2006), que acreditam que a maioria dos nossos problemas ambientais persistentes “requer uma transformação nos meios de produção e consumo, bem como de nossa organização social e de nossas vidas pessoais” (CASTELLS, 2006, p. 142).

O que temos visto em muitos dos institutos de permacultura no Brasil são ações coletivas com certa crítica aos paradigmas capitalistas de desenvolvimento, com o objetivo de promover ações alternativas significativas como práticas de desenvolvimento sustentável e socioambientais. Assim, percebemos que os institutos de permacultura também procuram uma abordagem dialógica de baixo para cima, o que não está livre de contradições e vulnerabilidade, pois os cidadãos globais contêm fragilidades organizacionais e nem sempre conseguem sustentar suas demandas, gerando falhas ou respostas políticas desfavoráveis aos seus propósitos. No entanto, o pressuposto básico é de que não existem países ou comunidades que funcionem de maneira totalmente autônoma ou autossuficiente, nem nações cujo desenvolvimento seja determinado exclusivamente por fatores externos. Portanto, todas as sociedades dependem umas das outras (SERVAES; MALIKHAO, 2016), de modo que há interdependência nas relações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As categorias analíticas aqui propostas mostram a urgência de uma comunicação em rede com a sociedade em prol de mudanças ambientais. Não podemos, diante da crise ambiental em que nos encontramos, compactuar com discursos capitalistas de um desenvolvimento sustentável que não leve em conta as dimensões propostas nesta tese. A proposição de alternativas sustentáveis dentro do capitalismo é o que os Institutos de Permacultura têm pretendido, a fim de um desenvolvimento sustentável alternativo e participativo. Entendemos que eles não estão propondo a transformação do sistema social, político e econômico, como o Buen Vivir ou o ecossocialismo, mas sim das possibilidades de mudar nossas práticas ambientais, levando em consideração as questões sociais, econômicas, culturais, políticas e comunicacionais da sociedade em prol de mudanças significativas no meio ambiente. Portanto, para que haja mudança, é preciso que as dimensões aqui tratadas sejam comunicadas para a sociedade.

Já não é novidade que o termo “sustentabilidade” não tem uma definição única, ainda mais se associado ao “desenvolvimento”, sendo suas associações popularmente difundidas em discursos políticos, sociais e econômicos. Em alguns casos, os termos são atrelados a grupos ambientais por meio de um discurso de conscientização em torno do esgotamento dos recursos naturais. Assim, propomos pensar uma comunicação que leve ao desenvolvimento e mudança sustentável por meio das ações de sustentabilidade ambiental comunicadas em rede pelos institutos de permacultura. Portanto, superando os antagonismos dos termos ou suas associações ao crescimento econômico e às estratégias de marketing verde.

Justificamos que a permacultura questiona o modo como vivemos enquanto sociedade e se preocupa com as diversas formas de consumo. Isto é, sua maior preocupação é com o impacto da ocupação humana no meio ambiente, de modo que implementa escolhas sustentáveis na produção e descarte do lixo, água e recursos naturais, arquitetura e convívio coletivo. As bases permaculturais, a partir do seu olhar holístico sobre a realidade, têm sido expressamente vivenciadas dentro de territórios específicos, como as comunidades intencionais - ecovilas - e os institutos permaculturais, que são os que, muitas vezes, levam adiante os preceitos desta corrente.

O desenvolvimento sustentável aqui proposto pelos institutos depende, de certa forma também, da noção de localidade. Diante disso, precisamos esclarecer que pensar no local é algo que antecede à crescente conscientização sobre os perigos do modelo vigente de

desenvolvimento que temos no atual sistema e contribui para, muitas vezes, formular, reintroduzir e requalificar as questões ambientais externamente.

Corroborando com Roysen acerca das limitações para a transformação a partir das práticas das ecovilas e ampliando a discussão para os institutos de permacultura, verifica-se que as barreiras estão nas questões sociais, econômicas, tecnológicas e cognitivas criadas pelos regimes dominantes, entendidos como os atuais sistemas de alimentação, transporte (Roysen, 2018, p. 119).

Os institutos acreditam que o trabalho que realizam para a mudança socioambiental é de longo prazo, pois requer, também, uma mudança na nossa relação com o meio ambiente, em que os sujeitos envolvidos compreendam que suas práticas de cuidado e manejo da natureza precisam ser sustentáveis ecologicamente. Isso implica não apenas em pequenas atitudes ecologicamente corretas, como trocar as lâmpadas e diminuir o tempo de banho, mas em reestruturar o modo de vida: o consumir, o produzir, o alimentar-se e educar-se de forma que no futuro sejamos ambientalmente sustentáveis (SIQUEIRA, 2012; FERREIRA NETO, 2018).

Portanto, a dimensão ambiental é a mais desenvolvida pelos institutos e também a qual demos mais ênfase nesta pesquisa, mas não desconsideramos a importância e a intersecção que as outras dimensões exercem sobre ela. Compreendemos que algumas dimensões não estão tão presentes nas ações que os institutos desenvolvem. Do contrário, se os institutos dessem conta de desenvolver todas as dimensões tal e qual propõe Sachs, estariam propondo uma transformação do sistema capitalista. Portanto, o que os institutos estão propondo atualmente é melhorar o capitalismo a partir dos recursos que possuem, um desenvolvimento sustentável a partir da sustentabilidade ambiental.

É importante ressaltar que esta tese se propôs a incluir a dimensão comunicacional, por entender a importância da comunicação praticada por esses atores sociais sobre as representações da sustentabilidade comunicadas por eles. Além disso, a transversalidade desta dimensão nesta pesquisa nos mostra, mais uma vez, que a comunicação é essencial na vida dos sujeitos, uma vez que é por meio dela que os institutos conseguem, na internet, comunicar para um grande público as suas ações socioambientais. Sendo ela um meio de divulgar as iniciativas dos institutos, assim como tem potencial para promover uma comunicação para a mudança ambiental. No entanto, precisamos salientar que a comunicação não acontece apenas pela internet, pois, caso seja limitada a esse meio, não consegue desenvolver a mudança ambiental na sociedade. Para tal, é preciso associar a uma rede mais ampla, como incluir a comunicação interpessoal.

Em relação à dimensão comunicacional, compreendemos que mesmo que haja questões referentes ao consumo e ao impacto ambiental dos meios de comunicação, como, por exemplo, o consumo de internet, bem como o aumento do lixo eletrônico, não são a proposta que desenvolvemos nesta tese. Trabalhamos com as narrativas - representações - sobre a sustentabilidade ambiental comunicadas na internet. Portanto, acreditamos que para trabalhos futuros possam ser explorados essa perspectiva do consumo da tecnologia compreendida na dimensão comunicacional.

Outra questão a esclarecer é que, nesta tese, não desenvolvemos algumas dimensões, a exemplo da dimensão espacial ou geográfica, que se preocupa com a distribuição territorial da população e das atividades econômicas. Mesmo que os espaços rurais ocupados pelos institutos pesquisados se mostrem lugares estratégicos, é uma dimensão parcialmente desenvolvida, conforme já argumentamos anteriormente, por percebermos que não conseguem dar conta de uma distribuição rural-urbana mais equilibrada, atendendo inter-regionalmente as questões ambientais. O mesmo ocorre com a dimensão espiritual. Não estamos afirmando que ela não exista nos institutos, mas que, sob a ótica da sustentabilidade ambiental proposta neste trabalho, é pouco explorada por eles. Por fim, reconhecemos que há essa lacuna e dificuldade em tratar sobre todas as dimensões com a mesma profundidade que as demais; por isso, mostram-se como dimensões a serem possivelmente trabalhadas em outras pesquisas.

A abordagem da comunicação para a mudança social apresenta-se também nos institutos como uma comunicação que promove uma reflexão coletiva, na medida em que atinge mais de 500 mil pessoas em suas redes sociais - a partir de uma média de todos os institutos que fazem parte desta pesquisa. Além disso, em alguma medida, ao fazerem críticas ao governo, também colaboram com a reflexão acerca das dimensões políticas da sustentabilidade.

Além do mais, esses sujeitos, dos institutos, utilizam a internet como ferramenta para comunicarem suas ações socioambientais, considerados como “prosumidores”, mesmo que esses comunicantes não façam uma crítica contundente à sociedade de consumo. Ao mesmo tempo, eles próprios, no caso dos institutos, são um exemplo de ação coletiva para a mudança ambiental.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD Henri. **Discursos da Sustentabilidade Urbana**. R. B. Estudos Urbanos Regionais n° 1/maio de 1999.
- AGUIAR, Ronaldo Conde. Crise social e o meio ambiente: elementos de uma mesma problemática. IN: BURSZTYN, Marcel. **Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável**. Editora Brasiliense: São Paulo - SP, 1993).
- ALIER, Juan Martínez. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração**. São Paulo: Contexto, 2011.
- ARRUDA, Beatriz Martins. **O fenômeno de Ecovilas no Brasil contemporâneo**. 2018. 205 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2018.
- BARRANQUERO, Alejandro. **De la comunicación para el desarrollo a la justicia ecosocial y el buen vivir**. Cuadernos de Información y Comunicación. Universidad Complutense de Madrid, v. 17, 2012.
- BARROS, Carla; CAMPANELLA, Bruno. **Etnografia & consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.
- BELLEN, Hans Michael Van. **Indicadores de Sustentabilidade: uma análise comparativa**. 2002. 235 f. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção) – Curso de Pós-Graduação em Engenharia da Produção, Universidade Federal de Santa Maria, Florianópolis, 2002.
- BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é – o que não é**. 5 ed. Revista e ampliada – Petrópolis, RJ, Vozes, 2016.
- BOFF, Leonardo. A ética e a formação de valores na sociedade. IN: **Conferência Nacional, A mesa-redonda Reflexões**, São Paulo: Instituto ETHOS, 2003. Disponível em: <https://www.ft.unicamp.br/~sandro/ST999/%C9tica%20e%20forma%E7%E3%20de%20valores%20na%20sociedade.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2021.
- Brasil de Fato. **Condições de vida digna no campo para todo povo**. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2020/07/08/artigo-condicoes-de-vida-digna-no-campo-para-todo-povo>. Acessado em 18/04/2023
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Ignacy Sachs e a nave espacial Terra**. Revista de Economia Política, vol 33, n° 2 (131), pp 360-366, abril-junho/2013.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1995.
- CANCLINI, Néstor García. Los estudios sobre comunicación y consumo: el trabajo interdisciplinario en tiempos neoconservadores. **Dialogos de la comunicación**, n° 32, 1992.
- CANCLINI, Néstor García. El consumo cultural: una propuesta teorica. IN: SUNKEL, Guillermo. **El consumo cultural en América Latina Construcción teórica y líneas de investigación**. Bogotá, Colombia: CAB, 1999.
- CARDOSO, Gustavo. Da Comunicação em Massa à Comunicação em Rede: Modelos Comunicacionais e a Sociedade de Informação. **InCom-UAB**, 2014.
- CASTELLS, Manuel. Inovação, Liberdade e Poder na Era da Informação. IN: MORAES, Dênis de. **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

CASTELLS, Manuel (1999). **O Poder da Identidade** (vol. III). 5 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018

CASAQUI, Vander. A construção do papel do empreendedor social: mundos possíveis, discurso e o espírito do capitalismo. IN: CASAQUI, V. **A construção do papel do empreendedor social: mundos possíveis, discurso e o espírito do capitalismo**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 29, p. 44-56, jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542015120109>.

CAVALCANTI, Clóvis. Sustentabilidade: mantra ou escolha moral? Uma abordagem ecológico-econômica. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 74, 2012.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. **Redes sociais e os estudos de recepção na internet**. Rio de Janeiro: Matrizes, 2010.

CORRÊA, Luiza Betat. **Consumindo Lady Gaga: os Little Monsters e a construção da identidade de gênero**. 2019. 223 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

CRIQUI, Patríc. **Conciliar Capitalismo e Ecologia? Vamos ouvir Igmacy Sachs**. Revista ECO 21, dezembro, 2019. Disponível em: <https://envolverde.com.br/conciliar-capitalismo-e-ecologia-vamos-ouvir-ignacy-sachs/>. Acesso em 26/10/2023.

DIAS, Maria Accioly; LOUREIRO, Carlos Frederico B.; CHEVITARESE, Leandro; SOUZA, Cecília de Mello e. **Os sentidos e a relevância das ecovilas na construção de alternativas societárias sustentáveis**. Ambiente & Sociedade n São Paulo v. XX, n. 3 n p. 81-98 n jul.-set. 2017.

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ESCOBAR, Arturo. Crítica ao Desenvolvimento. IN: **Decrescimento: vocabulário para um novo mundo**. /organizador por Giacomo D'Alisa; Federico Demaria; Giorgos Kallis --Porto Alegre : Tomo Editorial, 2016.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. et al. (coordenação). **As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais: (re) configurações de uma ruralidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2019.

FARESIN, Roseli; HAAG, Áureo Leandro. **O Turismo Rural como Instrumento para o Desenvolvimento Sustentável no Município de Quilombo, SC**. 2017. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/Roseli-Faresin-Artigo.pdf>. Acessado em 20/04/2023

FELDMAMN, Fábio. Meio Ambiente e Consumismo. IN: TRIGUEIRO, André. **Meio Ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003

FERREIRA NETO, Djalma Nery. **Uma alternativa para a sociedade: caminhos e perspectivas da permacultura no Brasil** / Djalma Nery Ferreira Neto. -- São Carlos: [s.n.], 2018.

FUCHS, Christian. **Raymond Williams' communicative materialism**. *European Journal of Cultural Studies* 20 (6): 744-762. 2017. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1367549417732998>

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para a Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

- FRASER, Nancy. Por trás do laboratório secreto de Marx: por uma concepção expandida do Capitalismo. **Revista Direito e Práxis**. Rio de Janeiro, Vol. 06, N. 10, 2015, p. 704---728.
- FRAZER, Nancy; JAEGGI, Rahel. **Capitalismo em Debate**: uma conversa na teoria crítica. Boitempo, 2020.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. PUCRIO: Rio de Janeiro, 2016.
- HECHT, Susanna B. La Evolución del Pensamiento Agroecológico. **IN ALTIERI, Miguel. Agroecología: bases científicas para una agricultura sustentable**. Guaíba-RS: Agropecuária, 1999.
- HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis; CUBILLO-GUEVARA Ana Patricia. **Deconstrucción y genealogía del “buen vivir” latino-americano**: El (trino) “buen vivir” y sus diversosmanantiales intelectuales. OpenEdition Journals, 2017.
- HINE, Christine. **Etnography for the Internet**: embedded, embodied and everyday. Bloomsbury Publishing: London/New York, 2017.
- IAQUINTO, Beatriz Oliveira. A sustentabilidade e suas dimensões. **Revista da Esmesc**, v.25, n.31, p. 157-178, 2018.
- JACINTHO, Cláudio Rocha dos Santos. **A Agroecologia, a Permacultura e o Paradigma Ecológico na Extensão Rural**: Uma Experiência no Assentamento Colônia. 2007. 178 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental**: A reapropriação Social da natureza. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LEFF, Enrique. **Ecologia, Capital e Cultura**. Edifurb: Blumenau, Brasil, 2000.
- LEIS, Héctor Ricardo. **A modernidade insustentável: críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea**. CLAES - Centro Latino Americano de Ecología Social Magallanes: Montevideo, 2004.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A teoria barberiana da comunicação. São Paulo: **MATRIZES**. v. 12, n. 1 jan./abr. 2018.
- LÖWY, Michael. **O que é o ecossocialismo?** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- LOZANO, Mirian Cristina. **Assentamentos e Ecovilas**: no caminho da agroecologia. 2008, 91 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, 2009.
- MACHADO, Carlos Borges; SANTOS, Solidia Elizabeth dos; SOUZA, Tânia Cristina de. A Sustentabilidade ambiental em questão. In: SILVA, Christian Luiz da (org.). **Desenvolvimento Sustentável**: um modelo analítico integrado e adaptativo. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofícios de Cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2009.

- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. IN: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RS: Vozes, 1995.
- MORLEY, David. **Medios, modernidad y tecnologia: hacia una teoría interdisciplinaria de la cultura**. Gedisa Editorial, Barcelona, 2008.
- MATEUS, Samuel. **A etnografia da comunicação**. Revista Anthropológicas: nº 13, xx-yy, 2015
- MÁXIMO, Maria Elisa; RIFIOTIS, Teophilos; SEGATA, Jean; CRUZ, Fernanda Guimarães. A etnografia como método: vigilância semântica e metodológica nas pesquisas no ciberespaço. In: MALDONADO, Alberto Efendy; MÁXIMO, Maria Elisa; LACERDA, Juciano de Sousa; BIANCHI, Graziela (orgs.). **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul, Natal: Editora Unidave e editora UFRM, 2012.
- NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 74, 2012.
- NETO, Otávio Cruz. O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In: MINAYO, Marília Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- OROZCO, Guillermo; FRANCO, Darwin. Las audiencias convergentes y su investigación: análisis de recepción transmedial de la serie **El Equipo**. **C&S**, São Bernardo do Campo, v. 34, n. 2, p. 7-37, jan./jun. 2013.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. La Investigación de las Audiencias “Viejas y Nuevas”. In: **ALAIC - Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. Año VII número 13 jul./dez, 2010.
- OROZCO, Guillermo. La condición comunicacional contemporánea. Desafíos latinoamericanos de la investigación de las interacciones en la sociedad red. In: JACKS, Nilda (org.). **Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro**. Editorial “Quipus”, CIESPAL, Quito-Ecuador, 2011.
- PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000200015. Acesso em: 04/11/2020.
- PERUZZO, Cíclia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa ação. IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). **Métodos e Técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2 ed. – 3. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.
- PERUZZO, Cíclia M. Krohling; VALPATO, Marcelo de Oliveira. COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO: aspectos teóricos desde a modernização ao “buen vivir”. XXVII Encontro Anual da Compós: Belo Horizonte, 2018.
- PERUZZO, Cíclia M. Krohling. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor**. ECO-Pós, v.12, n.2, maio-agosto 2009, p.46-61.
- QUIROZ, Juliana; VÉLEZ, Santiago. Tecnología y sociedad: una aproximación a los estudios sociales de la tecnología. **Revista CTS**, Buenos Aires, v. 9, n. 26, p. 129-144, maio 2014.
- RODRIGUES, Rafaela. **Bambu: o “açó verde” que pode revolucionar o campo**. IN: site Novo rural: a comunicação a serviço do agro. Disponível em: <https://novorural.com/noticia/3123/bambu-o-ldquoaco-verderdquo-que-pode-revolucionar-o-campo>. Acessado em 07/08/2021.
- SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. In: STROH, Paula Yone (Org). Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SACHS, Ignacy. Em busca de novas estratégias de desenvolvimento. **Estudos Avançados** 9 (25), 1995

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SERVAES, Jan. Comunicación para el desarrollo: tres paradigmas, dos modelos. IN: **Temas y Problemas de Comunicación**, Rio Cuarto, Facultad de Ciencias Humanas/UNRC, a. 8, v.10, p. 7-27, 2000.

SERVAES, Jan; MALIKHAO, Patchanee. **The role and place of Communication for Sustainable Social Change** (CSSC). UNESCO, 2016.

SCHERER, Fernanda. **Consumo Midiático em Comunidade Online**: um estudo sobre o *Mundo T-Girl*. Dissertação de Mestrado: POSCOM UFSM, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6374/SCHERER,%20FERNANDA.pdf?sequence=1>. Acessada em 18-08-2022.

SIQUEIRA, Gabriel de Mello Vianna. **Tensão entre as racionalidades substantivas e instrumental na gestão de ecovilas**. 2012. 237 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SILVA, Lourdes Ana Pereira; BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana. Narrativas como Estratégia(s) de Comunicabilidade. IN: Nilda Jacks, Daniela Schmitz, Laura Wottrich (org.). **Un Nuevo Mapa para Investigar la Mutación Cultural**: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. CIESPAL:Quito, Ecuador. 2019.

SLATER, Dom. **Cultura do consumo & modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002

SPINELLI, Anália Meira. **Projeto de vida agroecológica: uma opção da classe média**. Dissertação (mestrado): Escola de Ciências Sociais da Fundação Getuli Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2020.

RONSINI, Veneza Mayora. A etnografia crítica da recepção: miniaturistas em campo. **Comunicação & Sociedade**, v. 24, n. 39, p. 33-50, 2003.

ROYSEM, Rebeca; MERTENS, Frédéric. O nicho das ecovilas no Brasil: Comunidades isoladas ou em diálogo com a sociedade? **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science** • v.6, n.3, set.-dez. 2017 • p. 99-121.

THOMAS, Pradip Ninan. Development Communication and Social Change in Historical Context. IN: **The Handbook of Development Communication and Social Change**. Wiley Blackwell: UK, 2014.

TRAVANCAS, I. (2006). Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, J.BARROS, A. (orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas. p.99-109.

TUFTE, Thomas. **O renascimento da Comunicação para a transformação social** – Redefinindo a disciplina e a prática depois da ‘Primavera Árabe’. **Intercom – RBCC**: São Paulo, v.36, n.2, p. 61-90, jul./dez. 2013.

TUFTE, Thomas. **Comunicación para el cambio social**: la participación y el empoderamiento como base para el desarrollo mundial. Barcelona: Icaria Antrazyt, 2015.

TUFTE, Thomas. **Communication and Social Change: A Citizen Perspective**. USA: UK Copyright, 2017.

TUFTE, Thomas. Comunicação para a mudança social. In: BRITES, Maria José; AMARAL, Inês e TORRES DA SILVA, Marisa. **Literacias cívicas e críticas: refletir e praticar**. Braga: CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade – Universidade do Minho, 2019.

VEIGA, José Eli da. **Sustentabilidade: a legitimação de um novo valor**. Editora Senac: São Paulo, 2010.

TAVARES, Rodrigo. **Ignacy Sachs: Ignacy Sachs (1927-2023) e o Brasil inacabado (2023)**. Jornal Folha de São Paulo (online), 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/08/ignacy-sachs-1927-2023-e-o-brasil-inacabado.shtml>. Acesso em 26/10/2023.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: editora Unesp, 2011.

YÚDICE, G. A conveniência da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

Zero Hora. **Pirâmide, guerreiros e mandalas mudam a paisagem e o ensino em Santo Ângelo**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2020/09/piramide-guerreiros-e-mandalas-mudam-a-paisagem-e-o-ensino-em-santo-angelo-ckfh58vfo000u014kzz7in3ok.html>. Acessado em 15/05/2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO ESTADO DA ARTE:

Teses e dissertações:

ANDRADE, José André de. Por uma sustentabilidade no século XXI: protagonismo social em comunidades rurais alternativas no cariri cearense. **Dissertação** de mestrado: Juazeiro do Norte, 2016

ARRUDA, Beatriz Martins. O fenômeno de Ecovilas no Brasil contemporâneo. **Dissertação** de mestrado: Campinas, 2018.

BIANCHI, Camila Santos Tolosa. Programa Nacional Escolas Sustentáveis: o fluxo de uma ideia no campo das políticas públicas de educação ambiental. **Dissertação** de mestrado: Brasília, 2016

BISSOLOTI, Paula Miyuki Aoki. Ecovilas: um método de avaliação de desempenho da sustentabilidade. **Dissertação** de Mestrado: Florianópolis, 2004.

BÔLLA, Kelly Daiane Savariz. Perspectivas da visão transdisciplinar holística e suas contribuições para a construção de uma sociedade ecológica: o caso da Ecovila Terra Una, Liberdade – MG. **Dissertação** de Mestrado: Criciúma, 2012.

BRITTO, Ana Luiza Rodrigues de. Ecovila como alternativa no mundo contemporâneo. **Dissertação** de Mestrado: Rio de Janeiro, 2018.

CABRERA, Magali López. Pequenas ações podem mudar o mundo: Transformações e Ecovilas. **Tese** de doutorado: Florianópolis, 2017.

CAMILLIS, Patrícia Kinast de. Organizando com barro: a bioconstrução como prática de cooperação. **Tese** de doutorado: Porto Alegre, 2016

CAMPOS, Priscilla Teixeira. O teatro do oprimido e a flor da permacultura na educação ambiental do movimento coletivo da juventude, Sergipe. **Dissertação** de mestrado: São Cristóvão, 2014

CIPOLETA, Nathalia Sprovieri. Potencial de resíduos orgânicos na atenuação de contaminação por cobre de solo e água. **Dissertação** de mestrado: Araras, 2015

CONTEÇOTE, Marcelo Luis. Comunicar para mudar: estudo das metodologias de desenvolvimento de comunidade e da comunicação para o desenvolvimento e para a mudança social. **Dissertação**: São Bernardo do Campo – São Paulo, 2008.

COUTINHO, Mônica Menezes. Estudo do Modelo de Gestão e da Estrutura Organizacional: um Olhar sobre Organizações Não Governamentais. **Dissertação** de mestrado: Salvador, 2006

DANTAS, Bianca Rufino Nascimento. A permacultura como instrumento de sustentabilidade na comunidade rural chã de jardim, areia – PB. **Dissertação** de mestrado: João Pessoa, 2017

DIÓRIO, Ana Carolina Dias. Relação entre sustentabilidade e espaço construído em ecovilas e comunidades sustentáveis no sul de minas gerais. **Dissertação** de Mestrado: Viçosa, 2017.

ESTEVES, Adriana Morbeck. Permacultura e Educação Ambiental: uma experiência em uma Escola Rural do Distrito Federal. **Dissertação** de mestrado: Planaltina, 2017

FABRI, Adriano. ECOVILAS: uma análise comparativa a partir das dimensões da sustentabilidade. **Dissertação** de Mestrado: Curitiba, 2015.

FERRARI, Maira Miller. Na semente já existe um baobá: capoeira, educação e transformação socioambiental. **Tese** de doutorado: São Carlos, 2018

FERRAZ, Maria Luíza Camargo Pinto. Educação ambiental contínua: a vida como foco da aprendizagem: O Caso da Escola Maria Elisbânia dos Santos, Assentamento Sabiaguaba Amontada Ce. **Dissertação** de mestrado: Fortaleza, 2004

FERREIRA NETO, Djalma Nery. Caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil. **Dissertação** de mestrado: Piracicaba, 2017.

FIGUEIREDO, Georgia Pitombeira. Tecnologias sociais para a convivência no semiárido: caso do assentamento juazeiro, independência – Ceará. **Dissertação** de mestrado: Fortaleza, 2014

FOSSALUZA, André Santachiara. Ensino e formação em permacultura no Brasil: uma análise crítica a partir dos Cursos de Design em Permacultura (PDCs) e da Educação Ambiental. **Tese** de doutorado: Bauru/SP, 2019

FRANK, Eliane Mandelli. A produção agroecológica na Região Sul de Santa Catarina: dificuldades, alternativas e experiências vivenciadas pelos agricultores. **Dissertação** de mestrado: Criciúma, 2007

GAIA, Marília Carla de Mello. O ensino de permacultura na educação do campo: circulação de sentidos entre saberes da ciência e da experiência. **Tese** de doutorado: Belo Horizonte, 2015

JACINTHO, Cláudio Rocha dos Santos. A Agroecologia, a Permacultura e o Paradigma Ecológico na Extensão Rural: Uma Experiência no Assentamento Colônia. **Dissertação** de mestrado: Padre Bernardo – Goiás, 2007.

JACINTHO, Thiago Rocha dos Santos. Educação para sustentabilidade: turismo ecopedagógico no Centro de Permacultura Asa Branca e implantação de um espaço permacultural na Escola Classe Jardim Botânico. **Dissertação** de mestrado: Brasília, 2011.

JORGE, Marco Aurelio P. Sustentabilidade e Desenvolvimento Local: estudo de projeto na formação da ecovila viver simples em Itamonte-MG. **Dissertação** de Mestrado: Rio de Janeiro, 2008.

KRZYZANOWSKI, Renato Fávero. Novas tecnologias em assentamentos humanos: a permacultura como proposta para o planejamento de unidades unifamiliares em Florianópolis. **Dissertação** de mestrado: Florianópolis, 2005

- LIBERATO, Rita Simone Barbosa. Comunicação, saberes e sabores: Estratégias de sobrevivência e práticas de bem viver na Aldeia Cinta Vermelha-jundiba. **Tese** de doutorado: São Cristóvão, 2018.
- LIMA, Camila Silva de. Vivências permaculturais na escola: explorando as relações afetivas - ecológica e socialmente - na educação formal. **Dissertação** de mestrado: Curitiba, 2012
- LOZANO, Mirian Cristina. Assentamentos e Ecovilas: no caminho da agroecologia. São Paulo: **Dissertação** de mestrado, 2009.
- MACHADO, Sara Abreu da Mata. Baobá na Encruzilhada: Ancestralidade, capoeira angola e permacultura. **Tese** de doutorado: Salvador, 2016
- MAZZETTI, BÁRBARA MACHADO. Permane(sendo) na Cidade: valores, atores e ações de Permacultura no Município de São Paulo. **Dissertação** de mestrado: São Paulo, 2018
- PAES, Wellington Marchi. Técnicas de permacultura como tecnologias socioambientais para a melhoria na qualidade da vida em comunidades da Paraíba. **Dissertação** de mestrado: João Pessoa, 2014
- PIMENTEL, Paula Emília Oliveira. Em busca da Sustentabilidade: expressões espaciais da permacultura no distrito federal. **Dissertação** de Mestrado: Brasília, 2010.
- PERJESSY, Jaqueline Rosele. Modelos sustentáveis para o tratamento de efluentes sob abordagem da gestão ambiental. **Dissertação** de mestrado: Sorocaba, 2017
- PEREIRA, Rafaela Kleinhans. O equilíbrio do ser e a permacultura. **Dissertação** de mestrado: João Pessoa, 2016
- RIBEIRO, Sofia Regina Paiva. A produção do café agroflorestal no maciço de baturité: uma abordagem histórico-social. **Dissertação** de mestrado: Redenção-CE, 2017
- RIVERA, Rafael de. Trajetórias das práticas alimentares na comunidade quilombola de Bairro Alto (Barro Alto), Ilha do Marajó, Salvaterra – Pará. **Dissertação** de mestrado: Belém, 2017
- ROSA, Lana Mignone Viana. Inspirações e aspirações do Marizá Epicentro (Tucano, BA): as contribuições de uma ecovila no panorama socioambiental brasileiro. **Dissertação** de mestrado: Rio de Janeiro, 2014
- ROYSEN, Rebeca. Desenvolvimento e difusão de práticas sociais sustentáveis no nicho das ecovilas no brasil: o papel das relações sociais e dos elementos das práticas. **Tese** de doutorado: Brasília, 2018.
- ROYSEN, Rebeca. Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa. **Dissertação** de mestrado: São Paulo, 2013.
- SCARAZATTI, Bruno. Sistema Agroflorestal como alternativa de uso da terra: um estudo de caso na unidade demonstrativa de permacultura (UDP), Manaus-Am. **Dissertação** de mestrado: Manaus, 2009
- SALES, Camilla Barroso. Ecovila e Permacultura: uma nova forma de viver. **Dissertação** de Mestrado: Fortaleza, 2017.
- SALES, Marcia Neves Guelber. Construção participativa de um referencial sócio-técnico para a criação agroecológica de galinhas. **Dissertação** de mestrado: Florianópolis, 2001
- SANTORO, Renata Branco. Conservação de energia em assentamentos humanos pela utilização da permacultura: um estudo no Instituto de Permacultura e Ecovila da Mata Atlântica Santo André. **Dissertação** de mestrado: Santo André. 2010

SANTOS, Paulo Rodrigues dos. Natureza e verdade: a pedagogização ambiental da sociedade Contemporânea. **Tese** de doutorado: Fortaleza, 2013

SILVA, Luís Fernando de Matheus e. Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e permacultura (uma mirada desde o cone sul). **Tese** de doutorado: São Paulo, 2013

SILVA, Niceia Andrade da. Educação do campo e projetos de vida: dialogando com a proposta metodológica do Sertão (serviço de tecnologia alternativa). **Dissertação** de mestrado: Recife, 2020

SILVA, Telma Alessandra Correa da. Aspectos ambientais e de sanidade vegetal e animal no processo de produção de orgânicos na grande São Paulo. **Dissertação** de mestrado: São Paulo, 2015

SIMAS; Ana Carolina Beer Figueira. Comunicação e diferença: estudos em comunicação colaborativa para a sustentabilidade comunitária. **Tese** de Doutorado: Rio de Janeiro, 2013.

SIQUEIRA, Gabriel de Mello Vianna. Tensão entre as racionalidades substantivas e instrumental na gestão de ecovilas. **Dissertação** de mestrado: Florianópolis, 2012.

WENCESLAU, Eliza Carminatti. Ciência do sistema terra e permacultura: práticas de educação ambiental para pessoas com deficiência. **Dissertação** de mestrado: São Paulo, 2019.

Monografias e Artigos:

BELLEZE, Gabriela; BERNARDES, Marcos Eduardo Cordeiro; PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; JÚNIOR, Paulo Cezar Nunes. Ecovilas brasileiras e indicadores de desenvolvimento sustentável do IBGE: uma análise comparativa. **Ambiente & Sociedade**. São Paulo v. XX, n. 1 n p. 227-244 n jan.-mar. 2017

BÔLLA, Kelly Daiane Savariz; MILIOLI, Geraldo. Pensamento complexo, sociedade de consumo e perspectivas de sustentabilidade no universo e na dinâmica das ecovilas. **Sociedade em Debate** (Pelotas), v. 24, n. 2, p. 55-81, mai/ago. 2018.

CAMPANI, Michele Mucio. Organizações sustentáveis: uma reflexão sobre sustentabilidade e ecovilas. **Revista Geográfica da América Central**. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 (pp. 1-11).

CUNHA, Eduardo. A sustentabilidade em ecovilas: desafios, propostas e o caso da ecovila 1 – ARCOO. RGSA - Revista **de Gestão Social e Ambiental**. Jan. - Abr. 2010, V.4, Nº.1, p. 113-1261.

DIAS, Maria Accioly; LOUREIRO, Carlos Frederico B.; CHEVITARESE, Leandro; SOUZA, Cecília de Mello e. Os sentidos e a relevância das ecovilas na construção de alternativas societárias sustentáveis. **Ambiente & Sociedade**. São Paulo v. XX, n. 3 n p. 81-98 n jul.-set. 2017.

DIAS, Maria Accioly; LOUREIRO, Carlos Frederico B. Uma abordagem sistêmica da sustentabilidade - A interconexão de suas dimensões nas práticas das ecovilas. **Ambiente & Sociedade**: São Paulo. Vol. 22, 2019.

FABRI, Adriano. Ecovilas: tecnologias voltadas à sustentabilidade comunitária. **XI Jornadas Latino-Americanas de estudos sociais da ciência e da tecnologia**. 25 e 18 de julho, UTFPR: Curitiba, 2016.

FACCIN, Luciano Victor. Modelos de Sustentabilidade: Ecovilas brasileiras. Um estudo de viabilidade e implementação. **Monografia**: Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2016.

FLORES, Bárbara Nascimento. Ecovila como alternativa de organização socioambiental sustentável: Uma avaliação de Piracanga, Bahia. **Soc. & Nat.**, Uberlândia, 29 (3): 459-471, set/dez/2017.

LÓPEZ, Leonardo Salamanca; PRADA, Diego Fernando Silva. El movimiento de ecoaldeas como experiencia alternativa de Buen Vivir. Polis, **Revista Latinoamericana**, Volumen 14, N° 40, 2015, p. 209-231.

MORAIS, Sebastião Ferreira; DONAIRE, Denis. COMUNIDADES INTENCIONAIS: UM ESTUDO SOBRE DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE EM ECOVILAS PAULISTAS. **South American Development Society Journal**. Vol.: 05, | N°.: 14 | Ano: 2019.

MARÍN, María Eulalia García. La permacultura como aporte a la ética ecológica. **Producción + Limpia** - Enero - Junio de 2015. Vol.10, No.1 - 82•88

NOGUEIRA, Carla; PINTO, Hugo; MARQUES, João Filipe. Innovative and transition potential of intentional sustainable communities: Towards an exploratory conceptual model. **Cidades, Comunidades e Territórios**, 39 (Dec/2019), pp. 155 – 173

PALMEIRA, Danielle Calvo; PANASSOLLO, Danyelle Barbosa; FERREIRA, Amanda Estefânia de Melo; PINHEIRO, Antônio. Ecovilas: inovações sustentáveis no modo de viver. **Anais do Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental e Sustentabilidade** - Vol. 4: Congestas 2016

PERUZZO, Cicilia M. Krohling; VALPATO, Marcelo de Oliveira. Comunicação para o desenvolvimento: aspectos teóricos desde a modernização ao “buen vivir”. **XXVII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018.

RAMOS, Amanda Varella Barca. Ecovilas: teoria versus prática. Como os princípios da sustentabilidade são de fato aplicados em comunidades do Distrito Federal e Goiás. **Monografia: Ciências Ambientais na Universidade de Brasília**, Brasília, 2016.

RONSINI, Veneza Mayora. Classes, Comunidades Intencionais e Usos da Mídia: esboço teórico para sua articulação. **XXVIII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2019.

ROYSEM, Rebeca; MERTENS, Frédéric. O nicho das ecovilas no Brasil: Comunidades isoladas ou em diálogo com a sociedade? Fronteiras: **Journal of Social, Technological and Environmental Science** • v.6, n.3, set.-dez. 2017 • p. 99-121.

ROYSEN, Rebeca; MERTENS, Frédéric. Difusão de práticas sociais sustentáveis em nichos de inovação social de base: o caso do movimento das ecovilas. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, v. 39, p. 275-295, dezembro 2016.

SALAZAR, Claudio Antonio Pereira. Participación y acción colectiva en los movimientos globales de ecoaldeas y permacultura. **Revista Latinoamericana de Psicología** Volumen 45 No 3 pp. 399-411 2013.

SANTOS JÚNIOR, Severiano José dos. Ecovilas e Comunidades Intencionais: Ética e Sustentabilidade no Viver Contemporâneo. **III Encontro da ANPPAS**: Brasília - DF, 23 a 26 de Maio de 2006.

SILVA, Luis Fernando de Matheus e. Viver de forma sustentável ou contribuir para a sustentabilidade do capital? As contradições que permeiam a práxis das ecovilas em tempos neoliberais. **Geografias**: Belo Horizonte, 01 de Janeiro - 30 de Junho de 2014. Vol.10, no 1, 2014.

SOUSA, Elinara Soares Barros de; LOPES, Wilza Gomes Reis. Comunicação para a Mudança Social: Análise Teórica para as Rádios Comunitárias do Semiárido Piauiense. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém - PA – 2 a 7/09/2019.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Título do estudo: Comunicação em rede para a mudança ambiental: as narrativas da sustentabilidade dos institutos de permacultura

Mestranda responsável: Laura Roratto Foletto

Orientador responsável: Dra. Veneza Mayora Ronsini

Instituição/Departamento: UFSM/ Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática

Telefone para contato: (55) 30272384 ou (55) 991266339

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A pesquisa intitulada “Comunicação em rede para a mudança ambiental: as narrativas da sustentabilidade dos institutos de permacultura” sob minha responsabilidade, a ser desenvolvida nos institutos de permacultura - Ipoema, Uni permacultura e Associação Veracidade - tem como objetivo identificar (caracterizar) os usos e apropriações da internet por parte dos institutos de permacultura para compreender a comunicação em prol da mudança ambiental.

Para conseguir as informações necessárias foi preciso que a pesquisadora realizasse entrevistas por *WhatsApp* e observação dos meios de comunicação na internet dos institutos pesquisados. A colaboração com a pesquisa se dá através da participação voluntária em entrevistas sobre a maneira em que os institutos se comunicam com a sociedade acerca das questões ambientais. Todas as informações coletadas servirão para descrever a realidade da comunicação em rede dos institutos pesquisados que vão ao encontro dos objetivos da pesquisa.

Expressamos o compromisso de utilizar os dados somente para fins acadêmicos relacionados com esta investigação. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros dados e será divulgada a identificação dos entrevistados.

Fica ciente, ainda, que a veiculação dos dados, em qualquer meio de comunicação, será exclusivamente para fins acadêmicos, de pesquisa e divulgação do conhecimento científico sem quaisquer ônus e restrições.

Em qualquer etapa do estudo, o entrevistado pode entrar em contato com os pesquisadores para esclarecimento de eventuais dúvidas ou para indicar seu desejo de não colaborar mais com a pesquisa.

Eu, Laura Roratto Foletto, responsável pela pesquisa declaro que estou à disposição para qualquer esclarecimento em qualquer momento durante a realização dos estudos. Sendo assim, declaro que ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Concordo voluntariamente em colaborar como entrevistado neste estudo. Santa Maria, 24 de agosto de 2021.

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Eu (coloque seu nome completo) estou ciente e aceito os termos.

APÊNDICE A - Tabela 9 - Relação de trabalhos sobre permacultura/institutos e/ou ecovilas e sustentabilidade no Brasil

(continua)

TÍTULO DO TRABALHO	AUTOR	TIPO DE TRABALHO	ÁREA DO CONHECIMENTO	ANO
O equilíbrio do ser e a permacultura	RAFAELA KLEINHANS PEREIRA	Dissertação	Ciências biológicas	2016
Sustentabilidade e Desenvolvimento Local: estudo de projeto na formação da ecovila viver simples em Itamonte-MG	MARCO AURÉLIO P JORGE	Dissertação	Gestão empresarial	2008
Conservação de energia em assentamentos humanos pela utilização da permacultura: um estudo no Instituto de Permacultura e Ecovila da Mata Atlântica Santo André	RENATA BRANCO SANTORO	Dissertação	Meio ambiente e sociedade	2010
Caminhos e perspectivas para a popularização da permacultura no Brasil	DJALMA NERY FERREIRA NETO	Tese	Ciências ambientais	2017
Ensino e formação em permacultura no Brasil: uma análise crítica a partir dos Cursos de Design em Permacultura (PDCs) e da Educação Ambiental	ANDRÉ SANTACHIARA FOSSALUZA	Tese	Multidisciplinar	2019
Tecnologias sociais para a convivência no semiárido: caso do assentamento juazeiro, independência – Ceará	GEORGIA PITOMBEIRA FIGUEIREDO	Dissertação	Desenvolvimento e meio ambiente	2014

Por uma sustentabilidade no século XXI: protagonismo social em comunidades rurais alternativas no cariri cearense	JOSE ANDRE DE ANDRADE	Dissertação	Ciências ambientais	2016
Modelos sustentáveis para o tratamento de efluentes sob abordagem da gestão ambiental	JAQUELINE ROSELE PERJESSY	Dissertação	Ciências ambientais	2017
A permacultura como instrumento de sustentabilidade na comunidade rural chã de jardim, areia – PB	BIANCA RUFINO NASCIMENTO DANTAS	Dissertação	Ciências biológicas	2017
O teatro do oprimido e a flor da permacultura na educação ambiental do movimento coletivo da juventude, Sergipe	PRISCILLA TEIXEIRA CAMPOS	Dissertação	Ciências ambientais	2014
Inspirações e aspirações do Marizá Epicentro (Tucano, BA): as contribuições de uma ecovila no panorama socioambiental brasileiro	LANA MIGNONE VIANA ROSA	Dissertação	Ciências ambientais	2014
Na semente já existe um baobá: capoeira, educação e transformação socioambiental	MAIRA MILLER FERRARI	Tese	Ciências ambientais	2018
Baobá na Encruzilhada: Ancestralidade, capoeira angola e permacultura	SARA ABREU DA MATA MACHADO	Tese	Multidisciplinar	2016
O ensino de permacultura na educação do campo: circulação de sentidos entre saberes da ciência e da experiência	MARILIA CARLA DE MELLO GAIA	Tese	Educação	2015

Programa Nacional Escolas Sustentáveis: o fluxo de uma ideia no campo das políticas públicas de educação ambiental	CAMILA SANTOS TOLOSA BIANCHI	Dissertação	Educação	2016
Comunicação, saberes e sabores: estratégias de sobrevivência e práticas de bem viver na aldeia cinta vermelha-Jundiba	RITA SIMONE BARBOSA LIBERATO	Tese	Educação	2018
Natureza e verdade: a pedagogização ambiental da sociedade Contemporânea	PAULO RODRIGUES DOS SANTOS	Tese	Educação	2013
Educação do campo e projetos de vida: dialogando com a proposta metodológica do sertão (serviço de tecnologia alternativa)	NICEIA ANDRADE DA SILVA	Dissertação	Educação	2020
A Agroecologia, A Permacultura E O Paradigma Ecológico Na Extensão Rural: Uma Experiência No Assentamento Colônia I - Padre Bernardo – Goiás	CLAUDIO ROCHA DOS SANTOS JACINTHO	Dissertação	Interdisciplinar	2007
Construção participativa de um referencial sociotécnico para a criação agroecológica de galinhas	MÁRCIA NEVES GUELBER SALES	Dissertação	Interdisciplinar	2001
Educação ambiental contínua: a vida como foco da aprendizagem: O Caso da Escola Maria Elisbânia dos Santos, Assentamento Sabiaguaba Amontada - CE	MARIA LUÍZA CAMARGO PINTO FERRAZ	Dissertação	Interdisciplinar	2004

A produção agroecológica na Região Sul de Santa Catarina: dificuldades, alternativas e experiências vivenciadas pelos agricultores	ELIANE MANDELLI FRANK	Dissertação	Interdisciplinar	2007
Permacultura e Educação Ambiental: uma experiência em uma Escola Rural do Distrito Federal	ADRIANA MORBECK ESTEVES	Dissertação	Meio ambiente e agrárias	2017
A produção do café agroflorestal no maciço de baturité: uma abordagem histórico-social	SOFIA REGINA PAIVA RIBEIRO	Dissertação	Meio ambiente e agrárias	2017
Aspectos ambientais e de sanidade vegetal e animal no processo de produção de orgânicos na grande São Paulo	TELMA ALESSANDRA CORREA DA SILVA	Dissertação	Meio ambiente e agrárias	2015
Trajetórias das práticas alimentares na comunidade quilombola de Bairro Alto (Barro Alto), Ilha do Marajó, Salvaterra - Pará	RAFAEL DE RIVERA	Dissertação	Meio ambiente e agrárias	2017
Potencial de resíduos orgânicos na atenuação de contaminação por cobre de solo e água	NATHALIA SPROVIERI CIPOLETA	Dissertação	Meio ambiente e agrárias	2015
Organizando com barro: a bioconstrução como prática de cooperação	PATRICIA KINAST DE CAMILLIS	Tese	Administração	2016
Comunicação e diferença: estudos em comunicação colaborativa para a sustentabilidade comunitária	ANA CAROLINA BEER FIGUEIRA SIMAS	Tese		2013

Estudo do Modelo de Gestão e da Estrutura Organizacional: um Olhar sobre Organizações Não Governamentais	MÔNICA MENEZES COUTINHO	Dissertação	Administração	2006
Em busca da sustentabilidade: expressões espaciais da permacultura no Distrito Federal	PAULA EMÍLIA OLIVEIRA PIMENTEL	Dissertação	Geografia	2010
Novas tecnologias em assentamentos humanos: a permacultura como proposta para o planejamento de unidades unifamiliares em Florianópolis	RENATO FÁVERO KRZYZANOWSKI	Dissertação	Engenharia de produção	2005
Permane (sendo) na Cidade: valores, atores e ações de Permacultura no Município de São Paulo	BÁRBARA MACHADO MAZZETTI	Dissertação	Filosofia	2018
Técnicas de permacultura como tecnologias socioambientais para a melhoria na qualidade da vida em comunidades da Paraíba	WELLINGTON MARCHI PAES	Dissertação	Ciências biológicas	2014
Ciência do sistema terra e permacultura: práticas de educação ambiental para pessoas com deficiência	ELIZA CARMINATTI WENCESLAU	Dissertação	Geociências	2019
Vivências permaculturais na escola: explorando as relações afetivas - ecológica e socialmente - na educação formal	CAMILA SILVA DE LIMA	Dissertação	Educação	2012

Sistema Agroflorestal como alternativa de uso da terra: um estudo de caso na unidade demonstrativa de permacultura (UDP), Manaus-Am.	BRUNO SCARAZATTI	Dissertação	Meio ambiente e agrária	2009
Educação para sustentabilidade: turismo ecopedagógico no Centro de Permacultura Asa Branca e implantação de um espaço permacultural na Escola Classe Jardim Botânico	THIAGO ROCHA DOS SANTOS JACINTHO	Dissertação	Ciências florestais	2011
Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e permacultura (uma mirada desde o cone sul)	LUIS FERNANDO DE MATHEUS E SILVA	Tese	Geografia	2013
Assentamentos e Ecovilas: no caminho da agroecologia	MIRIAN CRISTINA LOZANO	Dissertação	Ciências Sociais	2009

APÊNDICE B - Tabela 10 - Panorama de comunidades e institutos no Brasil

(continua)

Comunidade	Site	Facebook	Instagram	YouTube	Blog	Outros
Ananda Kiirtana ³⁴	https://anandakiirtana.com.br/	https://www.facebook.com/anandakiirtana/	https://www.instagram.com/anandakiirtana/			
Ecovila El Nagual ³⁵	https://artnagual.com.br/	https://www.facebook.com/elnagualense/	https://www.instagram.com/ecovilaelnagual/	https://www.youtube.com/c/EcovilaElNagual/featured	https://artnagual.com.br/blog/	
EColaborando ³⁶	https://www.ecolabora.com.br/	https://www.facebook.com/ecolaborando/		https://www.youtube.com/channel/UCOlymm6WteWNdzsVTXTkCZA	http://projetoecolaborando.blogspot.com/	
Gerana Orgânicos ³⁷	http://gerana.com.br/	https://www.facebook.com/GeranaOrganicos/	https://www.instagram.com/gerana_organicos/			

³⁴ Belmiro Braga – MG – fundada em 1989

³⁵ Mage – RJ – fundada em 1989

³⁶ Embu das Artes – SP – fundada em 1992

³⁷ Pouso Alegre (Vale do Sapucaí) – MG – fundada em 1994

Instituto Terra Viva ³⁸		https://www.facebook.com/INSTITUTOTERRAVIVA/	https://www.instagram.com/institutoterraviva/	https://www.youtube.com/channel/UCm3HxvsZNBXtAVjJ5Rk7H5g		
Instituto kairós ³⁹	https://institutokairos.net/	https://www.facebook.com/IKairos	https://www.instagram.com/institutokairossp/			
Permacultura Mato Grosso do Sul ⁴⁰		Grupo: https://www.facebook.com/groups/85000015038283/				
Yvy Porã Estação de Permacultura ⁴¹	Wordpress: https://yvypora.wordpress.com/	https://www.facebook.com/Yvy-Por%C3%A3-Permacultura-190308631002036/				
Permaculturando na Mantiqueira ⁴²						

³⁸ Maceió – AL – fundada em 2000

³⁹ SÃO PAULO – SP – fundada em 2000

⁴⁰ Campo Grande – MS – fundada em 2000

⁴¹ São Pedro de Alcântara – SC – fundada em 2003

⁴² São Bento do Sapucaí –MG – fundada em 2003

Terra UNA Ecovila ⁴³	https://www.terrauna.com.br/ecovila	https://www.facebook.com/terrauna/	https://www.instagram.com/terrauna_ecovila/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/channel/UC7uAGtpe6FDZ4aiLCQyz_w	
Ecovila Karaguatá ⁴⁴		https://www.facebook.com/pages/Ecovila-Karaguat%C3%A1/536081326570560			
Sítio Abaetetuba ⁴⁵		https://www.facebook.com/sitioabaetetuba			
Instituto Arca Verde ⁴⁶	http://www.arcaverde.org/new/	https://www.facebook.com/institutoarcaverde/	https://www.instagram.com/institutoarcaverde/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/channel/UC1NOaofEhIhHj_MJGtZ7Mg	
Yvy Porã Estação de Permacultura ⁴⁷	Wordpress: https://yvypora.wordpress.com/	https://www.facebook.com/Yvy-Por%C3%A3-Permacultura-190308631002036/			

⁴³ Liberdade – MG – fundada em 2003

⁴⁴ Santa Cruz do Sul – RS – fundada em 2003 (realização de pesquisa de campo em 17 e 18 de maio de 2019)

⁴⁵ Nova Friburgo – RJ – fundada em 2004

⁴⁶ São Francisco de Paula – RS – fundada em 2005

⁴⁷ São Pedro de Alcântara – SC – fundada em 2003

Permaculturando na Mantiqueira ⁴⁸						
Terra UNA Ecovila ⁴⁹	https://www.terrauna.com.br/ecovila	https://www.facebook.com/terrauna/	https://www.instagram.com/terrauna_ecovila/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/channel/UCC7uAGtpe6FDZ4aiLCQyz_w		
Ecovila Karaguatá ⁵⁰		https://www.facebook.com/pages/Ecovila-Karaguat%C3%A1/536081326570560				
Sítio Abaetetuba ⁵¹		https://www.facebook.com/sitioabaetetuba				
Instituto Arca Verde ⁵²	http://www.arcaverde.org/new/	https://www.facebook.com/institutoarcaverde/	https://www.instagram.com/institutoarcaverde/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/channel/UC1NOaofEhIhHj_MJGtZ7Mg		

⁴⁸ São Bento do Sapucaí –MG – fundada em 2003

⁴⁹ Liberdade – MG – fundada em 2003

⁵⁰ Santa Cruz do Sul – RS – fundada em 2003 (realização de pesquisa de campo em 17 e 18 de maio de 2019)

⁵¹ Nova Friburgo – RJ – fundada em 2004

⁵² São Francisco de Paula – RS – fundada em 2005

APOMM – Associação Permacultural Montanhas da Mantiqueira ⁵³		https://www.facebook.com/Apomm-12405357723041/			http://apommantiqueira.blogspot.com/	
ONG SAHUDE: Sociedade para avanço humano e conhecimento ecosófico ⁵⁴	Wordpress: https://ongsahude.wordpress.com/		https://www.instagram.com/ongsahude/		http://sociedadesahude.blogspot.com/p/quem-somos.html	
Ecovila Tibá de São Carlos ⁵⁵	https://www.ecovilatiba.org.br/site/	https://www.facebook.com/EcovilaTiba	https://www.instagram.com/ecovilatiba/?hl=pt-br			
Grupo Curare de Permacultura (Curare) ⁵⁶	https://grupocuraredepe.com.br/	https://www.facebook.com/grupocuraredepermacultura/	https://www.instagram.com/grupocuraredepermacultura/?hl=pt-br			
Inkiri Piracanga	https://piracanga.com/	https://www.facebook.com/Piracanga/	https://www.instagram.com/inkiripiracanga/?hl=pt-br			
Associação Prosciente ⁵⁷						

⁵³ Serra da Mantiqueira – MG – fundada em 2005

⁵⁴ São Cristovão – SE – fundada em 2005

⁵⁵ São Carlos – SP – fundada em 2006

⁵⁶ Botucatu – SP – fundada em 2007

⁵⁷ São Paulo – SP – fundada em 2007

EcoVida São Miguel	https://ecovidasao.miguel.org/	https://www.facebook.com/ecovidasao Miguel/	https://www.instagram.com/ecovidasao Miguel/?hl=pt-br			
Morada Natural bioarquitetura e Agroecologia ⁵⁸	http://moradanatural.com.br/	https://www.facebook.com/moradanatural/	https://www.instagram.com/moradanatural/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/channel/UCkvaWN8w4isv7S-9kHfKr5Q		
NEPPSA – Núcleo de Estudos e Práticas Permaculturais no Semiárido ⁵⁹		https://www.facebook.com/neppsaece	https://www.instagram.com/neppsaece/?hl=pt-br		http://neppsaece.blogspot.com/	
Boldinho da Urca ⁶⁰						
Sítio Nós da Teia ⁶¹	https://sitionosnateia.com.br/	https://www.facebook.com/sitionosnateia/				Monografia sobre o sítio: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6872/1/2013_GabrielMeloSoares.pdf

⁵⁸ Conceição do Rio Verde – MG – fundada em 2007

⁵⁹ Fortaleza – CE – fundada em 2007

⁶⁰ Rio de Janeiro – RJ – fundada em 2008

⁶¹ Brasília – DF – fundada em 2008

Estação de Permacultura Morada Ekoá ⁶²		https://www.facebook.com/MoradaEkoa/	https://www.instagram.com/explore/tags/moradaekoa/		http://moradaekoa.blogspot.com/p/a-pousada-ekoa.html	
Ebioconstrução Domes e Geodésicas			https://www.instagram.com/explore/tags/ebioconstru%C3%A7%C3%A0o/ https://www.instagram.com/explore/tags/ebioconstrucao/ https://www.instagram.com/explore/tags/ebioconstru%C3%A7%C3%A3o/		http://ebioconstrucao.blogspot.com/	
EKOPEV – Encontro de Permacultura ⁶³		https://www.facebook.com/ekopev.br/				
Ecovila Viver Simples (Instituto Tao das Artes) ⁶⁴	http://www.viversimples.org/	https://www.facebook.com/ecovila.viversimples	https://www.instagram.com/explore/locations/1227862373981472/ecovila-viver-simples/			Arbnb - https://www.airbnb.com.br/rooms/16650334?source=impression_id=p3_1567430872_Zli2kJMvQb8aSorc

⁶² Ibituba – SC – fundada em 2008

⁶³ Viçosa – MG – fundada em 2008

⁶⁴ Itamonte – MG – fundada em 2008

Estação Luz ⁶⁵		https://www.facebook.com/pg/estacaoluz.ribeiraopreto/about/	https://www.instagram.com/estacao.luz.rp/		http://estacaoluzribeirao.blogspot.com/	Linkedin: https://www.linkedin.com/in/estacao-luz-espa%E7o-experimental-515b12125/
Grupo Caporó						
IPEMA – Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (Ecovila Concovado) ⁶⁶	http://ipe.mabrasil.org.br/	https://www.facebook.com/ipe/ema/				
ECOFOCUS	https://www.ecofocus.com.br/inicio.html	https://www.facebook.com/ecofocusbr/				
Contraponto ⁶⁷		https://www.facebook.com/contrapontoeducacao/				

⁶⁵ Ribeirão Preto – SP – fundada em 2008

⁶⁶ Ubatuba – SP – fundada em 2009

⁶⁷ Congonhas do Norte – MG – fundada em 2009

Sítio Amoreza ⁶⁸		https://www.facebook.com/paginasioamoreza/	https://www.instagram.com/sitioamoreza/			
Grupo Muda e Lavaper ⁶⁹	http://muda.poli.ufrj.br/index.php/laboratoriovivo/	https://www.facebook.com/mudaurj/	https://www.instagram.com/projetomudaurj/			
Rede PSB (permacltural social brasileira)		https://www.facebook.com/redepsb/				
Instituto Cupinzeiro ⁷⁰	https://cupinzeiro.wixsite.com/institutocupinzeiro	https://www.facebook.com/pages/category/Non-Governmental-Organization--NGO-/Instituto-Cupinzeiro-290776737775481/				
Coletivo BioWit	WordPress: https://biowit.wordpress.com/	https://www.facebook.com/Biowit/	https://www.instagram.com/explore/tags/coletivobiowit/?hl=pt-br			

⁶⁸ Morro Redondo – RS – fundada em 2009

⁶⁹ Rio de Janeiro – RJ – fundada em 2009

⁷⁰ São João Batista da Glória – MG – fundada em 2009

Fundação Julita ⁷¹	https://www.fundacaojulita.org.br/programas/araucaria	https://www.facebook.com/fundacaojulitaoficial	Hastag: https://www.instagram.com/explore/tags/fundada%C3%A7%C3%A3ojujula/			
Sítio Kaapuã		https://www.facebook.com/pages/category/Education/Kaapu%C3%A3-1537582946493698/				
Jupi-Poranga ⁷²						
IPC – Instituto de Permacultura do Ceará	http://permacultura.ceara.org.br/	https://www.facebook.com/groups/343936139051210/				
RAE - Rede de Agroecologia e Permacultura ⁷³						
EcoPalha	http://ecopalha.org/	https://www.facebook.com/ecopalha		https://www.youtube.com/channel/UCHm00a6RGy_3PgC3-sc_OQ		

⁷¹ São Paulo – SP – fundada em 2010

⁷² Jijoca de Jericoacoara – CE – fundado em 2010

⁷³ Araçatuba – São Paulo – fundado em 2011

Instituto Penso Verde ⁷⁴		https://www.facebook.com/IPensoVerde	https://www.instagram.com/institutopensoverde/		http://institutopensoverde.blogspot.com/	
Núcleo de Agroecologia Nheengatu	https://nheengatu.wixsite.com/nheengatu	https://www.facebook.com/nheengatuagroecologia	https://www.instagram.com/nucleoagroeco.esalqusp/			LinkedIn: https://www.linkedin.com/company/nucleode-agroecologia-uspesalq/about/
Purna Ananda Ashram Ecovila Integral ⁷⁵	https://purnanandashram.wordpress.com/que-somos/	https://www.facebook.com/purnanandashram	https://www.instagram.com/explore/tags/purnanandaashramecovilaintegral/		http://purnanandashram.blogspot.com/	
Permabrilis ⁷⁶		https://www.facebook.com/permabrilis				

⁷⁴ Porto Alegre – RS – fundado em 2011

⁷⁵ Vassouras – RJ – fundada em 2011

⁷⁶ Niterói – RJ – fundado em 2011

Espaço de Permacultura Arraial Santa Ana ⁷⁷		https://www.facebook.com/espacosantaana/	https://www.instagram.com/explore/tags/espaca%C3%A7odepermacultura/			
GePPE/UFC – Grupo de Estudos em Práticas de Permacultura ⁷⁸	https://geppeufc.wordpress.com/cursos/	https://www.facebook.com/geppeufc/	https://www.instagram.com/geppeufc/			
PUPA Permacultura ⁷⁹	WordPress: https://pupapermacultura.wordpress.com/ipermacultura/ Wix: https://pupapermacultura.wixsite.com/pupa	https://www.facebook.com/PUPA.Permacultura/	https://www.instagram.com/explore/tags/pupapermacultura/?hl=pt-br			
Associação Veracidade ⁸⁰	https://veracidade.eco.br/	https://www.facebook.com/AVeracidade/	https://www.instagram.com/averacidade/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/channel/UCaKJEwlvoDHFJnxmC92XuA	https://veracidade.eco.br/averacidade/blog/	Twitter: https://twitter.com/A_Veracidade

⁷⁷ Iporonga – SP – fundada em 2011

⁷⁸ Fortaleza – CE – fundada em 2011

⁷⁹ São José dos Campos – SP – fundado em 2012

⁸⁰ São Carlos – SP – fundada em 2012

Sítio São Miguel ⁸¹		https://www.facebook.com/ssmagroecologicos/				
Eco Sítio Ayso ⁸²		https://www.facebook.com/www.EcoSítioAyso/	https://www.instagram.com/explore/locations/333594210122224/eco-sítio-ayso/?hl=pt-br		http://ecosítioayso.blogspot.com/	
Coletivo Dedo Verde ⁸³		https://www.facebook.com/coletivo.dedoverde	https://www.instagram.com/coletivodedoverde/?hl=pt-br		http://coletivodedoverde.blogspot.com/	
Sítio Cambacua		https://www.facebook.com/sitiocambacua/	https://www.instagram.com/explore/tags/sitiocambacua/?hl=pt-br			
Centro Vida Orgânica ⁸⁴	http://centrovidaorganica.org/	https://www.facebook.com/Centro-Vida-Org%C3%A2nica-238053393016271/	https://www.instagram.com/explore/tags/centrovidaorganica/			
IBC - Instituto Biorregional do Cerrado	https://www.biorr.org/	https://www.facebook.com/ibccerrado	https://www.instagram.com/explore/locations/17110504339215556/i			

⁸¹ Caconde – SP – fundado em 2012

⁸² Nova Petrópolis – RS – fundado em 2012

⁸³ São Paulo – SP – fundado em 2012

⁸⁴ Rancho Queimado – SC – fundado em 2012

	regional.eco.br/		bc-instituto-biorregional-do-cerrado/ https://www.instagram.com/explore/tags/instutobiorregionaldocerrado/			
Ecosítio Nova Terra ⁸⁵	WordPress: https://ecositionovaterra.wordpress.com/	https://www.facebook.com/ECSITIONOVATERRA	https://www.instagram.com/explore/tags/ecositionovaterra/			
Oásis Mundo ⁸⁶						
Casa Amarela Permacultura e Arte ⁸⁷		https://www.facebook.com/casa.amarela.permacultura/	https://www.instagram.com/casaamarelapermacultura/			
Nova Oikos – Permacultura e Bioconstrução ⁸⁸		https://www.facebook.com/nova.oikos/	https://www.instagram.com/novaoikos/	https://www.youtube.com/channel/UCyDu90A-JXxCINua2-WsGKQ		

⁸⁵ Maquiné – RS – fundado em 2013

⁸⁶ Paraty – RJ – fundado em 2013

⁸⁷ Salvador – BA – fundado em 2013

⁸⁸ Camboriú – SC – fundado em 2013

DATERRA Educação e Permacultura ⁸⁹						
Instituto Ambiental DATERRA de Permacultura e Sustentabilidade ⁹⁰	http://www.ambientaldaterra.com.br/					
Espaço Rosa dos Ventos Permacultura ⁹¹		https://www.facebook.com/bioconstrucao/rosadosventos/	https://www.instagram.com/bioconstrucao/rosadosventos/			
IDEAL – Instituto de Defesa e Envolvimento Ambiental ⁹²						
APEMA – Associação de Permacultores da Mata Atlântica ⁹³	Wix: https://contatoapema.wixsite.com/apemapermacultura	https://www.facebook.com/APEMAPERMACULTURA/	https://www.instagram.com/apema.permacultura/	https://www.youtube.com/channel/UC4y0wr3huvCltnKpY15va7Q		

⁸⁹ São Bernardo do Campo – SP – fundado em 2013

⁹⁰ Estância Velha – RS – fundado em 2013

⁹¹ São Thomé das Letras - MG – fundado em 2014

⁹² Piraquara – PR – fundada em 2014

⁹³ Rio de Janeiro – RJ – fundada em 2014

Bioconstrução em Pocinhos ⁹⁴		Grupo: https://www.facebook.com/groups/905414902850610				
Caaeté – Projeto Permacultural ⁹⁵						
PermaUna ⁹⁶						
Coletivo Vértice ⁹⁷	https://www.verticecoletivo.com.br/		https://www.instagram.com/verticecoletivo/			
Sítio Permaculturando ⁹⁸	WordPress: https://sitiogatu.wordpress.com/					
Sítio Guayi ⁹⁹	https://sitiogatu.wordpress.com/	https://www.facebook.com/sitioguai/				

⁹⁴ Caldas – MG – fundada em 2014

⁹⁵ Santo Antônio do Pinhal – SP – fundado em 2014

⁹⁶ Taubaté – SP – fundado em 2014

⁹⁷ Pinhalzinho – SP – fundado em 2014

⁹⁸ Praia Grande – SC – fundado em 2014

⁹⁹ Tangará – SC – fundado em 2014

	guavi.kyte.site/					
Cooperativa Viver Natural ¹⁰⁰						
Amorada Ahow ¹⁰¹						
Coletivo Permacultura Joinville ¹⁰²		https://www.facebook.com/permaculturajoinville				
Flor de Ibez ¹⁰³	https://flordeibez.org/flor/	https://www.facebook.com/flordeibez/	https://www.instagram.com/flordeibez/	https://www.youtube.com/channel/UCrpAwSuCInj5YMask0Fv4Q/featured		
Sítio Agroecológico Experimental ¹⁰⁴		https://www.facebook.com/sitioxp/				
Laró House ¹⁰⁵						
Estação Biomangue de Permacultura ¹⁰⁶						

¹⁰⁰ Uberlândia – MG – fundada em 2014

¹⁰¹ São Paulo – SP - fundada em 2014

¹⁰² Joinville – SC - fundado em 2014

¹⁰³ Barra do Garças – MT - fundado em 2014

¹⁰⁴ Barra do Garças – MT - fundado em 2015

¹⁰⁵ Jericoacoara – CE - fundado em 2015

¹⁰⁶ Armação dos Búzios – RJ - fundada em 2015

Estação Marcos Ninguém de Permacultura – UniPermacultura ¹⁰⁷	https://www.unipermacultura.com.br/	https://www.facebook.com/unipermacultura/	https://www.instagram.com/unipermacultura/	https://www.youtube.com/channel/UCrg_KvpvtGfLhZr7m9g	https://www.unipermacultura.com.br/blog	https://twitter.com/Unipermacultura
Santa Gaia Sustentável ¹⁰⁸						
Nativos Urbanos ¹⁰⁹						
Oca Aram ¹¹⁰	https://www.amaaram.com.br/	https://www.facebook.com/amaaram.org/amicos/	https://www.instagram.com/amaaram.org/amicos/?hl=pt-br		http://ocaaram.blogspot.com/	
Terra Viva ¹¹¹	https://www.terraviva.com/	https://www.facebook.com/circulovivencialterraviva/				
Reserva Utopia ¹¹²			https://www.instagram.com/oficial_reserva_utopia/			

¹⁰⁷ Alpestre – RS - fundada em 2015

¹⁰⁸ São Sebastião – SP - fundada em 2015

¹⁰⁹ Sete Lagoas – MG - fundado em 2015

¹¹⁰ Guarulhos – SP – fundado em 2015

¹¹¹ São Paulo - SP – fundado em 2015

¹¹² Guiratinga – MT - fundado em 2015

Programa Sementinha: Multiplicando Permacultores ¹¹³	Wordpress: https://programasementinha.wordpress.com/	https://www.facebook.com/ProgramaSementinha/					
Digaobikeporai ¹¹⁴							
Sítio Saramandala ¹¹⁵	https://sitosaramandala.com.br/	https://www.facebook.com/sitosaramandala/	https://www.instagram.com/sitosaramandala/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/channel/UCjDv1CN7ro_MuxXTTzBH_g			
Vida de Clara Luz ¹¹⁶	http://vidadecларaluz.com.br/						
Casa Sana ¹¹⁷				https://www.youtube.com/channel/UCImo3PtKVfii0933Ww-mmhQ			

¹¹³ Campo Largo – PR - fundado em 2015

¹¹⁴ São Paulo – SP - fundado em 2015

¹¹⁵ Sarapuí – SP - fundado em 2015

¹¹⁶ Itapevi – SP - fundado em 2015

¹¹⁷ Macaé – RJ - fundado em 2015

Aboré Permacultura ¹¹⁸		https://www.facebook.com/permacultura.abore/	https://www.instagram.com/permacultura_abore/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/channel/UC-ZDVUfEIV0x-takDioXyRg		https://www.linkedin.com/company/permacultura-abore	
Sítio Sapopema ¹¹⁹	https://sitosapopema.com.br/	https://www.facebook.com/sitosapopema/					
Quintais e Jardins Agroecológicos de Fortaleza ¹²⁰							
Horta do Beto ¹²¹		https://www.facebook.com/hortadobeto/	https://www.instagram.com/hortadobeto/?hl=pt-br				
Coletivo PermaSampa ¹²²	https://www.permasampa.com/	https://www.facebook.com/permasampa/	https://www.instagram.com/permasampa/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/channel/UCDXVOiZ5FGfov7w1eP-FHOA			

¹¹⁸ Indaiatuba – SP - fundado em 2015

¹¹⁹ Cruzeiro do Sul – SC - fundado em 2015

¹²⁰ Fortaleza – CE - fundado em 2015

¹²¹ Vinhedo – SP – fundado em 2015

¹²² São Paulo – SP – fundado em 2015

Paraíso ¹²³							
LABambu ¹²⁴	Wordpress: https://labambusite.wordpress.com/	https://www.facebook.com/LABBambu/	https://www.instagram.com/labambu/	https://www.youtube.com/channel/UC6xQQ4-zOj7degkKZ-7_xPw			
Permacultura Urbana ¹²⁵							
Sítio Alto Paraíso ¹²⁶	http://www.sitioaltoparaíso.com.br/	https://www.facebook.com/sitioaltoparaíso/	https://www.instagram.com/sitioaltoparaíso/	https://www.youtube.com/channel/UC8Y9cAqFNk2pOkfIHxBN7A		https://twitter.com/StioAltoParaíso	

Fonte: Elaborada pela autora.

¹²³ São Carlos – SP – fundado em 2016

¹²⁴ Bauru – SP – fundado em 2016

¹²⁵ Rio de Janeiro – RJ – fundado em 2016

¹²⁶ Alfredo Wagner – SC – fundando em 2016

APÊNDICE C -Tabela 11– Panorama de comunidades e institutos no Brasil

Comunidade	Site	Facebook	Instagram	YouTube	Blog	Outros	Categoria
Ipoema – Instituto de Permacultura ¹²⁷	https://ipoema.org.br/	https://www.facebook.com/CJ.Permacultura/	https://www.instagram.com/ipoema_permacultura/ https://www.instagram.com/institutodepermacultura/	https://www.youtube.com/user/permacultube/		http://flechadamata.com/ twitter: https://twitter.com/IPOEMA	Sustentabilidade
Instituto de Permacultura do Pampa – Escola RAMA ¹²⁸	http://www.ipep.org.br/	https://www.facebook.com/rama.permacultura/	https://www.instagram.com/rama.permacultura/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/channel/UCpAixXs4s0K95sKFs5cn5YA	https://www.ipep.org.br/blog		Sustentabilidade
Escola de Permacultura ¹²⁹	https://escoladepermacultura.org/						
Ecovila clareando ¹³⁰	http://www.clareando.com.br/						

¹²⁷ Brasília - DF - fundado em 1999

¹²⁸ Bagé – RS - Fundado em 2000

¹²⁹ Nenhuma informação foi encontrada

¹³⁰ Piracaia - SP – fundada em 2004

Ecovila da Montanha ¹³¹	https://ecoviladamonanha.org/	https://www.facebook.com/ecoviladamontanha2/					
Pindorama ¹³²	https://pindorama.org.br/ https://old.pindorama.org.br/ https://rede.pindorama.org.br/	https://www.facebook.com/InstitutoPindorama/	https://www.instagram.com/institutopindorama/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/user/institutopindorama	https://viverforadosistema.org.br/	Twitter: https://twitter.com/instit_pindorama	Sustentabilidade
Morada Natural Bioarquitetura e Agroecologia ¹³³	https://www.moradanatural.com/	https://www.facebook.com/moradanatural/	https://www.instagram.com/moradanatural/	https://www.youtube.com/channel/UCkvaWN8w4isv7S-9kHFkr5Q			
Morada da Floresta ¹³⁴	https://moradadafloresta.eco.br/	https://www.facebook.com/moradadafloresta/	https://www.instagram.com/moradadafloresta_oficial/	https://www.youtube.com/user/moradadafloresta		Twitter: https://twitter.com/morada_floresta	

¹³¹ Nenhuma informação foi encontrada

¹³² Nova Friburgo – RJ – fundado em 2004

¹³³ Conceição do Rio Verde - MG – fundada aproximadamente em 2005 (não temos a informação exata da data de fundação, apenas que o coletivo existe a mais de 15 anos)

¹³⁴ São Paulo - SP – fundada em 1999 (em 2011 se tornou uma OSCIP)

Instituto Çarakura ¹³⁵	http://www.alquimia.org/carakura/index.php	https://www.facebook.com/carakura.instituto	https://www.instagram.com/instituto_carakura/	https://www.youtube.com/channel/UC7LDjiN-hWU5jxgAP9gmLFA		
Coletivo Permacultores ¹³⁶	Wordpress: https://permacoletivo.wordpress.com/	https://www.facebook.com/coletivopermacultores/				
Fazenda da Toca ¹³⁷	https://fazendadatoa.com.br/nossa-historia/	https://www.facebook.com/fazendadatoa/	https://www.instagram.com/tocaorganicos/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/channel/UCPytgfogIRiyDRVQgzrn4w		
Permacultores Urbanos ¹³⁸	https://permacultoresurbanos.com/	https://www.facebook.com/permacultoresurbanos	https://www.instagram.com/permacultoresurbanos/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/channel/UCyV3C14XJLG03p_YZ241DQw	https://permacultoresurbanos.com/blog/	
Fazenda Cura ¹³⁹	https://fazendacura.org/	https://www.facebook.com/fazendacura/?ref=page_internal	https://www.instagram.com/fazendacura/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/c/FazendaCura	Podcast: https://open.spotify.com/show/2HsZICsFlhdbWTy2WXuZOp	

¹³⁵ Florianópolis - SC - Fundado em 2007

¹³⁶ Campo Alegre - SC - Fundado em 2007

¹³⁷ Itirapina – SP – fundada em 2009

¹³⁸ Nenhuma informação foi encontrada

¹³⁹ Boquira –BA – fundada em 2018

						?si=mysAZXfCQJas hqwgbafCf rQ&nd=1	
Eco10 Instituto de Permacultura do Rio Grande do Sul (IPERS) ¹⁴⁰							
Associação Ecológica Portal do Sol ¹⁴¹	www.portaldosol.org.br	https://www.facebook.com/AssociaoEcologicaPortalDoSol/			https://www.youtube.com/channel/UCOSzFJEGm8KNcXTh4vdm8wQ		
Comunidade Doze Tribos ¹⁴²	https://www.doze Tribos.com.br/				https://www.youtube.com/channel/UCC-dkGq3Zk_5oU_CWx_0-NA		
Ecovila Aliança ¹⁴³							
Jaguapira Wildlife Reserve ¹⁴⁴	https://reservajaguapira4.wixsite.com/reservajaguapira	https://www.facebook.com/reservajaguapira/					Centro de Pesquisa e Educação para conservação

¹⁴⁰ Porto Alegre – RS – ano de fundação não encontrado

¹⁴¹ São Francisco de Paula – RS – não foi possível encontrar essa informação, site indisponível

¹⁴² Curitiba – PR – ano de fundação não encontrado

¹⁴³ Curitiba – PR – informação do ano de fundação não encontrada

¹⁴⁴ Curitiba – PR – fundado em 1998

							da floresta Atlântica
Comunidade Rio Verde ¹⁴⁵							
Colônia de Witmarsum ¹⁴⁶	http://acmpw.com.br/witmarsu/m/	https://www.facebook.com/ColoniaWitmarsumpr	https://www.instagram.com/turismocoloniawitmarsum/			http://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2015/11/turistas-terao-centro-de-informacao-na-colonia-witmarsum-em-palmeira.html	colônia de imigração alemã
Sítio dos Sonhos ¹⁴⁷			https://www.instagram.com/sitiodossonhos/?hl=pt			https://www.worldpackers.com/pt-BR/locações/sitios/sitios-dos-sonhos	

¹⁴⁵ Guaraqueçaba – PR – ano de fundação não encontrado

¹⁴⁶ Palmeira – PR – fundada em 1951

¹⁴⁷ Águas Mornas – SC – ano de fundação não encontrado

Ajubai Eco Comunidade ¹⁴⁸						ajubai.eco@hotmail.com	
Bio Aldeia Arawikay ¹⁴⁹	https://bioaldeia.com.br/	https://m.facebook.com/arawikay/?locale2=pt_BR&se_i mp=0KsEIYiKxmOq947ee		https://www.youtube.com/channel/UCFdFcxbisKa2K4XA7T8L0Q	https://bioaldeiaarawikay.blogspot.com/p/bom-dia-natureza.html	arawikay@ecoaldeia.org	
					https://ecoagendaarawikay.blogspot.com/2017/03/construir-e-morar-na-bioaldeia-arawikay_11.html	https://www.villeco.co/comunidades/bioaldeia-arawikay	
Espaço Rural Panaceia ¹⁵⁰	https://www.panaceia.art.br/	https://www.facebook.com/espacoruralpanaceia/	https://www.instagram.com/panaceia.amb/			contato@panaceia.art.br	sustentabilidade
Ecovila Alto-quiriri ¹⁵¹		https://www.facebook.com/Ecovila-Alto-quiriri					

¹⁴⁸ Alfredo Wagner – SC – ano de fundação não encontrado

¹⁴⁹ Antônio Carlos – SC – ano de fundação não encontrado

¹⁵⁰ Camboriú – SC – ano de fundação não encontrado

¹⁵¹ Campo Alegre – SC – ano de fundação não encontrado

		Quiriri-137302786346653/				
Comunidade Daiminista Céu do Patriarca (Ecovila São José) ¹⁵²	https://ecovila.org.br/	https://www.facebook.com/%C3%A9u-do-Patriarca-%C3%A3o-Jos%C3%A9-326124764205756/?ref=page_internal		https://www.youtube.com/channel/UCkZJ_KLHqUXTDydd-1Ee39Q		Religiosa
Ecovila Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal (ICEFLU) ¹⁵³	http://www.santodaima.org/site/124-linha-do-tempo/1984/317-o-centro-da-vila		https://www.instagram.com/santodaima_iceflu/			Religiosa
Ecovila Sítio Cristal Dourado (Instituto Anima) ¹⁵⁴		https://www.facebook.com/InstitutoAnimaSC/?ref=page_internal	https://www.instagram.com/instituto_anima_em_sc/		https://culturadecristal.blogspot.com/?fbclid=IwAR3Bn6Y-5wDrRZZQ4tSSd-d6bDmlmpWYcpNfsK7gE8ftMDT2fkAsGs-0k4	Sustentabilidade

¹⁵² Florianópolis – SC – fundada em 1960, aproximadamente

¹⁵³ Florianópolis – SC – informação sobre o ano de fundação não encontrada

¹⁵⁴ Florianópolis – SC – informação sobre o ano de fundação não encontrada

Ecovila Encostas da Serra Geral ¹⁵⁵		https://www.facebook.com/ecovilaserrageral/					
Gaia Village ¹⁵⁶	http://gaia.org.br/gvnoovosite/ http://www.ecosust.org.br/	https://www.facebook.com/projetogaivillage/		https://www.youtube.com/user/gvillage/featured			
Velatropa Escola Consciência Planetária ¹⁵⁷	https://escolavelatropadalu.wordpress.com/				http://velatropabioconstrutora.blogspot.com/		
Ecovila Sambaqui ¹⁵⁸							
Ecovila Florescer (RPPN) ¹⁵⁹	https://www.florescer.eco.br/ecovila	https://www.facebook.com/FlorescerCentrodeVivencias?ref=hl	https://www.instagram.com/florescer_centro/	https://www.youtube.com/channel/UCuBU7yHcWQ31Jmjs7Mi9lw			

¹⁵⁵ Santa Rosa de Lima – SC – fundada em 2000

¹⁵⁶ Garopaba – SC – fundada em 1997

¹⁵⁷ Garopaba – SC – informação sobre o ano de fundação não encontrada

¹⁵⁸ Palhoça – SC – informação sobre o ano de fundação não encontrada

¹⁵⁹ Urubici – SC – informação sobre o ano de fundação não encontrada

Ecovila Dom José ¹⁶⁰						https://www.greenme.com.br/morar/bioarquitectura/64222-ecovila-dom-jose-uma-alternativa-sustentavel-e-barata-de-se-viver/	
Ecovila Rainha da Floresta ¹⁶¹	https://www.santodamecaxias.com.br/						
Ecovila Bambu ¹⁶²	https://ecovilabambu.org.br/	https://pt-br.facebook.com/ecovilabambu.org.br/	https://www.instagram.com/ecovilabambu/?hl=pt	https://www.youtube.com/channel/UC8He8GbvZOD4-Rn9wHKN1Ew		https://br.pinterest.com/ecovilabambu/	
Fundação Gaia (José Lutzenberger) ¹⁶³	http://www.fgaia.org.br/	https://pt-br.facebook.com/fundacaogai.a.legadolutzenberger/		https://www.youtube.com/channel/UC2c2pKKbKj-fbPHqE85VVwg			

¹⁶⁰ Alpestre – RS – informação sobre o ano de fundação não encontrada

¹⁶¹ Caxias do Sul – RS – fundada em 1998

¹⁶² Lindolfo Collor – RS – informação sobre o ano de fundação não encontrada

¹⁶³ Pântano Grande – RS – ano de fundação não encontrado

Ecocentro da Coxilha ¹⁶⁴					http://ecocentrodacoxilha.blogspot.com/		
Naturalmente ¹⁶⁵							
Sítio Gravata ¹⁶⁶					http://sitiogravata.blogspot.com/		
Nossa Ecovila ¹⁶⁷							
Comunidade Morada da Paz ¹⁶⁸	https://moradadapaz.wordpress.com/						
Comunidade Osho Rachana ¹⁶⁹		https://www.facebook.com/oshorachana/		https://www.youtube.com/channel/UCP-th-9uLEgqNqLORRqZQ		https://namaste.com.br/comunidade/	
Família Comuníndios –		https://www.facebook.com/Familia-Comunindios-RS-			http://famiacomunindios.blogspot.com/		

¹⁶⁴ Porto Alegre – RS – ano de fundação não encontrado

¹⁶⁵ Porto Alegre – RS – ano de fundação não encontrado

¹⁶⁶ Porto Alegre – RS – ano de fundação não encontrado

¹⁶⁷ Três Cachoeiras – RS – ano de fundação não encontrado

¹⁶⁸ Triunfo – RS – fundada em 2003

¹⁶⁹ Viamão – RS – fundada em 2017, aproximadamente

Sítio da Amizade ¹⁷⁰		237492053009736/?hc_ref=ARRIVQ_8A_GnfAFu5pIIPwcq4zGTvk8sMSy4qrpi-nRNTobM2QpY6pmVHVLP_Q_JPs&fr=ef=nf&tn=kC-R					
Instituto de Tecnologia Intuitiva e Bio-arquitetura TIBÁ ¹⁷¹	https://www.tibario.com/	https://www.facebook.com/tibario	https://www.instagram.com/tiba.rio/				
Ecovila Equestre Desempenho ¹⁷²							
Ecovila Chapéu do Sol ¹⁷³							
Sítio Curupira ¹⁷⁴	https://sitiocurupira.wordpress.com/permicultura/	https://pt-br.facebook.com/sitiorecanto/curupira/about/					

¹⁷⁰ Viamão – RS – ano de fundação não encontrado

¹⁷¹ Bom Jardim – RJ – fundado em 1987

¹⁷² Cachoeiras de Macacu – RJ – ano de fundação não encontrado

¹⁷³ Duque de Caxias – RJ – ano de fundação não encontrado

¹⁷⁴ Magé – RJ – ano de fundação não encontrado

Comunidade Goura Vrindavana ¹⁷⁵	http://goura.com.br/	https://www.facebook.com/ecoovilagoura/					
Ecovillage Self-Sufficient Community ¹⁷⁶							
Mirako Concept ¹⁷⁷	https://sites.google.com/a/mirako.org/www/home	https://www.facebook.com/mirakoconcept/			http://mirakoconcept.blogspot.com/p/inicio.html		
Aldeia da Mata Atlântica ¹⁷⁸	https://aldeiadamataatlantica.wordpress.com/	https://www.facebook.com/aldeiadamataatlantica/					
Comunidade Nova Terra ¹⁷⁹	https://comunidade novaterra.org/	https://www.facebook.com/amigoscomunidade novaterra/	https://www.instagram.com/comunidade luznovaterra/	https://www.youtube.com/c/comunidade luznovaterra			
Purna Ananda Ashram Ecovila Integral	https://www.matriapis.com/	https://www.facebook.com/purnanandashram	https://www.instagram.com/purnanandaashram/?hl=pt-br		http://purnanandaashram.blogspot.com/		

¹⁷⁵ Paraty – RJ – informação sobre ano de fundação não encontrada

¹⁷⁶ Paty dos Alferes – RJ – informação sobre ano de fundação não encontrada

¹⁷⁷ Rio de Janeiro – RJ – informação sobre ano de fundação não encontrada

¹⁷⁸ Silva Jardim – RJ – fundada em 2009

¹⁷⁹ Teresópolis – RJ – informação sobre ano de fundação não encontrada

(Fazenda Plenitude) ¹⁸⁰					https://www.matriapis.com/news		
Arassussu ¹⁸¹							
Comunidade do Vale do Matutu (Fundação Matutu) ¹⁸²	http://matutu.org/	https://www.facebook.com/ValeDoMatutu/?ref=page_internal					
Purani Valley ¹⁸³							
Céu do Gamarra ¹⁸⁴	https://santodaime.com/	https://www.facebook.com/ceudogamarra/					
Cipó / 4 Cantos do Mundo ¹⁸⁵		https://www.facebook.com/ong4cantosdomundo/					
Fazendo Figueira ¹⁸⁶	http://www.comunidadefigueira.com.br/						

¹⁸⁰ Vassouras – RJ – informação sobre ano de fundação não encontrada

¹⁸¹ Araçuaí – MG – informação sobre ano de fundação não encontrada

¹⁸² Aiuruoca – MG – fundada em 1995

¹⁸³ Aiuruoca – MG – informação sobre ano de fundação não encontrada

¹⁸⁴ Baependi – MG – fundada em 1987

¹⁸⁵ Belo Horizonte – MG – informação sobre ano de fundação não encontrada

¹⁸⁶ Carmo da Cachoeira – MG – fundada em 1987

	ra.org.br/portal/						
Agrovila Carrancas ¹⁸⁷							
Comunidade Terra do Sol ¹⁸⁸							
Ecovila Viva ¹⁸⁹	https://sites.google.com/view/ecovila-viva/in%C3%ADcio		https://www.instagram.com/ecovila.viva/		http://ecovilaviva.eklablog.com/		
Sítio Esperança ¹⁹⁰							
Ecovilas Projeto Holón (Instituto Renascer) ¹⁹¹	https://www.instituto-renascer.org.br/	https://www.facebook.com/ir.consciencia	https://www.instagram.com/irconsciencia/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/channel/UCD5jdiR3G8sdEs4r81JHh4Q	https://www.institutorenascer.org.br/blog/	https://twitter.com/darenascer	
Ecovila Águas de Contendas ¹⁹²	https://www.ecovilaaguasconte	https://www.facebook.com/pages/category/Local-Service/Ecovil		https://www.youtube.com/channel/UCzpsHsXV_VQoY2rvRC_K_z3g			

¹⁸⁷ Carrancas – MG – informação sobre ano de fundação não encontrada

¹⁸⁸ Diamantina – MG – informação sobre ano de fundação não encontrada

¹⁸⁹ Juiz de fora – MG – informação sobre ano de fundação não encontrada

¹⁹⁰ Lambari – MG – informação sobre ano de fundação não encontrada

¹⁹¹ Sabará – MG – fundada em 1990

¹⁹² Conceição do Rio Verde – MG – fundada em 2012

	ntes.org.br /	a-%C3%81guas-Contentes-verdadeira-407050900043522/					
Mato Dentro ¹⁹³							
Cidade das Estrelas (Imagick) ¹⁹⁴	https://www.imagick.com.br/cidade-das-estrelas/	https://www.facebook.com/sticidadedasestrelas		https://www.youtube.com/user/rogerioimagick			
Comunidade Harmonia ¹⁹⁵	https://www.fundacaooharmonia.org.br/index.php	https://m.facebook.com/pages/category/Local-Business/Fundacao%C3%A7%C3%A3o-Harmonia-518934824798496/?locale2=pt_BR					Hoje é fundação harmonia
Ecoetrix Parquescola ¹⁹⁶		https://pt-br.facebook.com/ConexaoEtrix/		https://www.youtube.com/c/EcoetrixParquescola	http://ecoetrixparquescola.blogspot.com/	https://twitter.com/ecotrix	

¹⁹³ São Lourenço – MG – informação sobre ano de fundação não encontrada

¹⁹⁴ São Tomé das Letras – MG – fundada em 1990

¹⁹⁵ São Tomé das Letras – MG – fundada em 1988

¹⁹⁶ São Tomé das Letras – MG – informação sobre ano de fundação não encontrada

Ecovila Projeto Ceppaxc ¹⁹⁷							
Sociedade brasileira de Eubiose ¹⁹⁸							
Ecovila Ayrumã ¹⁹⁹	https://www.ayruma.org/	https://www.facebook.com/ecovilaayruma/	https://www.instagram.com/ecovila.ayruma/	https://www.youtube.com/channel/UCwfvVDyfMSGXX2o0Nwvai7A			
Sete Ecos ²⁰⁰	https://seteecos.wordpress.com/	https://m.facebook.com/setecos/					
Comunidade Aham Prema (Mato Dentro) ²⁰¹							
Ecovila Palmital ²⁰²							

¹⁹⁷ São Tomé das Letras – MG – ano de fundação não encontrado

¹⁹⁸ São Tomé das Letras – MG – ano de fundação não encontrado

¹⁹⁹ Serro – MG – fundada em 2013

²⁰⁰ Sete Lagoas – MG – ano de fundação não encontrado

²⁰¹ Soledade de Minas – MG – ano de fundação não encontrado

²⁰² Viçosa – MG – ano de fundação não encontrado

Estância Demétria ²⁰³	https://biodinamica.org.br/2/a/83-demetria- hoje						
Eco Vila Tipuana Campinas ²⁰⁴		https://www.facebook.com/siotipuana/?ref=page_internal	https://www.instagram.com/sitio.tipuana/				
Ecovila Santa Margarida ²⁰⁵							
Ecovila São Luiz ²⁰⁶		https://pt-br.facebook.com/l Luiz.ecovila					
Ecocasa Kripa Madhu ²⁰⁷		https://www.facebook.com/ecocasakripamadu/?ref=page_internal					
Comunidade/Espaço Flor das Águas ²⁰⁸	https://flordasaguas.net/	https://www.facebook.com/es	https://www.instagram.com/flordasaguas.cunha/	https://www.youtube.com/channel/UCUpG564WM_6Wm0g365H80FQ	https://flordasaguas.net/blog/	Spotify: https://open.spotify.com/artist/4	Religiosa

²⁰³ Botucatu – SP – fundada em 1973

²⁰⁴ Campinas – SP – ano de fundação não encontrado

²⁰⁵ Campinas – SP – ano de fundação não encontrado

²⁰⁶ Campinas – SP – ano de fundação não encontrado

²⁰⁷ Campinas – SP – fundação, não foi possível encontrar essa informação

²⁰⁸ Cunha – SP – fundação, não foi possível encontrar essa informação

	net/comunidade/	paco.flor.das.aguas.cunha.sp				XrtRiLwuvqnLVCOFCVVxj	
Ecovila Cunha ²⁰⁹						https://aghartamundointerior.blogspot.com/2011/09/ecovilas-brasileiras-ecovila-cunha.html http://loteamentosustentaveis.blogspot.com/2010/10/ecovila-cunha.html	Sustentabilidade
Source Temple ²¹⁰	https://www.sourcetemple.one/	https://www.facebook.com/sourcetemplesanctuary	https://www.instagram.com/sourcetemplesanctuary/?hl=pt	https://www.youtube.com/c/SourceTemple			
Sítio Magdala ²¹¹							

²⁰⁹ Cunha – SP – fundação, não foi possível encontrar essa informação

²¹⁰ Cunha – SP – fundação, não foi possível encontrar essa informação

²¹¹ Franca – SP – fundada em 2006, aproximadamente

Assentamento Dom Tomás Balduino ²¹²		https://www.facebook.com/pages/Assentamento%20Dom%20Tom%C3%A1s%20Baldu%C3%ADno/814875718565516/	Tag: https://www.instagram.com/p/B--Oo94h6MA/			https://incragoias.wordpress.com/2020/12/21/apos-20-anos-de-luta-familias-do-assentamento-dom-tomas-balduino-recebem-o-titulo-definitivo-da-terra/	comunidade tradicional
Ecovila Lua Cheia ²¹³	http://www.ceudaluacheia.org.br/ceudaluacheia/	https://www.facebook.com/ecovilaluacheia/					
Ecovilas Orgânicas ²¹⁴							
Vila Yamaguishi ²¹⁵	https://www.yamaguishi.com.br/?fbclid=IwAR2-Uul2o36LfilcdFoOj	https://www.facebook.com/pages/Vila%20Yamaguishi/466067323440413/					

²¹² Franco da Rocha – SP – fundação, não foi possível encontrar essa informação

²¹³ Itapecerica da Serra – SP – fundada em 2000

²¹⁴ Ibiúna – SP – ano de fundação não encontrado

²¹⁵ Jaguariúna – SP – ano de fundação não encontrado

						3% A3o C omunidad e Yuba	
Estação Bem-te-vi ²²⁰		https://www.facebook.com/bemtevi.permacultura/?locale2=pt_BR				http://estacaobemtevi.blogspot.com/	
Nazaré Universidade da Luz (Uniluz) ²²¹	https://nazeuniluz.org.br/	https://www.facebook.com/uniluz7	https://www.instagram.com/nazeuniluz/	https://www.youtube.com/c/nazeuniluzsp			Religiosa
Casa Pangea ²²²		https://www.facebook.com/casapangeaescurasocial/		https://www.youtube.com/channel/UCOgTxKvOOfhqnZbyne-oAag			
Instituto Visão Futuro ²²³	https://www.visaofuturo.org.br/instituto	https://www.facebook.com/visaofuturo	https://www.instagram.com/institutovisaofuturo/	https://www.youtube.com/c/visaofuturo		https://milenar.org/2016/03/06/viver-em-comunidade-e-realidade-no-interior-de-sao-paulo/	

²²⁰ Mogi das Cruzes – SP – ano de fundação não encontrado

²²¹ Nazaré Paulista – SP – fundada em 1982, aproximadamente

²²² Ourinhos – SP – ano de fundação não encontrado

²²³ Porangaba – SP – fundado em 1993

Ecolméia Salvagua ²²⁴							
Fazenda da Toca dos Orgânicos ²²⁵	https://fazendadatoa.com.br/	https://www.facebook.com/fazendadatoa	https://www.instagram.com/tocaorganicos/	https://www.youtube.com/channel/UCPytgfog1RiyDRVQgzro4w			
Sítio Pata Seca ²²⁶							
Amaradia ²²⁷							
Ecocasa Ateliê da Luz ²²⁸		https://www.facebook.com/Ecocasa-Ateli%C3%A1-da-Luz-680436125447423/					
Ecohouse Natingui ²²⁹		Grupo: https://www.facebook.com/gr				https://eco-house-natingui-	sustentabilidade

²²⁴ Ribeirão Bonito – SP – ano de fundação não encontrado

²²⁵ Itirapina– SP – fundada em 1971

²²⁶ São Carlos – SP – informação sobre o ano de fundação não encontrada

²²⁷ São Paulo – SP – informação sobre o ano de fundação não encontrada

²²⁸ São Paulo – SP – informação sobre o ano de fundação não encontrada

²²⁹ São Paulo – SP – informação sobre o ano de fundação não encontrada

		oups/213597045326829/				blog.tumblr.com/ https://twitter.com/eco0use	
Comunidade Dedo Verde ²³⁰	https://www.comunidade-dedoverde.com/	https://www.facebook.com/ComunidadeDedoVerde-517399621661624/	https://www.instagram.com/comunidade-dedoverde/	https://www.youtube.com/channel/UCeQTrz-V8eTsjjL3Z1ye7A			
Casa dos Holóns ²³¹	http://www.casadosholons.com.br/	https://www.facebook.com/casaholons					Sustentabilidade
Casa Jaya ²³²		https://www.facebook.com/casajaya/	instagram.com/casajaya/?hl=pt-br				
Acampamento da Terra Irmã Alberta ²³³		https://www.facebook.com/ComunadaTerraIrmaAlberta				https://mst.org.br/2019/07/30/mst-celebra-os-17-anos-da-comunada-terra-	Assentamento

²³⁰ São Paulo – SP – informação sobre o ano de fundação não encontrada

²³¹ São Paulo – SP – informação sobre o ano de fundação não encontrada

²³² São Paulo – SP – ano de fundação não encontrado

²³³ São Paulo – SP – ano de fundação não encontrado

						irma-alberta/	
Ecovila de São Pedro ²³⁴		Grupo: https://www.facebook.com/groups/409026219151464/					
Ecovila UR ²³⁵		https://www.facebook.com/urusvati/	https://www.instagram.com/ecovilaur/?hl=pt-br				
Ecovila Serra Serena ²³⁶							
Ecovila Corcovado (IPEMA) ²³⁷	http://ipe.mabrazil.org.br/						
Ecovilla Bela Vista ²³⁸	http://ecovillaboavista.com.br/	https://www.facebook.com/ecovillaboavista	https://www.instagram.com/ecovilla.boavista/	https://www.youtube.com/channel/UCFpMImRBOL9Km2GblGK0ZAw			
Vila Céu do Mapiá ²³⁹		Grupo: https://www.facebook.com/gr				https://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_C%C3%A9u_do	Religiosa

²³⁴ São Pedro – SP – ano de fundação não encontrado

²³⁵ São Roque – SP – fundada em 2009

²³⁶ Serra Negra – SP – ano de fundação não encontrado

²³⁷ Pertence aos Instituto Ipema. Ibatuba – SP – fundada em 1999

²³⁸ Valinho – SP – ano de fundação não encontrado

²³⁹ Pauini – AM – fundada em 1983

		oups/238304786194215				Mapi%C3%A1	
Abra144 ²⁴⁰							
Oiyakaha ²⁴¹	http://www.oiyakaha.org/						
Tauá Porã Vila Mundo ²⁴²		https://www.facebook.com/taupora	https://www.instagram.com/taua.pora/				
Into the Amazon Jungle ²⁴³							
Instituto de Permacultura da Amazônia (IPA) ²⁴⁴						https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1126566/reflexoes-sobre-a-permacultura-no-amazonas-uma-	

²⁴⁰ Presidente Figueiredo – AM – ano de fundação não encontrado

²⁴¹ Presidente Figueiredo – AM – fundada em 2007

²⁴² Manaus – AM – ano de fundação não encontrado

²⁴³ Itinerante – AM – ano de fundação não encontrado

²⁴⁴ Manaus – AM – ano de fundação não encontrado

						abordagem-a-partir-da-experiencia-do-instituto-de-permacultura-da-amazonia-ipa	
Ecovila Belém ²⁴⁵							
Ecomuna Espaço Ecológico ²⁴⁶						https://www.worldpacickers.com/pt-BR/locações/ecomuna-espaco-ecologico	
Praterra ²⁴⁷							
Ecovila Felicidade ²⁴⁸						https://ecovillage.org/project/ecovila-felicidade/	

²⁴⁵ Belém – PA – ano de fundação não encontrado

²⁴⁶ Santarém – PA – ano de fundação não encontrado

²⁴⁷ Boa Vista – RR – ano de fundação não encontrado

²⁴⁸ João Pessoa – PB – ano de fundação não encontrado

Ecocentro Bicho do Mato ²⁴⁹	https://ecocentrobm.wordpress.com/sobre/	https://www.facebook.com/secocentrobichodomato/?locale=pt_BR				Twitter: https://twitter.com/ecobichodomat	
Ecoaldeia Flecha da Mata ²⁵⁰	http://flechadamata.com/	https://www.facebook.com/FlechaDaMata	https://www.instagram.com/flechadamata/	https://www.youtube.com/channel/UC2KUjqN3G1MxMru2fn6wOAw			Sustentabilidade
A Cura do Planeta ²⁵¹		https://www.facebook.com/A-Cura-Do-Planeta-335812149803867/					
Sabiaguaba ²⁵²							
Vila Nova do Alagamar ²⁵³	Wordpress: https://vilanovadoalagamar.wordpress.com/						

²⁴⁹ Recife – PE – fundado em 2007

²⁵⁰ Aracati – CE – ano de fundação não encontrado

²⁵¹ Fortaleza – CE – ano de fundação não encontrado

²⁵² Fortaleza – CE – ano de fundação não encontrado

²⁵³ Pindoretama – CE – ano de fundação não encontrado

Sítio Panakui ²⁵⁴	https://panakui.com/	https://www.facebook.com/Panakui/	https://www.instagram.com/sitiopanakui/				
Povoado Mato Grosso ²⁵⁵							
Ecovila Delícias ²⁵⁶		https://www.facebook.com/ecovila.delicias	https://www.instagram.com/ecoviladelicias/				
Ecovila Spa da Alma ²⁵⁷	https://spadaalma.com/home/	https://www.facebook.com/spa.da.alma	https://www.instagram.com/spadaalma/				Ecoresort
Aldeia Hippie de Arembepe ²⁵⁸		https://www.facebook.com/aldeiahippieculturaarte/	https://www.instagram.com/aldeiahippie_bahia_oficial/				
Comunidade Solaris ²⁵⁹		https://www.facebook.com/Comunidade-Solaris-362411420468901		https://www.youtube.com/user/comunidadesolaris	https://redesolaris.blogspot.com/2011/11/		

²⁵⁴ Coquilho – MA – fundado em 2000

²⁵⁵ Loreto – MA – ano de fundação não encontrado

²⁵⁶ Parnamirim – RN – ano de fundação não encontrado

²⁵⁷ Tibau do Sul – RN – ano de fundação não encontrado

²⁵⁸ Camaçari – BA – ano de fundação não encontrado

²⁵⁹ Ilhéus – BA – ano de fundação não encontrado

Comunidade Olivença ²⁶⁰							
Banco da Vitória ²⁶¹			https://www.instagram.com/banco_da_vitoria/	https://www.youtube.com/user/bancodavitoria			
Comunidade Salobrinho ²⁶²							
Instituto de Permacultura Terras Secas (IPETERRAS) ²⁶³			https://www.facebook.com/ipeterras/				
Fazenda Abracadabra ²⁶⁴							
Ecopol ²⁶⁵							
Projeto Ecovila Semente ²⁶⁶							

²⁶⁰ Ilhéus – BA – ano de fundação não encontrado

²⁶¹ Ilhéus – BA – ano de fundação não encontrado

²⁶² Ilhéus – BA – ano de fundação não encontrado

²⁶³ Irecê – BA – ano de fundação não encontrado

²⁶⁴ Itacaré – BA – ano de fundação não encontrado

²⁶⁵ Itacaré – BA – ano de fundação não encontrado

²⁶⁶ Mata de São João – BA – não foi encontrada a informação do ano de fundação

Projeto Gaya ²⁶⁷		https://www.facebook.com/ProjetoGayaNau/	https://www.instagram.com/projetogayanau/	https://www.youtube.com/channel/UC3yMnvhCDBEECs8yrqfiALw			
Ecovila Caminho de Abrolhos ²⁶⁸	https://www.caminhodeabrolhos.com.br/	https://www.facebook.com/caminhodeabrolhos/	https://www.instagram.com/caminhodeabrolhos/	https://www.youtube.com/channel/UCoZCTcErDvAGB-1fn2x8gtw			
Fazenda Pousada Riachinhos ²⁶⁹							
Comunidade campina ²⁷⁰	http://www.comunidadecampina.org/	https://www.facebook.com/campina.valedocapao	https://www.instagram.com/comunidadecampina/	https://www.youtube.com/channel/UCotJbwseNBTxNH5_ydcU1GA			
Rodas do Arco-Íris ²⁷¹							
Lothlorien ²⁷²							

²⁶⁷ Macugê – BA – não foi possível averiguar a informação do ano de fundação

²⁶⁸ Nova Viçosa – BA – ano de fundação não encontrado

²⁶⁹ Palmeiras – BA – informação sobre o ano de fundação não encontrado

²⁷⁰ Palmeiras – BA – fundada em 1991

²⁷¹ Palmeiras – BA – não encontrado ano de fundação

²⁷² Palmeiras – BA – não encontrada a informação do ano da fundação

Comunidade Morada da Paz ²⁷³							
Fundação Terra-Mirim Centro de Luz ²⁷⁴	http://terramirim.org.br/	https://www.facebook.com/terramirim	https://www.instagram.com/terramirim/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/user/TerraMirim			
Marizá Epicentro de Cultura e Agroecologia – Jardins Marizá de Cultrua e Agroecologia / Jardins Marizá ²⁷⁵	https://www.marsha.com.br/		https://www.instagram.com/jardinsmariza/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/c/jardinsmariza			Sustentabilidade
Ecovila Barriguda da Onça ²⁷⁶	Wordpress: https://pouzadaoncapintada.wordpress.com/						
Ecovila Flor das Águas ²⁷⁷						https://www.recantodasletras.com.br/artig	

²⁷³ Salvador – BA – ano de fundação não encontrado

²⁷⁴ Simões Filho – BA – informação do ano de fundação não encontrada, site em manutenção

²⁷⁵ Tucano – BA – fundada em 2003

²⁷⁶ Umburanas – BA – fundada em 2009

²⁷⁷ Uruçaca – BA – fundada em 2015

						os-de-ecologia/5734337	
Ecovila perto da Serra Grande ²⁷⁸							
Ecofazenda João de Barro ²⁷⁹		Grupo: https://www.facebook.com/groups/267470916787968				http://ecojoaodebarro.blogspot.com/	
Tribal Simplicity ²⁸⁰							
Sítio Flor de Ouro ²⁸¹		https://www.facebook.com/flordeourositio	https://www.instagram.com/sitioflordeouro/	https://www.youtube.com/channel/UCjqLwV7ke5NSysrBX-5peGQ			
Associação Cúpulas de Saint Germain ²⁸²							
Cidade da Fraternidade (CIFRATER) ²⁸³		https://www.facebook.com/cifrater/	https://www.instagram.com/cifrater/			Twitter: https://twitter.com/cifrater/	

²⁷⁸ Valeça – BA – não foi possível encontrar a informação do ano de fundação

²⁷⁹ Dário Meira – BA – fundada aproximadamente em 2008

²⁸⁰ Abadiânia – GO – não foi possível conferir esta informação

²⁸¹ Florianópolis – SC – fundado em 2015, aproximadamente

²⁸² Alto Paraíso de Goiás – GO – fundação, informação não encontrada

²⁸³ Alto Paraíso de Goiás – GO – fundação, informação não encontrada

						ter.com/Ci frater	
Comunidade Osho da Lua ²⁸⁴			https://www.instagram.com/santuariioosholua/?hl=pt-br				
Ecoaldeia Portal da Luz ²⁸⁵					http://ecovilaportaldeluz.blogspot.com/		
Ecovila Vale Dourado ²⁸⁶							
Fazenda Bona Espero – fazenda escola ²⁸⁷							
Flor de Ouro Vida Natural ²⁸⁸		https://www.facebook.com/flor.deouro.7/	https://www.instagram.com/flor.deouro/	https://www.youtube.com/channel/UCHJh04c4P12yd0AktlcNg1A			Religiosa
Fundação Arcádia ²⁸⁹						https://capta.org.br/opportunidades/fundacoes/arcadia/	Sustentabilidade

²⁸⁴ Alto Paraíso de Goiás – GO – fundação, informação não encontrada

²⁸⁵ Alto Paraíso de Goiás – GO – fundação, informação não encontrada

²⁸⁶ Alto Paraíso de Goiás – GO – fundação, informação não encontrada

²⁸⁷ Alto Paraíso de Goiás – GO – fundação, informação não encontrada

²⁸⁸ Alto Paraíso de Goiás – GO – fundado em 1981

²⁸⁹ Alto Paraíso de Goiás – GO – fundado em 2002, aproximadamente

Fundação Ordem Santo Graal ²⁹⁰							
Instituto Quinta Essência ²⁹¹	https://quintessenciainstituto.pt/						Religiosa
Serenity House ²⁹²							
Chakra Coração ²⁹³	https://www.chakradocoracao.org/	https://www.facebook.com/chakradocoracao	https://www.instagram.com/chakradocoracao/				Religiosa
Mariri Jungle Lodge ²⁹⁴	https://www.maririjunglelodge.com/	https://www.facebook.com/maririjunglelodge/	https://www.instagram.com/maririjunglelodge/?hl=pt				Retiros ecológicos e espirituais
Goiasnat – Associação Goiana de Naturismo ²⁹⁵							

²⁹⁰ Alto Paraíso de Goiás – GO – ano de fundação não encontrado

²⁹¹ Alto Paraíso de Goiás – GO – ano de fundação não encontrado

²⁹² Alto Paraíso de Goiás – GO – ano de fundação não encontrado

²⁹³ Mairinque – SP – ano de fundação não encontrado

²⁹⁴ Alto Paraíso de Goiás – GO – ano de fundação não encontrado

²⁹⁵ Aragoiânia – GO – ano de fundação não encontrado

Vale do Éden ²⁹⁶	http://www.ecovila.valedoeden.com.br/	https://www.facebook.com/ecovilavaledoeden	https://www.instagram.com/ecovilavaledoeden/?hl=pt-br	https://www.youtube.com/channel/UC6iLjEsgGDC6q7q5-mlzxxQ			
Quilombo Kalunga ²⁹⁷	https://quilombokalunga.org/	https://www.facebook.com/quilombokalunga.aqk	https://www.instagram.com/quilombokalunga.aqk/	https://www.youtube.com/user/KalungaSustentavel		https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/02/11/quilombo-kalunga-e-reconhecido-pela-onu-como-primeiro-territorio-no-brasil-conservado-pela-comunidade.ghtml	Comunidade tradicional
Ecovila Arco-Íris ²⁹⁸	https://ecovilaarcoiris.wordpress.com/about/						Sustentabilidade
Comunidade Asha ²⁹⁹							

²⁹⁶ Aragoiânia – GO – fundada em 2014

²⁹⁷ Cavalcante – GO – existe a mais de 300 anos, aproximadamente

²⁹⁸ Cavalcante – GO – ano de fundação não encontrado

²⁹⁹ Goiânia – GO – ano de fundação não encontrado

Ecocentro – Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC) ³⁰⁰	http://www.ecocentro.org/	https://www.facebook.com/ecocentropec	https://www.instagram.com/ecocentropec/	https://www.youtube.com/user/ecocentro			
Casa Autônoma ³⁰¹				https://www.youtube.com/channel/UC3lxG1Y0ET3_WxNew42wOQQ			
Comunidade FraterUnidade ³⁰²					http://projeto fraternidade.blogspot.com/		
Santuário Vagafogo (RPPN) ³⁰³		https://www.facebook.com/vagafogo		https://www.youtube.com/user/SantuárioVagafogo		https://www.wikiarquias.org/wiki/RPPN_Santu%C3%A1rio_de_Vida_Silvestre_Vagafogo#Localiza%C3%A7%C3%A3o	
Comunidade Terra Nostra ³⁰⁴							

³⁰⁰ Pirenópolis – GO – fundado em 1994

³⁰¹ Pirenópolis – GO – informação sobre ano de fundação não encontrada

³⁰² Pirenópolis – GO – informação sobre ano de fundação não encontrada

³⁰³ Pirenópolis – GO – fundado em 1992

³⁰⁴ Pirenópolis – GO – informação sobre ano de fundação não encontrada

Fraternidade Espiritualista Vale Dourado ³⁰⁵		https://www.facebook.com/pages/Fraternidade%20Espiritualista%20Vale%20Dourado/173629129903649/					Religiosa
Ecovila da Lagoa ³⁰⁶	http://ecoviladalagoa.com.br/	https://www.facebook.com/ecoviladalagoa/?locale2=pt_BR	https://www.instagram.com/ecoviladalagoa/	https://www.youtube.com/channel/UCiRko_mAYhOn7v0LNvWD0zg			
Cidade Eclética Fraternidade Universal ³⁰⁷	https://visitebrasil.com.br/cidade-eclética/	https://www.facebook.com/universalmenteunidos	https://www.instagram.com/cid5734/	https://www.youtube.com/channel/UCERzptseTBO6ijZq4_OxqSQ			
Ecovila da Montada ³⁰⁸		https://www.facebook.com/ecoviladamontanha2					
Fazenda/Ecovila Santa Branca ³⁰⁹	https://santabrancaecoturismo.com.br/	https://www.facebook.com/FazendaSantaBranca	https://www.instagram.com/santabranca.vendas/				

³⁰⁵ Pirenópolis – GO – informação sobre ano de fundação não encontrada

³⁰⁶ Planaltina – GO – informação sobre ano de fundação não encontrada

³⁰⁷ Santo Antônio do Descoberto – GO – fundada em 1956, aproximadamente

³⁰⁸ São João D'Aliança – GO – informação sobre ano de fundação não encontrada

³⁰⁹ Teresópolis de Goiás – GO – informação sobre ano de fundação não encontrada

Chácara Asa Branca (IPOEMA) ³¹⁰	https://ipoema.org.br/	https://www.facebook.com/permacultura.asabranca/					
Instituto Oca do Sol ³¹¹	https://www.institutoocadosol.org/quem-somos	https://www.facebook.com/OcaDoSol	https://www.instagram.com/ocadosol/	https://www.youtube.com/channel/UC-AiXwzTlSyZfa4Jf26CeGQ			Sustentabilidade
Templo da Deusa – Wiccan Village ³¹²		https://www.facebook.com/templodadeusaTDB/	https://www.instagram.com/templodadeusa/	https://www.youtube.com/user/templodadeusa/about		<i>Twitter:</i> https://twitter.com/templodadeusa?lang=pt	
Setor Noroeste Ecovila ³¹³							
Ecovila Vale do Sagrado ³¹⁴		https://www.instagram.com/ecovilavalesagrado/		https://www.youtube.com/channel/UCm4mzlni626YfwNtMhSjItA?app=desktop			

Fonte: Elaborada pela autora.

³¹⁰ Brasília – DF – fundada em 1999

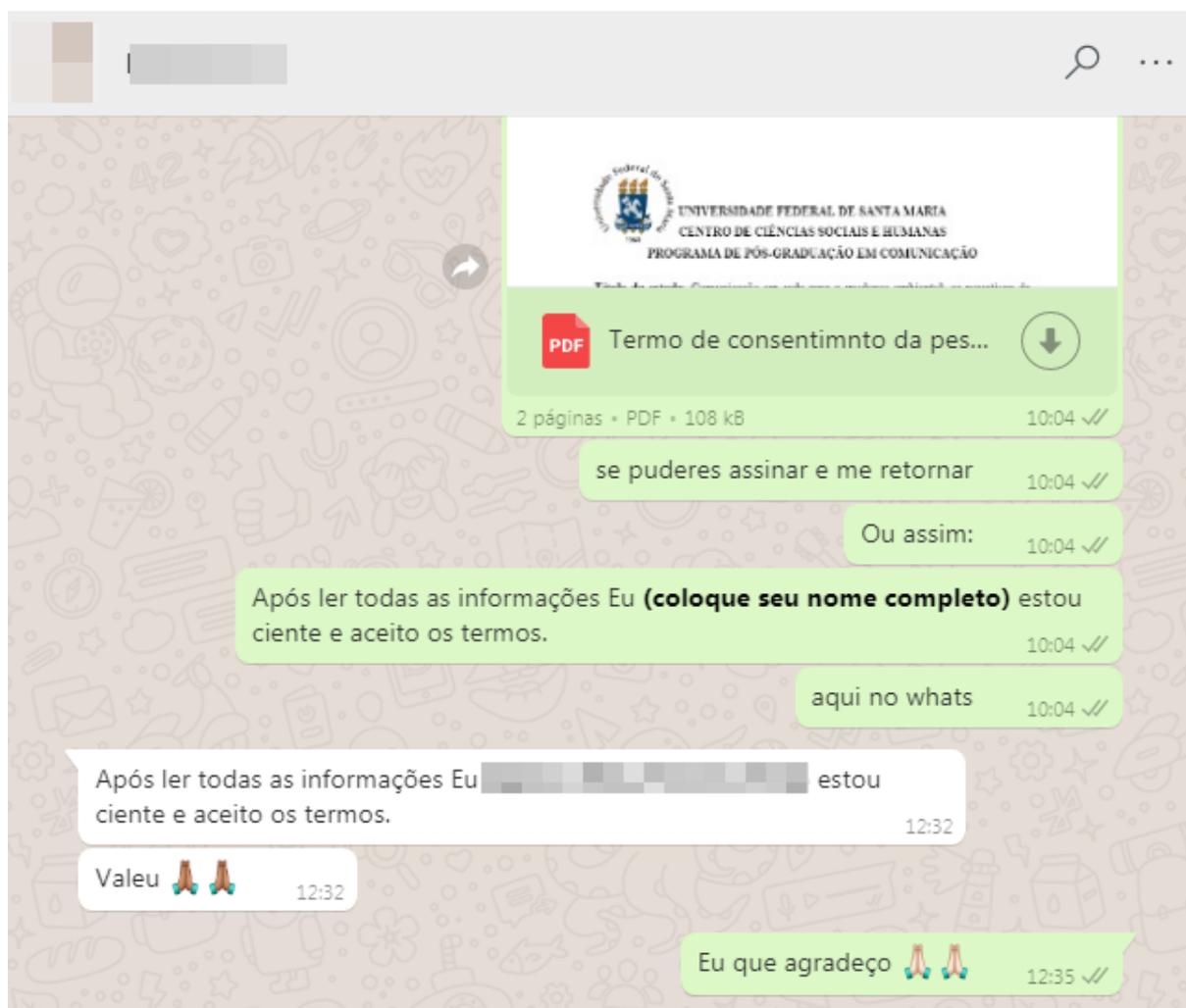
³¹¹ Brasília – DF – fundada em 2008

³¹² Brasília – DF – informação sobre ano de fundação não encontrada

³¹³ Brasília – DF – informação sobre ano de fundação não encontrada

³¹⁴ Chapada dos Guimarães – MT – informação sobre ano de fundação não encontrada

APÊNDICE D – CONSENTIMENTO DA ENTREVISTA



APÊNDICE E – Entrevista Semi-estruturada

EIXO CENTRAL:

1. Quais ações de sustentabilidade vocês promovem em escolas, comunidades, ecovilas, MSTs, quilombos, etc...? E quais comunidades são beneficiadas com essas ações (cursos, etc...)?
2. Como vocês informam essas ações desenvolvidas com essas comunidades para a sociedade, ou seja, como vocês fazem para que a sociedade saiba o que vocês estão fazendo em relação a essas ações ambientais com esses grupos?
3. Qual a dimensão dessas ações ou o impacto que elas, promovidas nas comunidades, podem gerar em relação a uma certa mudança local e/ou regional? Vocês acreditam que isso é possível? Por quê?

4. EIXO SECUNDÁRIO:

1. Os projetos, acontecem por meio de algum tipo de financiamento, edital público, patrocínio...? Como se dá essa parte de captação de recursos?
2. Vocês também têm promovido cursos online sobre sustentabilidade ambiental?
3. O contato com as comunidades acontece de que maneira? Vocês procuram essas comunidades para desenvolver os projetos ou elas procuram vocês? E por que meio se dá? Interpessoal, *Whatsapp*?
4. Há projetos que vocês percebem que não têm continuidade depois que vocês saem?
5. Vocês mantêm contato com essas comunidades (ecovilas, escolas, comunidades quilombolas, etc.) atendidas? Como vocês fazem para não perder esse contato?
6. As ações sustentáveis que vocês realizam chegam a se configurar como projetos ou nem sempre? Como vocês designam ou costumam chamá-las? E como elas se configuram dentro do instituto?
7. Essas ações sustentáveis, seja em forma de projetos ou cursos, levam a uma mudança ambiental? E como podemos, diante disso, pensarmos em uma mudança social? Como vocês entendem essas questões?

8. Vocês acham que a mídia, as redes sociais *online*, como *Instagram* e *Facebook*, contribuem para essa mudança ambiental na sociedade? Em que medida?
9. Vocês acreditam que ações no presencial são mais significativas para o desenvolvimento dessa mudança ambiental?
10. De que forma vocês compreendem a mídia na contribuição dessa mudança?

COMPLEMENTARES:

1. Vocês prestam assessoria ambiental depois do projeto executado?
2. Qual o papel da comunicação pela internet para manter o contato com essas comunidades atendidas?
3. Qual a importância e a diferença da internet, do livro, do jornal impresso, do *greenpeace*, dos documentários, da TV Globo, da TV Futura, das mídias alternativas, etc. para a conscientização das pessoas sobre o meio ambiente?
4. Qual a principal dificuldade que vocês percebem para o trabalho de vocês ser notícia na mídia?
5. A sociedade deveria apoiar mais o trabalho de vocês. Como vocês acham que poderia ser esse apoio?